Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/pasquinadasjorna00alme

Fialho d'Almeida

Pasquinadas

(Jornal d'um vagabundo)

LIVRARIA CIVILISAÇÃO
CASA EDITORA DE
Costa Santos, Sobrinho & Diniz
4, Santo Ildefonso, 12
PORTO

A D. João da
Camara, offe-
ctuosamente o

Pasquinadas

Fialho d'Alm.

Porto 1890 — Typographia Elzeviriana
Rua de S. Lazaro, 393

Fialho d'Almeida

Pasquinadas

(Jornal d'um vagabundo)

LIVRARIA CIVILISAÇÃO
CASA EDITORA DE
COSTA SANTOS, SOBRINHO & DINIZ
4 — Santo Ildefonso — 12
PORTO

A Boa-Hora comica

2 de Janeiro.

Subo a rua Nova do Almada um tanto aborrecido — acabo de pagar uma enorme conta no livreiro, e de ser apresentado ao orador que eu mais detesto, depois do cornetim. O dia é pardo, nuvens no alto, o vento a erguer da rua redemoinhos d'um pó corrosivo á pelle; e com um milhão de diabos! não tenho hoje visto senão raparigas barbudas nos asphaltos!

Estas pecuinhas todas irritam-me: e como o Ferin não tem novidades, enfio pela especie de saguão estreito, que a camara municipal convencionou chamar o largo da Boa-Hora. Á esquerda ha uma rampa bordada de vadios e mulheres publicas, nos dias d'audiencia: um sumidouro publico no centro: carros das obras publicas a um canto: do lado direito, uma

sentina publica com letreiro por cima—e emfim, como panno de fundo a todo este scenario publico de caserna e d'alcouce, ahi temos o maravilhoso Palacio da Justiça de Lisboa! Ao subir as escadas, acho-me n'uma especie de atrio com bancos de pedra em circuito, um rodapé d'azulejos gastos, o pavimento de lages, e um cheiro inquietador de ralé que me faz nauseas. Ao fundo ha um portal que dá accesso a uma pequena escada de pedra, té ao claustro; no meio do atrio, duas ou tres miseraveis mobilias de mansarda, que os esbirros da lei vão penhorar, e que duas outras pobres mulheres estão velando, enrodilhadas em chales, despenteadas, com sapatos de ourêlo, e tendo no ar esmagado alguma coisa de horrivel que leva ao Tejo, ao Casal dos Ossos ou á cadeia.

Felizmente que a policia está de guarda ao desespero que ellas esgatanham em si proprias, rasgando os chales mais, dizendo baixo a sua vida lugubre de *ménage,* com maridos bebedos, pancadas, filhos, a casa de *prego,* o senhorio, e quatro ou cinco libras de cão nos armazens de provisões.

Sobre um dos bancos, um cego ouve-as chorar as suas grandes dôres, e sorri-se, aconselhando meio decilitro de *marufo* áquellas tres princezas... o *marufo* alli da *Tendinha,* que alarga a coragem, e espairece.

Typos esqualidos que atravessam o atrio, deteem-se olhando as cadeiras côxas, os bancos de cozinha immundos, e os bahús pellados como consciencias de juizes.

N'um dos montões ha um retrato a oleo, primitivo, representando um figurão de farda a ouro, collarinhos estrangulados por uma gravata de colleira, manto de Christo, meia justa — o qual, todo risonho n'uma barba em passa-piolho, cheira uma flôr com dengosidades de fruste, segundo a tradição galante dos estoiradinhos lisboetas do seculo passado. Mais longe, um espelho de commoda assenta sobre um lavatorio de ferro enferrujado.

Alguns fadistas entram, zangarreando a aravia rútila dos arrabaldes: e por pandega, caricaturando *os casacas,* vão fazer *toilette* diante d'aquelle espelhinho de casebre operario, que se envergonha e treme de pudor, por ser trazido assim brutalmente á hasta publica, em meio das chufas cynicas de quem passa. Mas n'esse momento uma mulher desce do claustro, ruidosa de gommas e penduricalhos escarlates. Outras a seguem, gesticulando, espaventosas, n'uma gralhada de codornizes fugidas da gaiola.

Um dos fadistas chega-se:

— Então? diz elle.

A moça alumia na cara um d'estes jubilos bestiaes de bacchante esparvoada, bate as pal-

mas, atira-lhe ao pescoço os braços esticados.

—Aqui estou livre! O juiz estava com telha. Sahiram-me só tres mezes de multa, a tostão.

Ha uma alegria que atravessa o ambito e salpica de nodoas os tres grossos montões de mobilia—chalaças, risadas, berros: emquanto as outras choram silenciosamente as suas cadeiras empenhadas.

—Sahiram-lhe só tres mezes de multa. Que dito mais flagrante! Como se na Boa-Hora a justiça não passasse d'uma loteria!

Subidos oito ou dez degraus da pequena escada de pedra, apparece um pateo quadrado, com toscos arcos que restam do antigo claustro do convento. Nos dias de audiencia, uma tropa de policias, mulheritas do povo, vagabundos, simples *flaneurs* e informadores de jornal, accumula-se alli n'uma gralhada de feira; e saltam das palestras revelações de arripiar os cabellos ou fazer rebentar ás gargalhadas. O dia em que por lá passei, fôra destinado ao julgamento das parteiras.

Com muito custo, atropellando massas de gente lacrimosa, que se agglomerava pelo corredor que leva á sala d'audiencia, lá conseguimos captar as attenções d'um cavalheiro,

o qual, unctuoso, trocando o *b* pelo *v* e vice-versa, condescende a ouvir os nossos titulos de jornalista interessado na questão... oh! pelo lado pittoresco simplesmente!

O cego do atrio viera subindo tambem, pela mão d'uma rapariguita esguedelhada.

—O sr. escrivão Carvalho, meu senhor?

—Não conheço, meu amigo. E vossemecê que vem fazer aqui?

—Saiba vossa senhoria que sou testemunha.

—Testemunha... testemunha ocular?

—Assim, assim...

Lá conseguimos entrar na sala d'audiencia: é uma casa oblonga, baixa de tectos, e com o pavimento immundo de escarros sêccos, palitos quebrados e poeira em crôstas de meia pollegada de espessura. Vae-lhe ao redor um rodapé d'azulejos pallidos, recortando vasos de flores sobre a caliça parda das paredes. Uma grade de rampa separa o banco dos réos, do espaço reservado aos curiosos. Entre duas janellas, ao fundo, fica o pulpito do sr. juiz, um pesadão, de cabeça em pêra, sangue nos olhos, a palavra difficil, a elocução atarantada. Á direita, os srs. jurados amesendam n'um velho banco, a sua sagacidade bronca de hippopotamos. Um d'elles, grosso, obeso, glabaro, com lunetas de tartaruga e olheiras papudas—cincoenta annos de honra

em pannos crús—é um austero mercador da rua Augusta, cuja mulher, muito mais nova, ha seis annos começa a preferir a esse marido apathico de sessenta annos, dois rapagões de trinta que ha em casa, sob o pseudonymo adoravel de caixeiros. Á esquerda d'este, um outro verde, a suiça dura, a mão pelluda, um prognatismo feroz d'australiano, parece ir criticando na sala os temperamentos através a factura do calçado, sobre que elle esparge um olho torto, minaz, desorientado, de sapateiro cupido e facinora. E mais longe quatro teem cara de cretinos, e riem vagamente um riso em navalhada, escorrido dos beiços lividos, sem commissuras, immoveis, como os das caraças de pataco.

Ainda um quinto jurado é digno de *croquis*. Traz um bigodão collado no beiço, o qual se despenha em cataracta, té lhe occultar o queixo e o collarinho. Sob uma tinta lugubre, resaem-lhe em pyramide as maçãs do rosto, accidentadas; duas rochas-tarpeias por onde os globos dos olhos parece que vão precipitar-se: e inquieto, como um malandro feroz que a policia espicaça, eil-o corre co'a vista a sala inteira, saca do bolso papelinhos sebentos, raspadeiras, canivetes, boquilhas, que fica a mirar, e depois embrulha, e depois guarda, para logo em seguida os tornar a exhibir sobre os joelhos, esbugalhando os olhos con-

tra as accusadas, como se aquella camaradagem d'infamia o fascinasse, e o banco onde ellas se acurvam, estivesse reclamando a intimidade dos fundilhos das suas calças pretas.

E este é o synhedrio d'intelligencias claras e consciencias applicadas, que decidirá se acaso as *tecedeiras d'anjos* incorreram no crime, picando com estyletes de meio metro os ventres inflados das criadas ladinas, e das *chics* esposas que sob a acquiescencia dos maridos fizeram da fecundidade uma vergonha.

Ficam da esquerda, perto do pulpito do sr. juiz, as carteirinhas destinadas ao ministerio publico e advogados. A sala é tão estreita, que todos estes funccionarios se acotovellam uns aos outros, as rés, advogados, juiz e mais comparsaria da sala, incluindo os jornalistas, que escrevem sobre tiras de almasso as suas impressões. Toda esta familia súa, e se permitte exhalar *patchoulis* de fabrica propria, a ponto de parecer que a comedia da audiencia transmutou de scenario, e que o segundo acto já não decorre no templo da Justiça, senão n'uns irmãos unidos que ha no largo, com o seu letreiro municipal por cima da porta.

Os russos dizem: é necessario que a cabana cheire ao dono. E na Boa-Hora assim succede; a Justiça cheira effectivamente ao tribunal.

Depois do juiz, a physionomia que mais fere é o delegado, os *crocs* do bigode recurvos em prôa de saveiro, os seus anneis d'oiro fosco, a sua falta de vista e a sua béca. Nunca vejo estes togados elegantes, com mãos de bispo, o ar victorioso, e rescendendo a perfumes de *White-rose* e *Peau-d'Espagne,* que a mim mesmo não pergunte se elles irão cantar alguma aria, na audiencia, tão familiarmente se abraçam no meu espirito, a noção da justiça official contemporanea, com o theatro, que já hoje nos dá da magistratura uma illusão bem mais emocional.

Entre os advogados, um gordo, baixote, apesunhado, com pequeninas feições perdidas a um canto da sua enormissima cara macilenta, tem dois olhitos que luzem no fundo d'uns buracos, sob uns sobrólhos hirsutos, como pedaços de hulha ao pé de dois mólhos sêccos de carqueja. Oh, não tenham medo que haja fogo! Este advogado é d'accender na caixa, e nem mesmo a dizer banalidades produz chamma.

Um outro é rabulista, elle azougado, com saracoteios maganos de compadre: e os olhos gottejando resina, como duas ameixas engelhadas.

Este defende a esmo os criminosos, mostrando um album pelos corredores, á clientela, com as amostrinhas dos discursos, os argu-

mentosinhos, os preços—e levando a garrafa faz-se abatimento. O seu *truc* é já hoje quasi corriqueiro. Começa recordando ao jury as tremendas responsabilidades que impendem d'um *veredictum* leviana ou malevolamente formulado.

Durante os interrogatorios põe-se a estudar as caras dos jurados. Jury em que haja, pelo menos, dois tolos, pertence-lhe—porque este demonio boquiabre um asno, pelo mesmo systema por que um sapo fascina e estarrece uma doninha!

Ora, n'um curro de nove jurados, mesmo escolhidos a capricho, a contribuição de dois tolos é d'uma tal benignidade!... Lombroso disse uma vez, que n'um grupo de seis cidadãos assembleados para a discussão de coisa publica, quasi era certo poder-se arrebanhar ahi a sua duzia e meia de patetas, sem menoscabo á toleima que cada um d'elles podesse desenvolver pessoalmente.

O certo é que o meu sacripanta triumpha. Os assassinos passam-lhe todos por bebedos, os larapios por famintos; e quanto ao adulterio... hysterismo!

Da sua bocca loquaz, amachucada, granisam, jactitando, as phrases da defeza, feitas de tudo, sentimentalidades da *Bibliotheca das Damas*, *trucs* forenses, partidas, trapalhadas. E aquillo admitte-se, os juizes sabem, o minis-

terio publico sorri-se, todos lhe acham graça —o alma do diabo! o rabulista!—e indulgente, o tribunal encolhe os hombros e deixa-lhe passar a cambada de clientes, porque se não conseguiu afinal provar o roubo, ou porque não parece ter havido premeditação no assassinato.

A justiça antiga, de gladio e balança, as grandes mamellas turgentes sob o *peplum*, amachucou-a a Boa-Hora n'uma caricatura soez d'alcoviteira, cupida e manhosa, que pede cinco tostões por conta das fianças, e vae de porta em porta, e influencia em influencia, entregar a carta de empenho que faz vergar a consciencia dos juizes, e que ao mesmo tempo espapaça a lei, como uma cataplasma de pêros, no sentido cobarde do perdão.

A piedade que hoje move a sympathia do homem diante de todas as especies de crimes, em vez de dirigir exclusivamente sobre as victimas os seus fócos de sensitividade lyrica, nevrotica, excessiva por vezes, teima em abraçar no mesmo jorro tambem os criminosos, que ella desculpa chamando-lhes revoltados, heroes talvez, larvados, doidos, e procurando emfim explicar pelo bom lado, os seus impulsos crueis de bestas-feras.

No nosso tempo, a honra é conforme. Re-

volta-se a gente aos vinte annos contra coisas que aos sessenta legitíma sem a mais leve hesitação de consciencia. Um processo caminha até deparar com o dinheiro que o asphyxía na poeira d'um archivo. Tem-se razão, conforme a argucia do advogado que nos serve. Desmandos imperdoaveis na classe baixa, são leviandades apenas na classe média, e d'ahi para cima, qualidades!

Lassa de tudo, sob um democratico e igualitario regimen que lhe tirou o caracter, a sociedade de hoje é chata e mediocre, fóra dos seus accessos de febre convulsiva, e quasi não tem lucidez para demarcar fronteiras entre a deshonra e a probidade.

Pranzini e D. Bosco nos parecem igualmente interessantes. No fundo da nossa alma, nenhuma solidez de convicções, nenhuma crença, respeito algum. Por exemplo, a religião serve d'escarneo á populaça. A lei é letra morta. Não ha aristocracias de classe, impondo-se ás rebelliões, como grandes portas bronzeas de fortaleza. E por outro lado, nenhuma illustração, nenhuma cultura a escorar a consciencia hysterisada por todos estes desmoronamentos!

Ora, desde que a illusão d'aquellas sagradas coisas se perde, nós não podemos deixar de pôr a *blague* ao serviço dos nossos desalentos.

E é singularissima a impressão que o tri-

bunal da Boa-Hora já começa a produzir em toda a gente. A principio, ainda se percebe a distancia que medeia entre os magistrados, os réos, e os officiaes de diligencias. Porém, pouco a pouco o ar enturva-se, os olhos vão perdendo a percepção contornada das imagens, baralham-se as figuras, cabriolam—e apparecem depois os réos com as togas dos juizes, os advogados sobre o banco dos réos, os juizes d'officiaes de diligencias... E emquanto o cego aconselha *marufo* á sociedade, ouve-se no atrio a voz dos contratadores offerecendo senhas d'absolvição para todas as especies de crimes, mais baratas que na casa, e a gralhada das moças que esbracejam, regougando:

—O juiz estava com telha, ó Daniel! *Sahiram-me* só tres mezes de multa. *Sahiram-me,* entenderam? Como se na Boa-Hora a justiça fosse uma questão de loteria!

As photographias

8 de Janeiro.

Uma das coisas mais curiosas da exposição industrial foi a secção dos photographos retratistas, situada nos gabinetes que ladeiam a grande sala de pintura.

Alli, em molduras e pequenas *vitrines,* abebera um sem-numero de physionomias conhecidas, homens e senhoras, que além d'outras prendas apreciaveis e publicas, teem a de servir de reclame a todos os photographos em voga, consentindo, modestia á parte, que elles exponham em prova negativa e positiva as suas mil caretas e attitudes, qual d'ellas a mais catita e alambicada.

Tem-se commettido a injustiça d'opinar que a photographia seja uma arte impessoal, que fixa estupidamente o que lhe põem deante, e

não retem na sua placa senão aspectos incaracteristicos e frios, de cujo conjuncto não brota uma intenção, um lampejo de vida, ou qualquer estado d'estomago, mentalidade ou consciencia.

Orçando porém n'um milhar o numero de retratos que vi na exposição, de nenhum d'elles deixava de s'inferir o seguinte: a machina photographica é o maior caricaturista do mundo, e o mais arteiramente ironico de quantos observadores tem tido a sociedade. Através a sua impassibilidade automatica, de feito, é incalculavel o que ella sublinha de grotescos, preoccupações, pequenos *tics;* e que prudhommesco mundo ella faz rebentar, com uma intenção cheia de humor, de dentro dos bonequinhos que lhe vão pedir um instante d'attenção.

O compadre leitor ha-de já ter ido retratar-se. Pudera não! Com a familia. Ou entre amigos... ou porventura sósinho, n'uma hora superior em que se haja sentido grande espirito; e estou d'aqui a vêr-lhe o ar napoleonico, a mão perdida no peito da sobrecasaca, o vago rir de mascara e de esphinge...

Lembre-se pois da preoccupação de grandioso que o alanceou n'esse momento, quando o artista, depois de lhe entalar o cachaço n'um semi-circulo de ferro, subito grita: «Sentido!»

Ah, é fatal! Ninguem, cuido eu, jámais se immobilisou deante da objectiva d'um photographo, que a si proprio não tivesse feito esta pergunta:

—Que irá pensar de *nós* a Posteridade?!

Da preoccupação d'entrar na historia, lá porque um sal de prata ennegrece, deriva essa série de monos pretos, chimpanzés, rainhas de Nantes, que enchem as *vitrines* das esquinas e das lojas, e cujos spasmos, motetes, risos, elucidam singularmente os philosophos quanto ao supino tolo que occulto vive em cada um de nós, n'estes adormecido, álerta n'aquell'outros, e vivo sempre, o demonico, como um gorgulho n'um bugalho.

Ah, Nossa Senhora! o que todas essas photographias nos dizem para a historia da tolice humana!... Logo a começar pelos meninos que as mamãs fazem retratar d'*enfants Jésus*, nusinhos, carantonhando, a bocca horrivel sem dentes, os joanetes tufudos, o ventre enorme, as unhas esmagadas; toda uma *enflure* de monstrosinhos, nos quaes a mimosa carne da infancia nem sempre consegue disfarçar defeituosas anatomias de familia.

Em seguida os meninos vão crescendo, e lá apparecem depois com as mesmas cabecitas de forçados e hydrocephalos, o mesmo ar bes-

tiaga, fœtal, sobre cuja mascara velhota a innocencia fez correr, com mimos de Kate Greenaway, uma ou outra pincelada de graça exangue e de suavidade angelical.

D'ahi para cima, á proporção que a edade avança, e o sêr discriminado começa a adquirir autonomia, ás vaidades dos papás remirando a propria gentileza nas hesitantes perfeições do fructo secco a que deram origem, vem acrescentar-se as d'esse mesmo fructo, que sentindo-se viver, começa a estar contente de si proprio, o mequetrefe! Quinze annos, dezeseis annos... é a edade dos fatos novos, dos chapeus tombados sobre a orelha, dos romances Corazzi escondidos entre as folhas dos compendios, dos gargarejos á lua, das trancinhas de cabello nos medalhões dos relogios, das intimidades com marcadores de bilhar e caixeiros das casas de penhores — a edade em que cada qual começa a trabalhar por sua conta, e a estragar dinheiro por conta alheia — e em que se tira mais vezes o retrato, pela necessidade de que o photographo nos venha dizer se progredimos, e se a nossa belleza, a nossa musculatura e a nossa força, adquiriram o garbo, a quadratura e a expressão, que tantas negaças da outra vez nos tinham feito.

Todos os cambiantes d'estas vanglorias e d'estas petulancias, repercutidas no fascias

em garatujas physionomicas, são pela photographia fixados, com um espirito, uma desenvoltura, um *entrain*, que nem sempre abundarão nas *boutades* de Henri Monnier, Gavarni, ou Caran-d'Ache: e a exposição está cheia d'esta confraria particular de bonifrates, elles e ellas, qual mais picante em caricatura!

Elles ainda lá procuram temperar o ar *vainqueur*, com uma tal ou qual tonalidade grave de homens pensadores; os que teem barba fazem-na valer; os de bocca d'oiro acertoam os beiços, como a fazel-os rimar, muito espremidos—e certos, de corpo todo, arqueiam os braços, *cambram-se*, fascinando quem olha, com uma expressão de basofia e de triumpho. Ha-os de sobrecasaca e collares á diplomata, luvas calçadas, reteso o punho, o chapéo na cabeça, a bengala picando o pavimento, como se tivessem acabado de descer a escadaria que se vê pintada no fundo. Ha-os n'uma cadeira de cortiça, perna cruzada, insolentes, de braza na pupilla, o ar procreador, e chicotinho. Os que descançam a dextra no hombro d'um amigo: os que vem de caçadores, espingarda, cão de faiança aos pés, bolsa de caça a tiracollo: e de gymnastas, moços de forcado, velocipedistas e jockeys... São estes os *plasticos*, que apenas guardam da vida uma adoração da força physica, da belleza muscular, da graça tauromachica e *bête*, segredo dos seus

successos no mundo da galantaria e do adulterio: e quer elles venham dos gymnasios ou dos amanuensados, das esperas de toiros ou dos regimentos, a sua noção do sublime é quasi identica, e a objectiva photographica os caricatura, mostrando em centenas d'exemplares, através aquella aspiração de vida mascula, o mesmo pimpão vaidoso e satisfeito de si, *qui montre ses avantages comme il peut.*

A par dos plasticos, os *psychicos*—isto é, todos quantos nos querem impingir pela photographia uma intenção, a synthese das suas ideias, qualquer estado d'espirito ou de caracter... O *toilette* n'estes pouco importa: são os austeros, vestidos quasi sempre de negro, a corrente do relogio recolhida, versos ou artigosinhos de polpa na bagagem, distincção nos exames, e uma ou outra tintura de Spencer na dicção. Futuros lentes, futuros paspalhões, ministros futuros... Esperançosos, com um ar d'experiencia e de seccura, o respeito de si, risos fanados—e um tio collocado, a empurral-os pelo sacro, escada acima, té ás adiposidades d'um casamento ou d'um emprego.

Com a mulher, claro está se quintessencía esta comedia, em que ellas dão, pobres senhoras, o exagero do exagero. Qual de nós

não tem uma irmã, uma parenta qualquer, uma cunhada, entre os vinte e oito e os cincoenta annos, cheia d'artificios d'actriz, romantico-hysterica, que vae para os *ateliers* dos photographos estereotypar os seus ataques de solteirismo agudo?

Ha as que se retratam ao piano, d'olhos no céo, como umas Santas Cecilias pateadas. As que tiram o retrato afagando um gatinho, recolhendo d'um baile, desfolhando malmequeres defronte d'um espelho, ou a folhear livros de versos, pendidas como Ophelias sobre o rio da vida, cuja corrente lhes não espelha senão maridos e noivos... das outras. E em costume de varinas, mascaradas de noivas, ou entre rochedos, n'um panorama de mar, dizendo a um cão que as fita: «Que pena eu tenho, *Joly*, de que a tua poetica alma não viva, por exemplo, no corpo do Costa!»

Entanto a estas melancholicas, perdôa-se. Primeiro que tudo ellas são picantes, ou foram bellas, e mesmo ridiculas teem a poesia dos que soffreram e choraram. Porventura a virgindade lhes pesa, como uma ceira de figos que embolorece, exasperando o dono da loja que a não vendeu quando devia.

Oh, mas os homens!

Ha no Rocchini a photographia d'um d'esses, surprehendente.

Representa-o de pé, por detraz d'uma ban-

ca torcida, entre duas grandes espheras armillares. Tem a colleira da Sociedade de Geographia ao pescoço, o olhar de Napoleão em Santa Helena: e o seu dedo estendido sobre um grande mappa que vem ao chão, pela mesa abaixo, o dedo aponta um continente, onde está escripta esta palavra—AFRICA.

Não sabe a gente bem se elle procura no mappa o sitio onde foi macaco, se a possessão para onde ha-de ir governador, ou degredado.

—Lá p'r'a Calçada da Estrella, um pouco acima do palacio das Côrtes, ha uma pequena montra de photographo, cujo centro é occupado pelo retrato d'um homem de cincoenta annos, bella cabeça, olhar de peixe, a olheira em papo, scismadora, o qual n'uma das mãos guarda uma penna, e um grande caderno d'almasso na outra, que elle mostra a quem passa, e onde está escripto: *Abrolhos da Minha Vida*.

É evidentemente um escriptor varrido da publicidade, aquelle pobre: um noitibó nostalgico e opprimido, aquelle enfermo, em cujos abrolhos recusaram picar-se os editores, e que o retratista teria feito bem em lhe metter no assento da cadeira, por conduzil-o á modestia soez dos outros pobres diabos.

N'este genero os especimens abundam, e eu não citarei senão casos extremos n'esta

singular monomania exhibicionista, mais de trivial em paiz de capões e *parvenus*.

Tenho nos meus papeis uma photographia comprada na Feira da Ladra ha muitos annos, pallida e comida do sol, muito expressiva. Ha um castello no fundo, um feixe de carabinas a meio plano, ensarilhadas. Hein? que scenario mavortico! os creneis da muralha, a ponte levadiça...

Junto a um pilar está de pé o retratado. Pobre rapaz! Veste um uniforme d'official, mas o seu ar é o d'uma engommadeira velha a quem por engano tivessem feito assentar praça, sem commiseração pelo apostema intestino, escabujador d'irreverencias, que mesmo em paz pôdre lhe pozesse á volta do armamento, um forte e guerreiro olor de polvora secca. O braço esquerdo afasta-se do tronco, a mão agarra um livro, e na folha branca virada para o publico, ha um letreiro gothico, dizendo:

— *X., alferes d'infanteria..., filho de N., capitão de caçadores 5, pae de O. P., alumno do Real Collegio Militar...*

Mas o melhor é que por descuido do photographo, ao canto da scena, e como a jungir-se ás carabinas, não sei como apparece um guarda-chuva, um guarda-chuva *paisana* — talvez que a unica arma brandida com fereza por aquella geração minaz de trinca-fortes.

Todos teem ouvido fallar no famoso daguerro em que um antigo localista do *Illustrado* gesticula por traz d'um magricella sentado a uma carteira, a fingir que garatuja um papelasio. E por baixo o distico celebre:

— *O escriptor E. D. dictando ao seu secretario D. V....*

São estes os retratos dos *psychicos,* os retratos de gente superior, os retratos d'expressão, suggestores do *só lhe falta fallar!* que é costume dizer dos cães intelligentes. Porque sempre tem sido mania entre nós, a cabeça d'expressão.

— Gósto do Gil, nas caixas de phosphoros. É uma cabeça d'expressão!

Ha lisboetas a quem o cabelleireiro, no principio de cada estação talha uma cabeça differente, d'expressão todas, e por lista, como nos restaurantes o serviço das cabeças — de cevado.

Mesmo, um editor do Porto envia o seu jornal illustrado aos cabelleireiros, onde vem barbas e cabelleiras adequadas á indole, *toilette,* e opiniões politicas dos que, ricos de meritos e d'apologias sociaes, comtudo não tenham de seu, uma cabeça apresentavel.

As cabeças para este anno, por exemplo, são em verdade admiraveis.

1.ª—Cabeça d'inverno *(soirées e solemnidades officiaes).* O cabello curto, descobrindo a fronte em prolongamentos de genio, rapados á navalha nos angulos do coronal; a barba seja em ponta, e frisada em *croc* a bigodeira. Traz-se esta cabeça com sobre-casaca ou frack de *soirée,* gravata *nuance* côr de pombo ou salmonete, ferrada de saphiras e esmeraldas, e collete d'estofo aberto em coração.

2.ª—Cabeça de primavera *(viagens, corridas, bofetadas e proclames de casamento).* O cabello frisado nas pontas, aparta á esquerda n'uma marrafa nitida e côr de rosa; queixo rapado, e meio *loup* de barba sobre o rosto, formado por umas suiças triangulares que venham tapar o bigode aos cantos da bocca.

Põe-se com fatos claros e chapéos á hespanhola; d'appetite para loiros, que sejam ao mesmo tempo tati-bitates, e assim possam, misturando *yes* ás asneiras que disserem, infundir no publico a illusão da sua proveniencia estrangeirada.

3.ª — Cabeça para praias e estações d'aguas. Marrafa ao meio, separando bandós que tenham o ar de naturaes: cabello varrido sobre as orelhas, á *viva mi novio!* té á angulatura externa dos olhos. Bigodinho em guias finas, pequenas suiças... *à la vierge.* O olhar deve ser ardente, sublinhado a rolha queimada para os casos especiaes de seducção, e os

redactores avisam quem se fizer talhar esta cabeça, engrosse a voz, e não venha a publico senão fazendo a côrte, pelo menos, a duas mulheres.

Para sanguineos é preferivel esfalripar sobre a testa um tufo de cabello, em caracoes annulares, *façon Richepin,* cortando no queixo uma pêra hollandeza, bipartida na ponta em cauda d'andorinha: ou no caso da barba ser tufuda, deixando apenas pêra—de sete cotovellos.

Qualquer d'estas cabeças vae bem, Miguel, com flanellas leves, camisolas de regata, blusas d'Oxford ou linho de Manchester, bordadas á mão com attributos de pesca e canotagem.

Seduz facilmente herdeiras de provincia, e predispõe á condescendencia as mamãs que tenham jurado guerra ao matacão de seus esposos.

Além da elegancia opipara e inteiramente gracil d'estes figurinos, teem elles a incontestavel vantagem de reduzir todas as cabeças a quatro ou cinco typos fundamentaes—de cuja trama mestre photographo dissecará sem trabalho, o mesmo parvo.

Camillo

16 de Janeiro.

Está em Lisboa ha quinze dias o illustre grande homem, e nenhum signal de festa, nenhum movimento effusivo e unanime da opinião e da imprensa ainda foram acordar por debaixo das janellas da casa em que elle habita, rastro sequer d'ovação que traia o applauso d'um povo culto, d'uma geração litteraria ou d'uma simples *cotterie,* pelo espirito torturado e immortal de quem não é só um cultor das lettras e das artes, um grande e ferreo chefe, sem discipulos nem soldados — mas uma litteratura completa, inconfundivel e extraordinaria.

Nem os simples estudantes dos cursos superiores, prestes sempre, pela espontanea effervescencia do seu enthusiasmo, a fazerem justiça á misantropia d'estes grandes forçados

da arte, como Camillo; nem os homens de lettras, muitos dos quaes ha uns poucos d'annos chouteiam na esteira da lingua que elle fez, e da poderosa ironia que elle cinzelou; nem os admiradores, nem os intimos, souberam na hora da velhice, quando o martyr escabuja nas atrocissimas angustias da cegueira e da nevrose, refrigerar-lhe a alma trucidada, erguer-lhe a vencida coragem, com uma manifestação collectiva d'apreço que o fizesse voltar á aldeia, enternecido ao menos por este grande unisono de justiça.

E todavia, escriptor algum portuguez melhor bem-mereceu ainda das nossas homenagens, pela vehemencia da sua obra, pelo travor mordente da sua ironia e da sua arte, pelo teclado de riso e lagrimas que ha ferido, pela naturalisação eminentemente portugueza do seu genio, e impressiva lucidez da sua affectividade. Ao lado d'este nome, Deus me perdôe, mas cuido que a trilogia romantica empallidece.

Garrett, por exemplo, é o poeta *petit-maître*, o lyrico sceptico, o romancista *dilettanti*, cujo genio só no *Frei Luiz* consegue eximir-se ás preoccupações de dandysmo litterario que o conspurcam. Como um monge medievo, o rude Herculano (fallo do artista) quasi só fere duas notas com grandeza—attingir na poesia o grave tom dos hymnarios do catholicismo

primitivo, e explicar a historia visionando-a através a contextura quasi sempre emphatica dos seus romances. Castilho afunda-se, e d'elle sobrenada apenas o rhetorico de força, que não tendo ejaculado vida na sua arte, para logo debandou da sympathia das turbas, começando a resequir nas paginas das *Selectas,* e a amarellecer nas citações dos compendios de grammatica elementar.

Só este nome de Camillo parece desafiar o tempo e o carnaval das escólas litterarias que se succedem e desfilam, hoje radiantes, desfloradas e murchas ámanhã, qual mais da moda, e todas em breve esparsas e sepultas, apenas servindo a revelar na fereza magnifica da obra d'elle, mais uma aresta, um promenor, uma arcaria, uma portada; e através d'esses cento e trinta volumes, perspectivas profundas, horisontes d'arte incomparaveis, vortilhões de tragicos desfechos, gargalhadas e supplicas: e por espaços, entre as imprecações e os soluços, as brutalidades e os sarcasmos, algum doce perfil que rasteja, como a filha do ferrador no *Amor de Perdição,* archanjo e victima, té aos humbraes da mais estreme dedicação.

Vi hontem n'uma carruagem, Camillo. Era a primeira vez que essa figura me apparecia, oh diversa, muito diversa da que a minha

adoração tinha sonhado! É uma physionomia estranha, extincta, immovel, quasi tragica, onde o cabello põe brumas de velhice, e o bigode branco, grande, cahido, faz sobre a bocca como a cortina d'um leito onde estivesse a dormir uma grande voz. A emaciação da doença cobre-lhe d'um livôr esverdinhado a pelle flaccida do rosto—que socavado, tem da caveira a expressão sardonica e soffredora—e por todo elle nem um lampejo da devoradora chamma do genio, que se lhe concentra talvéz no fundo do craneo, abandonando a superficie, como a alma d'esses vulcões que resfriam, cicatrizando a cratera co'as escorias da sua ultima erupção.

Toda a figura adquiriu agora uma expressão de *courbature* alcachinada, lassa e desfeita, que só se desmancha nos raros momentos de revolta contra a dôr, e só de longe se alumia por algum d'aquelles flammejantes doestos contra a impotencia dos clinicos, na arte de rejuvenescer para a labuta da escripta esse doutor Fausto que não póde resignar-se á ideia de ser velho, e a quem a morte horrorisa, não pela ideia do aniquilamento, mas pela repulsa atroz da podridão.

Como o romantico Flaubert, este poderia ter soltado o grito d'alma:

—*C'est étrange, comme je suis né avec peu de foi au bonheur!*

A philosophia dos seus romances está talvez n'este conceito: *a falta de fé na felicidade*: n'este conceito que pôz no seu espirito um tão amargo travor das coisas da existencia. Mais ou menos, elle tem sido toda a vida um revoltado. A sua mesma alegria sabe a fel. A mesma sua serenidade era uma especie de madorna, em que não raro se estava preparando uma tormenta. A sua bondade chegava a espavorir os proprios que d'ella sugavam beneficios, tão coriscante a sua feição de revelar-se.

Por isso, entre as manifestações da sensibilidade moderna em litteratura, a obra de Camillo é uma das que na Europa mais caracteristicos specimens offerece, e aquella em que a interferencia autobiographica do escriptor no drama idealisado, resae completa, vibrante, alastrando raizes por toda a psychologia artistica dos typos que n'esse drama conflagrem e escaramucem.

Vindo a publico já n'uma época de transição e derrocada, quando o ideal romantico, com a sua allucinação de grandezas, e a sua febre de heroico e d'anormal, fugia ás azagaias dos primeiros mercenarios naturalistas, Camillo haveria sossobrado como tantos outros, cujos volumes perdidos, ainda ha trinta annos eram reputados obras-primas, se não tivera a sanear-lhe os impetos creadores um espirito

d'analyse fertil, e uma ironia de grande raça, que derivada em sarcasmo, nos seus ultimos pamphletos, ha de echoar por seculos na litteratura portugueza, sendo talvez preciso nomear Rabelais, para que o sarcasta de Seide definitivamente encontre o seu irmão mais velho.

Elle entretanto, como todos os grandes, não pertenceu jámais a escóla alguma: nem Hugo, nem Flaubert; nem papá Dumas, nem Zola. É elle mesmo, é camillesco. Creou um genero de graça e linguagem que se lhe colla ligeira ao temperamento, como um *maillot* que revestisse o tronco d'um Hercules Farnesio, trahindo as arestas d'um espirito, a architectura d'um sonho interior, o formidando *rictus* d'uma emoção — e aquella indomavel, aquella extraordinaria epilepsia do seu desprezo por tudo quanto, escabujando-lhe aos pés, queira mordel-o.

Em trinta e seis annos, cincoenta e quatro romances publicados, o primeiro dos quaes, *Anathema*, tendo vindo a lume em 51, ainda agora se lê com sympathia, ao cabo de tantas e tantas revoluções na arte de narrar e d'escrever. Em todos esses livros, o poeta dá o braço ao analysta: e a analyse, posto que incisiva, não vivisecca os typos até aos seus ul-

timos promenores de histologia, nem decompõe o trabalho d'uma cabeça, como faz Zola, ideia por ideia, e impulsão por impulsão. N'este luxo de sciencia, que é um dos mais habeis artificios do romance moderno, muita vez o sabio prejudica as qualidades inventivas do artista, reduzindo a obra d'arte a uma monographia secca, a uma especie de historia clinica, em que o rigor do detalhe expulsa o sonho, substitue á arte a medicina, abdica da phantasia em favor da fórmula, e dispensa a creação do talento individual, para produzir romances como quem cosinha pasteis, segundo uma receita doseada, monotona, e sempre a mesma. A isto chegaram os descendentes do flaubertismo em França, como Paulo Bonnetain, J.-K. Huysmans, Camillo Lemonnier, e o sobrevivente dos dois Goncourt, que ao sentir-se estancar, proclama a monographia, no prefacio da *Chérie,* como a fórmula assignalada ao romance do futuro.

É vêr como Camillo triumpha de todas estas preoccupações alambicadas, e leva ao romance as exigencias da sua paixão ardente e sempre nova, e nos visiona o seu mundo através os sobresaltos crueis da sua phantasia. Para a reconstituição d'um typo, dois ou tres factos lhe bastam, como a Cuvier bastava uma maxilla e uma vertebra, para a reconstituição d'um ante-diluviano.

Entre esses factos vem o poeta intercalar o que falta, para a completa remodelação d'um personagem. E é admirar-lhe a sobriedade e a precisão! Por vezes, no enxadrezar dos caracteres, ha singulares revelações de psychologia individual: o homem falla por detraz das suas figuras, como nas *Novellas do Minho,* e n'aquelle extraordinario romance do *Esqueleto:* exaspera-as da sua angustia, entenebrece-as da sua melancolia negra e irreparavel: e sem querer vae-nos contando os annos da sua mocidade, as miserias soffridas, traições, desgraças, illusões e sonhos desmanchados. A sua nervosidade compraz-se em dramas curtos e precisos, cuja catastrophe se precipita, entre os granisos da ironia ou da cólera, sempre justa e animada d'um sopro, que por vezes chega a ser miguel-angesco.

Não vae porém o tempo a sabor d'apotheoses espontaneas, nem a sociedade portugueza agora tem momentos lucidos para attentar nos immortaes que não hajam subido a pedestal, pelas escadarias sebosas de S. Bento.

Mas se entre os homens d'agora—eu dirijo-me aos novos—houver ainda um vislumbre da antiga integridade, se ainda houver na alma da mocidade portugueza, emotividades que lhe alumiem o caminho da justiça, ousa-

ria eu propôr, fossemos todos, de chapeos ao vento e braçadas de flôres, passar por deante da casa de Camillo, como Paris, no dia em que Victor Hugo completava oitenta annos.

Oh, como seria dôce a Camillo, cuja obra resume, como a de Herculano e a de Garrett, a genuina litteratura portugueza; como lhe seria dôce o escutar de boccas amigas, n'uma ovação suprema, palavras d'affecto, que lhe enchessem de paz os ultimos dias! e como havia de resignar-se a entrar na grande noite, esse rebelde, que sendo o maior escriptor portuguez do nosso seculo, ainda achou meio de ser tambem, entre os homens de genio, o maior desgraçado!

E d'ahi quem sabe! Com um pequenino esforço mais, poderiamos assentar cúpula d'oiro, sobre o edificio d'esta generosa iniciativa. Solicitariamos do publico auxilio collectivo para uma grande edição nacional das obras de Camillo, para a qual todos os nossos artistas dessem illustrações, e que assim ficaria entre as memorias do tempo, como um protesto ás apotheoses por ahi feitas, na politica e na arte, aos Judas de semestre, que emquanto fingem beijar na face a patria, o mais que pensam é em receber o oiro dos phariseus.

Os duellos

24 de Janeiro.

Um peralvilho chegou-se uma vez ao pé d'um cathedratico de Coimbra, e exasperado por não sei qual questiuncula insignificante, disse ao aggressor, cuspindo para o lado:

— Adversario! considere-se escarrado n'essa cara!

O lente apontou contra o biltre o seu respeitavel reverso cathedratico, e produzindo-lhe no ápice uma d'essas detonações que são a mola real dos contos d'Armand Silvestre, redarguiu impavido ao aggressor:

— Pois camarada! considere-se morto por um tiro!

E illesa a honra, cada qual foi tratar da sua vida.

Esta anecdota dá-nos a fórmula que resolve

a maior parte das pendencias de honra em Portugal: pendencias que sérias ou graves, raro é que não desfechem por alguma farça d'entrudo, com elogios nas gazetas depois ao esforçado sangue-frio dos campeões.

É um diabo de tempo, o nosso tempo! Tudo artificios, illusões, exterioridades: falsifica-se tudo, em traducções quasi sempre mais apparatosas do que o texto — virtude e diamantes, dentaduras e ovos, a belleza e a heroicidade. E até o pundonor entra a baixar da idolatria austera em que era tido, a não se discriminar ás vezes das imitações grosseiras, e a viver d'artificios, como certas mulheres que se conservam honestas, só para a *coquetterie* d'ouvirem os homens exaltar-lhes a honestidade.

O furor do reclame, em que actualmente se vive, tem complicado a honra de pequenas meticulosidades pueris, que a menor ninharia offusca, e que uma irritabilidade morbida vae arremessando, por fugir a vias de facto, ao chavascal das reparações espectaculosas e grotescas. Ser um homem de bem parece não dar prazer nenhum á consciencia, se os visinhos nol-o não repetirem todos os dias. Cada acção, a mais simples, carece de ser soprada por uma tuba da fama especial, sem o que, recusará de produzir-se, pela razão de não dar proveito ao propulsor. Tudo se troca em moeda de vaidade ou d'egoismo, casa-

mentos e mortes, abnegação ou cupidez, allianças, odios, posição, fortuna, independencia; tudo se explora, comtanto que o effeito scenico conseguido, captive um instante as attenções do transeunte—e á luz d'este criterio, a mesma honradez não passa como tudo o mais, d'um estratagema, d'uma receita, ainda hoje a mais efficaz, de *réussir*.

É sobretudo nas pendencias de honra, que mais escandalosamente resalta a noção theatral que tem da dignidade, o nosso tempo—uma dignidade que já não barafusta, como outr'ora, na proporção da injuria soffrida, porém a sabor de determinantes excentricas, monopolisando o direito de se julgar ou não menoscabada, conforme os proventos a auferir d'esse rompante, e o genero e numero das pessoas que a estiveram a observar, da galeria.

Ah! essa interpretação do brio, a sabor das variantes psychicas d'um individuo ou d'um grupo, que farçada estridente ella promove em plena vida social, e a que carnavaes ella conduz o desengonçado *jongleur* que se chama o homem moderno! É vêr nas pendencias de honra, a facilidade com que uns se julgam offendidos, e a bonhomia com que outros encolhem os hombros ás mais insultuosas diffamações; a promptidão com que os adversarios se concitam para o campo, e a indifferença com que as testemunhas os desviam d'elle, com-

promettendo-lhes o decoro inda por cima, em documentos de chasco, de cuja ambiguidade tanta vez formiga a poltroneria, a leviandade ou a toleima d'alguma, ou d'ambas as partes litigantes.

Eu n'este ponto prescindo d'apontamentos meus, quanto aos duellos dos ultimos oito ou nove annos, por furtar-me a galhofas que certamente iriam melindrar nomes sympathicos. Não contarei por exemplo, d'aquelles dois periodistas, briosos moços, que havendo-se apodado d'infames nas gazetas, se provocaram a terreiro, certa manhã; e idos em trens ás terras de Bemfica, alli, frente a frente, vendo as pistolas carregadas, desandaram aos abraços um no outro, por um impulso de estima aonde o medo phosphorejava lampejos de pathetico, qual mais fraterno—do que resultou ficarem ambos de mal co'as testemunhas, a que um dos combatentes deu o nome d'intriguistas, com gaudio do outro, que chegára a apodal-as de canalhas, por não terem mandado aviso ao commissario.

Vae em quatro annos, desafiaram-se n'uma casa de hospedes da rua do Ouro, findo o jantar, dois dos mais ladinos deputados d'entre as Beiras. Sahiu cada qual em braços d'amigos, logo depois da scena, para a rua, a re-

frescar os cascos ao ar nocturno do Rocio, que sobre ser tonico, gosa a especifica virtude de apaziguar piteiras fortes. Á volta dos dois legisladores aos seus cutés, por noite velha, cada qual subia a escada cogitando em que o duello, n'aquellas alturas, além de pouco *chic*, era a fallar verdade um disparate, que poderia custar caro aos contendores, ignorantes como eram no manejo das armas assassinas. Que fazer! que fazer! — Reconciliarem-se, impossivel!

A reconciliação sincera ainda por aquelle tempo não tinha sido promulgada em panacéa, contra os ferozes rancores da vida publica. Ao fim d'extensos planos, ponderações, exames, casos, cada qual resolveu fazer surpreza ao adversario, deixando-se ficar na cama, por doença, na manhã do duello. E meus senhores! quem no dia seguinte appareceu ás testemunhas, foi o medico — o mesmo medico, que ambos os poltrões tinham chamado, e que trazia ao campo da lide, simplesmente — dois attestados de bronchite.

Está na memoria de todos, aquelle caso do visconde de X., honrado industrial, a quem um professor do Porto pretendeu raptar a filha unica. Á hora do rapto, o papá da menina, prevenido, desceu a escada do predio com um vergalho nas unhas: vae, fisga o lente: e quem quer dar bengaladas está a tempo! De seu

lado, o negociante entregára a questão a uns velhotes do seu arruamento, emquanto o professor ia eleger padrinhos, entre os talentaços da escóla em que preleccionava.

Chega a manhã do duello; lá vão todos de rustilhada p'ra Carrixe; e desembarcados dos trens, toca a marcar distancias, e a conferir os tamanhos das espadas. E a proposito d'espadas: que é d'ellas? Para onde diabo se teriam mettido agora as espadas? Aquella santa gente, acostumada a vir a Carrixe, quando muito, em *partie fine*, tomára o duello por uma patuscada, e tudo era voltar os olhos para onde ficava o restaurante. Embalde as testemunhas queriam apoquentar-se. — Vocês viram as espadas? Os cocheiros embalde, azafamados, mettiam as mãos nas caixas dos coupés. Mas quaes espadas, nem meias espadas! O que elles tiraram de lá, foram uns embrulhos pequenos, molles, que desembrulhados mostraram cada um o seu parzito de ceroulas — precaução da familia — e que por signal vieram a tempo, pois mesmo sem duello havia já na roupa do mercador e do lente, hemorrhagia — com seu cheiro á bravura d'ambos.

Aos jornalistas cabe grande parte na responsabilidade de mais esta corrupção, porque

foram elles que vendo as consequencias nada graves que o duello no theatro tem, para os actores, adaptaram á imprensa o systema d'estes comicos reptos pelas armas, a proposito de tudo: reptos que dão aos obscuros, azo de se fazerem conhecidos, e aos cobardes pretexto para figurarem nas actas, com o pseudonymo feroz de trinca-fortes. Á hora em que se está, o duello deixou de corresponder a uma explosão fogosa da hombridade ferida, e nem sequer já hoje poderia acatar-se como um convenio da civilisação, que condemnando o assassinato (e seria elle a fórma mais logica de desforço) deixou em seu logar esta scena de batalha singular, na presença de testemunhas, com vantagens eguaes, e o exito á vontade do destino, como nas velhas edades fatalistas. De queda em queda, o duello tem ido a desvirtuar-se. Começou por ser o recurso da honra enxovalhada, nos casos em que o odio, chegado ao cumulo, dispensava a arbitragem dos juizes, para só ter fé na justiça suprema do seu braço.

E eil-o tornado agora n'uma especie de cerimonial barato e commodo para o arranjo das pequenas difficuldades da vida: cerimonial que o abuso tornou grotesco, e que a chacota publica, se isto continúa, ha-de tornar dentro de pouco tempo desprezivel.

A proposito de tudo ou de nada, ahi tem a

gente d'aturar os galgões d'um plumitivo repontão, d'um *chevalier Chaudeoreille* á Paulo de Kock, desbocado e solerte, que lança mão do duello p'ra representar de melindroso e susceptivel, contando que a prosa das actas lhe refaça nos jornaes uma virgindade ao caracter, e que a opinião espavorida, lhe aceite por talento, a intellectueira sorna em que se esvurma.

Conta-se por dezenas o numero das pendencias em que os padrinhos teem vindo declarar para os jornaes a honra satisfeita, e todas as susceptibilidades do pundonor, apaziguadas, quando ainda a reputação e as ventas do aggredido, sangram rutilante a injuria cruel do aggressor. Mas o caso não pára aqui. Ha quem do duello haja feito reclame para ser lido, para ser empregado, para alcançar a mão d'uma herdeira recalcitrante, e até para comer um almoço á custa alheia. E o mais que se pasma, é haver homens briosos, com uma vida austera e cultos intimos, que se prestem a servir d'alcaiotes, como testemunhas ou como adversarios, a estes Cassagnacs d'alcorce, que na *degraissage* da honra, preferem as absolvições anonymas dos tribunaes amigos, aos desforços salubres da bengala, a phrase ao murro, e trocam finalmente os rompantes da desforra immediata, braço a braço, tão legitima como reacção do sangue buliço-

so, pela comedia do combate á espada, n'uma alea do Campo Grande, com a arranhadura a tinta vermelha, feita antes do duello, por um dos padrinhos, no braço do contendor encarregado do papel romantico de ferido.

Precisamente esta innocuidade prostituiu o duello, tornando-o accessivel a todos os barbeirólas da imprensa e da janotagem, que se d'outra fórma quizessem chamar sobre si a attenção, haveriam que andar pelas calçadas com duas orelhas de burro no chapeu. O caso de dois homens virem a bater-se, por um antagonismo mortal de qualquer ordem, em Portugal não póde dar-se, porque os costumes amolleceram a ponto dos austeros viverem afastados de todos os convivios violentos, incredulos das instituições e dos individuos, e assistindo da sua janella, indifferentes, como o marquez d'Auberive dos *Effrontés*, ás escamoteações da vida contemporanea. Os raros que ainda por ella se interessam, não esquecem nunca discriminar em si dois individuos: o homem de politica e d'acção, que póde á vontade dizer e ouvir todas as enormidades, sem que isso pareça exasperar-lhe o melindre maiormente; e o homem de familia, que occulta a sua vida, e educa os filhos no desprezo das instituições e dos funccionarios a quem elle

quotidianamente aperta a mão. Muito original, não é verdade? este dualismo de sêres, que habitando o mesmo corpo, comtudo vivem completamente estranhos um ao outro. Dualismo commodo de resto, para toda a gente — visto como, se o homem de familia apanha uma bofetada, é o politico que taxando-a de paixão partidaria, a deixa impune — sendo ao depois o primeiro quem por seu turno corre a salvar o segundo, quando a este succeda refocillar-se na infamia até ás sobrancelhas.

Mas pergunto eu agora: e a lei?

Em que pé tratamos nós a lei que prohibe os duellos, e outorga penas aos rivaes colhidos no campo, ás testemunhas, e até aos cirurgiões encarregados — platonica missão! — dos primeiros apparelhos e dos primeiros pensos?

Oh, é admiravel, a lei!

Ella relaxa aos tribunaes, como assassino, o duellista que mata o adversario em desafio; e todos os dias estão a apparecer actas de duellos nos jornaes, narrativas d'encontros, detalhes, nomes, ou noticias de vespera especificando o sitio e a hora do combate, sem que a policia, entre sceptica e *gouailleuse*, se decida a vêr no caso, mais do que a repetição da mesma inoffensiva arlequinada. Virá talvez um dia em que algum d'esses pachólas braverrimos, que forram Gaudissart d'um Joseph Bri-

deau de contrabando, leve o seu talento d'actor até ao ponto de cravar dois centimetros de florete no pulmão do contrario, e que o destino, entre estrabico e cruel, desfeche a pantomima pelo tragico, com surpreza de gregos e troianos. Os jornaes hão-de bradar então pela policia: a opinião avergoará d'assassino o contendor, que ultrapassando as condições do seu papel de *pierrot*, faça golfar sangue d'onde só deveria ter rebentado a gargalhada: e á roda da victima, o côro dos lamentos publicos que venha debitar a psalmodia sabida de doestos, como ha vinte e dois annos, em torno ao catafalco de José Julio.

E todavia eu não peço a Deus senão que esse dia chegue, e esse duello se trave, e esse assassinato se commetta—porque só elle nos livrará por algum tempo da vergonhosa exhibição dos duellos fingidos d'agora, com rolhas de cortiça na ponta dos floretes, e testemunhas malucas de procurar hyperboles com que fazer da poltroneria, heroicidade. Porque desenganemo-nos: Lisboa só vê baixar a cifra dos duellos (e com ella o numero das celebreiras faceis que o duello fomenta) quando nós todos, jornalistas e homens publicos, nos persuadirmos de que afrontando qualquer, de pistola na mão, incorremos o risco de matar, ou sermos mortos. Expondo-se á morte, pelo duello a serio, o offendido compra á so-

ciedade o direito de se fazer justiça, ou, quando mais não seja, de o tentar. Mas não se expondo a coisa alguma, e dando-se apesar d'isso a *mise-en-scène* do perigo, o duellista só se equipára ao mais vulgar pantomimeiro, e é tempo de o apuparmos, como a um *clown* que nos repete sempre o mesmo *truc*. Que a instituição de tribunaes de honra, com o poder d'auctorisar ou prohibir o duello, e de relegar ao castigo da justiça os contendores que lhe desobedeçam ou exorbitem, por certo não levaria a questão a melhor pouso.

Evidentemente esta jurisdicção especial só poderia applicar-se a categorias de pessoas, d'antemão dispostas a acatal-a. E logo se vê como seria difficil achar, na democracia actual, duas ou tres classes sociaes que, acceitando a coisa em principio, se decidissem alfim a darlhe fórma, a pôl-a em pratica, entregando a sua dignidade irritada ou contusa, á arbitragem d'um grupo d'indifferentes.

No programma d'uma sociedade de jornalistas que ahi houve, estatuia-se a fundação d'um grande conselho p'ra resolver as questões de honra profissional. Era um começo. Infelizmente a ideia para de logo emmurcheceu. Por este motivo simples: a mór parte dos socios não tinham profissão.

Não será pelas leis talvez, senão pelos costumes, que nós compelliremos os homens a

pôr de banda estas espadachinagens grotescas ou ferozes, e sempre em qualquer dos casos, *demodées*.

Os que para desforçar-se d'uma injuria, recorrem ao artificio das testemunhas e das actas, vindo a terreno já depois da colera esfriada, ou não sabem servir-se dos punhos, ou então, offendidos a frio, do mais que tratam é d'explorar c'o estardalhaço. Portanto ponha-se no devido pé a consideração devida a taes heroes, e em vez de lhes gritar-mos—*Bravo!* gritemos-lhes antes—*Pum!*

Amadores de Musica

---

1 de Fevereiro.

Teem ouvido fallar na *Real Academia dos Amadores de Musica?* É uma agrupação de devotos de musica, escolhida entre as classes finas da cidade, que se propõe vencer a indifferença geral, á força de persistencia e d'estudo, cultivando a obra dos grandes maestros, em familia umas vezes, e outras vezes facultando a um publico mais vasto, como n'uma especie de prova publica, o melhor dos seus esforços de *virtuosi*. N'esta agrupação, além dos simples *raffinés* que pedem á musica uma voluptuosidade mais para o seu espirito saciado d'outras emoções, e a cultivam unicamente por acção de corpo presente aos concertos, outra especie de amadores se distingue, e é a alma inspiradora da sociedade.

Refiro-me aos musicos por paixão, aos finos gulosos do som, que todas as noites em que S. Carlos está fechado, vão para as salas da sociedade, a rabeca no estojo, debaixo do braço, conspirar um pouco contra a rotina pacifica da massa geral da população, tão obtusa d'ouvido, quanto desmoralisada pelas *pochades* dos nossos theatrinhos d'opereta. Entre estes benidictinos, cuja alma volatil perpetuamente arde nos extasis de Schubert e de Mendelssohn, ha nomes illustres entre os melhores da nossa sociedade, como o do sr. duque de Loulé, que cultiva o rabecão com o mesmo impeccavel dandysmo com que seu pae, o bello gentilhomem d'outr'ora, soube cultivar o amor e a arte de governar; como o sr. Henrique Sauvinet, de cujo violino se evolam em bandos, entre espiraes melodicas, todas as visualidades translucidas e azues a que os poetas teem prestado voz, e os esculptores incarnação; e como a ex.ma sr.a D. Rachel Luizello, cuja graciosa attitude junto da harpa, lembra uma d'aquellas figuras nimbadas de oiro, que apparecem, formando cortejo ás Assumpções da pintura primitiva.

Muitos d'estes cultores apaixonados da musica, são meus conhecidos d'outros tempos, de quando eu ia, de varino e chapéo baixo, na

sombra tragica do *gallinheiro* de S. Carlos, longe da turba ruidosa dos camaradas de escóla, apaziguar como um vicio, a insaciavel nevrose acustica que me devorava.

Aquelles, como eu, se acocoravam um pouco pelos cantos da enorme sala, no fundo das torrinhas, no recanto em penumbra dos camarotes, pelos escaninhos da plateia, pallidos, de olhos fixos, com o cabello indomavel sobre a testa, mordendo as unhas e o castão das bengalas, perdendo de vista o proscenio e os cantores, a noção de espaço e de tempo, para deslumbrados, seguirem, na fascinação das almas sôfregas de bello, o rastro de alguma suspirosa cadencia acordada na indefinida nostalgia das rabecas, e esmorecendo, esmorecendo, entre as sonoridades da choral, tumultuosa e pathetica ao mesmo tempo.

O que eu poderia contar, se quizesse, d'essa luminosa bohemia de *detraqués* melomaniacos, que vendia os casacos para alugar uma torrinha na *primeira* da missa de Verdi, um domingo, com Uetam, a Biancolini, a Borghi-Mamo e o Fancelli—e que uma noite, a unica em que Rubinstein tocou piano em S. Carlos, deu guarida a trinta e duas pessoas das suas relações, societarios á parte, n'uma terceira ordem que ficou celebre, por ter havido lá ceia nos intervallos, com doze pasteis, uma garrafa de Carcavellos e... azeitonas!

Um macilento, Oliveira Gorjão, de Torres-Novas, que foi meu condiscipulo, e administrador d'um jornal que eu tive—*A Chronica,* coisa de folego, c'os diabos! de que esteve para se publicar nada menos do que o prospecto—um macilento, no fim da ceia, lembrou-se de dizer mal do Carcavellos, que já se vê, nem cheirado tinha, attento o ser o n.º 24 na lista d'inscripção dos bebedores da garrafa, e esta não haver chegado senão para os quatro primeiros enthusiastas do pianista. Arma-se guerreia, palavras fortes, gestos do diabo... e toma! um pastel que sobrára (aquella ceia foi uma segunda edição do milagre do pão e dos peixes, da Biblia) descreve uma vertiginosa parabola, té ao lustre, suspende-se um momento ao floreado d'uma das serpentinas, ao fim do que resvala, precipita-se, e vae amesendar-se em cheio, sobre a careca d'um juiz que estava lendo o *Jornal da Noite*, na geral.—Ah, que bom tempo, que rico tempo aquelle foi!

Pouco depois porém, a maior parte d'estes *dilettanti* debandava, sacrificada ao despotismo ignobil do pão quotidiano, tão fôfo de comer, quando não é preciso ganhal-o.

O maior numero era de medicos, que ahi vão fazendo clinica, sobre o churrião do consultorio com taboleta e lanterna á porta da escada, o consultorio que é afinal a mula ru-

ça dos Joões Semanas de Lisboa, e mais ou menos tem feito da medicina uma especie d'armazem de modas, com caixeiros de sobrecasaca, artigos de novidade, reducções de preço nos fins d'estação, reclames nas folhas, e emfim jornaes de figurinos para o tratamento, com mais ou menos hypnotice, brometo de potassio, e suggestão. Entre os contempladores mais convencidos d'esta seita, havia um, Dias da Costa, de caçadores, que levava o sentimento da musica a um exaspero d'emoção quasi doentio. Morava n'esse tempo á Praça da Figueira, e todas as noites no *Martinho,* depois do cognac, eil-o arrebanhando os fetichistas da nossa confraria d'extaticos, para lhes fazer musica n'um piano d'aluguer, que levára para o seu pobre quarto d'estudante. Alli se reunia o grupo, no convivio do cigarro: alferes-alumnos, guarda-marinhas de barbicha em ponta, jovens amanuenses com preoccupações de librettistas — e calados todos, recolhidos, quebrando a cinza dos bréjeiros no angulo dos tristes moveis do *garni,* elles ouviam o piano cantar e sentir sob as mãos do pianista, como um sêr intelligente e desgraçado, que sem vislumbres de esperança, referindo fosse ao viandante as suas maguas, na intima delicia dolorosa de revolver elle mesmo, as pisaduras do seu coração.

Ah, é verdade! e o concerto?... Sempre lhes conto, já agora, o inesperado epilogo d'aquelles septenarios semanaes de Dias Costa á virgem da Harmonia, na pequenina capella profana á Praça da Figueira, de que por signal era ermitôa uma certa D. Maria do Resgate, oriunda de familias nobres, dizia ella — dengosa e lyrica senhora, esculpida em toucinho, n'uma succession de roscas que se sobrepunham e imbricavam para todos os lados... as do seio sobre as do ventre, as do ventre sobre as das côxas, e n'esta linha de conducta, successivamente, até aos seus sapatos d'ourêlo auctoritarios.

Esta patricia dona, que em seus trajos de gala compararieis a um *divan* de sala d'espera, esventrado de crinas intestinaes, além das solicitudes minimas em que espargia o seu coração de hospedeira, tinha dois fracos — o major do 7, um verruguento, e o estimavel *Pimpão,* gato amarello, que sempre me dera, com seu ar investigador e poeirento, a impressão do sr. Possidonio da Silva, do museu do Carmo.

Vae, se por seu lado o militarão do 7 entretinha discretamente a chamma amantetica da Resgate, o mesmo não succedia a *Pimpão,* que em raça de gato, era o mais *poseur* de quantos bichanos em minha vida inda aturei.

Não havia em casa coisa alguma onde este mariola não fosse metter logo o nariz. Elle arremettia nas conversas onde não era chamado, ia molhar as patas nas caçarolas do jantar, passava o rabo pelas suiças das visitas, ia impregnando as roupas e os moveis com uma agua de colonia de seu invento — revolvia papeis, rasgava estampas — até d'uma vez, como um dos hospedes fizesse annos, o demonico lhe foi esconder entre lençoes, uma surpreza... — E amigo de musica, senhores!

D'uma occasião, por altas horas, acorda o pianista ao rumor d'um languido *Nocturno*, tocado em surdina, tão dôce! N'aquelle torpôr de sentidos que faz para assim dizer a antemanhã da vigilia, e nos districtos varios da memoria, como esquissa, muitas vezes, algum epilogo verosimil, para o sonho, afigurou-se ao artista estar saboreando a distancia, a propria musica determinada pela pressão dos seus dedos, cariciosa, sobre as teclas... e logo depois uma vozita começa, acompanhando o desenvolvimento melodico, com as primeiras palavras d'um soneto de Gautier, tão cinzelado, vaporoso, febricitante, imperceptivel, como o arabesco de Chopin que pela mão o conduzia, moço de cego, té á alma vibratil do dorminhoco.

A principio foi uma musica divina, esse *Nocturno*, toda ella penetrada d'angustias, so-

nhos, extasis, cheirando a lilaz e a rosas-chá — que depois cresceu, rebentou, desafinou, desencadeando bramidos, chufas, berros, quando a vibração dos bordões já ensurdecia na cama o pianista assarapantado, abraçada na voz de *Pimpão,* que se despenhára para dentro da caixa de som do instrumento, e no carcere barafustava, arranhando, mordendo, fazendo escola de Wagner, e emfim, partindo as cordas do piano, n'uma bravura symphonica de fazer inveja ás massas orchestraes do *Navio Phantasma.* — Diziam os familiares do nosso pobre rei D. Luiz, que quando algum celebre cantor o visitava n'Ajuda, ao fim da época, p'ra receber o conhecido habito de Santiago, el-rei, que era um *virtuose* amavel e cheio de verve, ao pedir ao artista, antes da graça, qualquer aria de congratulação que a fundamentasse, sacava da caixa o tão conhecido violoncello, dignando-se acompanhar por suas reaes mãos, o cantador. Mas vae, que de emoção por tamanha honra, o artista lyrico por via de regra desafinava, e amavel, Sua Magestade condescendia a dar tambem a sua fifia, como uma especie de... adhesão democratica, ao methodo de canto do agraciado.

— Fazes tu idéa d'este braverrimo conjuncto de duas celebridades cambaleando na musica, cada qual para seu lado? — dizia-me o Costa espavorido. Assim o gatarrão da Res-

gate, nas cordagens do meu infeliz piano d'aluguer!—que ficou estragado, e teve de ser pago como novo ao armazem, acabando por uma vez esses concertos, que fizeram perder o curso a meia duzia de gerações.

Mas o concerto, o concerto?—Esta cabeça! Imaginam por certo o salão da Trindade, a orchestra ao fundo, uma orla de balcões avançando sobre a plateia, n'um supporte de columnas de ferro, a branco e oiro.

N'aquelle ambito accumulem, até á consistencia de picado, tres vezes o numero d'espectadores que a sala seria capaz de conter... a sangue-frio. Os homens de casaca e tira branca. As senhoras em meio *toilette* de *soirée*. Muitas, bonitas. Na ultima bancada, pela esquerda, estava uma de vinte annos, deliciosa, os braços nús, cabellos crespos em bandós frouxos, esfarripando primeiro sobre a testa, e atados depois n'um monho sêcco e torvelinhante sobre as costas.

Oh, a deliciosa bugiganga de Saxe! com o seu *lorgnon* correndo a sala, e o pé cambrado e estreito, avançando das rendas do vestido, á procura de corações onde esmagar as primeiras radiculas d'um amor brusco e terrivel, que o enigma cruel da sua bocca despertado houvesse... Paciencia! que não tornaremos mais

a vêl-a. Deante de nós, uma senhora edosa e magestatica, com os cabellos grisalhos em corôa, sobre a nuca, typo de sogra, entre a amabilidade e a birra, relanceava os olhos pola visinhança, a vêr se lhe estariam namoriscando as filhas — duas morenas magras, d'olhos baixos, o nariz em tranqueta de carvoeira, luvas curtas, leques de renda, o ar prendado... — d'estas que os jornaes costumam chamar as *virtuosas meninas Felgueiras*, á falta d'attractivo melhor sobre que chamar a attenção. E a mamã, apanhando-se isolada dos olhos indiscretos, roía bolachas, pobre senhora! como uma coelha domestica, emquanto Rey Collaço evocava do grande Pleyel de concerto, a alma rutila de Mendelssohn, glorificada na apotheose immensa, religiosa, innarravel, do seu concerto em *sol menor!* — Ah! madama! que estomago v. ex.ª deve possuir, para assim ter fome de bolachas, emquanto está tocando o Rey Collaço, — rey do piano, collaço de Mendelssohn talvez!

Mas meu Deus! viemos nós de casaca, para v. ex.ª mastigar com essa sem-ceremonia? É escandaloso! Porque emfim, madama, quem digere bolachas n'um concerto, está livre, muito livre d'assimilar musica como aquella que nós ouvimos, antes de hontem, na Trindade. A digestão é um pouco antagonista da sensitividade.

Ou bem que se tem alma, ou bem se possue intestino. O ideal, madama, jurou guerra de morte ao colon descendente. Extravagantes, falstaffianos pneumogastricos v. ex.ª deve ter, minha senhora, para que a musica, que nas mais pessoas alevanta o espirito ás culminancias glorificadoras do extasi, em v. ex.ª sirva apenas para açular, nos plexos infra-diaphragmaticos, a sensação revoltante e burgueza da *larica!*

Porém, se na familia de v. ex.ª se sente tão pouco e se come tanto, porque estão as suas interessantes filhas tão magras? Comer bolachas em *sol maior,* quando era em *sol menor* o concerto de Mendelssohn! — Viu-se uma coisa assim? E para mais, bolachas d'agua e sal! Ainda que, se v. ex.ª ha de ferrar alguma nas ventas dos adoradores de *mesdemoiselles,* melhor será, minha senhora, que ás escondidas vá manducando as bolachitas, emquanto nós, extasiados da agilidade phantastica, macabra, verdadeiramente prodigiosa do pianista, ajuntamos a collaboração inutil do nosso enthusiasmo á sua gloria, e á ovação estrepitosa que elle teve, depois d'uma canção hespanhola que detalhou.

É singular o effeito que a musica em mim produz, quando um artista de genio m'a interpreta. A emoção que eu refiro d'ordinario, simultaneamente ao meu coração e ao meu ce-

rebro, n'um começo de syncope que me esfallece e deslumbra, despolarisa-se e alastra-seme em crises de delicia, por toda a rede dos nervos convulsivados; e bem depressa cerebro e coração se me espalharam no corpo todo, por fórma que a mais vil molecula do meu sêr está transfigurada n'uma pequenina creatura sensivel, epileptisada de som, que se debate e excrucia, gosando, chorando, amputando-se-me do todo, como se a musica lhe houvesse dado vida propria, consciencia artistica, integridade mental, independencia, e habitasse um Freitas Jacome em cada globulo rubro do meu sangue, de lagrima no olho, camisa d'espelho, e lenço d'Alcobaça.

Ah Rey Collaço, meu artista, ouve uma coisa, eu adoro-te. Porque emfim, fizeste-me soffrer.

—Mas o concerto! o concerto!

E pensar que o interprete da magia estranha que o teu talento exerce sobre o publico, é essa caixa de madeira, com os dentes sujos, preto e branco, sorna e velhaca, que em Lisboa não tem feito outra coisa senão alcovitar namoricos, e dar origem a divorcios!

—Mas o concerto, o concerto!

—Ah, é verdade, o concerto... o solo de violino, por Sauvinet, mais langoroso do que

esse favo d'abelhas que se encontrou na bocca d'uma deslumbrante estatua de Phidias, Venus ou Diana, não sei qual...—E a marcha da *Reine de Saba*, realisada pela orchestra, com uma bravura magnifica: e D. Rachel Luizello, no solo de harpa, traduzindo Schubert... Descuidado que eu sou! Venham cá todos, recebam este abraço. E boas noites. Faz um frio... Para mais, tenho um *beef* no SILVA, á minha espera.

O Theatro

8 de Fevereiro.

Findou o praso de tempo pelo governo concedido a um grupo d'actores, para a exploração do theatro de D. Maria. E porque certamente nenhuma companhia disputará, em concurso novo, a posse do edificio, á actual, o governo encarregou o seu fiscal no theatro, de lhe apontar as modificações a introduzir na futura adjudicação, em termos de todos lucrarem: a Arte, os artistas e o publico. É por consequencia tempo de nos determos um instante sobre o papel representado pelos actores de D. Maria, no theatro nacional, e de analysarmos o que elles hajam feito de bom ou de mau, durante os annos em que guiaram, pelos caminhos da gloria, o carro da Arte, com mão de redea, de que uns gabaram a valentia, e

aonde outros não quizeram vêr senão inhabilidade.

É indubitavel que os artistas da companhia actual prestaram serviços ao theatro, introduzindo rigor na *mise-en-scène,* luxo nas decorações, e afinação e propriedade em certos aspectos scenicos, que antes d'elles estavam descurados.

Tendo quasi de todo expungido de scena o reportorio puramente romantico, o reportorio de lances e caracteres excepcionaes—para a comprehensão do qual nem a companhia tinha figuras, nem o publico áquella hora, receptividade—os actores de D. Maria deram-se mais particularmente á comedia franceza de dialogo, typo Sardou e Dumas filho, com um quadro de costumes envolucrando espirituosamente a acção dramatica, a malicia substituindo á socapa a profundeza, e essa factura habil, fasciada de todos os mordentes prismas da fórma, que se não deixa no espirito traço persistente, dá, no momento em que se escuta, um d'esses subtis regalos d'Arte, cuja instantanea nervosidade só busca fazer sorrir, evitando por todas as fórmas o fazer pensar.

N'este genero de peças, de que são exemplo a *Estrangeira,* a *Odette,* a *Fedora,* a *Sociedade onde a gente se aborrece,* etc., com que os artistas de D. Maria entretiveram os primeiros e mais fecundos annos da sua gerencia, se creou

uma escóla de *diseurs* espirituosos, de galans scepticos e d'aventureiras *coquettes*, cuja enformatura, franceza decerto como a litteratura de que provinham, foi o prenuncio d'uma phase nova na arte de representar, em Portugal. As viagens ajudaram alguns d'esses comediantes a recortar, por modêlos da Comedia Franceza, as figuras que deviam vitalisar depois, sobre o tablado: e quanto ao publico, tão preparado elle estava para apreciar os *primeurs* d'essa arte nova, que logo na primeira noite da *Estrangeira* (a peça de debute da nova companhia) não hesitou em fazer uma ovação fremente aos interpretes d'essa estapafurdia comedia de Dumas.

Vieram depois tentativas dramaticas d'outro folego, umas mais felizes de que as outras, e quasi todas recebidas com uma sympathia que se não tem desmentido nunca, por banda dos jornaes e da opinião, e que muita vez chegou á benevolencia—em demonstração da boa vontade de todos, no progresso d'uma evolução artistica tão auspiciosamente iniciada.

A companhia actual, por consequencia, tendo recebido o theatro das mãos do governo, em condições benignas, explorou-o por fórma a satisfazer correntiamente o seu contracto. Na esphera das suas relações com o publico e

com a Arte, tem ella mantido uma diplomacia habil que lhe ajudou a evitar muitos attritos, e uma altaneria d'ideal, que se nem sempre vae tocando as cumiadas do sublime, pelo menos a deixa incolume das reprimendas da critica, a mais feroz.

Por certo que ella trata da Arte, mais como empresa particular, do que como companhia do Estado, prevenindo os escolhos financeiros, pela recusa de trabalhos litterarios que lhe não offereçam garantias de successo, e pensando pouco no futuro da scena portugueza, visto como ninguem lhe incumbiu, valha a verdade, a missão paternal de velar por ella.

Emtanto, se o que ella fez até aqui, foi rasoavel, o que ella ha de fazer, proseguindo o contracto nas condições da primeira adjudicação, temos para nós que ha de ser prejudicial, porque as coisas mudaram inteiramente, e a par das vantagens offerecidas á Arte, por uma companhia constituida como aquella, resaltam já hoje defeitos profundos, e lacunas de todo o ponto insuperaveis.

O governo acaba de fechar o Conservatorio dramatico; n'isso andou bem, que não sahiam de lá senão futilidades, e não se aprendiam lá senão tolices. Mas que tenciona o governo crear em logar d'elle?

Por outro lado, os melhores actores de D. Maria chegam a um ponto da edade em

que o progredir é um facto anormal, e em que qualquer d'elles, forçando o limite das suas aptidões, o mais que póde é viciar o seu jogo artistico, derivar no exagero, que é um signal d'impotencia, e na *pastiche* de si proprio, que é um signal de regressão.

Havia a esperar que os artistas novos corrigissem nos adultos, muitos d'aquelles defeitos, flagrantes já hoje á vista desarmada, pelo natural ciume havido entre homens de proscenio, e pelo orgulho dos mais velhos em se não desthronarem da voga, a beneficio dos mais novos. Mas quem ha hoje em D. Maria que substitua os comediantes actualmente no apogeu? O defeito do contracto é principalmente este. Os actuaes artistas não fizeram um unico discipulo, capaz de continuar a arte d'elles; nem chamaram ao seu gremio uma unica vocação; nem confiaram a ninguem um germen só dos seus processos scenicos: e se ámanhã desapparecerem de scena as cinco ou seis primeiras figuras da companhia, o nosso theatro-modelo ficará reduzido a uma frandulagem d'actores, que até em theatros de quarta ordem seria defeituosa e descabida.

E cumpre dizer que o periodo em que essa retirada póde dar-se, não está tão longe como geralmente se cuida. Dos artistas do theatro, uns estão ricos, e resignar-se-hão qualquer dia a consagrar á scena, apenas uma parcella mi-

nima das suas attenções, fazendo Arte, não por officio, mas por simples dilettantismo e passatempo — outros, ainda fogosos, lá virá uma noite em que adivinhem ter-lhes nascido, com o primeiro insuccesso, o primeiro cabello branco — e quanto ao resto, verdade, verdade, só espera para desapparecer, que um parlamento amigo lhe vote uma reforma.

No dia em que qualquer d'elles se resolva pois, á retirada, os restantes formarão bicha, e a *degringolade* será completa.

Ora ahi está um ponto grave, que o governo necessita de fixar, analysar, e resolver perspicazmente. É necessario que a companhia de D. Maria não só se complete, recrutando pelos outros theatros as figuras typicas de que careça, mas educando e fazendo ella mesma, uma escóla de artistas, em cujas provas venham tomar parte os debutantes de todas as scenas, que em qualquer genero hajam provado algum talento.

Um conselho fiscal — nomeado pelo governo, composto de homens de lettras, e estranho inteiramente á companhia — indicaria a esta o actor ou o discipulo a chamar ao theatro, por fórma a se conseguirem duas coisas. Primeira, que em D. Maria funccionasse sempre uma companhia de primeira ordem, completa, e

feita dos nomes de todos os comediantes de talento, actores e actrizes, que por ahi andam a apalhaçar-se em theatrinhos de *fantoches*, ou que, mais orgulhosos, se afastaram da scena, por falta de um proscenio á sua altura.

Segunda, que a par d'este grande elenco, fosse creada uma companhia de comediantes novos — discipulos, aprendizes, debutantes — que repetisse a distancia o reportorio da primeira, em recitas de exame, feitas diante d'um publico de peritos e homens d'arte, e vulgarisadas depois em *matinées* gratuitas para o povo, aos domingos e quintas—para o povo, que é quem actualmente, por sua necessidade de cultura, impressionabilidade ingenua, e boa-fé, mais póde aproveitar com o theatro de declamação. Mais explicado: a minha idéa seria fazer funccionar em D. Maria, ao mesmo tempo, a Comedia Franceza e o Theatro de Applicação, de Boudinier, sob as vistas do Estado é certo, mas deixando á iniciativa dos actores toda a amplitude de acção que convém a uma arte livre, como a do theatro. Para ajudar a erguer a scena portugueza, pela fórma que disse, era necessario que o Estado subsidiasse, com uma relativa largueza, a companhia, retirando a S. Carlos metade dos contos de reis que lhe concede, e que, sob o ponto-de-vista dos resultados praticos, só representam uma escandalosa protecção aos passatempos d'uma

classe social, que sendo rica, deve pagar ella só os seus prazeres, e uma injustificavel tolerancia pelas escamoteações dos empresarios d'opera lyrica, que gastam a época a contractar e a rescindir artistas sem garganta, e a vestir as grandes operas de farrapos. Com uma companhia vasta e escolhida, já o reportorio de D. Maria poderia alargar-se a generos dramaticos, que a actual companhia tem deixado cahir—por exemplo, as comedias e dramas de Dumas pae, Jules Sandeau, Musset, Madame Girardin, Victor Hugo, etc.—toda a opulenta litteratura dramatica de 1830, em que Emilia das Neves e Rosa pae pozeram tanto brilho—e que, sob os aspectos da arte pura, está outra vez ganhando voga em França, restituida ao favor da critica, e á sympathia emocional das multidões. E não allegar contra a resurreição d'esta litteratura sobre os nossos palcos, a sua inverosimilhança e artificiosa tessitura, para fazer valer em logar d'ella, as frias comedias sarcasticas e refinadamente mundanas, da moderna dramaturgia parisiense. Na nossa actual sociedade ha para tudo um canto d'alma. A verdade é sobre o tablado, uma coisa absolutamente subalterna.

Comprehende-se que uma platéa de pessoas cultivadas, lidas e vividas nas chronicas do *Gil-Blas* e na physiologia amorosa de Paul

Bourget—dyspeptica em tudo, nas digestões e na philosophia, fanada de tudo, sem flammas na inspiração, sem saude na *verve*, e toda ella espatinando em clownismos de nevrose, á procura na arte, não d'um agente reparador que a dessedente dos esfalfamentos honrados do trabalho, mas d'um excitante, que lhe resurja a sensibilidade da apathia glacida em que ella dorme — comprehende-se que uma platéa assim, só ache encanto nos dialogos da *Francillon*, cujos personagens são manequins escorando theses sociaes, e cuja ironia amarga tem, na limpidez suprema, a suprema perversidade.

Mas des'que a plateia do theatro deixe de ser exclusivista, e se povôe de gente de trabalho, sã de corpo e primitiva d'espirito: desde que D. Maria deixe de ser um theatro d'aborrecidos e de litterarios, para começar a receber tambem a gente do Circo, da rua dos Condes, e do Principe Real—e a difficuldade está no preço dos logares, e em acabar a tolerancia da auctoridade, quanto á usurpação feita aos interesses dos artistas nacionaes, pelas companhias estrangeiras — o reportorio romantico, bem escolhido, está claro, voltará ao favor, porque nenhum como elle tem mais ardor na contextura, mais impulsivo poder d'emotividade, e mais habilidosa acção nos caracteres. Todos nós veriamos com enthu-

siasmo, resuscitado por exemplo, o reportorio de Emilia das Neves, por um centro dramatico que tivesse como esta, o segredo de fazer brotar da sarça do seu genio, alguma d'aquellas figuras tragicas e fataes, que ella envolvia com tão soberba grandeza nos seus mantos de velludo e oiro, de seis metros! Todos nos disporiamos a auxiliar do melhor grado as tentativas shakespereanas de Brazão, tão juvenilmente audaciosas, com um cortejo de segundas partes, que antes d'entrar em scena tomassem o pulso ao personagem que lhes tivesse sido distribuido.

E mesmo na dramaturgia nova, quantas obras-primas sequestradas á audição dos espectadores, por falta d'uma mulher, que como Lucinda Simões venha dar chamma áquellas mordentes peccadoras do *Demi-Monde,* da *Femme de Claude* e da *Princesse Georges,* com a sua desdenhosa belleza, a sua voz sacudida, e a rara, a incomparavel intenção que ella sabe pôr nas creações dramaticas por que se interessa!

Recapitúlo. É indispensavel que o governo ponha o theatro em pé de guerra, facultando escriptura em D. Maria, aos actores de talento que por ahi andam a vegetar nos pequenos palcos, e agremiando os debutantes n'uma

companhia que prepare e salvaguarde a arte do futuro, pela fórma que eu disse, e sob a egide d'artistas consagrados. É indispensavel que o governo dê subsidio ao theatro, afim de que elle possa dar representações gratuitas, ou a preços infimos, ás classes inferiores, em certos dias, e as vá desviando assim dos circos de funambulos estrangeiros, cuja estação d'inverno em Lisboa é um abuso, que temos esperança haja de acabar, em pouco tempo. É indispensavel que estas escripturas d'artistas estejam fóra da acção da companhia, por evitar que as emulações de scena prejudiquem a arte, como parece que até agora teem prejudicado. E outrosim deveria o Estado acobertar da penuria, a invalidez dos comediantes, com reforma aos que houvessem servido o publico durante um certo periodo, mas sempre fazendo entrar o numero e valor das creações do artista, como elemento de calculo para a fixação da cifra monetaria d'aquella reforma. Só assim lograriamos crear talvez uma companhia-modelo, capaz de desempenhar-se bem d'um grande reportorio, e susceptivel d'exercer influencia nos theatros subalternos, aonde a sua acção jámais chegou, mercê dos *Saltamontes*, que são agora o modelo dilecto, por vergonha o dizemos, de quasi todos os actores que n'aquelles theatrinhos representam.

A Batalha das flores

16 de Fevereiro.

Des'que se prova á evidencia que o homem —o *boi humano*, dizia um diabo—necessita de pelo menos tres dias, para desopilar a carcassa dos enfados e contratempos que o resto do anno lhe acarreta—porém carece d'um tal desafogo, assim como os doentes carecem de remedios, e os doidos furiosos de camisolas de força—recusar-lhe o Carnaval, é sequestrar-lhe a nutrição d'um excitante, a que o homem tem direito, pela architectura especial da sua natureza, e exigencias typicas da sua cerebração.

Mesmo, pessoas ha, cuja saude reclama um Carnaval muito maior do que os tres dias, antes que ellas possam desanesthesiar-se do tedio minaz que a vida pratica lhes incute. Os

homens de lettras, por exemplo... Eu por mim não me envergonho já de lhes dizer que, ao longo dos trezentos e sessenta dias do anno, tenho fundados uns vinte ou trinta Carnavaes, para meu exclusivo regalo e deleite, e que quando algum d'elles desponta no calendario, não me repugna nada ir de chéché ou de zuavo, enfarinhar as pessoas das minhas mais intimas relações. Mais...

O que os jornalistas todos os dias fazem, do alto dos seus artigos de fundo; o que fazem todos os dias os gazetilheiros e os folhetinistas, de dentro dos seus humoristicos boletins, não será porventura uma mascarada pittoresca, bizarra, um pouco cynica, macabra e sempre diversa, em que Pierrot enfarinhado grita ao publico, disfarçando a voz e as convicções:

—Tu não me conheces, parvalhão?

De quantos e quantos não sabem vocês, que se comprazem de envergar por anno, quatorze ou quinze *costumes* differentes, e pouca gente os conhece n'aquella successão de passos difficeis, pelos quaes elles só pedem a evidencia e... um conto de reis de ordenado.

Ora eu lhes vou contar um casosito: Ha de haver coisa de duas semanas... duas semanas talvez não haja ainda...—Mas este caso ia ser

longo, e eu não quero já agora perder a linha impulsional do meu assumpto.

Estabelecido portanto, que o Carnaval deva inscrever-se na lista dos tonicos efficazes, e dos agentes de assimilação mais preciosos, nada legitimo como applaudil-o a gente, e fomental-o, participando das suas mirabolancias, e derreando as cadeiras, no turbilhão das suas funambulices. Foi o que eu fiz este anno. Ah! mas estive intrepido, archi-divertido, magnifico! Até fui preso. E gostava que vissem o gentilhomesco orgulho de pandego, com que fui visto desfilar na via lactea que leva o incauto viajante, desde a Avenida, até ás enxovias do governo civil.

Entretanto, a minha ideia era que o Carnaval antigo voltasse, o valente e encanzinado Entrudo dos nossos avós, á laranjada, á seringada, ao berro, ao pulo, com mariolões deitando sangue das ventas, uns sem chapeu, outros sem fundilhos, aquelle enfarinhado de branco, aquelle enfarinhado de preto, e todos espadanando das boccas abertas té á nuca, d'esses risos largos, estridentes, vermelhos, cuja cascalhada recorda, na exuberancia pelo menos, o despenhar de uma cascata, em grandes novellos d'agua pura. Carnaval de gente viva, Carnaval de gente musculosa, equivalendo ás

pégas de toiros, como demonstração de alegria mascula—um arremedo talvez da antiga kermesse hollandeza, em cuja trama vibrasse uma scentelha de graça, n'uma scentelha de bravura, n'uma scentelha de hombridade.

Porque, na verdade, estes Entrudos de Lisboa são quasi uma coisa indecente, á força de estarem sendo uma coisa inoffensiva. Parece que já não ha povo, e que o atracão deixou de ser um dos mais agradaveis passatempos, a que deva dar-se um operario *catita,* em dias de balburdia. Queixava-se até uma cigarreira, dizendo á camarada:

—Que chôcho que foi! Até nem beliscões davam nas mulheres!

Nos divertimentos publicos, melhor do que em nenhuma outra fórma d'actividade, vae o observador buscar factores, para bem estatuir sobre a feição typica das diversas classes e corporações d'uma cidade. Ora Lisboa, atravez do Carnaval, parece que é formada d'uma só tribu, a dos soporiferos.

Ia sendo injusto. Em tão assignalada decadencia, é meu dever abrir parenthesis d'applauso á associação de janotas, *Turf-Club,* que no Chiado, este Entrudo, diligenciava reportar-se aos grandes jogos carnavalescos do penultimo seculo, arremessando tremoços em gran-

des saccos e bandejas, em tanta copia, que o transito interrompeu-se, e só os estimaveis pernaltas, Arthur da Costa Pinto, e o seu collega D. Augusto, conseguiram passar da Havaneza para a rua Nova do Carmo, saltando com as suas incommensuraveis pernas, o Hymalaia de cereaes que interrompia a rua Garrett. Ah! foi surprehendente essa campanha, como reconstituição d'archeologia pagodeira!

E, mau grado os modernismos de *toilette* e de typo, o espirito não punha esforço em regressar de cem annos, ante uma tão singular chuvada, aos Carnavaes em que era fino despejar uma menina a tigela da casa, janella abaixo, sobre a casaca de setim e os bofes de *Valenciennes* do seu apaixonado.

Esta dedicação dos *gentlemen* supra, pelos antigos brinquedos, é dos mais fogosos exemplos de tonteria e pachorra que Lisboa tem visto, desde a mala do imperador do Brazil, até hoje. Tres dias e tres noites, aquelles gommosos irreprehensiveis, filiados pelo sangue e pelo dinheiro, nas culminancias da vida luxuosa; tres dias e tres noites foram vistos á janella do seu retiro de pacatos, despenhando as suas saccadas de tremoços, n'um *brouhaha* excepcional, surpresos e encantados de si proprios, de haverem, em tão curto lapso de tempo, ideado uma tão surprehendente, quanto aristocratica diversão. *A quelque chose,* porém, *bêtise est*

bon. D'aquellas pequenas sementes, tão amargas e tantas, e mais prodigamente atiradas á rua — nem admira — do que o marquez de Niza costumava atirar as libras, algumas, involucradas e retidas na trunfa de profundos pensadores, como o sr. Cunha Seixas, lá conseguiram medrar e florescer. E poderiamos citar homens d'Estado e professores, cuja cabeça, inteiramente sonegada á funcção de segregar ideias, está conquistando creditos superiores aos das Terras do Desembargador, pela abundancia de *bajes* em que ha metamorphoseado o melhor da sua seiva, e da sua caspa.

Com a Avenida, o Carnaval generalisou-se a todo o percurso vastissimo que vae entre S. Roque e a Alegria, pela cidade baixa. Viu-se uma população vir descendo as collinas dos seus bairros proletarios, de gasnete estendido, o olho avido, a bocca hiante, para logo enxamear nos pontos mais pittorescos de todo aquelle dilatado trajecto, anciosa por divertir-se.

Fôra o caso de haver corrido em Lisboa, que este governo, solicito e mais que nunca abrazado na paixão das reformas, determinára a seu turno, não havendo já que reformar, erigir a terça-feira gorda n'uma surprehendente exhibição de magnificencias, onde a arte, a belleza e o luxo, podessem desatar-se em caprichos nunca vistos, desenrolando pelas ruas d'esta entorpecida cidade, uma d'aquellas gran-

des desfiladas theatraes, cheias d'evoluções, de musicas, carros scenicos, e deslumbrantes vestuarios, com que os tyrannos das cidades italianas se compraziam de receber, durante a Renascença, os embaixadores e principes da sua predilecção. Prestára-se a nobreza a vir em auxilio d'este projecto ostentoso, já por inaugurar com elle um systema de festas, a que a nova côrte sem duvida gostaria de dar relevo, collaborando nas suas pompas; já por se fazer saber aos estrangeiros, de como seria possivel, querendo elles, transferir para as margens do Tejo a elegante hybernagem de Nice, onde as friorentas millionarias de todo o mundo, podessem vir cruzar as suas equipagens, e dar expansão aos seus caprichos d'andorinhas migradoras, em todas as sortes de *parties-fines*.

Na segunda-feira, de feito, eram tres horas, a Avenida estava cheia de gente, e viu-se, pela primeira vez em Lisboa, uma d'essas prodigiosas loucuras, panoramicas, irisadas de phantasia, corruptas d'arte, estonteadoras de luxo, debordantes de prodigalidade, que, se por muitos annos deixam abaladas as fortunas mais compactas, toda a gente as celebra depois com apostrophes d'assombro, tempo e tempo, por mais que os seculos se empenhem em puir as arestas da sua extraordinaria architectura.

A Avenida, já sabem, é a mais admiravel

passagem de toda a Europa. Alli converge, e por alli passa tudo quanto a travessa do Alcaide e a rua da Adiça contam de mais sumptuoso e de mais distincto. Nem o Passeio das Tilias, á hora do imperador Guilherme vir á janella, depois de jantar, nem o Prado em dia de touros, recebendo as tumultuosas aguas da Atocha e Recoletos—esses dois rios madrilenos, em cujo leito espumam as mais desencontradas populações—nem Rotten-Row, no Hyde-Park, durante a primavera de Londres; nem aos domingos o Pratner, em Vienna; nem a Avenida das Acacias, no Bois, das tres para as quatro horas, quando já os lilazes veem desabrochando... nada d'isto póde estereotypar na memoria, sequer uma apagada parecença do que seja, depois da missa de S. Domingos, a Avenida da Liberdade. Alli se enfileiram os mais opulentos palacios de que ha memoria, depois dos palacios de Thebas, com atrios em que se ouvem ciciar queixumes de fontes, e jardins, onde a flora exotica desengurgita em phantasticas creações, as suas seivas venenosas e subtis. Na renda das sacadas e na columnata dos perystillos, na aerea graça triumphal das esculpturas e na riqueza asiatica dos *interiores,* a mesma indole ardente se revela, d'uma nação de dentistas, esbrazeada ainda pelas intimidades do Oriente (que no dizer das lendas conseguiu avassallar—já é!...)

e procurando transplantar-lhe as sumptuosas chimeras, para debaixo dos seus tectos esculptados.

Ponham agora n'esse ambito vasto da Avenida, e circumscripto entre as architecturas delicadas que eu disse, o mais delicioso jardim d'inverno que póde o sol cobrir e fazer desabrochar, entre jogos de agua, tufos de levingstonias, petunias, coleos, rododendros e azaleas — dentro dos jardins, uma população *travestida* em costumes de todas as phantasias, acercando-se de mesas carregadas de fructas e vinhos historicos, jogando os dados n'uma ganancia expressa em arias de Meyerbeer, afagando lebreus da Argelia, mais negros que o azeviche, e indo e vindo pelo braço de raparigas morenas, esbeltas como amphoras, musicas no gesto e na palavra, tranças caídas, a perna desenhada firme, um cabazinho de violetas no braço...

Teem-se no emtanto escancarado as janellas de todos aquelles palacios. Colchas da Persia e da India tombam dos varandins, á flôr da aragem, ondulando as suas franjas de perolas, n'uma trepidação isochrona com o arfar dos toldos de seda, e dos para-soes japonezes, bordados de chrysantemos de purpura, carpas de prata, e cegonhas de setim branco. Oh! como

o turbilhão de adoraveis patricias, cacareja e ri, n'aquelles varandins de marmore esculpido, vestidas como as fidalgas do tempo d'Anna d'Austria, e relampejando bordados de oiro e constellações de diamantes! Teem no rosto a meia mascara, quasi todas, atravez de cujas frestas scintilam olhos portuguezes, os mais bellos do mundo, capazes de fazerem empallidecer os soes. Velhos de longas barbas, vestidos como doges, offerecem-lhes *bon-bons*, em saquiteis de velludo bordado com o espalhafato de seus brazões e monogrammas. São centenas e milhares talvez, muitos milhares, d'aquellas encantadoras creaturas, bellas como a luz, e mais frescas do que a aurora, cujas divinas mãos deixam caír dos seus balcões, sobre quem passa, camelias ás nuvens, que os pagens lhes apresentam em açafates de oiro trabalhado. N'esse ambiente de galanteria cortezanesca, em que a opulencia prima de ir pela mão do bom gosto, n'uma estrada d'emoções sublimadas successivamente pelos dictames da arte, a mais pura, té os mendigos se acurvam para apanhar do chão aquellas flôres, e felizes, já sem fome, transfigurados nos seus rasgões, e mais orgulhosos do que imperadores! Cada vez, cada vez mais accresce a turba, e se agglomera, na grande Avenida, que é, já lhes disse, a primeira *passagem* da Europa... para o chafariz da Alegria, sobretudo.

Entram a circular carros de gala, doirados, pintados, esculpidos com allegorias e chimeras, cobertos de jacinthos, tulipas, violetas, lilazes, onde os ricos senhores estatelam a magnificencia dos seus costumes, n'uma pompa solida de monarchas. Á volta de cada um d'esses vivos ramilhetes, todos aljofrados do riso crystallino das mulheres, repete a turba a cifra dos gastos prodigalisados para aquella loucura d'um só dia—quinze contos, vinte, trinta, quarenta contos!... Todas as flexiveis vergonteas da arte, da nobreza, da litteratura, da politica, alli vem desabrochar, n'alguma efflorescencia d'*élite,* estranha, pittoresca, imprevista; por fórma que é hilariante o mosaico, e Nice empallidece ao pé d'um tão prodigioso bazar. Empallidece, empallidece! O banqueiro Herbert Stern atirando á multidão pastilhas de chocolate, em saccos de pellucia bordados a matiz, este anno, em Nice, no *Passeio dos Inglezes,* dentro d'um carro representando uma gruta marinha; mademoiselle Rey distribuindo leques de pennas e cestinhos de rosas, em torno a cuja ansa volitam passaros azues das Filippinas, captivos por correntes de platina e oiro; mr. de Saponoff e o conde Adhemar de Gransac, descendo das suas *villas* de S. Raphael, em carros de crystal com a physionomia de pagodes, afestoados de goivos brancos e violetas de Parma... mas apreciem-nos, tra-

gam-nos cá, vão comparal-os a estes nossos magnates de segunda-feira gorda, e vel-os-hão ficar fazendo simplesmente uma figura de sendeiros.

—Que riqueza! Que prodigalidade! Que loucura! dizia o povo apertando as fontes de vertigem.—E esbugalhava os olhos d'assombro! —Parece incrivel! até deitam fóra as pontas de charuto!

Emfim, nenhuma magnificencia das que nós dissemos, se exibiu hontem na tão annunciada batalha das flôres. Entretanto, a sociedade de Lisboa não póde deixar de ter dispendido na festa, para cima de vinte libras, afóra cigarros, gorgetas aos cocheiros, e miudezas.

Infelizmente o tempo enfarruscou-se, como um anarchista, franzindo a testa ante a prodigalidade insolente dos senhores banqueiros, e pelas quatro horas, uma chuvasinha miuda, socialista, impertigada, começou a peneirar-se do ceu, emquanto as duas duzias de carros ornados, passavam e tornavam a passar uns pelos outros, tristes e murchos, trocando entre si raminhos de flôres inoffensivas. Esta batalha não passou afinal d'uma campanha da Sabuga, com chuviscos de sobejo, abundancia de chapeus de côco, e uma certa avareza de camelias.

O mesmo desfilar dos carros vinha somno-

lento, e o jogo de ramos tão friamente exercitado, que o automatismo da festa para logo deixava vêr enthusiasmos de enxertia, n'aquella adaptação do Carnaval de Nice, aos nossos habitos.

A turba de espectadores crescia sempre, sob a chuva, apertando o corredor da desfilada, n'uma muralha da China de chapeus de chuva. De dentro das tipoias, de quando em quando, saía um braço, na attitude de atirar a outro, uma camelia, mas logo depois o braço retrahiase, desgostado, mettendo outra vez a camelia no cabaz.

Por baixo dos toldos, narizinhos roseos, franzidos, timidos, espreitavam o ceu pardo, como bicos de pombas friorentas. Dos chapeus dos cocheiros pingava agua, em gottas lamentosas. Um tempo horrivel, que a todos punha de humor encanzinado.

De furioso, até o sr. juiz Miguel Osorio arvorou, n'um *bouquet* de lapella, as duas côres hespanholas, por ameaça ao ceu de Portugal.

O mesmo Guedes do asylo, por entre tufos de acacias, dizia pragas.

Damas com plumas, truculentas, tornavam os bolieiros responsaveis pela ensopadella dos chapeus. E no desastre da festa, sob as aguadas sardonicas da tarde, o proprio Adriano Forjaz disse á familia...

Raio de Carnaval!

Concurso de Pintura historica

24 de Fevereiro.

Abriu hontem a exposição de quadros, concorrentes ao premio de 3:000$000 de reis, que a Camara se propunha dar ao artista mais feliz n'uma composição historica, que tivesse por asumpto: *Vasco da Gama, partindo para a India.* Realisou-se infelizmente o que previamos. A exposição é carnavalesca, e mesmo que não tivesse sido aberta em domingo magro, nem por isso deixaria de ser o que é, uma *pochade* no genero da exposição dos Incoherentes, talvez ainda peor. E ainda peor, porque a exposição dos Incoherentes, em Paris, salvo o intuito comico que a dictára, era cheia de lampejos de talento, de detalhes d'observação e saraivadas de humorismo, emquanto a nossa, se alguma coisa revela, é

uma chateza inaudita, não só do que propriamente seja sciencia de *métier*, senão no que, por alguma fórma, podesse significar o gosto, a erudição historica, o sentimento poetico na arte de resuscitar, pelo pincel, uma época tão opulenta em episodios dramaticos, como a época das nossas descobertas.

Damos uma resenha rapida das nossas impressões, perante os paineis que acabamos de vêr, no salão de honra da Camara Municipal de Lisboa.

Quem mais nos agradou foi MALHOA, que deu uma oleographia agradavelmente colorida de vermelhos, amarellos, e azues mui floreados. Sobre um pedaço de caes, vê-se o rei D. Manuel debaixo d'um pallio, entre os gentis-homens e pagens da sua côrte. Em baixo, no rio, um bote cacilheiro contém o Vasco da Gama com um estandarte branco de cruz vermelha, e meia duzia de figuras mais, rasoavelmente esboçadas. O grupo do rei e da multidão que o cerca, tem n'este quadro, uma certa vida theatral, que resae bem, no tom perola do ceu. É pintado com desafogo, e mesmo que não seja sublime, é agradavel. Quanto aos accessorios do quadro, as caravellas ao longe, dois ou tres botes que se afastam, mediocres.

Na ordem d'escolha que fizemos, e que sendo-nos absolutamente pessoal, não tentaremos impôr a ninguem, vem Costa Lima. Sem a côr baça de que está saturado, o seu painel, seria o melhor. Ha duas ou tres figuras commovidamente tocadas, como a de Vasco da Gama, curvando a cabeça á benção do velho frade, como as dos barqueiros que estão por traz d'elle, arregaçados e rudes, e como a do monge que avança na escadaria, de mão erguida para abençoar o navegador! O ceu é mau, e a agua tambem. Quanto ao D. Manuel, se o cavallo avança um pouco, é um homem perdido, porque se afoga no Tejo, com toda a certeza.

Gameiro (Dido). A cinco metros de distancia, este quadro parece bordado a lã frouxa. Vasco da Gama, em côr de canario, canta. Não admira! Recommendo-lhes no primeiro plano, á esquerda, os olhos azues d'uns barqueiros côr de chocolate, que parecem agradavelmente surprehendidos de que a traça os não tenha manducado ainda. O quadro do sr. Gameiro, não tem graça, e offende—pois significa a mais escandalosa falta de respeito que possa ter-se por um assumpto, que além de grandioso, lhe não fez mal nenhum.

Barradas. Partida de varios cirios para a Atalaya, em varios botes cacilheiros, que para em tudo o serem, até levam olhos de goraz pintados á prôa.

Detalhe picante nos *reinadios* que vão foliar á romaria: são todos corcundas. No caes, o sr. bispo de Meliapor deita a benção a um homemzinho de vestimenta fôfa, que lhe não presta a menor attenção, o malcreado! No primeiro plano, á direita, dois garotos em camisa, preparam-se para tomar banho. Porque é que o sr. Barradas não postou um banheiro ao pé d'estas creanças? Por estas e por outras, é que ha desastres.

Marques Guimarães. Estando ainda fresco o quadro d'este artista, veio um boi, e lambeu-o. D'outra fórma, o quadro seria ainda peor. Ha tambem caes, um caes comprido, sobre o qual corre um tapete velho e muito sujo. O rei D. Manuel, que é uma pessoa de pau, com um manto de paninho vermelho, tem sobre os hombros a cabeça do Romão, de S. Carlos, e parece ir a dizer o quer que seja a um Vasco da Gama de palha de centeio, caracterisado de Moraes.

Olhando este grupo pathetico, um monge

branco, atraiçôa na cara uma secreta inveja das confidencias que o rei de paus está fazendo ao navegador de palha de centeio. Sobre uma coisa rôxa, vê-se uma coisa preta, dentro da qual está de pé, uma coisa côr de cinza, com um boné de jockey na cabeça.

Ao fundo, laivos brancos, pretos, cinzentos e castanhos, fazem d'armada real. Pela direita, em borra de vinho, está sentado o sr. de Bulhão Pato, com uma das mãos apoiadas na bengala, e a outra mão no quadril, em tom provocador. Como de costume, o illustre poeta diz muito mal da geração nova, cujas aventuras fustiga a golpes de ironia. Nota-se com pasmo, que a mão que se apoia á bengala, quasi que attinge a ponteira d'esta. Possue o painel, além d'isso, uma rica moldura doirada, bello *travalho*, que infelizmente a Camara não considera elemento de concurso. D'outra fórma, o premio era certo.

Felix da Costa. Este artista é tudo, da Costa: vivo da costa, pintor da costa... — só se nos não afigura possuidor de costados com que metter hombros á gloria. Manda duas provas, ambas ellas muito acabadinhas, e qualquer das duas, dando... á costa. Não ha senão carecas, nas provas d'este pintor.

Recommendamos-lhe o *oleo da Persia*, ou

para cabelleiras postiças, o Magalhães da rua da Prata.

Greno. É uma terceira prova do sr. Felix da Costa, com pseudonymo.

O que tem de picante este quadro, é uma exploradora, de vestido lilaz e capacete de miolo de figueira, que parece resolvida a abalar tambem, para longes terras. Procede mal, minha senhora! As descobertas da India, são uma aventura... só para homens.

Condeixa. Quarta amostrinha do quanto póde a facundia de Felix.

Figuras muito lindinhas, nem uma só côr no seu logar. As que teem cara azul, vestem gibão côr de carne, botas amarellas, espada verde, e assim por deante.

Impressionismo!

Rodrigues da Silva. A sopa juliana applicada á pintura historica. O melhor processo para se apreciar esta maravilha, é fazer um oculo com a mão direita, collocal-o á altura das sobrancelhas, fechar em seguida os dois olhos... não ha nada mais encantador!

J. Vaz. Boa marinha, seu Soares! Um bote ao meio da scena, com uma colcha amarella na amura, conduz tres ratões, em costumes ricos, que vão provavelmente assistir a um baile de mascaras no Lazareto. Ao fundo, uma linha d'agua luminosa, velas de brigues, e a feira de Belem, adivinhada apenas, n'umas *silhouettes* de barracões.

Columbano Bordallo. Baile de mascaras em Porto Brandão. É talvez para lá que se dirigem os tres ratões do bote de J. Vaz. O tempo porém, é que mudou, porque faz pardo em tudo, na agua côr de barrela do rio, nos tons dos vestuarios, no arrepiado das attitudes, e no ar triste, amarellento e morto das casas e dos grupos espalhados pela areia. A cada um dos lados do quadro, está um grupo de hystero-epilepticas, manhosamente escapulidas das enfermarias do dr. Craveiro, de bocca torta, a carapuça deslocada, e o ar mais bréjeirão que se tem visto. O grupo da direita, occulta nas mãos o rosto envergonhado. O grupo da esquerda, olha o centro do quadro, de soslaio. Porque razão? Ponho-me a vêr, e vae, deparo com um ginja alcachinado, que sem pudôr ourina em scena, — o malcriado! — sobre os

vestidos esparsos d'uma figurona voltada, e que parece não ter sentido ainda, o douche quente. O grande mariola do velho! E os *Lusiadas* a elogiarem-lhe o *aspecto venerando,* hein? Ora abotoe-se, ande!

Lisboa monumental

4 de Março.

Entre as boas coisas a admirar na Lisboa futura, não se esquecerão os guias d'inscrever, ao pé da estação manuelinha (estylo Manuelinho... d'Evora), as fontes monumentaes do sr. Fuschini, actualmente em construcção na praça do Rocio.

Lisboa sempre tem sido forte em monumentos, e não é de hoje que a ingerencia nas coisas do bom gosto, anda á mercê das pessoas de gosto-caraïba. É deitar vista ás estatuas que por ahi negrejam ao centro dos squares, aos chafarizes, e ás fachadas de luxo — quer de edificios publicos, quer de residencias particulares — para de logo entrevêr que não descendem dos gregos de Praxiteles, nem são Medicis, os patos bravos a quem as muni-

cipalidades, os comités patrioticos, e os proprietarios, encarregam de render preito, pelo bronze ou pelo marmore, a qualquer heroe, ou a qualquer estylo architectonico.

Desde o poeta Camões, enramado de louro, e de capa no braço, com o ar de quem vae fazer uma sorte d'espada; desde o duque da Terceira, de cinta espartilhada, e attitudes de bailarina, parecendo ir dançar o solo inglez, a pedido dos catraeiros que se catam por alli, no Caes do Sodré, encostados aos portaes das agencias de vapores; desde a fachada do sr. marquez da Foz, ornada de Mósersinhos nús, e de borrachas de injecção, até á fachada do sr. Ribeiro da Cunha, ornada de melancias; desde a sala das sessões da Camara Municipal, com retratos de casa de penhores, e decorações de kiosque brazileiro, até á sala de leitura da Escóla Polytechnica, com urnasinhas de gesso á beira das lucarnas, e attributos de galanteria... horisontal, nas estucagens do tecto—tudo refila pelo mesmo ideal catita e reles, afadistado e bréjeiro, que teem sempre as obras do curioso amador, quando desajudadas de educação artistica, de reflexão e de conselho, e servidas a titulo de melhoramento publico, sob a condição secreta de haverem primeiro beneficiado ou lisonjeado, um certo e determinado particular.

Não queremos fallar aqui senão das obras

publicas—salvaguardando, está claro, aos particulares, o direito de incrustarem, nas suas propriedades, todas quantas phantasias de pacotilha, passem pelo bestunto dos seus architectos e mestres d'obras.

Aos propulsores das primeiras, porém, deveria a experiencia ter mostrado, que sendo a obra de todos, e não abundando nos nossos peritos, a inventiva d'arte, subsidiadora da concepção original, era justo se chamasse a concurso a inspiração de todos—desde o primeiro dos ministros d'estado, até ao ultimo dos guarda-portões — escolhendo-se entre os conceitos e observações que o edificio ou a estatua a erigir, despertassem no cidadão anonymo, no *passant*, aquelles promenores e detalhes, que mais finamente dissessem ao espirito do monumento em questão, visto como, lá onde a inspiração d'um artista cansado emmudece, póde a cabeça inedita d'um homem do povo, vir dizer alguma coisa de grandemente engenhoso, e singular.

Quando se fallou em levantar a Luiz de Camões, o bronze que todos conhecemos, e se escolheu para este auto-de-fé a angulosissima e archi-torta praça do Loreto, uma obscura voz, que nenhum dos proeminentes quiz ouvir, lembrou que o monumento do poeta devera

inaugurar entre nós um luminoso cyclo de justiça, atravez do qual iriamos pagando, pela consagração publica do marmore e do bronze, a grande divida da gratidão portugueza, a todos os titans e semi-deuses immortalisados nas estancias dos *Lusiadas*.

O local mais adequado á exhibição d'essa galeria vastissima de heroes e grandes genios — a começar por Camões, e a acabar no infante D. Henrique — era o Aterro, desde o Caes do Sodré até Belem; e cumpria crear, dizia o anonymo a que alludo — cumpria crear um typo de pedestal e de tamanho d'estatua, que bem dissessem na facha de terra conquistada ao rio, entre as arvores das alamedas, e taboleiros de relva sempre verde, em termos do estrangeiro, entrando o Tejo, ser recebido na margem por aquella guarda de honra de navegadores e de poetas, mathematicos, chronistas, guerreiros, descobridores e grandes capitães, que fazem o mundo heroico do poema, e são o orgulho da nossa historia, e porventura já hoje, a razão de ser da nossa autonomia.

O desconhecido sympathico, que aventou esta ideia tão grandiosa e cheia d'intenção, provavelmente não era de *coterie* nenhuma consagrada, nem fazia parte tão pouco, d'essas commissões pomposas de homens publicos, d'encyclopedistas-caixeiros, cuja idiotice os go-

vernos pagam por bom preço, e é quasi sempre funesta ás coisas do intellecto.

Obscuro como era, aquelle homem—ninguem o ouviu. E os bonecos de bronze continuaram a ennodoar os soclos de marmore, ao centro dos largosinhos-saguões da capital, assim com ar d'excretos negros, que do alto tivesse feito caír, sobre a cidade, um passaroco cynico e agoureiro.

Ao fallar-se de erguer um obelisco á gloria dos revindicadores da Independencia, a mesma obscura voz, saída não sei d'onde, mas obedecendo sempre a um senso critico de rara lucidez, opinou, se deslocasse o monumento do sitio onde hoje está, para o alto da Avenida—no sitio onde deve ser collocada a estatua do Marquez,—onde a agulha destacaria com imponencia, branca e severa, sobre o panno de ceu azul-ferrete, nobilitando assim as perspectivas do fundo, e pondo ao fim d'aquelle immenso corredor de commodas baratas, ao menos uma nota heroica, onde a vista do espectador podesse repousar com emoção.

Para o effeito decoral, necessariamente grandioso, que resultaria de se collocar o monumento n'aquelle ponto optico, era necessario amplificar-lhe ainda mais as dimensões, diminuir-lhe a profusão florida dos adornos, tornando-o severo e de grandes linhas lançadas d'um só jacto, por fórma a infundir espanto,

em vez de guardar a lambida fórma de pesa-papeis que hoje conserva.

Seria necessario pôr-lhe no soclo, estatuas duas vezes maiores que as actuaes, uma Victoria e um Genio da Independencia, dignos do hausto patriotico dos homens de 1640, e não do platonismo maniaco da Sociedade Primeiro de Dezembro, cujos socios, officiaes reformados quasi todos, antigos merceeiros, poetas esquecidos, só evocam a alma da revolta, de lunetas fumadas, e com a philarmonica de Caneças a latir o hymno, perante o 1640 escripto a gaz no varandim do palacio-caserna dos Almadas. As peripecias do assentamento do obelisco, no pedaço de rua que hoje dá pelo nome de Praça dos Restauradores, daria por si só toda uma farça.

De cada vez que era necessario chumbar as lettras doiradas d'uma victoria, na agulha de marmore, onde em boa justiça só deveriam ter posto um thermometro modelo — tanto aquelle movelzinho recorda um *bibelot* d'escriptorio — reunia-se a commissão executora da obra, na grande sala de honra dos Almadas... vinha o general Maciel, vinha o José Silvestre Ribeiro, vinha o Rosa Araujo, o Sanches de Baena, o padre Figueira, o poeta do D. Jayme... e alli, horas e horas, os sacrosantos caturras discu-

tiam, com copia de murros nas carteiras, a genuinidade da victoria constante da data a gravar no obelisco — e eram citações, latinorios, protestos, que punham a questão a tratos de polé, e iam assolapando a bilis dos *conjurados,* em insolvaveis verrinas d'archeologos.

Á ultima hora, como Alberto Nunes e Simões d'Almeida fossem assentar as estatuas de bronze na pyramide, um patriota lembrou que as figuras traziam no galbo vestigios do cinzel do artista, mordidos de fartura, atormentados d'inspiração momentanea, *evidentes de mais,* em obras d'arte destinadas a figurar em praça publica; e cumpria que estatuas symbolicas dos briosos sentimentos lusitanos, tivessem a lisura de pernas e o polido das roupas, inherentes a pessoas asseadas, á semelhança d'aquelles bonequinhos de ferro que a fundição do Collares vende a dois tostões o par, para castiçaes de casa de hospedes. E outra coisa ainda atormentava os patriotas!

Por um lado, a palma do anjo da Victoria, alta de mais, ia esbarrar no marmore do obelisco; por outro, as azas do genio da Independencia, sobremaneira ponteagudas, não podiam caber na dobradiça mesquinha que lhes fôra designada, sobre o rodapé da pyramide. Ora nem palma tão comprida, nem azas tão olympicas podiam caber nos estatutos d'uma sociedade, que em nova se esquecera de ga-

nhar palmas, e por outro lado, já tinha perdido as azas, de velha.

Para metterem as duas figuras pois no obelisco, poliram-nas primeiro — o que foi quasi tirar-lhes a pelle de coisas vivas que ellas tinham — e em seguida embolarem-nas... á Victoria cortando a palma, ao Genio as azas. Razão porque o monumento infunde assim o aspecto d'um poste caiado, onde duas gallinhas sabias se empoleiram.

Seria inutil agora fallar das ornamentações da Avenida, os regueirões cheios de rãs e babugens sezonaticas, os jardimzinhos de presepe, acolitados d'arbustos tisicos, com efflorescencias que deitam sangue pela bocca, d'acacias *magrichonnes*, d'onde parece pingar sobre os chapeus das meninas, o oleo de figados de bacalhau com que as manda regar, a Camara Municipal, todos os dias... e inutil alludir tambem á fachada da nova estação central dos caminhos de ferro, com o seu ar de boceta de amendoas, a que virão appendicular-se, oiço dizer, construcções d'outro estylo e d'outro caracter, nos terrenos conquistados á demolição dos predios da rua do Principe... Que estes documentos d'arte, se por um lado arpôam de ridiculo a febril geração de Gaudissarts e de barões du Tillet, actualmente em-

penhados em nos refundir a capital, accentuam por outro, cada vez mais, o divorcio intransigente, odiento, implacavel, entre os homens d'arte, e os homens propriamente de dinheiro — apesar dos frustes, que necessitando ter porto franco em ambos os cenaculos, buscam estreital-os n'um laço, tantas vezes suspeito, té ao instante em que a fortuna os sequestre, com a violencia d'uma traição, definitivamente, a qualquer d'elles.

As fontes do Rocio são a ultima expressão do quanto póde a magnificencia decorativa d'um homem, que tem passado a sua vida a torcer, perante as leviandades dos seus adversarios politicos, precisamente, um appendice rostral com que a natureza o não presenteou — magnificencia que nem por ser de ferro fundido, e exemplar dois mil d'uma obra d'arte que a França apenas achou digna dos seus chafarizes de provincia, parece vae saír á Camara Municipal, mais baratinha. As fontes são duas, e symetricamente postas aos lados da palmatoria do Dador. Teém uma bacia de marmore de roda, e ao centro os paspalhões de ferro, por onde naturalmente ha de repuxar a agua, em chapeu de chuva.

Custaram, dizem que cerca de quatorze ou dezeseis contos; e entre outras reputações plasticas de que vem precedidas, sobreleva uma, admiravel — qual a de poderem ter sido

feitas na Fundição militar, por quatro vezes menos que o seu custo em Paris, e em melhorias d'execução, incomparaveis.

Como destino artistico, nem sequer lograrão talvez a dos bebedouros que a Protectora installou, para refrigerio dos cavallos de carroça. Como promenor de paizagem, servirão apenas para esmagar o monumento a D. Pedro, rebatendo-se depois, n'uma chafra-nafra de quinquilharias d'arraial, sobre a columnata do theatro, e dando aos moradores das trapeiras a illusão d'uma Praça da Concordia, *dans les prix doux*.

É singular, pela insistencia, esta predilecção do chinfrim, que os nossos dirigentes affixam, sempre que se trate de presentear a capital com um melhoramento de relevo... Ha quem ainda hoje esteja a rir, recordando aquelle celeberrimo concurso de pintura historica, com premio municipal ao compositor portuguez mais inspirado... Esse premio, que então foi um desastre, viria agora de molde, conferido ao esculptor d'um grupo em bronze, original, para adorno dos lagos do Rocio.

O sr. vereador lembrar-se-ha talvez que o *Dansarino* de Thomaz Costa, adquiriu-o o governo pela quantia de 1:800$000 reis. Seis contos pagariam bem dois grupos de bronze: menos de metade do que custaram as bugi-

gangas de ferro, com que Paris exasperou a noção do bello saloio do sr. Fuschini.

Ás bicas do Rocio, francamente lh'o digo, prefiro *a dos olhos*, a S. Paulo. Que esta, em primeiro logar tem uma historia, e em segundo logar não custou nada.

A chegada de Sua Magestade

12 de Março.

Está o sr. D. Luiz de volta a estes reinos, ao fim d'uma larga viagem entrecortada de festas, e offegante em demonstrações de apreço — já por banda dos seus collegas, que estimaram vêl-o feliz, ma'-la a senhora — já por banda dos povos, que parece se consolam das suas proprias dymnastias, deitando foguetes de preito, ás dymnastias dos outros.

El-rei chega, ao que parece, restaurado, nedio, e outra vez reconduzido á sua bem conhecida actividade.

Damos-lhe os parabens por esta esguichada de saude que a sua tão preciosa existencia acaba de receber, pelo injector das viagens de recreio — se bem que estejamos certos de que estas digressões, que enchem d'adipo o puja-

douro dos reis, quasi sempre escanifram singularmente, a alcatra dos povos.

Não recusemos porém, pôr o *acceito* em mais estas lettras que S. M. se dignou sacar sobre nós, tanto mais que nos consola a certeza ineffavel de não serem as ultimas; e dêmos-lhe de mão beijada estas mesquinhas victualhas da nossa riqueza publica, que nenhuma falta nos fazem, em troca das inapreciaveis regalias de que esta viagem abençoada, vae crivar-nos.

Além da foguetaria e da canhonada do estylo, a vinda de S. M. em pouco alterou, na segunda-feira ultima, a pacatez e o aspecto da nossa capital.

Havia talvez uma certa curiosidade em vêr de perto a el-rei, que em telegrammas de sua propria redacção, mandára ao presidente do conselho — com muitos recados para o povo — animadoras noticias, quanto ao enrijamento da sua carcassa bragantina e fidelissima.

N'esta curiosidade, porém, todos fomos logrados (o povo é a eterna creança, etc. etc.): S. M. appareceu na *gare* de Santa Apolonia, noite fechada — já os regosijos do Terreiro do Paço bruxoleavam a sua fieira de luzinhas magras, symbolo da meia tripa em que an-

dam entre nós, os amanuenses — e se aos *dindons truffés* da côrte foi dado julgar da prosperidade das banhas moderadoras, é certo que as classes subalternas tiveram que transferir a sua opinião, quanto á influencia benefica das viagens de recreio na saude dos principes nostalgicos. Segundo o *Diario de Noticias,* o sr. D. Luiz é o monarcha que mais tem viajado pela Europa, depois de seu tio Pedro II — que esse até já percorreu regiões, aonde nem um hespanhol ousaria mandar passear a propria Divindade — e aquelle que por suas qualidades e talentos, mais vivas sympathias faz jorrar, á sua passagem, do coração das capitaes.

De feito, não ha nada para arrancar o teutão frio e cervejento, o austriaco indifferente, e o orgulhoso hespanhol, á monotonia do seu *home,* e ao absorvente turbilhão dos seus interesses, como dois dedos de cavaco com S. M. o rei de Portugal. Até em Berlim, quando não ha que dizer nas cervejarias, os allemães encaram-se, e observam — e se por ahi viesse agora o rei Ludwig!?

Nos circulos officiaes mesmo se rosna, que a vinda d'Isabel d'Austria, para a Madeira, não é indifferente á fascinação que o violoncello real conseguiu exercer, sobre este nevrosismo de *femme detraquée.*

O phenomeno de resto, não tem absoluta-

mente nada d'insolito. É sabido que os indianos domesticam serpentes, assobiando-lhes ás botas: e fr. Bernardo de Brito falla d'uns tapuios que fascinavam preguiças do Brazil, fazendo-lhes zoar cega-regas á embocadura das tocas.

Á chegada de S. M. a Santa Apolonia, toda a côrte se acercou da sua real pessoa, e feitas as saudações de caracter official, dados os vivas do municipio mancommunado com a alfandega, e correspondidos com enthusiasmo egual, por todos quantos em Portugal teem um ordenado ou uma tia baroneza — passou o monarcha ás suas effusões particulares.

Dadas as suas tendencias litterarias, não se espantarão os leitores que lhes digamos, ter sido para as lettras a primeira expansão carinhosa do monarcha.

A litteratura portugueza tem effectivamente, junto do paço real, uma embaixada, através da qual se infiltram, para as predilecções pessoaes do monarcha, as predilecções do embaixador plenipotenciario — que é, diga-se aqui, um homem inteiramente encantador, um pouco sceptico talvez, mas simplesmente fino e gentilhomem, temperando com as seducções litterarias do artista, a aridez do professorado, e salvando-se por este, das banaes esventrações folhetinisticas dos seus secretarios d'embaixada.

El-rei acercou-se pois, do embaixador, e entregando o seu real guarda-chuva ao conselheiro presidente, inquiriu do que havia pelas litteraturas portuguezas.

— Tudo parado, real senhor, desde que V. M. nos deixou.

— Pois nos seus reinos (acudiu d'alli o conde de Sabrosa, um secretario) V. M. é como o sol, que decide a maturação das aboboras, inspira as artes, e esfria a terra e esmorece a vida, quando vae para além das fronteiras portuguezas.

— Será possivel que em tres mezes d'ausencia, o meu paiz não tenha produzido um só livro, um artigo, um poemeto!?

— Ha um romance, os *Maias*, corriqueiro... onde uma hespanhola tem a ousadia de dizer que V. M. *tiene cara de buena persona.*

— E o meu caro conde, não fez versos?

— Eu parti o alaude, des'que Gonçalves Crespo falleceu.

— E quanto a *sport?*

— O visconde de C. estreou um fato; a viscondessa de R. continúa a ter medo dos cavallos do marido, e tem havido uma batotinha minaz no *Turf-Club.*

— Perdeu alguem?

— Tudo se perdeu, meu senhor, menos a honra.

— Nada está perdido então, que dinheiro

não avesam os gentishomens leaes da minha côrte. Mas, *sport* nautico?...

—Na bahia de Cascaes virou-se um bote. Foi este anno o acto brilhante da Associação Naval, de que V. M. é commodoro.

—Caspitè! E da belleza das damas d'estes reinos?

—As senhoras da côrte continuam a apparecer vestidas de sofás, e a procurarem o seu nome no *carnet mondain* das *Novidades*.

—Já sei que tiveram por cá manobras do outomno... Moltke fallou-me... Diz que brilhantes...

—Oh, com certeza. O nosso exercito é o primeiro do mundo, em retiradas. Appareceu um grande do reino, no rancho dos artilheiros... mas quem levou ao acampamento, prestigio, foi S. A. o principe regente. Ah, meu senhor, que linda figura!

—Desempenado, hein, o meu rapaz?

—Oh, guapo moço! E que aprumo e correcção de fardamento! Farda de coronel, imagine V. M., capacete de plumas, botas de bezerro branco com salto de prateleira, cinta á hespanhola, rewolver no cinto, e chapeu de sol... Gostaram tanto, que o general até mandou agradecer ao principe, na ordem do exercito, a disciplina.

—Isso me agrada! isso me agrada! disse o rei, dando estalinhos de jubilo com os dedos.

—Porque emfim, observou ainda o secretario d'embaixada, S. A. R. podia muito bem ter ido ao exercicio, em mangas de camisa.

—Aquelle rapaz, se pela figura recorda o meu chorado bisavô D. João VI, é pelo espirito guerreiro, o meu amado irmão infante D. Augusto.

—Serenissima vergontea de parranas!

—Está feliz, o povo?

—Pudera não! Foi desmamado o principe.

—Isso dá azo a fazermos entrar no calendario, mais um dia de gala, e a pedirmos ao Estado um acrescimo de dotação, para alimentos. Mas diga-me, conde: os suicidios diz que abundam... Dizem os jornaes, que inspirados pela miseria e pela fome...

—Qual, meu senhor! Tem sido de saudades pela ausencia de V. M.

—Querido povo meu! Se não tenho dado tanto dinheiro aos pobres de Madrid, talvez lhe offerecesse agora um bodo, por cautela aos seus futuros resentimentos.

—Um bodo por cautelas... Mas, real senhor, isso foi uma idéa do Manaças.

—Como está isso lá pela Academia?

—O Diccionario prosegue. Tinham ficado em *zurrar*. Lá continuam. E agora está em *zut!*, real senhor. Parece, porém, que os collaboradores não metteram no livro, *zaragata*.

—O povo desdenha com effeito, essa palavra.

E não appareceu mais anarchista nenhum, a escaboucar a pinha aos jornalistas?

—Oh, nunca mais! visto como, *l'affaire a reussi... (Aproximam-se os ministros: o rei avança para o sr. José Luciano, dá-lhe um abraço, e recebe outra vez o guarda-chuva.)*

—É singular! diz o monarcha. Falla-se pela Europa em Bismarck, em Kalnocky, em Crispi, em Sagasta, em Stambuloff... só á roda do genio politico do meu presidente do conselho, se tem feito uma conspiração de silencio!

—A modestia, tornou pudicamente o interpellado, é um apagador que extingue a aureola dos grandes homens, para além das fronteiras dos pequenos paizes.

Aqui o sr. Marianno de Carvalho, da fazenda, observou:

—Ha só um ministro grande: é aquelle que arranja dinheiro barato, e sabe fazer uma péga de cara ao moageiro. *(Ao ouvido d'el-rei:)* V. M. não traz tabaco de contrabando nas bagagens?

—Não. Mas comprei-lhe uma capa em Barcelona, para o senhor fazer vida, quando voltar á opposição. *(Apparece o ministro dos estrangeiros.)*

—E a questão de Larache? diz-lhe o rei.

—Reclamámos cem contos de reis dos marroquinos, a titulo de indemnisação para as victimas do conflicto. É razoavel.

—E se o governo do sultão recusa, santo Deus?!...

—Mas elle aceita. *(Segredando:)* Mandámos secretamente a Marrocos uns cento e vinte contos: o sultão recambia-nos os cem, fingindo que nos dá satisfação, e paga-se c'os vinte, da villeza a que desce, salvando á nossa *marrrrinha de guerrrra.*

—Vinte contos de reis para amordaçar a lingua a um potentado! Já vejo que na orla d'Africa, os *chalets* são muito mais baratos do que na Beira.

—Provavelmente não teem estuques nem pavimentos... *(O principe regente vem tomar o braço de seu pae, e a comitiva afasta-se, emquanto elles cavaqueiam.)*

—Ora dize-me, Carlinhos, quaes os factos mais notaveis da tua regencia?

—Desmamei o rapaz, fui caçar gaivotas a Setubal, e nos salões d'uma quinta emprestada, dei um baile, n'uma sexta, aonde as marcas do *cotillon* eram pandeiros pintados por meus proprios pinceis.

—Que trabalhão devias ter dado ao Casanova!

—E tão comprehendidas foram essas pinturas, que os convidados tomaram as minhas cabeças de *manola* e de toureiro, por verdejantes paizagens da Suissa.

—Que talento de moço! Que talento!

—Se o papá não vem tão cedo, encontrava no poder um ministerio recrutado por mim no *Turf-Club,* entre os gentishomens amadores de tauromachia.

—Mas era fomentar a união iberica, Carlinhos.

—Não percebo, papá.

—Esses senhores começavam logo por nomear para os cargos importantes do reino, todas as damas hespanholas das suas relações. E calcularás d'ahi a desordem. O primeiro acto de prepotencia d'aquellas senhoras, era pedirem a abolição dos delegados de saude, e restaurarem no seu antigo posto, as *camareras.*

—Diabo! é verdade...

—Em Villa Viçosa nunca mais te calumniaram de *principe lavrador?*

—Agora só me chamam *Diniz,* o que vem a dar no mesmo. D. Diniz figura na historia sob o cognome de lavrador tambem. Plantou pinhaes...

—Exacto, exacto... É o que tu deves fazer tambem, meu rapaz... plantar pinhaes...— ou pés de burro.

O Conselheiro Viale

---

20 de Março.

Com a morte do conselheiro Viale acaba entre nós uma variedade d'eruditos de luxo, que durante muito tempo foi moda, e a quem as Academias deveram—como albergarias de sciencia e litteratura—uma parte da sua somnolenta e inexpugnavel reputação.

O conselheiro Viale tivera a fortuna de ensinar grego a D. Pedro v, que lhe pagou a nenhuma attenção prestada a este formoso idioma, facultando-lhe o accesso a uma das cadeiras do Curso superior de lettras, e embrulhando-lhe a figura n'uma opa de conselheiro, a cujas pregas o nobre hellenista buscou sempre dar nobreza classica, e de todo o ponto coherente com a admiração que Homero e outros figurões antigos lhe inspiravam.

Durante os seus 82 annos de vida, o conselheiro Viale teve apenas em mira duas coisas —não dizer nem escrever uma palavra que não fosse filha legitima do grego e do latim, e não se arriscar em acto algum da vida, d'onde se não podesse sahir lampeiramente, citando aphorismos e versos dos seus philosophos e poetas favoritos. Esta monomania mansa do antigo, que immobilisára a intelligencia do conselheiro (se alguma teve) n'uma absoluta intransigencia com o espirito moderno, cerceou ainda mais, se é possivel, o campo das suas vistas criticas, preparando no poeta falhado, o grammatico secco e o purista feroz, que cahiam em syncope, de cada vez que lhe vinham contar que um academico commettera um gallicismo. A sua biographia faz para assim dizer uma carcassa-typo, que póde servir d'esqueleto ao elogio da obra de muitos escriptores e eruditos portuguezes, hoje mortos, desde o abbade Castro, até Silva Tullio— e de caminho servirá talvez d'incentivo á facundia d'outros tantos poetas e investigadores contemporaneos, velhos e novos, cujos livros sem alma continuam a tradição da *Academia dos Escolhidos da Côrte*, e cujo ideal se castra na cubiça d'abiscoitar o conto de reis de S. M., embora a troco d'uma certidão de folha corrida d'impotencia.

Em 1819, o conselheiro Viale dera á es-

tampa um poema chamado, *David triumphante,* e veio por hi fóra a traduzir para vernaculo Homero e Dante, a verter em latim o poema dos *Lusiadas,* e a fazer elegias em grego — diz o *Diario de Noticias* — de grande inspiração, e muito elogiadas pelos entendidos.

Chega a ser admiravel, esta isenção d'um homem pelas coisas vivas, e que assim poude ter os olhos fixos em Athenas, annos e annos, d'um canapé de palhinha da rua da Procissão, a reviver e a palpitar nas façanhas de Leonidas e na belleza de Phrynea, ao som da irrespeitosa caçarola que lhe frigia o savel na cozinha! Ah, é pasmoso! Como este estudioso envelhece a fossar nas epopêas gregas, e tenta galvanisar as linguas mortas, com ellas fazendo, já não digo *sandwichs,* mas acrosticos de parabens aos anniversarios natalicios das suas relações!

O conselheiro Viale viveu, comeu, soffreu e morreu d'isto. O grego era a sua lesão: o latim a sua cirrhose: os versos de Camões a sua coqueluche. Estes ultimos tinha elle sempre ao alcance, para os seus extasis monologados de solitario, e para matar as teimas a competidores, ou ir reanimando, ás horas opacas, uma ou outra intercadencia de memoria. Ultimamente já os *Lusiadas* lhe sahiam de toda a parte: do nariz, do sabugo das unhas, da camisola, do solideu e das costuras da so-

brecasaca. Cercavam-no por toda a parte, onde elle estivesse; iam para toda a parte aonde elle fosse; e espadanavam, em repuxos d'estancias, d'onde quer que elle tocasse com os dedos.

Ao passo que a *Iliada* e as *Georgicas* lhe serviam para os *entretiens* com os immortaes da rua do Arco, ou para deslumbramento d'algum discipulo mais enthusiasta do Curso, os *Lusiadas* davam-lhe para assim dizer, a erudição de trazer por casa, o *bric-à-brac* de rimas e conceitos com que fallar á creada, e com que ser agradavel ás pessoas da familia e da visinhança. Oh, lá isso, Viale aproveitava o poema, como nem o nosso Brito Aranha ainda foi capaz!

Subia por exemplo o guarda-portão com uma mensagem, e velho que era, (Viale secretamente odiava-o, por lhe ter ouvido dizer, n'uma ladainha de subscripção que houvera no predio, *Turris e Burris)* ao chegar ao terceiro andar, vinha deitando os bofes pela boca. E o erudito com ar mordente, os oculos para a testa:

> «—Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
> É melhor de descer que de subir.»

Se o cozinheiro lhe apparecia, vamos, de

barrete branco, ao fim do mez, lá vinha o verso:

> «...na sua cabeça tinha posta
> Uma mui grande casca de lagosta.»

e ao metter os pés na banheira, domingos e quintas:

> «...aqui, onde a terra se acaba, e o mar começa.»

E a exprimir a eloquencia do seu collega Jayme Moniz

> «...deu longe um brado,
> Como se desse em vão n'algum rochedo.»

sublinhava o *em vão*, com um risinho beatifico de typo, como a insinuar que fosse a sciencia, a rocha contra que o illustre professor soára em falso.

Para o homem que lhe levava as cartas:

> «...era um personagem negro e feio,
> Trombeta de seu pae e seu correio.»

Para o sr. Leandro José da Costa, que morava por cima:

> «Uma nuvem, que os ares escurece,
> Sobre nossas cabeças apparece.»

e se adregava visitar o Museu do Carmo, deante o chafariz cercado de symbolos augustos e de gallegos:

> «Vêde que fresca fonte rega as flôres,
> Que lagrimas são agua, e o nome amores.»

e finalmente, para Manoel d'Arriaga, que elle forçára a desistir d'um concurso para a cadeira de historia, no Curso superior de lettras, perguntando-lhe quantos dentes tinha Epaminondas, e da côr do chinó da pythonisa de Lesbos:

> «Mas Nuno, que não quer por outras vias
> Entre as gentes deixar de si memoria,
> Senão por armas sempre soberanas,
> Para as terras se passa transtaganas.»

Julgarieis que este velho, que se correspondia em latim com outros massadores da provincia e do estrangeiro, e durante a educação classica de seu filho Theopisto, no collegio de Campolide, lhe enviava regularmente um questionario em lingua morta, para obrigar o rapaz a exercitar-se, tivesse uma tal paixão como simples adorno litterario, como luxo de sala e d'academia, espanejando-se, no tracto intimo, de toda e qualquer preoccupação que de longe soubesse a alfarrabio. Mas não! O conselheiro Viale estava inteira, sincera e religiosamente

convencido — como o dr. Thomaz de Carvalho, seu collega no Conselho inferior d'instrucção publica — de que Portugal retrogradava, pelo completo abandono dos estudos classicos. Não havia homens de sciencia, des'que o grego deixára de ser obrigatorio. Não havia homens d'arte, des'que nos preparatorios tinham sido abolidos os nove annos de latim. Portugal não dava estadistas, por não saber traduzir a *Oração da Corôa*, de Demosthenes. A tradição oratoria de S. Bento degenerava, por ignorancia de Plutarcho, Cicero, e outros Latinos Coelhos e Manoeis d'Assumpção da antiguidade. E como queria ter colonias, exercito, marinha, patriotismo, quem não era capaz de lêr os *Commentarios de Cesar* e o livro de Strabão, na integra, e quem desconhecia Salamina e a Retirada dos... dez mil?

Estas miserias publicas, choradas através da sua nevrose hellenica, o conselheiro Viale as debitou muita vez, pulpito abaixo, no fim da aula, aos discipulos amados; e o sr. conde de Selir, hoje secretario d'embaixada não sei onde — arguto moço — e que elle estimava particularmente, por uma identificação talvez de temperamentos, não raro era espargir com elle, acerbo pranto, em cuja caudal nós outros cabulas, punhamos a navegar barquinhos de papel.

— Pois se a carne de vacca é quotidiana, nos repastos physicos do corpo, dizia o sabio,

porque se não ha-de promulgar o estudo do latim quotidiano, provado como está que elle seja, para que assim digamos, o cozido do espirito?!

Nas sessões do Conselho, os seus inuteis esforços em prol da regeneração mental com que sonhára, mediante a *revalescière* do alpha e do omega, e os gargarejos sem fim do *hora horæ,* acabrunhavam-lhe a vida, e faziam-no sahir de lá toni-troante.

O que o atormentava era não haver alli, a cada esquina, um ratãosinho com quem cavaquear em latim puro, sob a toga romana, n'um quintal de loureiros e cepas mantuanas — ainda que lá houvesse todos os domingos, baile campestre.

— Esta mesma agua de Caneças, gemia elle angustiado, dessedentando-se, ás horas da sésta: esta mesma agua me saberia melhor, servida em amphoras da Etruria, por um escravo de sandalia, gallego que fosse, mas que em vez d'agua lhe désse o nome euphonico de *liquor.*

E n'esta illusão viveu oitenta e dois annos, o honrado velho! — oitenta e dois annos de fé por uma edade extincta!... Oh sombra pallida! Qual d'entre nós outros, homens sem fé nem illusões por coisa alguma, póde recusar uma palavra d'affecto á tua encantadora creancice?

Religião e Toilette

4 d'Abril.

Acaba de passar mais este anniversario funebre de Jesus, e d'esta vez no meio de tão profunda indifferença, que d'entre as demonstrações de luto publico, a chronica apenas recolheu como mais notaveis, o espectaculo d'algumas egrejas illuminadas, na quinta-feira santa, como reles theatros, e a bandeira a meio-pau que um homemzinho da Pampulha poz á janella, por escarneo, entre dois grandes *bouquets* de rosmaninho.

A egreja perde effectivamente o seu logar, já não digo como fornalha da fé, mas mesmo como empresa e casa d'espectaculos. E o seu grande drama tragico annual — a paixão de Christo — com musica e canto, calvario no claustro, para os fieis, e brodio d'amendoas e

vinho, para os irmãos, na sacristia: esse grande drama lyrico, que por seculos foi considerado a obra-prima do theatro papista—os proprios padres o confessam—começa hoje a tornar-se banal, pela immutabilidade dos mesmos effeitos, e falta de logica do seu conjuncto scenico.

Antes dos progressos da litteratura e da musica dramaticas, que a Allemanha e a França radiaram para todos os escaninhos do mundo, pela maravilhosa inspiração dos seus artistas; antes das renovações que a scenographia artistica e a sciencia historica do *mise-en-scène,* trouxeram á arte de representar, os espectaculos catholicos eram effectivamente os primeiros d'entre todos, pelo scenario apparatoso em que decorriam, pela atmosphera d'idealidade e d'emoção que sabiam crear; e emfim, por essa docilidade supersticiosa e meiga do espirito publico, tão infantilmente preparado a acceitar as convenções impostas, que elle *via effectivamente* uma floresta, aonde o latim das Escripturas lhe ordenára que visse uma floresta, um pouco de sangue, no calix em que o celebrante apenas deitára vinho, e o prodigio da Resurreição d'um cadaver, no dia em que o prégador gritava aos fanaticos, apontando o tabernaculo entorpecido n'uma catalepsia de trevas suggestivas do milagre:

— Vêde o Salvador do mundo que resuscita, e sóbe aos ceus!

Não quero já fallar nas representações dos autos e dramas sacros, que estabeleciam proscenio sob as abobadas das cathedraes, e em cujo trama poetico se ennastravam as subtilezas liturgicas, com as mais obscenas realidades. Refiro-me apenas ás cerimonias de caracter essencialmente religioso, aonde tudo convergia a exaltar a supremacia de Deus, na materialisação tantas vezes grosseira d'esse primeiro actor do mundo que se chamou, o padre.

Sob este ponto de vista, nenhum theatro da terra ainda soube provocar, como a Egreja, mais extraordinarias crises d'affectividade, e erguer a imaginação até mais inaccessiveis cumes d'ideal. Alli tudo era grande, propositalmente grande, e tendendo á conquista da alma, pela voluptuosidade mystica dos sentidos. Na architectura dos templos, muitos dos quaes são Biblias de pedra, barbaras e refinadas, cheias de monstros e archanjos, de symbolos celestes e d'instrumentos de tortura, as ogivas só davam luz para a conjuncção dos grandes effeitos optico-dramaticos — desde a meia treva que nevrotisa a alma n'uma confusão de mysterio, deixando aperceber as coisas em grandes vagos de cahos, evocativos, até aos trium-

phos d'apotheose em que a plena luz alaga a magestade do santuario, passando através dos vidros de côres, e tingindo a ara de todos os milhares de tintas cambiantes do arco-iris. Os movimentos tragicos do orgão, deitam os canticos em tremolos de lastimas e soluços, que zoados d'alto, fazem sobre as cabeças como uma nevoa, aonde a miseria humana se arrasta sabujamente a lamber os pés da Misericordia divina. E depois a magnificencia das vestes e alfaias prelaticias, os brocados de flôres phantasticas, os reluzentes galões das sobrepellizes, as mitras fendidas ao alto, em cauda d'escorpião, e babando o brilho das joias historicas; as alvas cahindo direitas, em grandes pregas cobertas de renda; as capas d'asperges arrastando as suas lhamas d'oiro e matiz, e espanejando em cauda, nas mãos dos acolitos vestidos de purpura, que balançam thuribulos; os vasos d'oiro cinzelado, os pallios, os baculos, as ventarolas de plumas, os palanquins orientaes!...

Durante sete seculos, o theatro de Jesus tem para assim dizer nas suas mãos, as rédeas da emotividade universal, e os empresarios manejam-nas a sabor do calendario, vibrando quotidianamente a corda dos affectos celestes e terrestres, n'uma altura d'arte, de que as egrejas e museus da Europa, ainda hoje conservam o echo enternecido.

Emquanto a religião apenas teve que se queixar d'essa indifferença mansa e respeitosa, que succede immediatamente á perda da fé, em pouco ou quasi nada o prestigio das suas pompas esmoreceu.

Os homens ainda tiveram generosidade com ella, por muito tempo, guardando pelo seu passado de mãe consoladora, aquella dôce estima nostalgica que nos inspira em velha, a mulher que nos deu na boca os primeiros beijos. A analyse, que desthronou os santos primeiro do que os reis, diluia-os nos seus reagentes, por pura curiosidade scientifica, sem os affrontar porém. E se passava na rua algum d'esses idolos, grosseiramente esculpidos, que outr'ora haviam manejado as pestes e as fomes, conforme os fieis lhes pagavam dizimos, ou não, o artista o mais rebelde, descobria-se, como rendendo preito a uma recordação da infancia, que prostrára na lagea dos templos, muitas das afflictas cabeças de nossos avós e nossos paes.

Ai, tudo passa! O seculo anterior, que abolira o respeito, não conheceu como nós este estado d'esphacelo que se chama o escarneo, e que é uma perturbação psychica collectiva das gerações actuaes, nascida da convicção de que todo o esforço é inutil, e de que tudo á roda

de nós estaciona, como nas primeiras edades do mundo, — peor do que n'ellas — porque estaciona, dando-nos a illusão de caminhar. Esta perturbação nos leva a demolir n'uma hora, o sylpho benefico, homem ou principio, que por um instante soube distrahir-nos da angustia das nossas dissecções sobre nós mesmos.

Assim com a Egreja.

Os padres tinham-nos promettido além da morte, a vida eterna, e n'esta ficção quizemos vêr sómente um desdobramento material da vida que levamos. Veio a sciencia, que desfez este maravilhoso anhelo de sybaritas: e eis que nós apedrejamos os padres, que nos enganaram, como esses doentes condemnados, que escarnecem do medico, antes de fecharem os olhos para sempre. Se elles teem posto as innovações da arte, a mais diversa, como no tempo dos papas da Renascença, ao serviço dos seus maravilhosos talentos de comediantes, dispendendo co'as formulas do culto, uma magnificencia e uma imaginação rivaes das do theatro moderno, quem sabe se não haveriam retido ainda, por alguns annos, para a Egreja, a preferencia das multidões que vivem dia a dia, freneticas de presente, e apenas preoccupadas de gosar! Mas persuadiram-se de que o prestigio da tradição lhes bastaria: deixaram de ser os patronos da pintura, da joalheria, da tapeçaria e da esculptura: liberta-

ram os grandes architectos do seu jugo; consentiram que a musica fosse vivificar themas profanos: laicisaram as artes: e repetindo annualmente os mesmos espectaculos, prégando da cadeira os mesmos vaticinios, esses antigos fascinadores perderam o encanto, tornaram-se enfadonhos, incomprehendidos, inuteis — como esses paralyticos que a gente vê pelos asphaltos, e cuja cadeira de rodas nos obriga a cortar a linha recta em que seguiamos.

Tal é a historia d'esta lenta agonia do mais forte colosso que tem dominado o mundo. D'um lado, o padre que deixou de ser a creatura d'escolha, transfigurada e subtil, com todos os perfumes da casuistica a mais fina, e todos os requintes da intelligencia, a mais transcendental. Do outro lado a multidão, cuja voluptuosidade se complicou, reclamando novos prazeres e novos excitantes. Ainda entre nós, por alguns annos, a mulher quiz interpôr-se á derrocada, com o seu admiravel instincto d'artista e d'irmã da caridade. Vimol-a então subir ao côro, para cantar nas missas e novenas, encher as egrejas de flôres, pretender dar voga ao mez de Maria, em S. Luiz, *capitonando* de sêda os bancos das egrejas, pondo *toilettes* de sensação todas as tardes, illuminando as naves dos templos com profu-

são de gaz, em ricos candelabros, e emfim misturando ao amor divino, como Santa Thereza, um rastrosinho de amor profano, e ao perfume do incenso evolado pelo crivo dos thuribulos, a tripla-essencia dos seus frascos de *Pivet* e de *Sinettson,* directamente importada d'Inglaterra. Mas vae que os padres, que desde as Escripturas proclamam aquella mulher como origem de toda a iniquidade, ainda d'esta vez não souberam ou não quizeram comprehender a gentileza alada do seu esforço: e um patriarcha velho, egoista, sem familia, que estava tonto e se chamava Ignacio, expulsou das egrejas o radioso archanjo que vinha prestar a um moribundo os derradeiros alentos de vida, com a sua voz de soprano, a graça das suas seducções, e o roçagante setim dos seus vestidos.

E chegamos a isto: mais de metade das egrejas de Lisboa, fechadas durante a semana santa! Fechado S. Vicente, uma dependencia do paço patriarchal; fechada a Graça, que é o palacio da Ajuda do Senhor dos Passos; os Jeronymos fechados, a Estrella fechada...

E nos poucos templos em que se celebram officios, cem vèlas d'arratel nas bobeches do throno, homens castrados, aos guinchos no côro, d'arrepiar os cabellos — e garotos de rua, entrapados d'anjo, a pedir cinco-reizinhos para os entrevados!

Sarah Bernhardt

12 d'Abril.

Chegou Sarah Bernhardt, e Lisboa póde orgulhar-se de tel-a no seu theatro, assim como na edade média, uma abbadia se orgulhava de dar abrigo a algum grande santo ou reformador. Ella é de facto, a incarnação da arte contemporanea, frenetica, inquieta e com a *forte fièvre hallucinatoire* da gestação artistica, de que fallava Jules de Goncourt, que a arrebata, n'um turbilhão de exasperos, para esse paiz do novo, do impossivel, do desconhecido, d'onde, ou se volta transfigurado, ou em caso contrario, louco. Dentro d'esta grande bohemia, que um fatalismo de tribu precipita, através do mundo, a todo o galope das locomotivas e dos paquetes, se debatem e conflagram, em bruscas luctas, umas poucas de creaturas di-

versissimas: e d'ahi nasce talvez a seducção mysteriosa que a comediante exerce no seu tempo—este tempo de que ella está sendo afinal, a allegoria triumphante e imprescindivel!

São já conhecidas do publico as aptidões da sua estranha organisação de artista e de homem de genio, tão exuberantes e tantas, que o mais pequeno dos seus manejos, um gesto, uma palavra, um sorriso, um traço de penna, um desenho de vestido, quasi para assim dizer criam uma arte, ou a impulsionam e fazem explodir, do rotineiro nucleo em que ella, antes de Sarah, esmorecia. Assim nós a temos pintora, esculptora, comediante, aeronauta e escriptora dramatica: com a sua voz corrigindo a musica, e fazendo uma escóla de dicção (iamos escrever de gorgeio) nos theatros de Paris: com a sua figura apeando a belleza antiga, das consagrações contemporaneas da estatuaria, para lhe substituir o seu nervoso typo elançado de *femme-garçon*, a Venus hysterica d'este seculo, que põe no amor estonteamentos de vicio, pela turbadora indecisão sexual em que parece esthesiar-se.

—E a elegancia das *toilettes* que ella inventa, um pouco macabra, para melhor fazer valer as suas bellezas incorrectas, e a predilecção dos tons attenuados, que ella allia e vae casando, nos *deshabillées* e nos vestidos, como uma symphonia de côres mortas, que lhe realcem

o typo enigmatico de garça e de princeza de lenda—especie de Hamlet feminino, inquieto de todas as duvidas religiosas da arte—ainda mais acabam d'exalçar este extraordinario caracter de judia, este fatalismo artistico, superior e absorvente, que avassalla, e se impõe, como jámais mulher alguma o conseguira, tanto tempo, á admiração incondicional do mundo inteiro.

Fecho os olhos e vejo, na camara escura da ideia, surgir como uma evolação do sobrenatural, evocada pela prodigiosa força psychica d'um *medium*, esta apparição *en qui vont les péchés d'un peuple,* diria Mallarmée, fascinadora e inquietante, que se balanceia como o lirio que Theodora traz nas mãos, e que me embala e adormece com a sua voz paradisiaca, pondo na minha miseria os seus olhos de saphira, que a morte allucina, e a dilatação das pupillas torna tenebrosas. N'aquelle sêr de esphinge e de panthera, formoso e estonteador, que pelas aventuras e incoherencias da sua vida, pelas selecções transcendentaes da cultura artistica, miragens da belleza, e energias fulvas da paixão, se poderia comparar talvez ao crime inexpiavel de toda esta nossa civilisação de mentira: n'aquelle sêr transmuta-se a physionomia a cada instante, e n'uma hora

de convivio, a face d'ella suggere-nos, pela expressão pictural das contracções, toda a galeria de typos a que o seu nome anda ligado, de Phedra a Tosca, de Margarida Gauthier a Lady Macbeth.

Eu as vejo! Eu as vejo! circular de roda da minha alma, como outras tantas estatuas das minhas resplandecentes chimeras de contemplador e de misanthropo! Primeiro é Phedra, enlanguescida na sua tragica melancolia, a recordar-se, n'um desespero, os cabellos erriçados de assombro, que ha de ser o inflexivel Minos, seu pae, que ha de julgal-a. Depois é a Maria de Neubourg do *Ruy-Blas,* branca de espuma, flexivel como uma penna, e tão loira e celestemente adultera—essa exilada rainha, de cujo coração a nostalgia deborda, em versos de oiro, quando pendida ao pescoço do amante, lhe diz volatas de amor, labio por labio, hausto por hausto, desejo por desejo, n'aquella voz ciciosa e penetrante, que descendo á alma enfeitiça, como nenhum effeito de harpa ou violino. E adeus Gilberta do *Frou-Frou,* fogo fatuo do lar, ondeante como o capricho que te impelle, folha de rosa, ao amor d'um homem casado!...

Altiva Dona Sol, cuja paixão torna o bandido em duque, e o beijo de nupcias em peçonha mortifera... Maria Tudor e Zanetto do *Passant,* Cordelia do *Rei Lear,* e Blanche de

Chelles da *Esphinge*... todas vós, ó vaporosissimas figuras, que vindes da inspiração dos poetas, em bandos, como pombas, accrescentar a nocturna ronda de phantasmas balouçados ao redor do ideal artistico, sob esse raio de lua de que tu, radiosa e grande bohemia, judia immortal, estrella d'alva do genio, lhes soubeste trespassar o coração!

E a cavalgada de figuras cresce d'impeto, de complexidade tragica, e de pujança esculptural. Bem depressa, a tunica alvacenta de Lady Macbeth atravessa a noite, n'uma agua-forte de Goya, sinistra e medieva, e dentro d'essa tunica ha gestos cavos, sepulchraes diaphaneidades, cabellos soltos, soluços, mãos que se crispam, enclavinhando os dedos cupidos no manto real do rei Duncan, assassinado. E a somnambula, a feiticeira do Thane de Glamis, tão sobrehumanamente bella no seu crime, vem sobre a scena transfigurar o remorso, n'uma litania de soluços e imprecações apenas suffocadas...—já o mar cresce, o mar de sangue real que ella espargiu—cresce e vem subindo por ella, subindo, té lhe asphyxiar a garganta contrahida.

A sua voz de oiro, essa perdeu-se, e nenhum rhythmo humano póde dar comparação do som basso, roufenho, monotono, quasi he-

diondo, com que a somnambula monologa, no silencio da noite, a meio do quarto:

«...Nem todos os perfumes da Arabia, reunidos, poderiam perfumar já agora, esta pequena mão que cheira a sangue. Parece incrivel que o corpo d'aquelle velho tivesse tanto sangue!... Oh, não estejas assim pallida! Veste a tua tunica de noite! Ao leito! ao leito! Mas nem toda a agua dos rios e das fontes, dos oceanos e das nuvens, poderia lavar a nodoa maldita d'esta mão... esta nodoa que me abraza na pelle, como se fôra uma queimadura...»

Depois é Theodora, a imperatriz byzantina, d'um esplendor hieratico e sacerdotal, arrancando o véo que lhe mantinha o incognito, e rigida, livida, com a sua mitra d'idolo, o manto constellado de rubis, a tunica em chammas, os cabellos em serpentes, descendo do throno, a afrontar a cólera do povo que invadiu o circo, ululando ameaças... Ou então na scena do oratorio, com a sua dalmatica violeta, uma cintura de pedraria a estrangular-lhe as ancas tisicas, bella d'essa belleza canalha da *cabotine* antiga, que pinta os olhos, os cabellos, os beiços—mentirosos beiços a destillar luxuria, entre sentenças de morte—e despotica, alternativamente insolente e familiar, cheia

de frouxos de palavras infantis, eil-a se crucifica na porta, para impedir a passagem aos conjurados, quando já a sua voz chora outra vez dulcissimas doloras, mimos perlados de supplicas, enfusiadas de ironias, que fazem recuar aquelles homens mysticos e semi-barbaros. E a *Tosca* por ultimo, é Sarah Bernhardt mesmo, a comediante, n'uma das suas mais completas e extraordinarias incarnações.

Ha por ahi um livro infame, que uma mulher escreveu para insultal-a, n'um instante de ciume vingativo. Tem por titulo *Sarah Barnhum,* e possue detalhes d'uma ignominia a escorrer sangue. A sua crueza de tom porém, em vez de pôr o leitor ao lado da chronista, dá precisamente o effeito opposto, porque a calumnia transparece, e quebra a arma nas mãos da pessoa que esgrime em falso.

Apesar do seu odio, Maria Colombier presta inteiro culto ao genio radioso da tragica; e em livro nenhum, como n'este, a mulher artista até ás pontas dos cabellos, devorada de arte e febricitante de gloria, está pintada com maior grandeza de linhas, e mais absoluta fidelidade d'impressões.

O biographo mais enthusiasmado por Sarah, que pretendesse hypnotisar a massa, por

um estudo incisivo da artista, em verdade que não conseguiria o effeito, com mais segura pujança de escopro!

Ahi se apresenta a grande franceza, como uma creatura excepcionalmente desprezadora das pequeninas conveniencias, que açaimam, na esphera modesta da familia, a simples mulher besta de carga, procreadora de filhos, cozinheira de sopa economica, costureira de fundilhos e passagens nos casacos usados; mulher-homem pela energia da ideia que a domina, e instiga, e faz correr através da gloria, sem reparar nos ridiculos que provoca, nos melindres que esgarça, e no quotidiano choque de escandalo que a sua attitude e a sua vida fazem zoar em plena França, e em pleno mundo!

Para ella, o dinheiro, a amizade, o amor, a dedicação, e os mais enternecidos affectos de familia, são instrumento apenas da arte que cultiva, campo de observação e de analyse, aonde a acuidade da sua vista de hebraica vae sugar detalhes novos, para a perfeita transfiguração dos seus papeis. Um sinistro fogo, que a esbrazeia e dilacera no peito, a impelle, n'um turbilhão diabolico de locomotiva, através das mais funambulescas aventuras, das situações mais originaes, das alternativas mais contrastantes: hoje pobre, rica ámanhã, depois casada, fugindo no dia seguinte com um *cabotin* da ultima fabrica, vol-

tando a crear sobre a scena um grande typo, pondo em leilão as suas joias para pagar as contas da modista—e após as viagens, as ovações, os amores despertados de passagem, como quem morde um fructo e o cospe logo —e costumes lançados n'um momento de humor decorativo, monomanias nevroticas que as grandes damas aproveitam, chapeus que fazem a fortuna da casa Lafarrière, aguarellas e estatuetas que o principe de Galles manda cobrir de oiro por um dos seus ajudantes, expressamente mandado de Malbourough-Castle—e ao fim de tudo isto, o mundo que palpita da sua nevrose, que chora e ri das suas creações, que lhe aproveita as phantasias para fundar pequenas industrias, que talvez macaqueia os seus ditos, os seus trajos, os seus gestos, galanterias, extravagancias: e em paga, voltando a cara desdenhosa, inda por cima ás vezes renega essa mulher extraordinaria, porque ella não tem no amor a consistencia d'uma porteira, nem no modo de vida intimo, o bom comportamento d'uma viuva de chefe de repartição...

Esvae-se o tempo, vinte annos correram depois que Paris sagrou Sarah Bernhardt como a imperatriz da scena moderna: e ainda agora nenhuma outra mulher surgiu a sup-

plantal-a ou a fazer-lhe sombra, tão alto o genio excepcional que ella dimana, musa divina, n'este final de seculo que a sensação transviou até ás fermentações macabras da nevrose. Quantas vieram, escorregaram por ella humildemente, sem lhe assimilar um só dos predicados, nem lhe apanhar do caminho, o fio conductor de indagação psychica e de analyse, que inicial-as podesse, no mysterio estructural das suas creações. Porque a arte d'ella é excessivamente complexa e individual para fazer escóla, e como Balzac no romance, e Beethoven na musica, esta excepcionalissima mulher não deixa continuadores. A sua vinda a Lisboa, é para a cidade uma honra, e para os artistas uma festa.

—Avè, Sarah Bernhardt, cheia de graça!

O Exercito

20 d'Abril.

O livro do coronel Mesquita Carvalho, *Verdadeira situação militar de Portugal,* vem elucidar a opinião publica, d'uma fórma precisa e rude, honrada e terrivel, ácerca da confiança que poderiamos depositar no nosso exercito, em caso de nos ser necessario envial-o ás fronteiras, a defender a patria, dado que o estrangeiro formulasse uma ameaça qualquer á nossa autonomia. Resalta da exposição d'este illustre official, cuja obra atraiçôa, no homem experimentado, o mais lucido criterio de quantos em Portugal teem escripto sobre coisas militares, que o exercito portuguez, base da segurança nacional, sem a qual, dizia Leopoldo I, não ha «existencia politica», com todas as suas reformas, armamentos, exercicios

e planos de estudos, actualmente só poderia fazer com bravura uma coisa — fugir.

Encantador, não é verdade? — sobretudo quando se pensa que este bonito goraz, reluzente de metaes e divisas escarlates, custa á miseria do contribuinte, para cima talvez de seis mil contos, sem fallar nas despezas extra, esbanjadas com os addidos militares das legações, com as viagens de estudo dos emissarios especiaes do governo aos arsenaes estrangeiros e ás fabricas de armas, e com as commissões de engorda, desencantadas para os favorecidos, em assumptos tantas vezes estranhos ao officio que obriga um homem a vestir um uniforme.

As causas d'esta depressão assustadora, que apeia um Estado da sua consagração de potencia, e é para assim dizer, a convergencia, em ultima instancia, da atonia e da decadencia geral da nacionalidade — as causas resume-as o auctor do livro, pouco mais ou menos em duas: ignorancia e indisciplina.

A ignorancia, atravessando o militarismo, desde a escóla superior, aonde se preparam os chefes, té ás escólas regimentaes, aonde se preparam officiaes subalternos, e á *pretendida* escóla pratica da caserna, aonde se preparam soldados.

A indisciplina, fomentada pelos regulamentos de viciação congenita, e pelas praticas abu-

sivas que sequestram para assim dizer o official, do convivio militar do soldado, entregando os exercicios preparatorios nas mãos de instructores tão ignorantes como elle, e votando o conscripto a uma vida de ociosidade, de irresponsabilidade e lassidão, que elle abandona unicamente para ir ás paradas engraixado de fresco, ou no encalço das procissões e dos cirios, de envolta com o cortejo de satyros dos arraiaes fóra de portas.

A minha pena é que o livro do sr. Mesquita Carvalho não seja de tomo a transcrever-se n'este sitio, para ensinamento do publico, que em vez do artigo exangue d'um *curioso* como eu, n'estes assumptos, vibraria da narrativa austera, desataviada, porém singularmente poderosa, d'este homem forte, que assume a espaços brutalidades de Tacito, tanto o poder de convicção n'elle concita a grande voz do historiador castigado no mais inaccessivel sacrario das suas illusões profissionaes.

«*A guerra*, diz elle, *já ha muito tempo passou das regiões da proeza, do improviso e da inspiração do momento, para o campo do calculo, da geometria e da mechanica;* aquelle que a não estudar nas suas fórmas abstractas, nem conhecer os seus processos no campo pratico, é incapaz de exercer um commando, porque é incapaz de dirigir e aproveitar a acção das tropas, no campo das operações e no terreno do combate, e de a preparar no remanso da paz.»

E n'outro ponto do livro:

«O principio da acção do fogo, sendo hoje potente, energico e irresistivel, nas condições de aperfeiçoamento a que chegaram as armas, quando efficazmente applicado, tem não só *obrigado a ministrar ao soldado uma cuidadosa instrucção do tiro,* mas tambem trouxe comsigo a necessidade do emprego de novas fórmas tacticas do combate, apropriadas á acção offensiva e defensiva, fórmas variadas segundo as situações, e que deixam ao soldado *uma grande liberdade de acção e de iniciativa,* dentro dos limites que a direcção geral do combate lhe assigna...»

N'estas transcripções conseguintemente, se consigna a feição moderna da guerra, que perdeu com a condição das armas novas, o seu caracter de pugna corpo a corpo, e opéra por massas, e já se não resolve por evoluções caprichosas de momento, senão por fórmulas mathematicas, de que são valores o tempo, a velocidade, a importancia das massas combatentes, a perfeição dos apetrechos—e se estabelece a independencia d'acção do soldado, dentro do problema de que elle é um factor infinitesimo, e que para manejar o instrumento de precisão que lhe entregaram, necessita conhecer, a par do mais admiravel exercicio pratico, as propriedades ballisticas e mechanicas d'aquelle instrumento.

Agora pergunta-se: Terá o nosso official a alta comprehensão scientifica, a iniciativa e a pratica, que lhe permittam estabelecer, em caso de urgencia, dentro do seu posto e da sua arma, a complicada equação em que lhes fallei?

A nossa escóla militar, acaso se desvela em preparar o espirito a futuros cabos de guerra? Nas commissões e grandes synhedrios militares — se porventura os temos, arremedando de longe que seja, o famoso gabinete de guerra de Moltke — pendem estudos e trabalhos, buscando resolver e variar, sob as hypotheses, mais diversas, mais arrojadas e mais difficeis, quaesquer planos d'ataque ou defeza, que ensinem a trabalhar os novos, e constituam o famoso thesouro estrategico, como o possuia a Allemanha antes da guerra, e ao qual recorrer em casos de ruptura?

O livro do sr. Mesquita Carvalho é um pungentissimo sarcasmo a todas estas interrogações.

Começa-se pelo soldado, que roubado aos campos, entra nas fileiras sem a disciplina social, diz elle, de que a militar não é senão um caso particular. O soldado entra no quartel arrebanhado, nostalgico, bisonho, presentindo vagamente que vae tornar-se n'um vadio. Atiram-no depois para uma companhia de regimento; eil-o ahi fica á disposição do primeiro sargento, que o vae em seguida mostrar ao capitão, e o installa na caserna, depois de lhe haver feito tomar na esquadra, o numero d'ordem respectivo. O cabo intervem n'esse

momento para fazer cortar o cabello ao matuto, e para o introduzir depois, na parada do quartel, aonde o pobre rapaz faz conhecimento com o senhor cabo instructor — especie de cathedratico Pedro Penedo da recruta.

Ahi temos o soldado nas mãos do cabo instructor, cuja missão é ministrar aos conscriptos, em quatro horas de parada, duas pela manhã e duas de tarde, os primeiros rudimentos de instrucção tactica. Quatro horas de trabalho diario, e todo o restante tempo para se entregarem á ociosidade!

Vindo dos trabalhos do campo, ou do labôr das officinas, aonde a faina vae de sol a sol, esse pobre bicharôco pela patria votado á grilheta do serviço, começa então a enfastiar-se horrivelmente, na caserna.

A ociosidade a principio repugna-lhe, mais tarde enerva-o, té que ao depois já quasi constitue para elle um passatempo favorito, quando o cortejo dos vicios inherentes ás grandes agglomerações humanas, microsimas do promiscuo, sornamente começam d'apodrentar a candura d'aquelles pobres despaizados. Tres annos depois, de volta á aldeia, o bom trabalhador estará desmoralisado completamente, terá perdido o respeito ás mulheres, terá esquecido o officio, dirá facecias ao cura; e constituido na profissão de valdevinos das

tabernas, de cabeça de motim das desordens, e de pae de todas as creanças abandonadas á beira dos caminhos, abusará do vinho, abusará do amor, abusará do jogo, cobarde e contaminado pelas infecções vergonhosas dos prostibulos! Ganhou com a militança alguma coisa? Não. Finda a recruta, distribuem-lhe as armas e o equipamento; instrucção nenhuma, porque ninguem lh'a ministra, sobre a limpeza e a conservação d'estes artigos. Os rudes instructores que os comboiaram, n'estes primeiros estudos, são para assim dizer recrutas mais velhos, que seguem a rotina, imitam o o que viram fazer, e que sem energia moral para manter decoro na sua escóla, e sem a menor consciencia do valor de certas manobras, tudo deixam caír no desabuso esqualido que faz das nossas legiões montes d'inermes, sem firmeza na marcha, sem quadratura nos hombros, sem perpendicularidade no corpo, nem simultaneidade ou rapidez n'um manejo da arma. Por fórma que o labroste continúa por baixo da farda, o seu geito *gauche* de cavador, corcovado ao esforço de lançar a picareta, e com o seu bambolear de pernas cambadas sob o peso dos grandes arrancos do saibro, que a enxada escavou do sólo duro. Alarga-se o ensino, a disciplina complica-se? Muito bem: as imperfeições do soldado augmentarão.

Começa o exercicio de fogo, sem que o recruta esteja préviamente instruido nas propriedades ballisticas e mechanicas da arma que lhe deram: e o manejo de fogo é caricato, sem unidade e sem pontaria.

«O nosso soldado d'infanteria, escreve o sr. Mesquita de Carvalho, sae da recruta sem saber dar um tiro com bala. As guarnições de Lisboa e Porto não teem uma carreira de tiro, nem ao menos para podermos dizer aos officiaes estrangeiros que vem observar a nossa situação militar:

—E' aqui que os soldados d'esta guarnição se exercitam.»

E agora digam-me: vale a pena metter uma arma complicada, carissima, perfeita, nas mãos d'um homem que lhe desconhece a utilidade, que lhe não sabe dar conservação, e que ao fazer pontaria ao inimigo, o mais a que chega é a ficar sem dedos, ou a metter uma bala na testa do companheiro que lhe marcha ao lado?

Mas vae que se a instrucção do soldado até este ponto era grosseira, nem por isso d'aqui em diante ella ha-de ser mais apurada.

«O recruta chega aos exercicios da ordem dispersa e das fórmas de combate, e n'elles se ensaia sem se formar n'elle a comprehensão das leis tacticas que presidem á execução do combate moderno; todos os cuidados do instructor se reduzem, n'esta parte da instrucção, a ensaiar os recrutas na execução automatica do mechanismo das

fórmas de combate. Completado este periodo da instrucção, o recruta é dado por prompto para o serviço, no qual vae entrar sem conhecer os regulamentos, e sem a noção dos seus deveres de soldado, porque o tempo que devia ter sido empregado n'esta instrucção, passou-o folgando na caserna com os seus camaradas, adquirindo os vicios hereditarios do nosso soldado, vagueando pelas ruas da povoação...»

Temol-o prompto, por conseguinte. O seu primeiro serviço é o da guarda, e n'este se accentuam já todos os pessimos habitos, que uma desleixada aprendizagem lhe incutiu — a falta de vigilancia na área confiada á sua defeza, a ausencia de marcialidade no aspecto, a posição viciosa e *nonchalante* da arma, e emfim, um esbandalhamento cynico de *toilette* e compostura.

D'aqui por diante começará elle a sua vida de cabo de policia, empós de todas as mascaradas publicas que o exercito costuma abrilhantar com a sua presença, e que desmoralisam o soldado, achincalhando o prestigio d'uma corporação, acima de todas, cavalheirosa, e cheia de tradições inolvidaveis.

Lá o temos, formando guarda pretoriana aos administradores de concelho entalados em época d'eleições: lá perde o tempo nos exagerados serviços de guarnição ao quartel: lá comboia facinoras pelas estradas, com elles partilhando as fumaças da mesma ponta de cigarro — lá faz guarda de honra nos arraiaes

e nas feiras, e cambaleando marca passo, de capacete na mão, atrás dos cirios, das procissões, das funcçanatas municipaes, dos bandos precatorios — e de seis em seis mezes, como um arlequim, varía d'uniforme, cada vez mais grotesco e emplumachado — urso de habilidades, bronco e diarrheico, a quem os ministros da guerra, por divertir-se, revestem dalmaticas de mil côres.

«Em se entrando na quaresma, principia para o soldado portuguez a sua época de prestitos, de romarias e cirios, que termina em meados de outomno. São oito mezes, em que o soldado é distrahido do seu serviço proprio, da sua escóla, para ser empregado em abrilhantar o culto religioso nas suas fórmas externas.»

O culto religioso. Se fosse só esse!...

N'uma cidade portugueza do norte, um carnaval, appareceu uma companhia hespanhola a representar a *Grã-Duqueza*. Faltavam pelos modos, comparsas, para tropa, e esses poucos que havia, não possuiam uniformes a capricho. O director da *troupe*, que precisamente fazia o papel de general Boum, ladeado das principaes influencias da terra, foi procurar o commandante da guarnição, e pediu-lhe o regimento emprestado. E foi diante de soldados portuguezes, verdadeiros, uniformisados, equipados, que o general Boum soltou as coplas:

General sem temer a guerra,
Com tres canhões!...

Na lingua dos regulamentos escriptos, os meios d'instrucção militar formam um corpo de doutrina, completo e inteiro, em que o escalão das escólas militares está, entre nós, adaptado ao da Allemanha.

«Ha por exemplo, em primeira linha, as escólas preparatorias civis, e a escóla do exercito, onde se professam os cursos das armas especiaes e do estado-maior; em segunda linha apparece o collegio militar e os cursos de infanteria e cavallaria; em terceira linha vem a escóla de cabos e de sargentos nos regimentos; e em quarto logar, temos a escóla pratica da caserna.»

—Que mentira, que fatal illusão! exclama o auctor da *Verdadeira situação militar de Portugal.* A escóla de sargentos — sempre copiando as opiniões do escriptor—não passa afinal d'uma obscura rotina, que não vae além do conhecimento pratico e imperfeito dos regulamentos, e quasi póde equiparar-se a uma verdadeira inutilidade. Os que voluntariamente assentam praça, desde que se não trata de individuos com destino ao curso das armas, raros possuem algum cabedal, ligeiro que seja, d'instrucção: e até muitos procuram o serviço para fugir aos estudos a que a familia os obrigaria. O recrutamento dos sargentos recae, por

conseguinte, sobre rapazes sem cultura, alguns homens feitos, sem curiosidade nem vigor cerebral para os estudos, e muita e muita vez varridos d'outras occupações civis, a que por inhabilidade, não conseguiram trepar.

«Alimentam elles a esperança e a ambição de chegarem um dia a alcançar os mais elevados postos do exercito, porque *desde muitos annos teem estes sido o apanagio da ignorancia e da incapacidade.*»

D'alli sahiram muitos officiaes que actualmente occupam postos elevados no exercito, e que tão caracteristicos modelos comicos poderiam fornecer aos nossos fabricantes d'entremezes. Oh, esses typos de caserna, falaciosos e opacos, que a promoção por edade (um dos grandes motivos da nossa cachexia militar) tem arrastado á evidencia dos altos commandos; esses typos de *sepatina* e de tarimba, que fazem da calinada uma eloquencia, e do vozeirão de manobra um acto de valentia, que de gargalhadas, que de chufas, que epigrammas, elles não teem merecido, tempo fóra, ás novas gerações das nossas escólas militares!

Ha poucos mezes ainda, n'um exercicio d'equitação da escóla do exercito, o official que superintendia, rompeu n'estes dizeres:

—Alumno tal. Traga as mãos á mesma distancia uma da outra.

E outro, n'um exercicio, apontando o livro do ponto: — Está aqui um senhor que falta.

E este ainda, para um estudante que topára na rua com o cabello crescido, e ao dia seguinte, na escóla, tornára a examinar, encontrando-lhe já o cabello curto da ordem: — Esse não é o cabello com que o senhor anda na rua.

E aquelle professor da Escóla do Exercito que n'um compendio de tactica militar, definia *continencia* — signal de respeito constitutivo do elemento bonnet. E corrigia: — Não digo bem! Signal de deferencia e promptidão para a lucta, conforme o chefe é, ou não, fiscal; notando que alguns alumnos d'esta escóla fazem continencia, com o elemento na cabeça.

E *estribo* — elemento com dois appendices para satisfazer um certo intuito.

E *lança* — arma moderna muito usada na antiguidade.

Da supremacia de taes chefes devia resultar a vergonhosa decadencia, a indisciplina e a desordem, que se alastraram depois em toda a linha, abrangendo até aos mais inexpugnaveis districtos do nosso systema militar. A confusão e a anarchia explodiram por toda a parte, amordaçando os estimulos e os brios.

«... e porventura preparando uma catastrophe medonha, na qual a nacionalidade, a fortuna publica, e todos os mais sagrados interesses do povo, fiquem sepultados.»

Pela fundação da Escóla do Exercito, crearam-se os cursos d'armas, concedendo-se aos aspirantes a official, dois terços das vacaturas a alferes. Isto expulsava os analphabetos, lentamente, das promoções, e ao mesmo tempo ia lançando os alicerces d'uma educação militar, que abrisse ao espirito das officialidades, os horisontes da moderna e complicadissima sciencia das batalhas. Mas eis porém que ainda não volvidos muitos annos, depois de inaugurada a escóla, já os vicios de conformação entravam a demonstrar a sua completa insufficiencia, e que equiparada ás *Escólas de Guerra* da Prussia, suas congeneres, a imperfeição da nossa, começára a accentuar-se.

«... O seu primeiro defeito, que se reflecte inteiro sobre os habitos, a educação militar e a disciplina dos alumnos, é não ter ella o internato; o alumno fica á sua vontade, entregue ás distracções, aos divertimentos, aos vicios... ignorando as normas dos deveres militares, e muitos adquirem vicios que os prejudicam, e são origem de perturbações nas relações do serviço.

Por outra parte, os cursos estão pejados de futilidades (entre outras que deixamos d'enumerar, citaremos a photographia, de que na Escóla do Exercito se professa um curso completo, com todas as suas theorias scientificas!) que cansam o espirito dos alumnos, e lhes provocam o aborrecimento pelo estudo, emquanto que deixam de profundar a tactica da guerra, a historia militar, fortificação, etc. E sobre tudo isto, vem o ensino a que falta esse caracter essencialmente pratico, que tem sido a pedra philosophal em que os allemães continuam a afiar esse cortante instrumento de que andam armados os officiaes, e que alli se chama o saber militar.»

Imperfeita pois em todas as suas relações, programmas d'estudos, immobilidade, e até por vezes incompetencia de mestres, a escóla militar tornou-se esteril á mingua d'estimulo, visto como o official por ella preparado estacou, apenas obtido o diploma de curso, e estabelecido que a educação d'esse official fica restricta ás noções incompletas que a escóla lhe deu, e elle cá fóra, no ramerrão do serviço, não tem vantagem alguma em cultivar, ou desenvolver.

Dada a estreiteza dos quadros, e a promoção incondicional por antiguidade, o ascenso aos postos continuou a ser a mesma porta fechada que inutilisa as actividades dos moços, e constitue para os velhos uma sinecura estupida e improductiva. Chega-se a coronel com meia duzia de dentes postiços, varizes nas pernas, e força nenhuma para montar a cavallo. O saber profissional dos superiores restringe-se á ordenança, ao regulamento de fazenda militar, ás praxes do serviço interno e externo, á postura das correias, ao polido das fivelas, e ao feitio do uniforme e do calçado.

Os officiaes tarimbeiros continuam ainda, como outr'ora, a tolher o passo ás gentes válidas, e a arrogar sobre os peitos das fardas, a superintendencia suprema do exercito portuguez, que tem a campanha da Sabuga, sem viveres, a quinze kilometros de Lisboa, por

façanha ultima, e inolvidavel contra-prova da sua descerebrada organisação.

Todos os annos o orçamento aparta 5:000 contos para o exercito, e todos os dias o ministerio da guerra manda alijar os corpos do pessoal sobresellente, licenciando os soldados por companhias inteiras, e não abatendo apesar d'isto, nem um ceitil, áquella fabulosissima cifra de despeza.

Protectores de todas as fraquezas collectivas, e sem força moral para corrigirem d'um golpe de penna estes vergonhosissimos abusos, os nossos governos, ao promoverem por exemplo a general, um coronel, postam-lhe ao lado, para a manutenção das conveniencias, e para a cabulasinha do exame, o *biberon* de um official d'estado-maior, que ensina o velho a papaguear o padre-nosso da tactica, e lhe pega com cuspo, nos miolos varridos, para a solemnidade, meia duzia de respostinhas corriqueiras.

E tanto isto é comico, funambulesco, ridiculo, que se acha justa a resposta d'aquelle capitão que fugia em Torres-Vedras, e que admoestado pelo superior, lhe disse assim:

—Meu coronel! Eu fiz d'isto um modo de vida, e não um processo de morte.

Attentados ao pudor

5 de Maio.

Os jornaes noticiavam ha dias dois casos de violencia exercida sobre menores do sexo feminino, por uns futricas de Coimbra, accrescentando que era o sexto caso d'este genero de que as auctoridades do districto tomavam conhecimento, durante o passado mez d'abril.

Infamias de egual jaez teem os periodicos de Lisboa descripto e commentado, nos ultimos tempos — desde a mulher da rua do Arsenal, que ia recoltar pequenas de 14 annos á provincia, para o trafico do amor infame, até á d'aquella neta que a avó cedeu á mulher d'um cocheiro, a qual ia todas as noites vendel-a, por essas casas de passe, aos appetites sadicos de meia duzia de velhotes devassos.

Devemos confessar que estas monstruosidades não eram frequentes aqui ha cincoenta annos, como agora, em Portugal, aonde o homem, mesmo vicioso, mantinha a virilidade altiva da raça, contendo os seus desmandos n'um cyclo de orgias, que raro faziam violencia á natureza.

Não o seduziam, como agora, estas pullulantes raivas de esthesiar a fadiga dos nervos, vinda dos excessos ou dos annos, pela mordedura na polpa virginea e branca dos fructos insazonados, e pela assaltada á innocencia d'essas pequeninas insexuaes, cuja divina infancia devera adorar-se, como uma das mais puras e sagradas coisas do universo.

Por quantas e por quaes deprimentes causas, secreta e lentamente evolucionadas, chegamos nós a esta perversidade no amor?

Pela velhice precoce, radiada de factores diversos — desde a inania hereditaria, até á insalubre educação das escólas e das officinas — que aos trinta annos invalida os habitantes das nossas cidades, cuja energia physica se apagou na depressão do meio, na falta de exercicios salubres, de hygiene e de cultura moral, e cujo systema nervoso se foi exasperando até aos clownismos da nevrose, e invertendo a polarisação dos actos vitaes, desde as funcções das visceras até ás funcções do caracter, desde as sensações até aos sentimentos, desde os

actos da intelligencia até aos actos da vontade.

Mais ou menos, ha em cada um de nós um *Des Esseints,* fruste talvez, em ecclosão apenas, mas absolutamente inferior, como individuo, ao typo physiologico do homem válido e do homem são. Mas ha outro factor tambem a oppôr á senectude do homem. É a extraordinaria precocidade da mulher.

As raças reprimidas em bairros-gaiolas, como são os bairros das nossas velhas cidades, em casas sem sol, entre saguões e sargetas — pouca agua, ar pôdre, limpeza nenhuma, escasso alimento, e demasiadas exigencias de prazer e de trabalho — deitam rebentos, que apenas fugidos dos berços, parecem já mais ou menos aptos ao exercicio d'artes e funcções, que d'antes eram para assim dizer regalia exclusiva da edade forte. É encarar o gaiato de Lisboa, como prototypo dos filhos das classes trabalhadoras: é encarar o collegial, como specimen de progenitura da nossa classe mediana. Da bocca dos mais pequenos, dos mais innocentes, da creança que apenas falle, balbuciando as coisas com difficuldade, rompem ás vezes palavras que em si condensam mais de trinta annos d'experiencia e de *ruze.* Nas frialdades do olhar (nos garotos da rua

sobretudo) sêcco e tenaz por entre as pequeninas rugas das palpebras avermelhadas d'ophthalmia, enregelam-se a reflexão e a insolencia de sexagenarios que viram tudo, assistiram a tudo, provaram de tudo, e para os quaes o mundo já não contém surprezas nem mysterios. Observar como elles correm na rua, flanando em bandos—pequenos mephistopheles do enxurro—a fazer troça á mulher da hortaliça que passa, com phrases precoces de *voyous* iniciados em certos cultos, ou indo repetir á porta dos lojistas, nos bairros lôbregos, as *scies* desavergonhadas com que certos lojistas embirram muito. E as suas conversas, em que ha mimicas de macaco e aravias cynicas de grilheta!

As suas chalaças, que brotam entre carantonhas macabras, como uma revelação do instincto comico, arguto até ao sardonismo! As suas alegrias, que não teem saude no rir exangue da bôca, e aos doze annos vem já atormentadas por uma especie de raiva convulsiva! As suas coleras, inconsistentes, por accessos, que teem da impulsão monomanica dos degenerados, e dos contrasensos brutaes das bestas carniceiras!

Com as pequenas, o mesmo. A natureza fal-as mulheres, quando ellas para assim dizer, nem ainda começaram a ser creanças. Ha quatro dias, na Avenida, tomava eu o fresco

uma tarde, n'um dos bancos d'encosto que alli ha, quando duas senhoras vieram sentar-se ao pé de mim, trazendo ao lado uma bonecasinha de quatro annos, filha ou sobrinha — o que, não sei. A pequerrucha, rachitica, magra, sem ossos, sem carnes, sem peito, sem pernas, com um filete de voz esganiçada, toda ella requebros e meneios de bailarina, denguices, apenas se sentou, começa logo a deitar-me olhadelas de lado, com um olhinho luzente e morto de papagaio que perscruta, se pelo facto de ter falla, alguem o tomará por uma pessoa.

Este jogo a principio interessou-me, como se eu estivesse mirando por um binoculo invertido, a decomposição physionomica d'uma *chanteuse* de café-concerto; accrescendo que a lombrigasinha de quatro annos, trajava de rendas e plumas, e com seus momos de bôca aphrodisiacos, tinha n'este papel de *petite-dame*, a innocencia da edade, pura mas sem candidez, a espicaçar a expressão picante com que representava. Sentaram-se as duas damas, conversaram, abanando os seus grandes leques de matronas — a espaços erguia-se a pequena, dava um passeio de cinco metros, voltava a percorrer os mesmos passos: e sempre ao passar por nós, despregava o leque, mordia-lhe a orla com uma denguice de corista, *fazendo olho*, depois do que, vinha assentar-se de novo entre as duas senhoras.

N'um claro da conversa, ouvi eu a serigaita dizer:

—Credo! Ainda esta noite não vi uma *creança* que se possa dizer, benza-te Deus!

Eu sem querer desatei a rir. Mas fui-me embora, irritado, e mandando ao inferno a civilisação.

Porque esta creaturinha de quatro annos era, em exagerado, o que mais ou menos são quasi todas as creanças de Lisboa: umas velhinhas de mama, sem infancia, sem ingenuidade, compostasinhas, tolasinhas, já scepticas e maldizentes, copiando as locuções que ouvem, fazendo esforços de perspicacia para adivinhar aquillo que não comprehendem, substituindo o capricho á emoção, a effervescencia hysterica á livre expansão da infancia, o desejo do maridinho ao desejo da boneca, e a conversa com homens, aos turbulentos brinquedos com as demais da sua edade, pelas ruas ensaibradas d'um jardim. Tudo n'ellas, excepto a estatura, condiz ao modelo da mulher mal educada, namoradeira, vaidosa, futil, embirrenta, tão vulgar entre as mulheres de Lisboa, ou sejam senhoras ou cigarreiras, filhas de carpinteiros, ou filhas de capitalistas... A mesma loquela descerebrada, intromettendo-se nas conversas com uma imperti-

nencia de mau gosto: o mesmo saracoteado no andar, que se inspira no porte das actrizes do Principe Real, ao fazerem papeis de duqueza, e no *salero* das *camareras*, ao cantarem o *Señor alcalde mayor:* a mesma curiosidade inquietante em procurarem o convivio de pessoas grandes, como para lhes beber nas conversações, os venenosos succos de certas palavras e certas intenções — e sobretudo aquella febre, aquella ancia d'adivinharem por baixo das coisas apparentes... por uma palavra, um olhar, uma *nuance* d'expressão... alguma coisa do pandemonio humano que ellas desconfiam lhes occultam, e que as tresvaira — pequeninas perversas inconscientes! — ao ponto de as fazer saltar dezenas d'annos, na evolução da edade, tornando-as mulheres, quando ellas ás vezes nem sequer completaram ainda a primeira dentição.

Filhas de banqueiros ou filhas d'operarios, não se imagina o que ellas são d'inquietadoras, aos doze, treze, quatorze annos, e com que felina arte, encantadora e abominavel, muitas d'essas pequenas sabem fazer a côrte aos homens, a occultas das aias e das mamãs. Desconhecidas larvas, rastejando-lhes no sangue morbido que herdaram, vem produzir n'aquella crise da edade, as mais singulares e inconfessaveis pyrexias.

Remediadas ou ricas, os collegios auxiliam,

pela vida commum, a evolução e a quintessencia d'estas estranhas personalidades. As pobres vão para a officina ou vão para a modista, muito novas, impuberes quasi; e alli, emquanto as regentes dormitam, e as machinas trabalham, parallelamente á costura e aos esforços da labuta profissional, segue-se um curso gradual de galanteria, ensinado pelas abelhas-mestras ás jovens mosquinhas-mortas entradas de novo, cochichado ao ouvido, entre risinhos, pequenos beijos, suspiros — um curso de galanteria que nem sequer ao menos tem a livral-o da libertinagem, uma vaporosa aza ponteaguda, elysea e tremula, de sentimento.

Nos nossos paizes do sol, em que a belleza não tem a escudal-a, a tornal-a uma coisa solida e persistente, os relevos osseos do esqueleto, e é feita de carne apenas, de frescuras de tinta, brilho dos olhos, e diaphaneidades mimosas de cutis, a nossa mulher cedo emmurchece, e está fanada aos vinte e cinco annos, ao primeiro desgosto, á primeira doença, ou ao primeiro filho.

O periodo de efflorescencia esthetica inicia-se para ellas portanto, logo desde os começos da adolescencia — o que se chama a belleza do diabo — quando para assim dizer o sexo anatomico inda não falla, e o sexo moral já tem eloquencias, que arrastam o outro, *ca-hin-caha,* empós do primeiro idyllio romanesco.

A rapariga está assim desequilibrada no mais profundo do seu sêr. A degeneração organica da casta, e a viciação do meio social, tornaram-n'a já n'uma mulher vorazmente amorosa, constantemente solicitada pelo mau exemplo e pela tentação, com paixonetas e agasturas hystericas; ao passo que a edade e a miseria estructural, herdada ou contrahida, se manteem ainda nas hesitações e tibiezas da creança. N'ella, o espirito tem todas as labaredas d'um facho, emquanto o corpo é fragil e ondeante como uma gaze.

N'estas alturas pois, o incendio é uma coisa inevitavel.

Ponham-se agora aquelles homens que eu disse, precocemente envelhecidos, sem appetites naturaes, sem saude, com dyspepsias no vicio alterando-lhes os desejos em exoticidades bizarras, mancos de energias physicas que os reintegrem triumphantemente no seu papel de machos e procreadores, ao lado d'estas estranhas *charmeuses* d'olhos garços, cabellos em *chien*, bocca enigmatica, mãos exangues, seio fino, e riso dubio—virgindades sem innocencia, que teem pressa de chegar á nubilidade—e digam-me depois o que succederá.

Evidentemente a desavergonhada da rua do Arsenal não recrutaria creanças para o seu

talho, a despeito da severidade dos regulamentos policiaes, se essa carninha tenra, branca, assucarada, cheirando a sol e a *biberon,* não tivesse procura, e lhe não valesse gorgetas anafadas.

A mulher da rua das Olarias já teria abandonado o seu systema de visitas nocturnas aos santuarios de Venus, com a pupilla, se todas as tardes não fosse uma velha de capote e lenço, com um bilhetinho da sacerdotisa do templo, a D. Isaura ou a D. Innocencia, marcar-lhe um *rendez-vous* para o Castro bexigoso, ou para o Pimenta dos oculos. As mães não enviariam aos cafés, pequenitas de seis e sete annos, trajadas com certa garridice, a vender cautelas ou a pedir esmola, com um sorriso de fazer frio aos menos propensos a sentimentalidades, se lhes não aguçasse a cubiça, as esmolas de cinco tostões com que os francelhos da crapulosa *rigolade* de Lisboa, armam isca, aos transviados e implumes passaritos. Logo esta industria infame, tem procura, e vale a pena de ser exercida, a despeito dos perigos de que se cerca! O remedio de castigar pela correccional os seductores de creanças, não passa afinal d'um palliativo.

Aos de Coimbra, castigados hontem, succederão os de Lisboa, castigados ámanhã.

O acto é por tal fórma monstruoso, illogico, e extravasado dos processos geraes da

physiologia voluptuosa, que não póde explicar-se por uma sobr'excitação do appetite são, mas como uma deficiencia do substracto mental, que a prisão não corrige, e que talvez se foi pouco a pouco preparando, em parallelo com outras manqueiras humanas, á medida que a raça se esgotava, esterilisando-se, n'um *commencement de la fin*, como o de Roma, no tempo de Caligula e Tiberio, que o diabo tenha.

Todos os esforços dos reformadores deverão pois recuar para mais longe, e ir refazer a cidade, não a sabor do empirismo dos lunaticos, que investigam da felicidade collectiva por palpite, como o Fonseca das cautelas, mas sob os respeitos d'um plano vasto e geral em que sejam destrüidas todas as causas averiguadas d'envilecimento organico e moral da familia portugueza, e sotopostos em leis, todos os principios que a sciencia apurou dos seus dois seculos de investigações, e que d'alguma maneira possam auxiliar ou desenvolver, aquella felicidade.

— Mas esse plano? dirá alguem.

Esse plano, os especialistas que o fundem, que o redijam, que o proponham, e que o discutam. Os elementos abundam. Pensam os senhores que não seria já muito o alterar completamente o systema d'edificações em

que Lisboa mora, respira, trabalha e soffre? e que sob todos os respeitos, são a coisa mais asphyxiante e deleteria que se conhece? Nós cultivamos pereiras com infinitas subtilezas scientificas, para alcançarmos na quadra propria, pêras-phenomenos, que ás vezes chegam a ter um kilo de peso.

Apuramos, ou fingimos apurar, raças cavallares, e conseguimos já modernamente um typo de cavallo aproveitavel, o luso-normando, apto para todos os esforços do trabalho.

A mesma solicitude em aperfeiçoar typos de rosas, de paizagistas, vaccas leiteiras, rabanetes, cães de caça, e estylos litterarios. Só a triste raça humana nos merece este desleixo absoluto!

Nos paizes mais adiantados da Europa, começa-se já a pensar n'este problema sériamente: e a par dos esforços tendentes a livrarem os ricos, por algum tempo ainda, das vindictas dos trabalhadores, pela forjadura de codigos regularisadores do trabalho e do lucro, capricham os estudiosos em fazer resurgir da apathia physica, as populações vergastadas pela miseria, em cuja vida o pão escasseia, e superabundam os desregramentos.

Para não fallarmos senão da França, diremos que no espaço dos ultimos dois annos, teem as sociedades sabias de Paris, Tours, Montpellier, Lyon, etc., discutido pelo menos

uma cincoentena de assumptos concernentes á remodelação das cidades, desde as habitações até aos individuos, pelos processos que a sciencia experimental definitivamente aconselha.

D'esses problemas citaremos ao acaso, prohibidos como estamos, de detalhar qualquer episodio especial:

—*Surménage* e *malménage* nas escólas e nas officinas.

—Regulação do trabalho das mulheres e dos menores, quer nas escólas, quer nos *ateliers*—limite maximo d'edade em que umas e outras devem começar a trabalhar—numero de horas de trabalho quotidiano—regulamentos sobre o trabalho nocturno, e especificação da edade e dos mestéres em que esse trabalho deva ser permittido.

—Hygiene obrigatoria das officinas, lyceus, *magasins* e grandes fabricas—sua capacidade, tiragem, graduação de luz, etc.

—Hygiene na construcção das residencias, dimensões de ruas, janellas, e exposição e ventilação dos quartos.

—Hygiene da alimentação—fiscalisação rigorosa sobre a pureza e o preço dos alimentos de primeira instancia.

—Prophylaxia das doenças contagiosas, especialisando as secretas, que estão sujeitas a uma fiscalisação sagacissima, por banda da policia sanitaria.

—Distribuição gratuita de regulamentos sanitarios preventivos da infecção.

—Estabelecimento de banhos publicos gratuitos para toda a gente, por conta das municipalidades. Creação de parques, jogos publicos e diversões baratas, aonde os operarios possam espairecer, ao fim d'uma semana de trabalho.

—Hospitaes para creanças rachiticas e escrofulosas, á beira-mar.

—Fundação de *bourses de voyage* collectivas, para os alumnos das escólas publicas das cidades, d'ambos os sexos, com o fim de lhes proporcionar viagens de recreio ás praias e florestas de França, durante as ferias.

—Estabelecimento d'officinas annexas ás escólas, d'exercicios militares, gymnasios, escólas de canto choral, esgrima, natação e canotagem, com um certo numero de notas de fim d'anno, que entram na classificação geral do curso, com um valor egual aos das outras aulas.

—A mais assidua vigilancia sobre a saude, os costumes, os habitos e as tendencias da infancia, gradual e amoravelmente exercida, para corrigir n'estes as manqueiras hereditarias, e attenuar n'aquelles, vivacidades e violencias demasiosas, já não asphyxiando-as, mas fazendo-as derivar para um caminho aproveitavel.

—Hygiene da maternidade, exposições de creanças, etc. etc.

E por ultimo, accrescentaria eu a toda esta série de problemas capitaes para a vida contemporanea, mais um, que é importante acima de todos, e vem a ser, a intervenção da policia medica nos casamentos, ponto por agora theorico, como meio de prevenir as allianças doentias, que abastardam a descendencia, até ao extremo infimo que se está vendo.

Pois se eu, antes de comprar o cavallo de que preciso, e a *chaise-longue* em que me deito, investigo primeiro se cavallo e *chaise-longue* não teem coisa nenhuma partida, porque não hei de fazer o mesmo *(en ménageant la chose avec la possible delicatesse)* á mulher com quem me caso; ou porque não ha de essa mulher inquirir da minha saude e da minha solidez, sabendo que a casar com um invalido, vae crear-se um martyrio para toda a vida?

Talvez porque em nossos dias, o casamento seja para mulher e marido, uma especie de retirada da vida alegre, d'asylo de rheumatismos latentes e dyspepsias contrahidas, que os ajuda a viver mais algum tempo, e de que os filhos pagam as custas, vindo a este mundo já derreados, desforçando-se porém da inania herdada, pelo prazer d'amaldiçoarem a toda a hora, os paes.

Rosas

—

13 de Maio.

Lisboa não tem ainda em plenitude a paixão das flôres e plantas decorativas. É uma cidadesinha em que tudo se faz por vaidade, e em que metade da gente passa os dias espapaçada em si propria, á espera do momento em que ha de começar a macaquear a outra metade.

O que sobretudo me irrita é a sua indifferença pela maior parte dos espectaculos d'arte, a sua falta d'individualidade perante uma ou outra revelação de bello, que os jornaes tenham deixado passar sem commentarios. Sem ir mais longe, as exposições de primavera...

E todavia, entre as bellas obras d'arte portugueza, deveriam os lisboetas distinguir esta das flôres, que de primavera em primavera

nos está dando specimens da mais esmerada cultura, da mais aristocratica riqueza, e da mais surprehendente e extraordinaria profusão. Verdade seja que as tabacarias vendem-nos as flôres a peso d'oiro, e que um ramilhete esmaltado de quatro ou cinco rosas chá, d'um principe negro, e de meia duzia de cravos almirantes, nunca se alcança por menos de seis ou dez tostões. E isto torna a floricultura accessivel sómente ás bolsas ricas, e prohibe os pobres da suggestiva delicia de terem em casa, á mesa de jantar, ou á mesa de trabalho, como collaborador e como conviva, um bello ramo de tulipas e anemonas, lilazes e pilriteiros, gloxinias e madresilvas, que trazem á residencia um pouco do grande halito dos pulmões virginaes da natureza, e lhes acordam no cerebro, pela allucinação pupillar vinda das côres, o carrilhão phantastico da ideia, que inspira o artigo, facilita a leitura do livro, e emfim repousa—pela hilariante sensação de que nos banha—dos grandes desalentos mentaes, inicio ás vezes de graves doenças, e de desgraças irreparaveis.

Em Lisboa, a flôr devia ser pelo menos tão barata, como as mulheres e como o vinho. As rosas só se deviam vender por dinheiro á gente velha: a outra que as pagasse em moeda

de beijos, com obrigação de receber o troco, inda por cima. Porque tudo, mas tudo entre nós, n'este serviço d'arte, é primitivo, desde a torpeza de se vender por dinheiro uma coisa tão sagrada como o amor, até ao pouco escrupulo na escolha do pessoal encarregado de fazer passar por exemplo uma camelia, do arbusto, para o *corsage* da mulher que mostrar desejo em possuil-a.

Nunca pude comprehender o florista n'outro arcabouço que não fosse o d'uma rapariga bem flexivel, vestida de claro, com olhos raiados d'amor perfeito, e mãos de patricia, brancas e cheias de covinhas, cujos dedos tivessem um ar d'estames longos, como os do *sabot de Venus*... Especie de flôr animada, apta em qualquer parte do mundo a servir de motivo a um poema, como aquell'outra de Genova, que inspirou a Shelley a divina lyrica da *Planta Sensitiva*...

«like sweet thoughts in a dream...»

e ao pansudo Silvestre aquella estancia

«sur tes lèvres en fleur j'ai bu l'oubli des roses,
Et dans tes yeux profonds le mépris des soleils...»

É das brutalidades talvez a que as sujeitam os dedos mercenarios dos vendilhões, que as

flôres murcham tão depressa, nas *corbeilles* das lojas. Tres, quatro horas depois d'exposta, eis que uma rosa começa a esmorecer — e nada escruciante como essa agonia d'Ophelia auroreal!

Um passarinho ferido inda se queixa, e a dôr acalma-se, pela explosão do grito que a traduz. Porém as flôres... Cuidarão vocês que ellas não tenham sensibilidade, ideias, nervos, sangue, como qualquer de nós? Entre a nossa alma e a natureza, não ha apenas analogia, ha identidade. Como individuo, nós somos simplesmente a edição quintessenciada d'esse obscuro sêr que se agita diffusamente na mais pequena molecula do universo. Interesses analogos, gestações analogas, analogas luctas... Dizer que uma planta não soffre, porque se não sabe queixar na lingua em que nós dizemos asneiras, é um erro profundo. Assim, por exemplo, as rosas. Ao aspiral-as na haste, quem poderá negar que ellas não tenham a sensibilidade gracil da Mignon, e que uma alma de mulher, fina e profunda, se não evole do seu calice, ás horas de sonho, traduzindo, como a voz do rouxinol e a restea de luar, a mesma eterna e fervente aspiração?

É seguindo esta analogia fraterna de caracteres, entre a planta e o homem, que os flori-

cultores, como velhas madres, são quasi todos avaros das suas educandas, raro enviando alguma filha prodiga, aos copos de crystal dos *boudoirs*. Com uma sollicitude rara elles se acurvam, de podadora á cinta e mólho de junças humidas na sacóla, sobre os seus queridos arbustos, des'que o outono finda, e as primeiras chuvas d'inverno alagam os terrenos, e fazem brotar gomos das hastes. E observar então como elles prescrutam, de nariz no ar, as perturbações meteorologicas que comprometter-lhes possam o futuro das florações; como elles evitam as devastações nocturnas das lagartas, dos caracoes, das bichas-cadellas e das formigas, indo alta noite, quando o orvalho gotteja nas folhas, fazer caçadas pacientes aos terriveis devastadores dos cotyledons; e com que fraternal sollicitude, com que enternecida paixão, esses pobres benedictinos vêem arredondar-se emfim no arbusto, os botões primeiros, apparecer no torvelinho das petalas, a primeira fimbria de côr, que lentamente se accentua e distilla em gradações mais finas, té a flôr desabrochar n'uma explosão de tintas hilariantes.

Oh, essa primeira flôr temporã, que pica do seu geito de guerra o cimo das folhagens verdes! com que mimo tremulo, com que ingenua farofia, com que orgulho, o floricultor a vem mostrar de camarada a camarada, entre

os sorrisos beatificos de todos esses velhos amadores, que parecem beber-lhe os cambiantes, sopesar-lhe a abundancia da seiva, com os estalos de lingua e as voluptuosidades com que se saboreia á sobremesa, um vinho raro!

Estou d'aqui a vêr Plantier, na sua quinta d'Almada, indo ao romper da manhã cortar na roseira, a primeira rosa, e porventura assignando-a, como um pintor assignaria um quadro, ou um ourives do grande seculo assignaria um *bibelot*. Porque o que faz o genio do floricultor é esta altiva sagacidade que o leva a corrigir na flôr, a obra da natureza, aristocratisando o producto, e completando nos seus detalhes, a obra-prima, onde o escopro de Deus havia lançado simplesmente as grandes linhas.

Para attingir n'est'arte a perfeição impeccavel, quantas tentativas frustradas d'anno em anno, n'esses jardins de grandes amadores!

É conhecida a lenda d'aquelle monge do Bussaco que gastou sessenta annos de Cartuxa, a fazer combinações de terras e sementes, para obter a flôr inverosimil, a rosa azul de que se falla nos poemas orientaes. Da sua ultima tentativa, já centenario, o santo velho aguarda emfim basto triumpho. A primavera começa... ha um botão no cimo da roseira: e o monge, á hora de morrer, desesperado, pede ao Senhor lhe não cerre os olhos antes da

maravilhosa flôr brotar do arbusto inverosimil —que o Dom Prior lhe traz emfim nas mãos ungidas, feita de sêda e essencia de geranio, por uma infanta real do mosteiro de Santa Clara.

A um ourives que eu conheci, quando creança, ouvi uma palavra sobre as rosas, que mais tarde fui encontrar em Amiel, a respeito da paizagem:

—A rosa não é uma flôr, disse-me elle. A rosa é um estado d'alma.

E n'este dito está todo o floricultor.

Charles Monselet

---

21 de Maio.

Paris, 19 de Maio, ás 5 horas e 50 minutos da tarde:

Charles Monselet est mort ce matin

(Havas.)

Era de prevêr o tragico desfecho que atirou para a sepultura, na quadra forte da vida, um dos mais inquietos e dos mais hilariantes phantasistas da litteratura de jornal—uma litteratura que os escriptores de livro desdenham, que o publico ao fim de vinte e quatro horas esquece, e que exigindo esforço, sobr'excitação mental, e excepcionaes predicados de espontaneidade e de humor, vive apenas o espaço d'uma digestão, e fana-se e morre, sem deixar na bagagem do artista mais que *bluettes,* caricaturas instantaneas a quatro

traços, e phantasias que empallidecem e debandam, como folhas de rosa, evaporada a crise d'opinião que lhes insufflára actualidade.

Charles Monselet teve o destino que está reservado á maioria dos jornalistas de todos os paizes, bestas de carga que vão prodigalisando o melhor da sua seiva e da sua alma aos fogos-fatuos da chronica, e que prohibidos de descanso, vivendo n'um dia a dia de tensão mental assustadora, subitamente rebentam, uma manhã, no meio de uma *boutade*, como rebenta um cavallo de carroça, que o carroceiro chicoteia por uma calçada ingreme, em meio da indifferença egoista da turba. Este era um dos grandes archi-estouvados da espumante prosa franceza, a moderna prosa de jornal, viva e ligeira, tocada de flammas de *punch*, fundos de sepia, tons de ambar e de carne de *cocotte*, de cujo composto se arcabouça uma lingua phantastica, maleabilissima, precisa, que refulge tudo, escorre, cheira e sabe a tudo.

Oh, Charles Monselet, vem de Janin e d'Alphonse Karr, como um filho traquinas, que conservando o fundo physionomico dos seus progenitores, comtudo se reserva o direito de ter a seu modo o nariz arrebitado, e o carmesi da bôca a escorrer um pouco a ironia cynica

dos *ateliers* e dos *boulevards.* É o irmão gemeo de Scholl, o pae de Gyp, e o camarada de *verve* do *Homme masqué* e de Richard O'monroy. No estylo d'elle, a caricatura facil, o recorte paradoxal, e a envergatura audaciosa, dão a nota d'um *enfant terrible* que a vida impressiona pelo seu lado grotesco, e cuja litteratura aspirada, se cheira a balsamina e a verbenna, lá tem no fundo, por sob as efflorescencias minusculas dos periodos, espinhos de roseiras, e ramos d'urtigas, d'emboscada á narina descuidosa que a sollicite.

A influencia d'estes homens no publico, é em geral muito maior do que se pensa. Não cuidem os austeros tecelões do artigo de fundo, á antiga portugueza, que nós somos de todo nas suas folhas, uns simples escamoteadores de phrases coloridas, uns enche-columnas pyrotechnicos e banaes, cujas pasquinadas litterarias as mulheres absorvem como um gelado de morango, e os despreoccupados repassam pela vista, sem mais intenção do que matar o tempo que lhes sobra. Erro profundo! No jornalismo, como no parlamento, a multidão ouve de preferencia os que a fazem pensar, fazendo-a rir. Porque para ella, os que teem graça raras vezes podem deixar de ter razão.

Dê alguem duas versões do mesmo personagem — uma bem séria, e que seja a verda-

deira—grotesca a outra, e supponhamos que esta seja injusta. É a segunda que vinga quasi sempre. Na historia politica dos ultimos annos, abundam nomes de grandes homens que resistiram heroica e impunemente ao cêrco de quarenta adversarios serios, e que uma simples *boutade* de chronista inutilisou na arena, para toda a vida. As poderosas doutrinas dos pensadores, actualmente só chegam ao amago da massa, por intermedio das faceis e graciosas vulgarisações da chronica ligeira.

É o chronista quem tem nas suas mãos o fazer derivar a opinião para a esquerda ou para a direita, na esteira d'Affonso ou a reboque de Macario, muito embora qualquer d'estes patusquinhos não valha sequer o sacrificio d'uma pouca de saliva.

Succede com os Monselets, os Scholl, os Fouquier, e os Rochefort, a respeito dos grandes fabricadores de ideias, o mesmo que se dá com os cozinheiros, a respeito das materias-primas que constituem a nossa alimentação.

E o boi que nos fornece a carne, a vacca que nos fornece o leite, a horta que nos envia a enxova, e os soutos de carvalhos e sobreiros que auxiliam, sob a terra queimada das encostas, a evolução mysteriosa das tubaras—cuja gestação é ainda agora um dos insoluveis problemas da botanica.

Todas estas excellentes coisas porém, de

que serviriam, sem um cozinheiro intelligente, espirituoso, que désse ao *beef* a tempera da grelha, tenro e engurgitado de succos nutritivos, e se nos faltasse o *pâtissier* que arranja o leite n'um creme olorante, ou n'um exquisito gelado de baunilha — e não houvesse lá por casa um Monselet-Vatel que sirva a enxova, e transforme a immunda tubarasinha negra e rugosa, como a verruga do... d'uma beata, n'esse admiravel petisco voluptuoso e estranho, transcendental e inconcebivel, que é para um *gourmet* alguma coisa de divino, de caricioso, de revelado, d'alpestre — a symphonia da *Dinorah* do paladar, n'uma palavra?

Charles Monselet. Tinha-me esquecido já d'elle — que fará quem o tiver lido ha seis semanas! Quero citar alguma coisa da sua obra, e não me atrevo. O que ha realmente de Monselet que valha bem a pena de ser citado? O seu espirito, o melhor, o mais incorporeo, o mais scintillante, esse fugiu dos livros — que teem graça, e podem entreter ainda gerações — mas que por certo não refrangerão nem um millesimo da dóse de humorismo que o publico encontrou n'elles, quando publicados em capitulos esparsos, em chronicas d'occasião, pelos jornaes. Porém se a obra, a par do brilho que ainda guarda, vae resvalar na som-

bra, em poucos annos, cumpre notar que alguma coisa de Monselet resistirá á fuligem do tempo, brochador sardonico, que na lapide dos mais bronzeos monumentos se compraz de ir apagando as inscripções. Esse alguma coisa, é primeiro que tudo a intervenção directa de Monselet na educação da grande massa anonyma, derribando á sua vista, pelo sarcasmo, os idolos do dia, falsamente adorados tantas vezes, em pedestaes de lama e d'oratoria, e indo como um *bull-dog* de raça, dente álerta, atravez da vida franceza, á procura d'um prejuizo ou d'um erro que extirpar.

Esse alguma coisa é, em segundo logar, os herdeiros da sua maneira litteraria, os continuadores do seu estylo e do seu processo critico, que nascidos d'elle levarão ao longe os cyclones d'aquella *verve* endiabrada, na formidavel batalha d'ideias que se está travando, entre o anathema dos velhos, e o desrespeito cynico dos novos. Como aquella mulher romana mostrando os filhos aos juizes, a sombra de Monselet poderá dizer ao futuro, apontando os chronistas de Paris:

—Homens! ahi está a minha obra.

20 de Maio.

Os jornaes francezes chegados hontem, consagram artigos á memoria do chronista espirituoso e ligeiro que Paris acaba de perder.

D'aquelles artigos resalta o perfil do escriptor, com uma *allure* inconfundivel e pittoresca, por fórma a apoiarem traço a traço a *silhouette* que démos no capitulo anterior, de Charles Monselet, e que nos fôra *revelada* pela leitura de meia duzia de paginas dos seus livros.

Por exemplo, no *Gaulois,* diz Émile Michelet:

«Um Trimalcião bom-rapaz e *bon-papa;* um *Monsieur Cupidon* como o sonhou Rabelais, tendo porém, tacão vermelho nas botinas...; sim, um *Cupidon* crescido, engordado por Brébant, e modernisado pela vida do *boulevard,* com ventre é verdade, mas tambem com azas de sylpho nas espaduas. Ahi está Monselet.»

Gaston Calmette, no *Figaro:*

«Monselet era o homem da chronica ligeira, que vae atravez dos *boulevards* felicitado por um dito, um dito encantador, lido de manhã, e de que a gente á noite já se não recorda.»

E mais além:

«Depois de haver dispendido em moeda miuda, e sem contar, o seu espirito e o seu talento, para distracção do publico, Ch. Monselet, o auctor applaudido de tantas novellas bonitas e de tantas alegres phantasias, morreu na pobreza, quasi na miseria, desgostoso, estarrecido, desesperado de deixar sem recursos bastantes, na casa vasia, sua mulher, sua filha, e seu filho. A culpa não é da profissão de jornalista: é do jornalismo mesmo. Monselet, julgando haver nascido para a chronica ligeira, fôra-se deixando devorar por ella, pouco a pouco; e quando na edade madura, quiz consagrar-se a trabalhos mais sérios, o chronista *au jour le jour* appareceu, mau grado os esforços de Monselet por emmudecel-o, absorvendo de todo, o *outro.* Este gastronomo guloso, no meio de todos os seus *hors d'œuvre,* esquecera-se de compôr um prato de resistencia, d'assignar um estudo solido, um livro serio, que assegurasse a prosperidade do seu nome. E o seu defeito foi talvez este.»

Fernand Xau, no *Gil-Blas:*

«Um extracto de Sileno, de Falstaff e de Rabelais, com azas de sylpho, disse alguem de Monselet, alguem que podia ter sido Mirecourt — um antepassado perdido na noite dos tempos.»

Monselet era um gastronomo consciente e requintado, que fazia da mesa a sua grande voluptuosidade. Escreveu um *Almanach du Gourmand* (1865), uma *Cuisine poétique*, e fundou uma revista, *Le Gourmet*, que durou pouco, no intuito talvez de resuscitar as tradições famosas de Grimod, Le Regnière e Brillat-Savarin. Todos estes escriptos impam de receitas de cozinha, e conselhos praticos ácerca da arte

de bem comer. Ha um livro de sonetos d'elle, *Les vignes du Seigneur*, impresso a vermelho vinoso, onde se celebram as glorias do mosto, n'um tom faceto que muito recorda o das poesias similares e pantagruelicas de João Penha, nos bons tempos de Coimbra. Celebrou tambem o suino, n'um soneto humoristico, que sem ser maravilhoso, ficou celebre na bohemia litteraria de Paris:

Car tout est bon en toi, chair, graisse, tripe ;
On t'aime galantine, on t'adore boudin.
Ton pied, dont une sainte a consacré le type,
Empruntant son arôme au sol périgourdin,

Dut réconcilier Socrate avec Xantippe,
Ton filet qu'embellit le cornichon badin
Forme le déjeuner de l'humble citadin;
Et tu passes avant l'oie au frère Philippe.

Mérites precieux et de tous reconnus;
Morceaux marqués d'avance, innombrables, charnus;
Philosophe indolent qui mange et que l'on mange!

Comme dans notre orgueil, nous sommes bien venus
A vouloir, n'est-ce pas, te reprocher la fange?
Adorable cochon, animal roi,—cher ange.

Anecdotas:

Ch. Monselet comportára-se valentemente durante a guerra franco-prussiana, e fizera parte d'um batalhão commandado por Tony Révillon. N'aquelle tempo escasseavam os viveres. Os depositos do exercito esgotados, o dinheiro pouco, e cada vez mais altos os preços dos alimentos, nas raras lojas de Paris que os offereciam, tornavam regular o jejum nas fileiras, de quando em quando. Monselet possuia um cão que muito amava: Azor, de nome, o pobre *loulou!* Azor seguia Monselet por toda a parte, aos exercicios, ás fortificações, á distribuição do rancho na caserna do batalhão. Uma vez foi tal a penuria, que os camaradas de Monselet decidiram-no a sacrificar-lhes o cãosito. Dito e feito!

Esfolaram-n'o, etc., e posto com batatas e os devidos temperos, n'uma marmita, o sympathico Azor deu um guisado dos mais estimulantes.

Findo o banquete, Monselet reuniu os destroços do seu amigo n'um prato.

E contemplando-os, n'um tom lacrimoso:

—Pobre Azor! Se agora fôsses vivo, que bella petisqueira que apanhavas!

Dois annos depois, viajava elle pela Italia, e ao deixar Napoles, como era sempre preguiçoso, uma manhã, Monselet ergueu-se á pressa, agarrou nas malas, e dirigiu-se a correr para a estação dos caminhos de ferro. Em alguns minutos o trem ia partir. Era a segunda vez que Monselet perdia o trem: e d'esta elle corria, com a mala na mão, sob um sol abrazado de julho, pela avenida que levava ao caminho de ferro. De repente, uma voz:

—Pst! Pst!

Monselet pára, circumvaga a vista, imaginando ter deixado caír alguma coisa. Era um lazzarone esfarrapado, que á beira do caminho se abrigava do sol, sob uma arvore.

—Eu bem sabia, diz o mendigo a Monselet, vendo-o aproximar-se solicitamente; eu bem sabia que v. ex.ª viria ter commigo para me dar esmola. Faz tanto calor, que lhe agradeço o ter-me evitado o incommodo de lh'a ir pedir ao meio da estrada. Ora Deus Nosso Senhor lh'a pague!

Silvo da machina. E o comboio partiu sem Monselet.

Impressões d'aquella sua viagem á Italia:

À Pistoie, en m'éveillant,
Un prurit soudain m'offusque;
Certain insecte grouillant
Vint-il pas se poser jusque

Où mon torse est plus saillant.
Je le saisis d'un air brusque!
Mais je dis en souriant:
«Hé! c'est la punaise étrusque!

Petit insecte rageur,
Je ne suis qu'un voyageur;
Cherche ailleurs, cherche ta voie!»

Je dis, et posai sans bruit
Dessus la table de nuit
La punaise de Pistoie.

Raras vezes apparecia n'uma sala d'espectaculo. Alguem lhe perguntou porque era que elle, fazendo criticas dramaticas para os jornaes, tão pouco era visto no theatro.

—Tenho receio de me deixar influenciar, dizia elle.

Era um dos convivas certos de Victor Hugo, que muitas vezes lhe dizia, por brincadeira:

—Quando escrevo a *M. Monselet, no caes*

Voltaire, sinto sempre vontade de fazer um trocadilho, e pôr no sobrescripto: a *M. Voltaire, no caes Monselet.*

Este homem barrigudo e molle, bateu-se comtudo á pistola com Augier, e á espada com Th. Barrière. Na manhã d'este ultimo duello, como Monselet despia o collete, viram-lhe os padrinhos um par de suspensorios novos.

—É para fazer honra ao meu adversario, disse elle.

Vae que os suspensorios eram escarlates:

—E para lhe metter medo, accrescentou.

Definição do talento d'Octavio Feuillet, por Monselet:

—É uma panella d'ôlha, com azas.

Villemessant, o creador do *Figaro,* e o que é mais, do *Figarismo,* na litteratura e na arte; Villemessant que apesar d'alguns rompantes bons, ficará sempre na historia como o typo do dono de jornal, usurario e desbocado, cruel e irrespeitoso, e como o *clown* cynico e genial de que procedem, *em exagerado,* os jornalistas mercénarios da politica e das negociatas

particulares; Villemessant fez um dia a Monselet uma d'aquellas *bien bonnes,* de que elle tanto gostava, e que muitos dos seus biographos citam, como a glorificar-lhe a triumphante natureza de charlatão.

Monselet devia a um dono de *restaurant,* Dinocheau de nome, uma somma de 11:500 francos, importancia de 5:750 refeições que o escriptor devorára, na locanda do homemzinho, durante não sei quantos longos mezes. Villemessant soube do caso, e tendo que pagar a Monselet um certo numero de chronicas do *Figaro,* negociou com o dono do *restaurant* a divida de Monselet, e á hora de saldarem contas, apresentou-lh'a, com aquelle riso gargalhado que lhe era peculiar.

Bezerro d'oiro

29 de Maio.

Foi no domingo ultimo, que o joven dramamifero Santa Rita convocou as pessoas das suas relações a uma leitura publica do *Bezerro*, por desforçar-se dos actores de D. Maria, que delicadamente lhe haviam feito sentir a impossibilidade de pôrem em scena a peça supra, que além de ser cara, offerecia perigos para os espectadores, sobre offender os regulamentos policiaes, que como se sabe não permittem corridas, com *Bezerros* desembolados.

O local de *rendez-vous*, era como de costume o salão da Trindade, terreno neutro, que ouviu a *Flavia*, assistiu aos estenderetes do club dos patinadores, e desde largos tempos tem supportado os ganidos das jovens cantoras subsidiares dos concertos de caridade. Ali pudemos

vêr, pela uma hora da tarde, crucificadas em cadeiras de palhinha, cerca de quatrocentas ou quinhentas pessoas endomingadas, de physionomias extinctas, uma hostia de calva na moleira, baboso o labio, e tão esplendente resignação sobre a figura, que logo se via estarem todas expiando ali um irreparavel caso de consciencia — para o qual nem a religião, nem a sciencia, nem a arte, poderiam servir de refrigerio, restando ás almas, como supremo recurso, o lançarem-se apenas nos purificantes braços — da estopada.

Começou o sr. Santa Rita por explicar a sua guerra punica com os de D. Maria, e a lêr officios e bilhetes postaes trocados entre elle, e varios *amigos da verdade* da provincia, que incitavam o fogoso demolidor a proceder energicamente contra uma empresa que invalidava á nascença as creações dramaticas de chispa, prostituindo a arte em favoritismos indignos e absurdos.

Na opinião do orador, o theatro de D. Maria deve representar todos os originaes que lhe forem enviados, desde os originaes opusculos do Jayme, até aos seus originaes salta-trincheiras.

E quanto aos proventos a auferir d'uma época theatral, levada exclusivamente a correr *bezerros*, a empresa que se arranje; porque para o sr. Santa Eufemia, uma empresa

de theatro tanto engorda com pateadas, como com ovações—o que é natural lhe succeda a elle como dramaturgo, auctor de peças que teem na sola uma das suas grandes fontes de receita.

O drama *Bezerro d'oiro* tem cinco actos: nós só pudemos ouvir dois, mas disseram-nos que o acto mais bonito era o sexto.

O primeiro passa-se a bordo do vapor *Cybelle*, e para isso a scena representa uma sandwiche do barco, cortada no sentido longitudinal.

Ha uma condessa de S. Thiago, um conde, uma infeliz menina, e varios pandegos mais que deitam pela bôca, enormidades. Ah! é verdade... ha tambem uma mulher *sportman* (assim escreveu o dramaturgo) catita!

O sr. Santa Rita encarregou-se de representar o drama a caracter, imitando durante a leitura, os diversos actores de D. Maria, para quem destinava os papeis da sua peça—voz de Brazão, voz de Virginia, entonação comica á Augusto Rosa, e á Rosa Damasceno... alternativas de cólera, de supplica, de pranto e de meiguice—o todo sobrelevado por piruetas e esgares, *roulades* d'olhos e faniquitos comicos de membros, de tal expressão, caracter, e eloquencia, que uma pobre senhora disse ao lado de nós, muito dorida:

—Dêem-lhe agua de flôr, que está parvinho!

Entre os scepticos do *Bezerro,* ha um tal Valentim, que diz para a condessa de S. Thiago, o seguinte:

— Quando aos sessenta e cinco annos se não é homem nem mulher, é-se mais ou menos mineral, minha senhora.

Que audacia, hein? Mas isto é a negação de todo o reino vegetal. O sr. Santa Rita faz o sal amargo irmão gemeo da batata da ilha. Deita ao desprezo a herva, nega o valor da luzerna, ingrato!

E quando se passa á leitura do segundo acto, o espectador percebe logo que o *Bezerro d'oiro* é uma carga medonha na mocidade amorosa do illustre argentario, o sr. Monteiro dos Milhões. Positivamente!—No sr. Monteiro dos Milhões!

Que segundo acto aquelle! Piadas sobre as dansas, um *cotillon* que dura dois minutos, piadas sobre os engenheiros de pontes e calçadas, piadas ao globulo rubro, a Alfredo de Musset, a Alfredo Gallis, a Alfredo Mendes da Silva—e o Santa Comba esgrenhado, em suor, a voz sifflante, vae por li fóra, dizendo aquellas coisas como o Salvini no *Homem das selvas,* e como o José Romano ao representar o *Othello* em Setubal. Aquelle segundo acto! Nunca na minha vida mais hei-de esquecel-o.

O dramaturgo no palco, cercado de copos d'agua, vasios e cheios (o que chamam no Refilão um *copophone)*, a sala offegante, prêsa dos seus labios d'apostolo inspirado, e ao fundo o professor Deusdado, a tomar apontamentos para dar um naco do *Bezerro*, no proximo numero da sua *Revista d'educação e ensino!*

Ah, Deus permitta que este segundo acto seja para o sr. Santa Rita, um verdadeiro e sincero acto de contrição!

Só assim o absolveriamos da sua filaucia, que ousa insurgir-se contra quem lhe aconselhou não désse a publico, com essa leitura, um testemunho triste da incapacidade. Se o sr. Santa Rita não abatesse o *Bezerro* no salão da Trindade, os seus amigos continuariam a suppôr no bicho algum vigor. Agora não! Ficámos sabendo que se não tratava d'uma peça de theatro, mas d'uma peça de panno crú. Olhe uma coisa. Em tendo outro *Bezerro*, faça-lhe uma sopa da cauda, convide os amigos para um brodio, e venda depois a pelle — a um sapateiro.

Os Jornalistas

7 de Junho.

Balzac previra o instante em que o oiro, senhor alfim do mundo, havia de mandar os homens e fazer rolar os interesses, a um simples gesto do seu braço, fosse qual fosse a condição e a origem d'esses homens, fosse qual fosse a corrente impetuosa d'esses interesses. Isto porém seria pouco, se na *Comedia Humana*, ao lado da apotheose satanica do dinheiro, não viesse esquissada a lucta dos desesperados contra a miseria, e dos ambiciosos contra a obscuridade — lucta sem treguas, nem consciencia, com a pilhagem por premio, o amor adulterino por leito, e o banditismo por fórma de governo — lucta diabolica, sanguisedenta, exhaustinada, cuja delirante audacia

tornava em luctadores, inermes plumitivos, resignados antigos em rebeldes, e reles pobres-diabos em Satanazes perversos e terriveis.

Em Portugal, estamos assistindo ha annos a este emergir de impunes d'á superficie do charco social: e os timidos vêem com assombro formilharem das baiucas dos jornaes, dos bisonhos circulos da provincia, do fundo das secretarias, das casas de hospedes, das casas de negocio e das casas de batota, creaturinhas que vem para a politica como quem vae para o Brazil, de tamancos ainda, fallando a gallegagem da sua cidade natal, um varapau na mão, quatro phrases e meia na memoria, gazua e box n'algibeira: e installarem-se, começarem a tramar, a rastejar pela Arcada, a rabiar pelas locaes dos jornalecos, sollicitando a apresentação d'este, o aperto de mão d'aquelle, licença para escreverem a biographia d'aquell'outro: até que um dia apparecem, já patrões, grandes concessionarios, o charuto insolente, ondas de sangue no pescoço, o olhar dominador, absolvidos do primeiro escandalo por uma opinião que os não vergasta, dobrando as energias d'á roda pelo estridor das insolencias que vomitam, e espavorindo emfim as consciencias, pelo tropel d'escandalo de que fazem estendal.

D'estes *Barry Lindon* que vem á capital tentar fortuna, o mais typico é o jornalista, o jornalista d'agora, energico, pimpão, lésto em moral, intransigente em fórmulas de honra, desabusado porém de todas as crenças, batido de todas as miserias, esfomeado de todos os prazeres—o jornalista que, devorado do mal do oiro, põe a sua fortuna n'um artigo, especulando as altas e as baixas dos partidos, e incorrendo a alternativa d'acordar director geral, ou ter de fazer saltar os miolos, ao dia seguinte.

O publico já tem assistido á alvorada d'uns poucos d'esses, no ceu do jornalismo, e sabe que interpretação esses homens teem dado ao direito de pensar alto, e em que opipara chuva de narcejas truffadas elles teem tornado a sacrosanta missão de escrever os fastos da verdade. Sob o consulado d'estes, a imprensa deixou de ser a voz da inquietação publica, e o vetusto carvalho a cuja veneravel sombra o jornalista, como aquelle velho rei, fazia justiça, com a nobre isenção d'uma consciencia pura. Elles torceram o espirito de controversia de que vive o jornalismo—esse espirito de controversia que é a alavanca mesmo da verdade—elles o torceram em testemunho falso e vilipendio: a bella e calma linguagem fallada

outr'ora, nas pugnas vivas, porém nobres, do jornal, elles a tornaram n'uma aravia de polhastros e michellas, dubia e inviril, sem alcance nem odio, que se vomita pelas enfrestaduras da vergonha, em vagalhões d'inqualificaveis grosserias. E nem vislumbre d'espirito alto, ironia pungente, ou d'um ideal philosophico pairando-lhe acima das profissões de fé ou dos artigos, inspirador de todas as luctas, semen fecundante de todas as aspirações!

Comprehende-se o jornalismo em França ou na Inglaterra, aonde quasi tudo o que ha d'instruido, de liberal, d'intelligente, nos tres quartos da nação, existe ali; e aonde elle faz tudo, revoluções e apotheoses: e sem elle nada se cria, transforma, ou experimenta. Da imprensa deriva toda a especie d'incentivo e d'energia fecunda e transformavel, que depois vae propulsar em todos os districtos geraes da actividade, moral e sciencia, industria e arte, politica e religião.

As migalhas de verdade, que nos seus laboratorios Pasteur e John Tyndall, Hæckel ou Verneuil, conseguem isolar, para descerem á rua, não hesitam em pedir auxilio aos jornalistas. É a imprensa que reforça e purifica a voz da opinião — essa complexa voz feita do rumor de todas as aldeias e cidades — com a sua

tuba de bronze que fustiga as torpezas, tetanisa as consciencias, dá aos governos força, expurga do mando os nomes conspurcados, e exalta os martyres, recompensa os trabalhadores, e crystallisa em bronze, ao centro das praças, a memoria de todos os que d'alguma fórma souberam cumprir o seu dever!

Dia a dia, a auctoridade d'ella centuplica, e á parte um ou outro desmando avulso para de logo corrigido, é vêr com que certeza d'acção, com que disciplina moral ella procede, n'aquelles grandes paizes educados no respeito do trabalho intellectivo, e tendo pela missão d'escrever o culto inviolavel que ao mundo antigo inspiravam os deuses e os heroes.

Fallem-me agora da acção da imprensa em Portugal, nos ultimos annos: a ingerencia d'ella na cultura publica, a sua disciplina mental, a sua auctoridade... O que ella haja produzido de bom, de salutar, d'educador. Quaes as grandes medidas iniciadas por ella, ultimamente. Ou o que se apure sequer de definitivo, de solido, de certo, ao cabo da fatigante correria do espirito atravez as leguas de prosa dos cento e cincoenta jornaes diarios de Portugal.

— Uma noção de politica pura e destruffada das escabrosidades individuaes de quem a escreve? Uma renovação litteraria? Germens d'uma consciencia nova? Um movimento qualquer na philosophia ou na moral?

Lá vem já o centenario de Camões... Uf! O centenario de Camões foi uma procissão phantasiada por um artista, e assignada de cruz pelos jornaes. Teria valido talvez pelos resultados: esses porém quaes foram? Despertar na provincia o instincto da parodia, e não haver agora aproposito ridiculo, em honra do qual não saiam á rua, d'estandarte ao vento, as philarmonicas, os gaiatos d'asylo, e uma ou outra associação de sapateiros.

Quanto aos jornalistas, dêem-me seis que tenham passado a vida a defender os interesses do povo, sem fazer da redacção elevador para uma aposentadoria: dêem-me quatro aonde eu escolha um grande homem de lettras, ou simplesmente um grande homem d'espirito: ou venha a carcaça d'um unico, que eu mostre ao povo aqui da minha janella, como o principio ou o fim d'um homem d'Estado.

E a rasão salta sem esforço. Os jornaes que se sustentam, teem todos um intuito qualquer d'ordem secreta; á parte este ou aquelle, quasi todos foram fundados para a aerostação politica d'um nome, para a defeza d'um syndicato, ou para fazer ganhar dinheiro a um imbecil. A politica não é entre nós uma sciencia nem uma arte, nem parte d'um dogma, nem se inspira d'um ideal philosophico, nem tão pouco é o resultado d'um certo numero de forças sociaes que se entrechocam. Vae do bem ao mal

por sobresaltos d'acaso, joguete de meia duzia d'espertos que vem para a feira escamotear um circulo de *badauds*. O jornalismo é um sitio de passagem, uma especie de *mauvais lieu que l'on avoue*, como dizia Chamfort, e aonde cada qual se demora o menos que póde.

Todos ao afloral-o, contam fazer nos jornaes apenas uma estação de preparo para esta ou aquella tentativa de fortuna: e entre os homens d'uma certa categoria mental, passa elle como uma occupação sem nobreza, desacreditado como anda pelas delapidações dos exploradores.

Dada portanto a duração ephemera da vida jornalistica, nenhum homem de talento póde fazer do jornal a sua obra, nem convergir para artigos de transição, rapidos e destinados a viver vinte e quatro horas, o mais impressivo das suas faculdades, e o mais angustioso dos seus esforços, na solvabilidade d'um certo numero de questões. Estes os resultados moraes. Se toco os outros, bastará dizer que o mais exclusivo e tenaz dos nossos jornalistas, teve ha uns mezes como recompensa da sua abnegação de vinte annos d'esforços, uma mócada nos cascos — e havia uma libra em cofre, no dia em que o trouxeram p'ra casa inanimado!

Assim fica aberta aos *rodeurs* a arena jornalistica, que desde essa hora se faz theatro de toda a especie de farças, gibosidades, e malquerenças. O jornalismo torna-se emfim a feira franca dos audazes, que vem por massas, em plena apathia publica, como os corvos, abocanhar o seu pedaço de burro fedorento. Raça d'inermes, nós deitamo-nos então a admirar aquelles fortes arcabouços plebeus de mercenarios, cujo sangue é ardente, e cujos tumultos de caracter, bruscos e grosseiros, vão piaffando na vida aos safanões, como esses sendeiros que os ciganos esporeiam nas corredouras dos mercados, á vista do comprador boquiaberto. O tirocinio d'estes famelicos é curto. Quasi todos, começam por se imprimir attitudes de puros e d'austeros; teem a palavra prompta, bravatas habeis, apoplexias de colera no argumento: e intransigentes na fórmula, auctoritarios, esses homens surgem para a crendice dos tolos como umas transfigurações da hombridade antiga e portugueza — muito embora as suas espadachinagens pela honra apenas tenham servido a fazer do duello, um picaresco synonymo d'almoço. Anonymos bachareis passam assim subitamente d'administradores de concelho aos cargos mais opiparos, sem outras provas publicas além de meia du-

zia de insolencias. Empregados do fisco, professores superfluos, tabelliães de provincia fugidos a responsabilidades locaes, chegam a Santa Apolonia, de chaile-manta e alforjinho ás costas, tresnoitados, matreiros, javardos, olhando a policia de soslaio: e ainda não passaram duas semanas sobre a vinda, nem está ainda paga a sobrecasaca rica ao algibebe, já elles fazem no predio a chuva e o bom tempo, mercê do artiguinho com que affirmam ou recusam a efficacia de tal xarope politico, na coqueluche das massas, e com que impingem tal prompto-allivio á dôr de cotovello dos correligionarios descontentes. Ninguem exige um passado a estes charlatães, como garantia de futuras responsabilidades. É apparecer o primeiro, entregamos-lhe logo as chaves da cidade, sem vistoria prévia á isenção dos seus propositos, á legitimidade das suas ambições, aos seus amigos, passado, e virtudes anteriores.

Ao cabo d'alguns annos de tramoias, quando elles trepando aos hombros do desprezo publico fincam as unhas na cornija do pedestal em que hão de ser sagrados vencedores, pergunta a gente a si mesmo por qual cobardia civica e collectiva se tolera o escandalo d'uma tal apotheose, e porque não exterminaremos nós d'um golpe esses ridiculos Sansões que brandem nas mãos, em vez da maxilla biblica, um vaso de noite—que elles esborracham,

mau grado as posturas, sobre a cabeça dos philisteus espavoridos.

Entre os typos do jornalista nefasto, avulta como um dos primeiros, Villemessant, o sinistro carrasco de quasi todos os debutantes da litteratura franceza, ha quarenta annos. Mas Villemessant creou o *figarismo,* uma obra de *badauderie* e scepticismo, que lançou na imprensa as sementes d'um gosto, d'um espirito, e d'uma linguagem completamente novas. Hoje a Europa inteira é figarista.

Que germens de progresso, que espirito, e que linguagem, estão fundando, á parte os cinco ou seis austeros do nosso jornalismo, esses esgrimistas do insulto, que ninguem estima, que raros sinceramente applaudem, e de que um grande numero tem medo, não sei porquê?! É lêr a obra d'algum d'aquelles Girardins de fresca data: correm-se leguas de prosa, o espirito hesita e pergunta:—Mas o que vale tudo isto? O que é que isto prova? Que X. queria a pasta, H. o caminho de ferro, e F. continúa a fariscar na fossa dos partidos, á espera de que o rei faça um signal, p'ra se inscrever. Quatro ou cinco mezes depois de mortos, não restará d'esses homens uma idéa, uma phrase sequer, uma palavra. Serão lembrados talvez, pelo mal que fizeram, pelo crime de haverem desviado a consciencia publica de todas as idéas justas, e de todas as tendencias honra-

das e tranquillas: por haverem lançado em todas as fontes de trabalho, perturbações d'uma natureza irreparavel; por explorarem a tolice, pela lisonja; por haverem preterido o merito ao empenho, e formulado em evangelho a posse da riqueza, *malgré tout,* como exclusivo gerador de felicidade.

Mas vae que por detraz d'estes ergue a cabeça já a escóla nova, que elles fizeram, e que mostra em exaggerado, as impudencias que os mestres affixaram. Ao menos estes, ainda de vez em quando fingiam deferencia por quatro ou cinco fórmulas geraes. Por exemplo, o seu desprezo pelos artistas revestia quasi sempre uma feição de cordealidade, e o jornal mantinha a integridade do assumpto, desde que elle não affectasse o interesse particular do refeitorio. Era o bom tempo! Vão vêr agora. Na interpretação de questões estranhas á politica, quasi sempre se allia a matreirice á incapacidade. Os livros que apparecem, não inspiram a curiosidade de ninguem. Ha uma exposição d'arte, ninguem falla. Os artigos de theatro são uma lastima a fazer rir. Quanto á *reportage* dos *faits divers,* essa abusa do escandalo, intervem nas deliberações dos magistrados, deturpa factos, rehabilitando ou maculando, consoante as flatulencias de genio em que amanhece.

O duque d'Elchingem disse uma vez:

—Eu estimava bastante M. de Woestyne. Mas desde que o sei jornalista, começo a embirrar com elle.

Olha se o duque vivesse agora em Portugal!

As Casas

23 de Junho.

Mal as ultimas chuvas de maio teem cahido, começam a construir casas os passaros, e a desmanchar a sua, os lisboetas. Vesperas de 25, as vidraças cobrem-se lentamente de quadradinhos de papel branco, e os jornaes, d'annuncios offerecendo casas, provocando-se assim pela cidade, por banda do elemento feminino especialmente, uma crise de bisbilhotice, que vem alfim a resolver-se em pormenores comicos, e a esventrar ao sol as pequeninas miserias ridiculas da classe média.

Ranchos de familias, obrigadas por um motivo qualquer a desabelhar da antiga residencia, encetam n'este dia de faina, logo ao romper da manhã, a sabida peregrinagem á casa

com escriptos,—especie de Senhor da Serra intra-barreiras—e vão enchendo as escadas e as ruas do formilhar dos seus gestos, e do pretencioso *piou-piou* dos seus vozidos. A pretexto de buscarem morada, eis as mamãs, as filhas, as creadas, invadindo insolentemente a nossa sala, enfiando o nariz pela nossa alcova, fariscando as petisqueiras da nossa cosinha, dando balanço ás nossas provisões, fazendo o diagnostico dos nossos habitos: e tudo isto com uma franqueza, uma ironia, uma insolencia, a que não ha fugir nem replicar, mercê da praxe que exige conduzamos aos desvãos mais intimos da casa, de sorriso na bôca e figa na algibeira, os nossos suscessores, e de caminho lhes patenteemos as nossas miserias domesticas, desde o cheiro a reseda que se exhala do *boudoir*, até ao cheiro a documento humano que se exhala do *water-closet*.

Ouvir então, a proposito das condições hygienicas da peça, os commentarios que as visitantes sublinham, a respeito das coisas que vão vendo, é um d'estes calix d'angustia, a que raras physionomias de donos de casa resistem, sem crispação, tanto a impertinencia d'aquelles esfusia em sarcasmosinhos disfarçados, allusõesinhas, piadas, em que tudo é posto em duvida, desde a authenticidade das nossas pratas, até á compostura das nossas filhas, e em que tudo é avaliado, pesado, com-

mentado, por fórma a nos deixar ululantes de surpreza, de vergonha, e de pavor. A pretexto de gentilezas trocadas, a mamã fica sabendo a que familia pertence a nossa mulher, os seus annos d'edade, as suas receitas de compota; e emquanto as meninas arrancam á ingenuidade das nossas filhas, revelações ácerca dos visinhos solteiros, das mestras de piano, dos namoros, das *soirées*, das contas da modista, vae a creada no corredor espiolhando a maledicencia da nossa cosinheira, que lhe refaz summariamente a psychologia da familia, com um rancôr sanguineo de femea a quem se recusou vinte e quatro horas de licença—já promettidas de vespera, como *étrennes* d'amor, a quatorze ou quinze guardas municipaes.

Entretanto não ha nada mais elucidativo, como elemento d'analyse, do que esta romaria ás casas com escriptos, que vae surprehender em plena intimidade a familia lisboeta da classe pobre, n'ella colhendo o que ha de inconstante na sua machina, e d'artificial na sua funcção. N'este grupo de sêres, que um filetesinho de amor colliga apenas, e que mal sahidos da infancia, começam logo a pensar no meio de fugir á auctoridade paterna, que

lhes pesa, e á frequente penuria da casa, que os enjôa, nenhuma solida raiz crava na terra a genealogia da casta, prendendo as vergonteas d'ella, com um mastro de nau, ao poderoso casco d'um lar fixo—santuario de tradições domesticas, centro d'interesses vindouros ou hereditarios, museu suggestivo e local de grandes datas, egreja e altar de todos os divinos sacrificios da existencia humana—cuja posse faz na provincia, de cada familia, uma aristòcracia solarenga, mesmo entre cavadores.

O habito de viver cada seis mezes n'um cubiculo differente, alugado ao acaso, e polluido por todas as especies de promiscuidades anteriores, sem luz, sem ar, sem arvores, sem historia, desapega a familia lisboeta não só das ternuras poeticas inherentes ao orgulho da posse (que faz da nossa propriedade um companheiro que pensa comnosco e comnosco soffre) senão que tambem a coage a abdicar das responsabilidades hierarchicas, dos sacrificios moraes, dos deveres, que impõe um nome escripto sobre a padieira d'uma porta, ás gerações d'elle sahidas, ignorantes e pobres que ellas sejam.

É um facto geralmente averiguado, de que aos muros entre que se vive, ficam pegados resquicios não só da nossa biographia, mas tambem da nossa personalidade viva e deli-

berante, assim como germens das enfermidades physicas e moraes que nos alancearam. De residencias hoje solitarias se conta, haverem guardado por seculos, *em concavo,* a figura dos seus antigos moradores. Quer algum de vocês conversar com Herculano, ha doze annos extincto no eremiterio encantador de Valle de Lobos? Vá lá um dia. Escusa de ser como Eglinton, um telepatha, e de possuir como os monges do Thibet e os fakirs do Industão, o dom de por uma concentração de pensamento, podér coagular o fluido astral, sob a fórma visivel d'um morto ou d'um ausente, para obrigar o solitario a vir ao portello da quinta recebel-o, ainda agora, com a sua japona de saragoça, o seu chapeu d'esteirão, o seu lenço encarnado, e o seu voluntarioso queixo de Plutarcho e coveiro do Hamlet. É transpôr a portasinha da entrada, dar os primeiros passos pela rua de parreiras e chorões, té ao lagar, buscar a casa, vêr as roseiras e o lago sem amura, onde um ting-ling de fonte repete aos nenuphares os mais pittorescos bocados das *Lendas e Narrativas*... e eis que subitamente o velho surge, não sob uma fórma abstracta d'espectro, porém n'aquella sua conhecida figura de cavador e mestre-escóla, que physicamente poderia definir-se como alguem definiu, cuido que o poeta inglez Dante Rossetti — um grande espirito, que enfiou a troche-

moche pelo primeiro corpo que achou deshabitado, e que logo por desgraça era o peor.

Ora, é fazer o calculo dos inquilinos que uma d'essas velhas casas da Baixa tem tido, desde a reconstrucção burgueza do Marquez, multiplicar por elles o numero de crostas de vicio, miseria, infamia, que desde o terramoto devem d'estar pegadas ás paredes, e concluir depois, espavorido, por que hedionda fórma aquellas estalagens soturnas, aquellas gaiolas lugubres e infectas, reagirão sobre cada inquilino novo que lhes chegue.

É uma tramoia furibunda, uma guerra de morte implacavel, uma caça ao homem inerme, pelos trezentos milhões de microsimas invisiveis, que o microscopio não revela, que a reacção chimica não descobre, e nenhuma therapeutica aniquila, e nenhuma vaccina faz attenuar!

Ha creaturas que teem entrado para terceiros andares da travessa da Palha, immaculadas, e que mezes depois saíam de lá feitas em monstros. Eis a reacção vingativa da casa sobre a indole, a catechese do muro sobre o homem. Simples caixeiros de commercio, apathicos, subalternos, adormecidos n'um terceiro andar, rua das Trinas, teem despertado banqueiros e homens de negocio. É uma eclam-

psia mental do sêr sobre si mesmo? Não! procurem na casa o espirito anterior...

Dirão porém: d'essa maneira, nada para transformar o caracter, a vontade, a intelligencia, n'este sentido ou n'aquell'outro, como uma estação forçada na casa em que tenha residido o espirito typo da metempsychose que se deseja!

Torna a sciencia:

—Isso é que não! O microbio do typho que dois individuos, por exemplo, absorveram, estando ambos, pelo menos apparentemente, dispostos a chocal-o, muitas vezes deixa immune algum dos pobres diabos, ao passo que fabricou no outro, a terrivel febre. Faltava ao primeiro disposição, receptividade morbida, preparo... E a verdade subsiste, generalisando o facto ás outras febres pôdres contemporaneas —desde a febre do oiro, nas suas diversas seriações de monopolio, topa-a-tudo, e syndicato, até á ridicula febrinha larvada do amanuensado, do drama em verso, e do addido d'embaixada, que como todos sabem se cura, ensinando aos ralaços o trabalho, aos idiotas o silencio, e aos fidalguinhos um modo de vida menos duvidoso.

— Oh, a sciencia agora explica tudo. Excepto alguns sabios.

A terra, a casa... que desgraçado ha-de ser quem não tenha no espirito esta idéa ligada a meia duzia de recordações estremecidas! Só por si, esta vagabundagem lisboeta de poiso em poiso, decomporia a familia, mesmo quando outros dissolventes a não estivessem minando a cada passo. Uma das coisas que mais pasmo infunde aos cavadores da minha aldeia, é eu dizer-lhes que em Lisboa só as pessoas ricas teem casa sua, e accrescentar que um só predio póde dar moradia a oito ou dez familias, que ás vezes nem sequer se conhecem umas ás outras. Não comprehendem elles, na sua simplicidade austera de proprietarios, donos da cabana onde se fundou a familia, os antepassados viveram, os filhos se crearam... não comprehendem como é que se póde ser feliz sem um lar herdado, errante de casa em casa, com os moveis ás costas, e entregando aos ouvidos dos visinhos paredes meias, toda a historia domestica, sem omissão do menor ridiculo ou do menor detalhe.

Porque n'aquellas rudes provincias a casa dá não só o abrigo, como tambem a força moral, como o caracter. É fortaleza e ninho, reino e reinado. A dymnastia familial nobilitou-a, e em paga ella como que agiganta a estatura do pequeno monarcha que lhe vive dentro dos

muros. Todas as festas ao passar por ella lhe puzeram na decoração, como memoria, alguma das suas tonalidades joviaes.

De cada canto ressumbra, em phantasma, o conselho sympathico d'algum velho antepassado. E o proprio Deus dizem que desce, ás horas patriarchaes, para commungar co'a familia nas emoções boas e más de todo o anno. Por isso eu te lamento, ó lisboeta, ovelha desgarrada, que já te não lembras da casa em que nasceste, da alcova onde tiveste as tuas nupcias, e em que sitio teu pae morreu, e o teu filho soltou o primeiro vagido. Bicho d'acaso, sem patria na cidade onde a miseria te calca, — como tu antes que sejas torpe, és desgraçado! e como as tuas alegrias são ephemeras, por falta d'um lar, entre cujas paredes se te concentre a felicidade! Embalde tu me virás ensinar a tua nova residencia... Pampulha, 48, repenicadas...

Mas homem sem casa, foragido eterno, tu nunca has-de saber verdadeiramente o que é morar!

Alguns Livros

4 de Julho.

A exiguidade da nossa producção litteraria annual vae de molde, seja dito, ao restrictissimo cyclo de pessoas que ainda machinalmente lêem livros portuguezes: assim como a modestia dos vôos e pontos de vista dos auctores, estão em paridade com a illustração e as exigencias dos individuos que constituem para elles publico, a grande massa.

Á parte as sofreguidões de publicidade e a febre de successo inherentes a todo o publicista e cultor de lettras — tão passageiras no espirito, como um relampago — o grande propulsor da obra litteraria continúa sempre a ser, já Zola o disse, o dinheiro, visto como é elle o centro de todas as engrenagens sociaes,

e o motivo exclusivo de todas as nossas canceiras e labutas.

Ora, calcularão o estimulo que póde fornecer ao auctor d'um volume de 250 ou 300 paginas, o premio de 200 ou 300$000 reis que um editor lhe offerece, por uma edição de mil e quinhentos exemplares — e o orgulho que o homem de lettras sentirá, quando volvido um anno sobre a apparição do volume, o mesmo editor mostrando os seus registros, lhe demonstre com cifras, que dos mil e quinhentos, só novecentos exemplares foram vendidos, e estes nem quasi pagaram á larga as despezas de calandragem e d'impressão.

Accresce, que a maior parte dos individuos que lêem, estando já hoje em convivio intimo com a livraria estrangeira, dentro de cujas obras foram educados, exigem do escriptor nacional uma altura de visão e ponto de vista, que só se póde manter votando a vida por completo á litteratura, e não distrahindo as melhores horas do dia, como todos nós fazemos, á procura do pão: pelas repartições copiando officios; pelas officinas e laboratorios, fazendo commercio e vida profissional. De longe em longe lá chega um novo, que traz n'um primeiro volume, tantas e tantas vezes, a revelação d'um temperamento litterario subtilissimo, o qual educado, estimulado, furtado ás belfurinhagens ruins da vida pra-

tica, bem poderia ser nucleo d'um artista perfeito ou d'um pensador disciplinado. Mas qual! O desdem dos rivaes, breve o esfaqueia em doestos, na Mouraria dos botequins litterarios, em que os cafés se bebem de borla, e se escarra no soalho e nas reputações. E como os homens de talento em geral são pobres, a nevrose do emprego, logo á nascença os sollicita, com a riqueza ideal de dez libras por mez, descontando duas para direitos de mercê, *kermesses,* e beneficios de theatro para continuos e collegas na desgraça.

E n'este ponto, de duas, uma. Ou o escriptor dispõe de energias especiaes para a lucta jornalistica, e então os partidos politicos recrutam-no para fundibulario das suas guardas pessoaes, ou elle é uma natureza contemplativa e timida, que detesta a prostituição publica em que os outros seus irmãos afocinharam, e continuando a fazer arte por arte, descae na obra de fancaria para viver, a menos que se não imponha a heroicidade de chegar a velho, como o grande Camillo — auctor de cento e vinte e tantas obras-primas, pouco lidas, desdenhadas muitas, mas que são por si sós a litteratura portugueza, genuina e isenta de qualquer inquinação ou sympathia — pobre ao extremo de ter que compôr aos sessenta annos, folhetos de versos mancos,

para não morrer de fome na casinha d'aldeia aonde se acolheu.

Ora, a prova evidente de que não vale a pena em Portugal consagrar saude e repouso á vida litteraria, está na meia duzia de volumes que eu tenho deante de mim, todos diversos, antipodaes, contrastantes (versos, viagens, contos, livros de polemica e livros de erudição), a maior parte jactitados de cerebros que irradiavam as mais bellas qualidades litterarias, e que eu conheci prognosticados a chefaturas opiparas, na phalange das lettras, e que ao fim d'annos de silencio, gastos em labutas obscuras contra as difficuldades da sorte, nos obrigam a solettrar nas entrelinhas dos seus livros, cartas de resalva—veteranos que nem tivessem chegado a recrutas—que os aposentam sem gloria, n'esse hospital de Runa d'onde se tiram depois os academicos, os administradores de concelho, os deputados e os bombardeiros dos jornaes-esgôtos, que por essas cavernas da cidade, armam o insulto em argumento.

E todavia aquelles auctores, muitos dos quaes eu conheci no desabrochar da sua primavera intellectiva, formilhantes de todas as curiosidades, ebrios de sonho artistico, e por toda a banda recolhendo, em desconnexas re-

coltas, os materiaes para uma futura obra repleta de novidade e de elegancia; aquelles artistas, muitos, estavam nas melhores condições de producção, caso os deixassem — quer as sollicitações da politica, quer as mesquinharias da vida material, e todos os escolhos que para uma organisação impressionavel se enfileiram entre a indifferença analgesica do publico, e a miseravel esportula com que os editores acenam do fundo das suas bodegas ao *jeune premier* que passa, altivo e glorioso, de casaca sebenta e manuscripto debaixo do braço.

O primeiro d'esses livros em que se me offerece fallar, é as *Viagens* de Coelho de Carvalho *(Madrid, Barcelona, Nice e Monaco),* um volume da livraria Pereira, graciosamente garatujado por diversos desenhistas do grupo Leão.

Todos conhecem, julgo eu, Coelho de Carvalho, poeta dos mais esculpturaes da Coimbra de ha 15 annos, fino e emotivo, posto que eivado d'aquelle amor de perfeição plastica, que levava os parnasianos da *entourage* de João Penha, a sacrificarem muitas vezes a ideia á architectura musica das palavras, resfriando assim os conceitos, e paralysando a vida em muitas composições que, por exemplo nas *Rimas* do mestre, e nas *Miniaturas* e *Nocturnos* do discipulo amado, por aquillo mesmo ficaram mumifeitas e vasias.

Coelho de Carvalho é algarvio: tanto monta dizer temperamento inquieto, impressionavel, escandecido de sol, *beau-parleur*—com aquella alfinetada d'ironia ao canto da palestra, e aquella especie de loucura imaginosa, que individualisam os homens do sul de Portugal, e lhes fazem encontrar com uma ligeireza surprehendente, saburras comicas nas veias dos mais serios assumptos, *trucs* de lingua, *calembourgs* e esfusiantes facecias, na trama das mais graves e ponderosas discussões.

A sua faculdade d'improvisação unica, expressa em termos lapidares, que podiam escrever-se como as *nouvelles à la main* do *Masque de fer*, do *Figaro*, deu-lhe na roda dos noctambulos do Martinho de ha dez ou doze annos (epocha em que Coelho de Carvalho appareceu por Lisboa) uma voga das mais espontaneamente captadas. Mesmo a sua physionomia pallida, afilada, d'um modelo intelligente que os grande olhos do sul esclareciam, chegava a impôr-se como mimica á gargalhada dos menos propensos á vivisecção dos typos litterarios pela satyra: accrescendo que elle sabia sempre, nos seus momentos de mais crua irreverencia, guardar uma linha de boa educação e pundonor, que o salvaguardava do odio, e para assim dizer fazia penso á ferida feita.

Algumas vezes, vendo-o farpear os grotescos com uma tal destreza de passe, me succedeu dizer para mim, que devera dar um livro bem picante, a recompilação de muitas d'aquellas suas improvisações sarcasticas, ácerca dos individuos e dos acontecimentos.

E quando, annos depois de o haver perdido de vista, o soube chegado a Lisboa, de volta de uma viagem á China, com derrota por algumas pittorescas cidades europeias, julguei chegada a occasião d'elle realisar, com os seus bellos predicados de humorista, o livro ideal, impressionista, fumegante de vida e de *verve*, que o creditasse na sympathia litteraria dos *gourmets*, e lhe valesse a propriedade do *fauteuil* da graça, que elle nos annos de bohemia artistica interinamente occupára, a contento de gregos e troianos.

As *Viagens* de Coelho de Carvalho não satisfizeram afinal este desejo cupido da minha grande affeição pelo seu talento, porquanto o escriptor — que entalha e mosaïsa a prosa com uma elegancia pouco vista em poetas e caramboladores de rimas — parece n'este livro empenhado em eliminar tudo o que o antigo phantasista n'elle podera incrustar de scintillante: a intensidade de visão das coisas, contemplada atravez da sua retina especial de di-

vergente: a *coupure* mordente dos descriptivos e observações de costumes, inspirada não das leituras mais ou menos eruditas dos guias e criticos d'arte official, mas creada por elle com uma sciencia pessoal e inconfundivel de *costumier* de typos vistos, com uma arte de paizagista sem reminiscencias de mestre, á semelhança por exemplo da que evoca sobre o papel, a dedadas de café ou tinta da China, os desenhos dantescos de Hugo, as aguas-fortes de Goya, ou em mais modesto, as *degringolades* caricaturaes de Daumier e Caran d'Ache.

O sr. Coelho de Carvalho, que enviou da China a Cesario Verde o seu retrato de mandarim, com a dalmatica de seda *brochée à fleurs*, os sapatos em ponta de pangaio, e o chapeu de botão de crystal, [1] com pluma de pavão,

[1] As leves observações que vem de lêr-se, lograram provocar a seguinte carta, modelo d'ironia risonha, que reintegra na minha estima litteraria, o Coelho de Carvalho dos bellos tempos. Dou-a por glorificação do escriptor, e meu castigo. E em verdade que nunca castigo algum me foi mais doce!

«Meu caro Fialho de Almeida.—Só hontem pude lêr o que v. escreveu ácerca do meu livro. Excellente o seu artigo, meu caro Fialho! Agradeço-lhe reconhecido, e nem mesmo protestarei contra as immerecidas amabilidades que v. me diz, porque em summa, embora sejam calumnias, da calumnia sempre fica alguma cousa.

Emquanto á valente sova que v. me applicou, só lhe

cranement descida sobre o hombro, ao reentrar na Europa pôz de banda estes excentricos accessorios, amortalhou a sua *verve,* com as *Viagens,* n'uma especie de sobrecasaca conselheiral de socio da Academia; e ao fallar-nos da Hespanha, os seus museus, as suas cidades, as suas mulheres, os seus costumes, em vez de extractar para o livro as notas da sua car-

direi que v. me fez acreditar na efficacia therapeutica da *massagem,* do que eu duvidava. Magnifico systema, que torna vibratil a carne envelhecida, e fazendo circular mais activamente o sangue, evita a gotta da velhice regalada. Grande cousa são os medicos, amigo Fialho!...

Entretanto se a sacudidela que v. me deu, me despertou do entorpecimento academico, em que o meu espirito se ia afundando, passados os primeiros momentos, um desgosto inenarravel pesou sobre mim, e ameaça esmagar toda a minha felicidade.

Essa campa de bronze, em que vivo sepultado, ha dois dias, é um ponto infamemente insidioso do artigo do Fialho; e não resisto a pedir-lhe, meu amigo, que rectifique o caso, e me restitua á consideração da gente culta, e á estima de mim mesmo. Eis o ponto negro. Diz o Fialho:

«*Coelho de Carvalho que enviou da China a Cesario Verde o seu retrato de Mandarim, com a dalmatica de seda* brochée à fleurs, *os sapatos em ponta de papagaio, e o chapeu de* botão de crystal *com pluma de pavão*...»

Botão de crystal! Ai, meu amigo! se v. imaginasse como me offendeu escrevendo que eu usava no meu chapeu *botão de crystal,* não o dizia, não. Pense o Fialho no assombro do sr. duque d'Albuquerque, se alguem lhe chamasse um fidalgote, e terá a ideia do desgosto que me causou a supposição do botão de crystal no meu chapeu. Rectifique, rectifique: que o botão era de coral escuro, coral da Persia, insignia do Mandarim de elevada classe, emquanto o botão de crystal, incolor, é distin-

teira de *touriste* (que existiam, e maravilhosamente originaes) foi-se aos tratados de pintura e de historia, fastidiosos, e inspirou n'elles as suas opiniões e parallelos, que depois nos vem servir com o ar mais bisonho e magestatico do mundo.

Apenas nos primeiros capitulos do livro, uns vislumbres da vida nervosa do seu espi-

ctivo de grau inferior na hierarchia dos celestiaes. O meu botão era de coral da Persia, offerecido por Li-Fong-Pau, Siung-Foo do emprego nas remotas regiões do Thibet, onde se colhe o lotus e floresce o chá de macaco; tinha uma côr de monco de perú assanhado, joia inapreciavel, que mais tarde, é verdade, reconheci ser falsa, mas nem por isso de menor valor heraldico.

Ora hoje que me encontro destituido de funcções officiaes, e mal visto pelos que imperam, a recordação do eminente logar que occupei no mandarinato chino-tartaro, é a gloria do meu passado, que me dá a consciencia da minha dignidade individual, e me enche de altivez e confiança no futuro. Esse botão de coral brilha no ceu da minha vida como a estrella propicia que presidiu ao meu nascimento, a qual, segundo um magico budhista que consultei, e me respondeu olhando o umbigo, me ha de guiar a cousas por todos ignoradas ainda!

Demais esse botão de coral, marca na minha carreira uma data memoravel, a da época em que por complicações diplomaticas que provoquei, Bismarck teve pela primeira vez conhecimento da minha existencia. O caso é curioso, e por isso lh'o conto.

Havia poucos mezes que eu gosava a inexcedivel felicidade de habitar o celeste imperio, quando por uma doce tarde de agosto (12 da 8.ª lua do anno 11 de Kwamgsu), estando eu no meu jardim vestido todo de tonquinha azul, occupado a deitar o meu papagaio côr de rosa em fórma de borboleta de quatro azas, e discreteando sobre os effeitos da lua no crescimento dos lirios, com o meu nobre e delicado amigo Li-Fong-Pau, chegou ao jardim, e abeirando-se de mim Ah-Hoo, mer-

rito bruxoleiam aqui e além, n'um rapido painel do que elle suppõe deva ser a physionomia das cidades hespanholas.

Tudo isto é porém rapido, fugaz, como que escripto n'um rubôr de vergonha, e tanto mais gulosamente sorvido pelo leitor, quanto é certo que o resto do *menu* vae compôr-se apenas d'assado—isto é, d'explanações sobre

cador do Hong Kiew, e feitos os *chin-chins* do estylo, que consistem em erguer tres vezes as mãos juntas acima da cabeça, e curvando-se, varrer tres vezes o chão com as mangas compridas, de dois palmos mais que os braços, começou:

—Peço ao nobre consul que confirme um attestado passado pelo sr. Avila, commandante do navio de guerra portuguez, em que se lê que Ah-Hoo, mercador, forneceu bem e honestamente os refrescos ao tal navio.

—Para que quer Ah-Hoo essa confirmação?

—Para mostrar o attestado a bordo d'um navio de guerra italiano, que chega ámanhã. e vêr se posso obter o fornecimento d'esse navio.

—All rigth! E passando a Li-Fong-Pau o discreto fio de seda que prendia o meu papagaio da fórma d'uma borboleta, fui á minha chancellaria confirmar o attestado. Ao voltar, porém, notei que Ah-Hoo e Li-Fong-Pau se achavam embaraçados, mas logo me communicaram a causa d'esse embaraço.

Ah-Hoo tinha um rival no negocio, e esse sabia a lingua italiana, idioma ignorado por Ah-Hoo, e no dia seguinte, a bordo do navio do rei Humberto, o concorrente terrivel levaria de certo a melhor, se Ah-Hoo não conseguisse em 24 horas aprender a lingua de Petrarcha. Recorriam pois a mim, para que ensinasse por um methodo rapido, Ah-Hoo a fallar italiano.

Isto, da parte do mercador era desejo sincero de vencer o concorrente, mas da parte de Li-Fong-Pau era uma perfida insidia oriental, para demonstrar a insufficiencia scientifica d'um magistrado do Occidente. Se não mostrasse de quanto era capaz, lá se ia o prestigio de Por-

as monarchias hispano-portuguezas, dissertações sobre litteraturas hespanholas, as descobertas, o theatro classico, a renascença artistica dos seculos XVI e XVII em Hespanha; e o Escorial, e a devoção, e o duque d'Alba que entrou em Portugal no anno de 1580—e mais Lope de Vega, o Santo Officio, a Escóla de Sevilha, a Escóla de Madrid—e por ali fóra,

tugal. Oh patria! quanto custa servir-te! Não hesitei. Ah-Hoo fallava um hespanhol de phantasia, e por isso mais facil me foi dar-lhe a lição desejada.

Disse-lhe, pois, que a lingua italiana era facil de fallar, bastava accrescentar ás palavras hespanholas a terminação *ini* para se ter uma linguagem comprehensivel para todos os subditos do rei Humberto.

O primeiro momento foi de duvida para os espiritos dos dois celestiaes, mas de repente Li-Fong-Pau, batendo as palmas, exclama: Lucini, Membrini, Accini, Nocentini, Manini, Canini! Eram os nomes do consul e dos negociantes italianos em Shanghae, e a coincidencia d'estes nomes, os unicos que elles conheciam d'Italia, terminarem em *ini*, collocou-me como um grande sabio aos olhos dos dois habitantes do imperio do meio.

Li-Fong-Pau, lettrado e patriota, exultava; a lingua italiana, lingua occidental, era um idioma inferior, pois que todas as palavras tinham a mesma terminação, emquanto a chineza tem noventa e sete mil caracteres differentes—logo a China, grande paiz, o maior e mais sabio de todos os paizes do mundo!

Ah-Hoo radiava; e eu cheio de vaidade pela admiração dos dois, n'um rasgo de generosidade deixei fugir o papagaio, largando da mão o fio de seda.

—As cousas tambem amam a liberdade, é sentença de Confucio, disse Li-Fong-Pau. E fomos tomar chá de lotus para um kiosque de bambú forrado de tiras de seda vermelha e preta, nas quaes se liam, bordadas a papel dourado, sentenças moraes sobre os deveres dos mestres.

Li-Fong-Pau partia na mesma noite para a Corea, e uma

paginas e paginas, correctamente escriptas, é certo, porém, frias, mortas, impessoaes, sem um detalhe, um arrepio de cólera ou d'alegria, um bocado de tinha hilariante, uma porção de nudez ou uma porção d'alma artistica, de *griserie* enthusiastica, de convicção e de mocidade.

das principaes obrigações da sua missão, era remetter ao governo de Pekin uma poesia sobre os effeitos da lua batendo as aguas do mar amarello. Ditoso funccionario!

Ah-Hoo no dia seguinte apresenta-se a bordo do *Christoforo Colombo*, corveta italiana de tres mastros e 25 canhões, gritando: *Commandantini di buquenini fornecedorini di portuguezini canhonerini*, e é batido, expulso, escorraçado pelos marinheiros e officiaes de bordo, offendidos pelo italiano phantastico que Ah-Hoo fallava, e que elles julgavam uma troça inadmissivel.

O pobre chim ferido, com o fato rasgado, queixa-se ao governador chinez, que officia ao consul d'Italia. O ministro do rei Humberto intervem; fórma-se processo; e Ah-Hoo declara que fôra eu quem lhe ensinára italiano. Trocam-se notas. O ministro d'Italia exigia que eu, como reparação dada á sua nação offendida, reconhecesse que a lingua toscana era a mais nobre das linguas neo-latinas; e eu sustentava que ella só era boa para os musicos da capella cantarem n'esse idioma, lôas ao divino. A questão torna-se irritante.

Propõe-se a intervenção do ministro da França, monsieur Patenotre, que se presta: mas á segunda conferencia, eu, que me tinha esquecido do nome do ministro, pergunto-lhe pela saude da esposa da seguinte fórma: — *Madame Ave Maria, est elle bien?* — Recorre-se á mediação do decano do corpo consular, o consul da Allemanha, o qual diz que não póde intervir em questões entre potencias européas e amigas, sem auctorisação de Berlim. Telegrapha-se a Bismarck, expondo o caso, e Bismarck auctorisa o seu consul a harmonisar as cousas. De Roma mesmo foram ordens para se dar a questão por finda, e

Entra-se nos capitulos concernentes a Barcelona.

Coelho de Carvalho vae n'um wagon, mais um hespanhol d'espirito cultivado, moço, intelligente e bem disposto.

Travam relações de cordialidade: e os dois

o ministro d'Italia reconcilia-se commigo, dizendo-me em hespanhol:—*Yo solamente siento que usted se olvidasse que su reina d'usted es la hermana del rey Humberto.*

E assim em paz, já eu me entretinha pelo outomno a aparar á tesoura um cypreste anão, armado em fórma de pato, tendo por olhos dois rainunculos, e por bico uma malagueta meio verde ainda, quando recebi uma carta de Pekin, em que Li-Fon-Pau me dizia que a imperatriz, sabendo que eu indirectamente provára a superioridade da lingua chineza sobre as linguas occidentaes, e por consequencia a proeminencia da China no mundo inteiro, houvera por bem dar-me em rescripto feito com pincel de vermelhão, o prazer de poder usar botão de coral escuro. E elle, Li-Fong-Pau, me remettia pelo commissario do vapor *Pan-Chin*, da casa Russel & C.ª, a joia respectiva, que elle, por grande affecto que me tinha, tirára do seu thesouro de familia, mas que logo que eu morresse deveria para alli voltar.

E eis como eu obtive o botão de coral, e logo que o possui fui-me retratar; e v. viu um exemplar d'esse retrato. Rectifique pois, rectifique, meu amigo.

Esquecia-me dizer-lhe que a questão da lingua italiana foi mais tarde a causa secreta da minha destituição.

Pudera não! ou o ministro Gomez não fôra assaz napolitano nas prendas, para que podesse esquecer a offensa!

Creia-me

Seu amigo
por obrigação e sympathia

Coelho de Carvalho.»

rapazes, em vez d'espairecerem com a permutação, n'uma palestra vibrante, d'ideias e impressões ácerca das coisas actuaes, põem-se a fallar no 1.º de dezembro de 1640, exactamente como na mercearia patriotica do palacio do conde d'Almada, em dias de sessão solemne, fariam por exemplo o sr. 4 AA e mais o general Maciel. E ahi seguem, no capitulo *Livraria*, de pag. 167, mais *tartines* de litteratura classica, recopilações eruditas, periodos panegyrosos, instrumentados á laia de marcha funebre, com abundancia de *roulades* academicas. E isto desespera, palavra d'honra!

Não é a Hespanha que a gente vê desfilar por este livro, mas uma galeria de figuras de cera, correctas, algumas bem pintadas, com os botões das tunicas e o crepe dos bigodes no seu logar, mas que não mexem, nem interessam, nem persuadem quem quer que se lhes aproxime. Dos trinta annos em deante, toda a gente de Portugal estonteia na preoccupação de virar a casaca, e ir renegando por obras e palavras, o passado em que d'antes vivera e pensára á vontade, longe das *coteries* e das mesquinhas imposições da galeria.

Falla-se a um escriptor nos seus livros de mocidade, unicos ás vezes onde elle tivera um lampejo serio de talento, e o plumitivo contrafeito:

—Ora adeus! foi uma rapaziada!

Dir-se-hia que quanto mais fulgurante e cheia de seiva foi a mocidade d'estes apostatas—a sua bravura nas barricadas, os seus atavismos de casta e de provincia, a sua impetuosidade fogosa d'insurrectos, o seu córte typico de sonhadores ou de caudilhos, todas as qualidades que fazem o homem individual, e o discriminam da turba-multa dos massadores e dos banaes—tanto mais desesperados esforços elles capricham d'usar para esconder esse passado, que devera orgulhal-os, na seccura d'um typo neutro e convencional, que precocemente cançado, quer marchar agora na vida sem attritos, dormitar pachorrentamente no seu canto, engordar no seu emprego, como um porteiro de secretaria.

Entre os escriptores, esta preoccupação da attitude em publico, da fixação do typo com que hão-de passar á historia, por intermedio do busto em gesso, neutralisa-lhes quasi sempre os dons mais preciosos, emmurchece-lhes a prosa, castrando-os, se eram artistas, no melhor das suas faculdades emocionaes!

E vae que este tartufismo antipathico tem tomado, não sei porque, nos ultimos tempos, um incremento dos mais nefastos, que vindo d'alto, ameaça transformar os escriptores novos n'uma carneirada de latinistas lambidos, e de *petit-abbés* repetidores dos sediços effeitos litterarios dos outros.

Coelho de Carvalho era dos ultimos de quem eu poderia suspeitar pruridos de conversão, pois que as rebeldias do seu temperamento o couraçavam por fórma a escorregar pelo convencionalismo dos cenaculos, sem collar a si quaesquer das suas lanugens morrinhosas.

Raros escriptores de casaca e tira branca em Portugal, desconfio que hão-de chegar á posteridade, actualmente.

O labor litterario assemelha-se agora, mais do que nunca, ao trabalho do rachador de lenha, que só se faz bem em mangas de camisa, cabellos ao vento, o machado na mão, e algumas cunhas d'aço—para rachar de meio a meio a cachimonia dos teimosos.

Estas *Viagens* seriam excellentes, assignadas por um homem de cincoenta annos. Por Coelho de Carvalho, nunca! O escriptor, desde que seduziu com os predicados do seu espirito uma certa plateia de publico, não pertence mais ás suas conveniencias particulares, nem impunemente se póde fazer concessões d'ideias e d'estylos, que deixem suspeitar vacillações na sua marcha. ou apostasia dos santuarios que primeiro thuriferou.

Ora com as *Viagens*, Coelho de Carvalho, acachapando-se n'um systema de litteraturas mansas e academiformes, mutilando os seus elytros oiro-verde de bello insecto humorista,

de gnomo *rieur*—Coelho de Carvalho acaba de renegar o seu passado de insurgente, para reduzir-se á condição molle e tranquilla d'um governamental. E cautela, meu amigo! Nos escriptores, o primeiro aviso da velhice, não é o embranquecimento dos cabellos—é o classicismo dos livros.

As *Occidentaes,* por Joaquim d'Araujo, compõem um volumesinho bem trajado, da casa editora dos srs. Lugan & Genelioux: amostra da anemia elegante, inerme e gracil, que caracterisa a poesia dos chamados parnasianos portuguezes, bisnetos dos lyricos, hoje mortos ou desterrados por essas costas d'Africa da arte, chamadas repartições do Estado.

Eu podia isentar-me cortezmente de fazer mal ás *Occidentaes,* pela simples razão de que ellas não fazem mal a ninguem. Se as ponho pois em ordem do dia, é para tomal-as como specimen da *preciosidade* espartilhada a que chegaram em nossos dias, os *jongleurs* da rima exotica, e do absoluto esgotamento melomanico e piegas, que espapaça pelo Olympo os bellos e inuteis sonhadores que as gravuras antigas coroavam de loiro, exactamente como nós fazemos hoje aos arenques seccos e aos presuntos de fiambre. O primeiro terror que me alanceia, é que esta obra fininha, espi-

gadinha, cheia de laços côr de rosa como uma filha d'actriz hysterica, se me esconjunte nas mãos, ao simples toque — tanto os ossitos d'ella são frageis, as carninhas molles, o systema lymphatico escrofuloso. Decerto é bonita — oh, minha lindinha! — esta esfibrada entidade feita de suspiros, d'um loiro extincto, albina e ameijoenta, cujo perfume d'iris m'estonteia.

Mas para que serve uma coisa d'estas na vida actual, senão para gastar oleo de bacalhau aos boticarios, e para comprometter os papás com a sua tagarellice inconveniente?

Fizeste-me sorrir — pomba adorada! —
    Fizeste-me sorrir...
(Apparição! surgias-me encantada
    N'um remoto porvir.)

Fizeste-me chorar — bemdita sejas! —
    Fizeste-me chorar...
(Ó vela errante! é assim que tu alvejas
    No solitario mar!)

Mas não sorri, depois, quando passaste,
    Nem solucei tambem...
(Dize-me tu, Rouxinol: — porque choraste,
    Entre as sebes, além?!)

Dêmos que o sr. Joaquim d'Araujo seja dos poetas que acreditam na existencia d'um an-

tagonismo irreductivel entre o instincto de verdade, de que emana a sciencia, e o instincto de belleza, que é fonte original da poesia —e portanto fuja aos themas viris, para recluir-se apenas nos devaneios ingenuos do amor, no affluxo de visões e desejos expressos e rimados sob uma fórma vaga, aqui e além prophetica, sempre balbuciante e infantil—e dêmos mais que o seu Evangelho artistico em poesia seja as *Flores do Campo*, cujo auctor já tivera por biblia, os sonetos de Camões.

Mas—minha rica Nossa Senhora da Agrella!—se os movimentos d'alma, se as affectividades ingenuas e profundas, que são o fundo da poesia de João de Deus, parecem brotar espontaneamente da penna do artista, em primeira tentativa, mercê do seu temperamento especial, é certo que em Joaquim de Araujo escasseiam predicados que lhe permittam apropriar a si aquelle typo lyrico, e predicados de força, como por exemplo a origem, os antecedentes, a educação, a vida reclusa, a bonhomia lucida e proposital—e que todos os seus esforços n'este sentido hão de cahir pela base, deixando transparecer nos seus versos, a *pastiche* e a affectação. E isto confirma mais uma vez o que eu disse ácerca da singular monomania que leva os nossos homens de lettras, ainda moços (o sr. Joaquim d'Araujo

não tem setenta annos ainda), a abdicarem da sua propria personalidade, amputando os dons de origem, para entrarem a macaquear, de perto ou de longe, qualquer semi-deus canonisado pelas gerações litterarias anteriores.

Estude o leitor a Occidental que acima lhe transcrevi, e veja se a percebe. *Sorrir, chorar, pomba adorada, apparição, vela errante*... e *dize-me tu, Rouxinol* (R maiusculo), *porque choraste, entre as sebes, além?*

É natural que esta *tartine* para muitos seja uma crystallisação de mimos e vaporosissimas transcendencias — uma sandwich de nuvem com fiambre d'alvorada. Mas tambem é certo que no collegio Frœbel ha pequenos de três annos, capazes de rimarem d'estas semsaborias, sem que por isso alcancem dos mestres outro premio que não seja uma hora de sentinella em cima d'um banco, com uma barretina de papel pardo na cabeça.

A banalidade e a falta de expressão, por tal fórma constituem a summula d'este livro, que qualquer lampejosinho mais vivo, causa ao leitor surpreza, como estes clarões amarellentos que sobre as ruas lobregas das villotas, pela noite, deitam os candieiros de petroleo

da baiuca em que se vende o bacalhau e o panno crú.

Sob este ponto de vista poderia eu transcrever-lhes 120 paginas, entre as 146 que o livro tem. O vocabulario mesmo é pobre e resequido, a repercutir comparações que eram de rigor no tempo da marqueza d'Alorna, quando os da Arcadia, para a mulher amada só achavam o titulo de pomba, para a crystallinidade e doçura d'uma voz só tinham a comparação do rouxinol, julgando arrebatar-se ao cyclo ultimo do pathetico, em despejando o carcaz das *mignardises* melllifluas, e das madrigalescas ternuras inspiradas pela leucorrhêa das freiras, nos outeiros do ultimo seculo.

Da natureza não tira o sr. Joaquim de Araujo um detalhe novo, uma synthese palpitante, qualquer psalmo sincero e fervorosamente extasiado: mas vae vivendo de reminiscencias e farraparias dos passados guarda-roupas poeticos—timidas Ophelias, bençãos de luz, o clarão das estrellas immortaes, o pulpito dos montes, etc.—de idyllios e paizagens descriptas pelos outros, tudo isto combinado n'uma marmita a banho morno, d'onde sáem prodigios d'esforço, cinzeladuras exoticas, pequenas bellezas minusculas de rythmo, mas torturantes, d'uma tessitura gothica ou chineza, affectada, sem enthusiasmo que se pro-

pague, visto faltar-lhes a circulação d'um sangue activo, rutilando em explosões de força luminosa.

Vossas senhorias hão de querer exemplos.

O ermita

N'uma gruta vivia, desolante,
Na aspereza cruel da rocha fria:
O seu piedoso olhar, suave e amante,
D'uma funda tristeza se tingia.

Por invios matagaes passava, errante,
Buscando o eterno Bem, o eterno Dia.
— Como o sombrio e taciturno Dante,
Á Cidade festiva elle ascendia.

Um dia, que parára, contemplando
A redemptora Luz, que ia guiando
Seus passos pela agrura dos desertos,

Cahiu, sem vida, no caminho agreste,
Os olhos tristes, idealmente abertos,
Como seguindo uma Visão celeste!

O *D. Quixote*, o *Aos Montes*, a *Invocação á Lua*, o *As arvores*, *A bisavó*, etc., são inoffensivas composições no mesmo tom, bonitinhas, mas empalhadas.

Aquelle ermita, ainda hontem eu o vi gravado em madeira, na *Illustração* do Pedro Cor-

reia, com os mesmos calcanhares ossudos, e os mesmos olhos frascarios que tinha o Braz Martins, no *Santo Antonio*.

Esta bisavó foi por força inspirada n'um chromo do Justino Guedes. E não se imagine que eu desestime, como estructura artistica, quaesquer das composições que mencionei, e lhes vá preferir as similares que outro compositor de mais fôlego tenha burilado. Não! O que eu queria dizer é que se a poesia não pretende insufflar na alma actual, por processos novos, um pouco das hesitações, das duvidas, dos enthusiasmos e das cóleras da nossa vida moderna, e apenas se resigna a viver pelas chinezices da fórma que rebusca, á custa de esforços que só um restricto numero d'amadores aprecia como trabalho de paciencia e de *bric-à-brac*, ella arrisca-se, mais dia menos dia, a perder o seu prestigio de grande arte, e a vêr recuar para os *bas-fonds* das industrias extinctas, das artes caducadas, das habilidadesinhas para album e *soirée* burgueza, os productos de sua fabrica que só poderão ser cotados como artigos de luxo superfluo, e caganifancia floral para o bombardeio dos anniversarios natalicios.

Accresce que os materiaes d'expressão da maior parte dos nossos actuaes parnasianos são miseraveis e mesquinhos, já pela escolha, já pela quantidade, já pela variedade — elles

nem flora, nem fauna, nem chromatica: uma perfeita ignorancia dos phenomenos mais elementares da natureza: rouxinoes todo o anno nas faias, quando elles só tres mezes cantam em Portugal: as rimas vindo em sequencias que se repercutem por grupos infalliveis, automaticos, que a gente já conhece antes de lêr, apenas oiçamos as primeiras duas...

Que importa pois que as *Occidentaes* contenham alguns poemetos burilados, como o *Missal do Monge,* que é perfeito, e como o *In amaritudine,* que se não esquece? se toda aquella architectura molle, fragil, incaracteristica, vem a terra, e tanto póde ter sido feita de palavras, como de polpa de batata, como de queijo d'entorna?

Com a sua apathia, a sua tristura, os seus accessos de tosse romantica e d'asthma lyrica, as *Occidentaes* fazem-me o effeito de haverem sido escriptas na Penitenciaria, do fundo de qualquer d'aquellas gaiolas sem ar, por qualquer derreado que se esqueceu do campo, dos homens, e da felicidade. Para persuadir, não ha nada como estar-se convencido, e o senhor poeta é em todos os pontos da sua poesia, um indifferente. Venha o sr. Joaquim d'Araujo para um regimen mais reconfortante, endureça essa carcaça com duches e *beefs* de cebolada, irrigue-me bem de sangue esse ce-

rebello, dê beliscões nas barqueiras lá da sua terra — faça gymnastica, c'os diabos!

Afim de que os seus desejos gritem, as suas risadas acordem, e a sua poesia emfim erga a cabeça murcha de cima dos pantanos somniferos em que se está definhando, a pobre engommadeira, a olhos vistos.

Decadencia

---

12 de Julho.

O que os jornaes escrevem é exacto. Somos por excellencia um paiz de curiosos. Poucas pessoas em Portugal estão no seu logar, e mais raras ainda parecem dignas do destino a que foram erguidas. Ha medicos por exemplo, a quem os governos mandaram estudar typographia e encadernações: engenheiros que outorgam premios nos certamens de pintura historica: negociantes que teem supremacia no jornalismo e nos festejos publicos, e naturalistas que são fiscaes da alfandega. Os advogados por exemplo, curam de questões agricolas: é o caso do sr. Pinto Coelho. Um engenheiro tem nas suas mãos a directoria geral da agricultura: é o caso do sr. Elvino de Brito.—E o empresario da opera lyrica é um

lavrador. O mesmo desencontro nas controversias parlamentares, aonde os padres é que tratam de assumptos militares e os militares de assumptos ecclesiasticos; aonde o zelador do nosso dominio ultramarino é o sr. Luciano Cordeiro, um burocrata, e o zelador dos nossos costumes de terra é o sr. Carlos Testa, um homem de mar. Vamos agora á alta roda. Ao penetral-a, os homens de lettras perdem a sua personalidade e tornam-se em *dandies,* emquanto os *dandies,* absorvendo-a, se travestem de litteratos e de contistas.

Tenho perguntado a mim mesmo, se esta despolarisação d'aptidões, assim inconscientemente annunciada, não será por acaso o symptoma *avant-coureur* d'uma degenerescencia gravissima, o signal patognomonico d'um fim de raça patusco, mediante o qual um homem incapaz de desempenhar-se correcta e fortemente dentro da especialidade ou profissão para que foi creado, sahisse do *rail* das suas aptidões, dando-se ao cultivo de *habilidosidades* ephemeras, longe do campo profissional em que se lhe poderiam exigir responsabilidades.

Mesmo, a opinião publica parece haver sanccionado este estado de coisas, levando todos os ramos do trabalho humano a uma deses-

tima de que os *amadores* se aproveitam, para vender caro as perinhas sorvadas do seu genio. Na litteratura e na arte, é que o exemplo d'aquelle abatimento é mais flagrante. Ao contrario do que succede em outros centros, o primeiro livro d'um escriptor é quasi sempre em Portugal, o seu melhor trabalho: e assim o primeiro quadro d'um paizagista, e a primeira opera d'um maestro. Longe das *coteries*, e sequestrado ainda aos interesses brutaes da vida, o artista como que dá n'aquelles especimens, a explosão da sua primavera esthetica, vivida e pura como o transcendente ideal de que deriva. Mas a publicidade que o approxima dos conventiculos, de caminho o desalenta, porque o equipara de logo aos *nigauds* descerebrados que a engrenagem do empenho içou ás nuvens, e que a falta de gosto da massa fez installar n'um Olympo, onde com boas razões, um talento de raça não póde tomar assento. Este desalento, que deriva do orgulho ferido, e da impotencia d'um esforço no combate contra a estupidez da maior parte; este desalento não é peculiar a um ou outro espirito timido e susceptivel. Tiveram-n'o Herculano, Anthero, Junqueiro e João de Deus, e está devorando actualmente Theophilo Braga e Soares dos Reis.

Ora, emquanto os homens desertam das suas vocações profissionaes, para o *arreglo* de

outras aonde, mercê de causas complexas, a maior parte das vezes não podem dar senão superficialissimas provas de merito, vê-se o *amador* enxamear por toda a ficticia vida portugueza, tirando ás corporações a hierarchia, e dando aos mestéres um ar de fantochada risivel e de bugiaria extravagante.

Já n'outro logar buscamos dar a feição caricatural do nosso parlamento... um rebanho d'ovelhas que a dentuça de seis ou oito lobos cervaes vae estramalhando em desorientadas parcellas, p'ra direita ou p'ra esquerda, conforme a nadega em que os lobos lhe morderam.

Alli póde seguir-se a evolução physiologica do curioso em politica, desde o seu periodo fœtal, que é o sr. Oliveira Mattos dizendo apoiado ás *niaiseries* economicas do sr. Laranjo, até á sua ultima expressão resolutiva de successo, que é o sr. Moraes Carvalho, de bigode e mósca, *l'air étonné d'une grenouille devant le bœuf,* habilitando-se para a sorte grande da pasta, com a cautela de trinta reis d'uma sabatina oratorio-fazendaria.

Em litteratura, como no mais, a lei subsiste, e o *curioso* é ainda o porta-bandeira que os jornaes applaudem, e a gloriola dos cafés subsidia. Guerra Junqueiro, Oliveira Martins,

Eça ou Camillo, escrevem um livro: intervem logo o *curioso,* que lh'o absorve, lh'o dynamisa, e o reedita depois em artiguinhos petulantes, nos jornaes baratos, ou em volumesitos d'estrophes que arruinam os editores, e fazem a immortalidade do *ártista,* na confraria de patetas aonde elle arrebenta os tirantes á força de prosapia. O que n'aquelles escriptores haja de bom, o *curioso* não póde assimilal-o, sendo como é, um sêr anthropologicamente inferior, ao nivel do papagaio e do macaco, incapaz de sentir originalmente as coisas na pura essencia da sua inspiração ou da sua philosophia, e apenas apto a dar o arremedo externo da linguagem, musculatura da ideia, que o mais bronco modelador é capaz de reproduzir em folha de zinco ou papel batido, sobre um modelo concavo, sem que para vender depois as coplas como creações originaes, dispenda outro merito além do d'uma contrafacção que a lei castiga, e que mesmo grosseira, equivale a das notas e a das garrafas de Champagne. Lanço os meus olhos pelo trabalho dos prelos, durante os ultimos seis annos de litteratura portugueza, e d'esses quarenta volumes assignados por quarenta nomes, trinta e quatro pelo menos são obra do *curioso,* e na escala de merito, apenas servem para desacreditar os mestres que refrangem, no seu estendal de semsaborias indigestas.

Este instincto d'imitação que nos está no sangue, a revelar as inconsistencias do caracter individual, e uma falta de coordenação no aproveitamento das energias avulsas a beneficio d'uma norma de conducta nitida e inflexivel; este instincto de imitação é porventura syndroma d'um rebaixamento do nivel moral, e caracteristico d'uma doença da vontade, particular das raças que se desmancham, fazendo regressar o homem ás bobages grotescas do bugio.

Por toda a parte elle rebenta e colleia na sua arlequinada lugubre, apagando nas classes a physionomia historica e tradicional, e mascarando os individuos em papeis de theatro para que elles não estavam destinados. Contradicção inexplicavel! Quanto mais a egualdade se faz na lei, e se esparge nas instituições a democracia, tanto mais os homens procuram exceder as condições do seu nivel, e sotopôr a modestia real da sua existencia, a uma illusão de grandezas e a uma aristocracia fingida de porte, que é o mais grotesco caracteristico dos costumes contemporaneos. Nas ruas, por exemplo, o operario, envergonhando-se da blusa, procura imitar o patrão no vestuario. Simples engommadeiras e mulheres de pequenos empregados, abandonam o

percale dos vestidinhos baratos, e apparecem nas lojas embonecadas como senhoras. entre pregas d'estofos que a industria falsifica de côres que o sol devora, e de padrões que macaqueiam a estampagem preciosa das sedas e dos velludos. Nas pequenas residencias, a decoração imita ainda, mais ou menos pelintramente, o estylo decoral das sumptuosas habitações; e a pompa da sala. absorvendo as economias do proprietario, deixa em miseria sordida, muitas vezes, o interior dos quartos aonde as visitas não penetram.

É a oleographia macaqueando o quadro a oleo; o cretone reproduzindo a pintura dos deuses e caros tecidos dos moveis capitonados e dos reposteiros de luxo: o movel de casquinha, a preços baixos, approximando-se na *coupure*, da ebenesteria dos grandes seculos artisticos; e emfim o vaso de gesso galvanoplastisado, vergonha ultima d'esses interiores sem conforto nem vida de familia, que se dá n'uma banca de pé de gallo, o ar d'um bronze exotico e florentino. Aos jantares de cerimonia, muito embora o *menu* venha do restaurante da esquina, qualquer mediano burocrata já não póde passar sem flores ao centro da mesa, crystaes alugados, linhos de bordaduras phantasiosas, e mulheres decotadas,

entre casaca e casaca. A nossa velha cordealidade, tão expansiva e tão boa, parece quasi banida dos habitos, e tudo agora não passa d'uma questão d'etiqueta e *mise-en-scène*.

Simples *ménages* burguezes, comprommettidos de finanças, que ainda ha dez annos jantavam ao meio dia, já hoje teem o seu *chá das cinco horas,* assignatura em S. Carlos, o nome escripto nas apostas do Hippodromo, e filhos que imitam o Alfredo Anjos, e vão erguendo o *shake-hands* a uma altura, a que as pessoas pequenas não chegam, nem mesmo em bicos de pés.

E tudo isto é a imitação chôcha e idiota que apeia a familia portugueza das suas virtudes antigas e modestas, da sua sobriedade heroica, do seu respeito á tradição, e arvora os individuos em automatos e fantoches uns dos outros, os pequenos dos grandes, os fracos dos poderosos, os pobres dos ricos, e todos elles espatinando n'este atoleiro de banalidade que invadiu tudo, demoliu tudo, apodreceu tudo, apenas deixando á flôr da babugem limosa, esse bisonho macaco que se chama *o curioso,* e que, qualquer que seja a corda que elle vibre, a especialidade que elle cultive, a arte, a sciencia ou a politica que elle pareça ir fomentando, é um macaco sempre, e jámais passará de um *curioso*.

Os Maias

---

20 de Julho.

Os Maias, recente romance de Eça de Queiroz, não accrescentam coisa alguma ao que já sabiamos dos processos do escriptor, nem demarcam progresso na psychologia um pouco *à la diable*, que o romancista parece ter predilecções em cultivar. São o trabalho torturante, desconnexo e difficil d'um homem de genio que se perdeu n'um assumpto, e leva 900 paginas a encontrar-lhe sahida, correndo e percorrendo muitas vezes o mesmo carreiro, na persuasão de que vae triumphante, por uma grande e bella estrada real.

Ponho na minha mente os annos gastos pelo romancista em esculpturar todo este friso, um pouco longo, de folhetins sarcasticos,

cujos baixos-relevos se torcem e esgazeiam, n'uma jovial sarabanda de sucios, mas cuja philosophia me escapa, pois que eu no friso não vejo, por mais que queira, outra coisa que não seja um curso de desopilantes facecias, sacarrolhadas dos flancos d'uma historieta magra e romanesca, que uma corrente de fatalidade atravessa, té decidir o desfecho dramatico dos ultimos capitulos. Porque n'este livro não ha nada dos bellos impetos joviaes d'uma obra d'arte elaborada d'um jacto, sem trepidação nem desfallencia, que mesmo analytica não exclua o enthusiasmo, e que mesmo contundente como critica, nem por isso varra da sua testada, a alegria e a saude. É uma obra remodelada, imbricada de remendos, sobreposições trabalhosas, entrelinhas, que por isso mesmo perdeu a sua bella serenidade de composição, a sua nitidez de factura, e cujos episodios divergindo da acção principal, em longas e inuteis explanações, fazem empallidecer o brilho de muitas scenas, e substituem por vezes a fadiga ao interesse, mau grado o profuso, o luminoso, o admiravel talento espalhado por todas aquellas paginas.

A primeira coisa que resalta da leitura do romance, é a falta d'impressões novamente colhidas, a seccura dos detalhes, e a permanencia do escriptor no ponto de vista mal-

dizente dos outros seus volumes—o qual, se no *Bazilio* lhe serviu para explicar com felicidade um certo recanto da vida burgueza, tendido até aos exageros dos *Maias*, descamba em *parti-pris*, perdendo em bom humor o que adquire em caturreira, e acanhando emfim a visão do observador até uma myopia que chega a surprehender n'um homem que, como Eça de Queiroz, tem vivido tanto.

Para o romancista, a Lisboa dos *Maias* é ainda aquella Lisboa bisonha e suja dos primeiros fasciculos das *Farpas*, em que todos os homens são grotescos, idiotas, insignificantes e velhacos: em que não ha senão mulheres adulteras—e toda esta gentalha vivendo em antros que cheiram a catinga, passa a vida a macaquear do estrangeiro, com uma desorientação esthetica e uma falta de senso, analogas á d'aquelles sobas que andam pelo sertão de tanga rota, chapéo de contra-almirante, e fardeta de lanceiros.

Tanto as côrtes da Europa sabem isto, que não nos mandam para cá senão plenipotenciarios da força do barytono Steinbroken, com embaixatrizes da *enflure* teutonica da Craben, naturalmente para não deixarem fazer má figura os homens publicos da estatura dos Gouvarinho, do orador Rufino, e do jornalista Guedes, da *Corneta*.

E visto que comecei a fallar dos typos d'Eça de Queiroz, será por elles que eu entre na apreciação dos *Maias*. Quizera eu que um romancista como Eça, que doutrinariamente é um tão apaixonado colleccionador do documento humano, ao dar-nos um grande quadro da sociedade portugueza, tratasse de nos mostrar nos *Maias*, não a reedição mais ou menos picaresca dos typos dos seus romances anteriores, alambicados pelo esforço d'inventiva e pela falta d'observações directas, que ainda poderiam insufflar-lhes vida nova; não o desdobramento, em figurinhas comicas, caricaturadas de physionomias conhecidas, por aquellas 900 paginas, dos tres ou quatro typos fundamentaes que no espirito do artista continuam a ser ainda materia prima para todas as suas creações: mas uma escolha das figuras que mais predominam agora na nossa vida social, e que sendo tantas, tão variadas, tão caracteristicas, tão complexas, e até algumas tão grandes, facilmente solicitariam as attenções do observador, que estudal-as fosse a sangue frio, decidido a esquecer-se das suas velhas preoccupações anglomanicas das *Farpas*, e dos seus emphaticos desdens de Condeixa-*voyageur*, tão explorados

pelo artista, desde a sua primeira viagem ao estrangeiro.

Pois n'uma cidade como Lisboa, aonde, na conflagração da rotina conservadora dos velhos, com os frenesis de reforma dos novos, todos os dias se põem em evidencia os mais estranhos typos de Quasimodos, de cynicos, de bandidos, de diplomatas e de fanfarrões: aonde uma mocidade activa e culta, recem-sahida das escólas, cheia d'abnegação e d'audacia, anda offerecendo as suas aptidões por cem libras annuaes, sem que, desprotegida, alguem a escute, ao passo que toda a burocracia parece empenhada em escorraçal-a da vida publica; aonde felizmente a mulher honesta é vulgarissima, mau grado a educação viciada dos collegios, a debilidade congenita da raça, a falta de hygiene dos interiores, e a industria dos casamentos de conveniencia—pois n'uma cidade aonde os jogadores de fundos, os constructores de bairros novos, os emprezarios de festas publicas, os philantropos de kermesse, os arrematantes de loterias, etc., vem debater para o meio da rua—nos jornaes, no parlamento—o seu pandemonio d'interesses lugubres e d'ambições furiosas e inconfessadas—aonde ha merceeiros que vem da provincia em tamancos, para dez annos depois entrarem no paço presidentes d'associações de beneficencia, esmoleres-móres, e chefes de fi-

nança—e aonde bachareis, em menos tempo ainda, galgam de noticiaristas a ministros, mercê da audacia indomita com que investem a turba-multa dos timidos—pois n'uma cidade como esta, dizia eu, que bem ou mal, renasce e se transforma, tocada da nevrose das grandezas em que á mesma hora esfervilham todas as outras capitaes do mundo civilisado—não vê o sr. Eça de Queiroz senão o Ega, um *blagueur* da Coimbra exotica de ha trinta annos, as hespanholas obscenas do Guedes, o idiota do Damaso, o incesto de Carlos da Maia, a paixão nymphomanica da Gouvarinho, e toda a restante cafila de bestas e d'idiotas, de miseraveis e de traficantes, de que está povoado o seu romance?

N'aquellas 900 paginas, coisa singular! não ha logar para uma só mulher honesta, e o amor, mesmo nas que se dão sem pagamento de tarifa, o amor é uma coisa exclusivamente physica e bestial, sem idealidade, sem ternura, sem preparo—como entre animaes d'especie immunda. Essa Gouvarinho, por exemplo, não passa, em ultima instancia, da Leopoldina do *Primo Bazilio,* mais *hautement placée.* A Cohen, uma lesma languida, sem repudiar o marido, institue-se amante do primeiro Georges Hugon que lhe appareça, Damaso ou

João da Ega, pouco lhe importa... e sobre o altar do amor, no fim de cada entrevista, exangue e núa, a desavergonhada não tem pudor de perpetrar a collação de perdiz fria e vinho de Champagne, ao lado do amante em camisola. Maria Eduarda, sabe-se o que é, d'aonde vem, e da maneira commoda e tranquilla com que depois do incesto se resolve a casar com um *monsieur à favoris blancs,* lá de Paris.

E para tudo n'este livro ser polluido, até miss Sarah, a governante, se refocilla de noite, na *Toca* dos Olivaes, com um jornaleiro fedorento, que resfolga como um porco, ao abraçal-a: e até Carlos da Maia, typo de forte, com quem o romancista gasta 500 paginas a fundamentar-lhe as virtudes de gentilhomem, a lisura do caracter, e a intemerata altivez hereditaria do sangue, até esse descamba afinal no ultimo dos miseraveis, pois conhecendo o incesto, em vez de se horrorisar com elle, continua-o — o que raro faria por certo o mais ignobil degenerado das nossas prisões.

Esta preoccupação do reles, intencionalmente alastrada pelo estudo do sr. Eça, com um desprezo d'estrangeiro que exagerasse a nossa decadencia: esta preoccupação que o romancista inicia, temperando-a em começo com uma ironia admiravel de humorista cyni-

co, de mephistopheles palhaço, fria, macabra, estralejante, desengonçada, cheia de tortura, descamba afinal n'um mau humor insupportavel; e quando se lê no fim do romance, aquelle giro de Carlos pela Avenida, o escriptor de repente desmascara-se, a *verve* cessa-lhe, a boca atormenta-se-lhe, e da bella impassibilidade que elle tentára manter a todo o transe, esbraceja agora o gastralgico, com as suas acres misantropias digestivas—o gastralgico que larga o dominó sob que escondia a sua sensibilidade pessoal, e que vem para a feira, em descargas de bilis a frio, n'um estylo de jornalista descontente, dizer coisas desagradaveis a quem vae socegadamente para a sua vida.

Os maestros, nas operas, caracterisam cada personagem por uma phrase melodica, que depois de se esboçar na symphonia, entrecruzada com outras para o *ensemble* orchestral, volve a accentuar-se mais nitida e crystallina, de cada vez que o personagem figura sobre a scena, em termos d'ella caracterisar, annunciar e constituir para assim dizer, a synthese, o resumo psychico do caracter d'aquelle personagem.

D'aquella phrase derivam e esbracejam de-

pois, como d'um tronco commum, todos os desenvolvimentos musicaes destinados a esculpir, detalhar, crear, opera fóra, a figura lyrica de que se trata. Com um tal ponto de partida, cada typo conservará a sua envergatura propria, inconfundivel, bem mordida. E o espectador poderia, mesmo sem olhar para a scena, reconstituir todo o drama que o maestro houvesse architectado sobre o libreto do poeta, e reconstituil-o por fórma a poder desenhar nas folhas d'um album, não sómente a successão, como tambem a intensidade tragica e a mimica das scenas, que o ouvido lhe tivesse estado a absorver. Ora, succede o mesmo n'um romance ou n'um drama bem traçado: e por mais caprichosa e inquieta seja a organisação d'um romancista, forçoso é observar aquella lei symetrica de desenvolvimento, e construir de antemão, antes do livro, não só o cavername do entrecho, mas da mesma fórma a *charpente* de cada figura, por que assim evitemos obscuridades e incongruencias, no decorrer da narração.

Assim, começa o romancista a tracejar n'alguns capitulos de preparo, em scenas simples, typos que mal esboçados ainda, entrevistos apenas, se caracterisam já pelo recorte especial da linguagem, por qualquer corrente d'ideias ou manias dominantes, ou sequer

pelo retrato physico que d'elles nos vá fazendo o romancista. Estes retratos, em quatro traços, só deveriam conter a resenha das qualidades dominadoras da figura, bem gravadas, bem fasciadas, como outras tantas similares da phrase musical que, já dissemos, accentua nas operas a individualidade lyrica dos differentes personagens.

Jámais, no decorrer das scenas do livro, o romancista deveria esquecer ou desmentir os traços fundamentaes sob que primeiro puzera em evidencia a sua figura, senão il-os justificando, aperfeiçoando, desenvolvendo, na sequencia mais ou menos logica da effabulação.

O motivo por que o Acacio do *Bazilio,* e por que o Alencar dos *Maias,* são typos que vibram na retentiva do leitor, está na firmeza e na coherencia mantida entre a linguagem que elles fallam, e os retratos que o escriptor d'elles nos fez, ao apresental-os. É que os dois caracteres que o leitor presentiu no debute dos romances, não fizeram senão accentuar-se e fortalecer-se com o caminhar da acção. Vejam Birotteau, o perfumista-martyr, de Balzac.

Na primeira scena em que elle apparece, a gente, depois de lhe apreciar as vaidades de burguez remediado, as ambições da cruz, a prosapia oratoria, sem saber porque, fixa na mente aquella sua escrupulosa comprehensão

da honra e da alvinitencia commerciaes. Balzac, todavia, faz sentir estes ultimos predicados n'uma phrase de acaso, dita porém com tal sagacidade, arte tão fina, que o leitor não mais a olvidará. Percorre-se o romance, e a pouco e pouco, emquanto Birotteau decahido, martyrisado, arruinado, abdica de tudo — da sua casa confortavel, da sua prosapia burgueza, da sua grossa alegria plebeia — aquella noção da honra avoluma-se, accentua-se, robustece-se, e é ella quem por fim imprime á figura, momentos antes ridicula, do perfumista, a sua extraordinaria grandeza e a sua surprehendente austeridade.

O mesmo n'aquellas prodigiosas 40 paginas do *Curé de Tours,* que valem todas as modernas vivisecções do romance francez, desde a *Educação Sentimental* de Flaubert, até aos monographistas do genero Edmond de Goncourt e Paul Bonnetain. Ora, que faz Eça de Queiroz ao empurrar para a scena uma figura? Uma caricatura com dois ou tres detalhes sarcasticos, que nem sequer ás vezes frisam fundo as *nuances* de qualquer defeito, vicio ou mania destinados a marcar para sempre o personagem, e a chamar sobre elle a retentiva do espectador... nenhuma phrase geral para dar d'esse typo a impressão d'um conjunto, d'um todo, tão indispensavel no acto da apresentação... depois do que o romancista,

em harmonia com as suas tendencias de *blagueur,* começa a fazer troça das verrugas que o seu personagem traz na penca, dos erros d'orthographia que elle commette ao escrever cartas de retratação, dos emplastinhos pretos com que elle cobre os ferunculos do cachaço, da sua sobrecasaca mal feita, das suas botas cheias de poeira; e desde que o typo, sob a influencia d'aquella saraivada, perde a linha, Eça de Queiroz acaba com elle, tornando-o n'um viscoso como o Euzebiozinho, n'um pulha reles como o Damaso Salcede, n'um diplomata armado, no genero do conde de Gouvarinho, ou n'um jornalista dos escrupulos do redactor da *Tarde.*

Carlos da Maia por exemplo, que sustenta na maior parte do livro uma grande *allure* de cavalheiro, desce como os outros, prolongando o incesto, á mais baixa crapula em que póde atolar-se um malandrim. Ega, com as suas dedicações de bom rapaz, os seus enthusiasmos de momento, as suas phantasias e a sua *pose,* não passa afinal de contas d'um parasita que vive no Ramalhete a maior parte do tempo, que pede dinheiro ao amigo, e ao acompanhar Maria Eduarda ao comboio, em vez de parecer abalado pela catastrophe que se dera, rompe em facecias quando o Telles lhe pergunta o nome d'aquella magnifica mulher que vae partir.

O estudo dos typos, secundarios ou protagonistas que elles sejam, merece ao romancista solicitudes — ousariamos escrever — apenas litterarias: crises de *verve* diabolica, durante as quaes o epileptico sarcasta esgatanha, com unhas de veneno, a face e tronco dos tisicos macacos que elle faz dançar na sua gaiola: crises onde a logica da figura muita e muita vez se obscurece, e a razão do seu ser recua e se apaga, em beneficio de mostrengos novos, colhidos de passagem, um pouco por toda a parte — no meio das ruas, no meio das salas, no meio das redacções, em plena mesa redonda dos *restaurants*, entre os amigos, os camaradas, os indifferentes — e que vem n'um capitulo, dois capitulos, dançar o fandango, ao ranger das tibias com que o romancista rufa no tamborim da chacota, a dança macabra d'este final de seculo portuguez.

Disse-lhes que as figuras dos *Maias*, além de guardarem entre si analogias, ares de familia, que fariam dizer haverem ellas sido feitas, como Eva, das costellas umas das outras, eram versões mais ou menos bem deduzidas, dos quatro ou cinco typos fundamentaes dos anteriores romances d'Eça de Queiroz.

O conselheiro Acacio, que por exemplo era o conde de Ribamar do *Padre Amaro,* aperfeiçoado, alastra agora pelos *Maias* uma ninhada de descendentes seus, dos mais completos, desde o Gouvarinho, do Sousa Netto, do orador Rufino, e do Prata, até ao Taveira e ao Melchior, noticiaristas da *Tarde,* vegetando nos planos secundarios.

O inglez Craft, que o romancista escolhe para incarnação do seu homem pratico, elegante e util, que leva ás questões a ultima palavra do bom senso, e vive simples, uma vida de força e de conforto, repartida pelo trabalho e por algumas predilecções de *bric-à-brac,* esse bom Craft, conhecem-n'o? Pouco mudou. É aquelle inglez vestido de azul, loiro e viril, que estava dizendo *yes* junto de Thereza, na sala dos Ribamar, quando o padre Amaro lá foi solicitar collação para a parochia de Leiria.

Alguns annos de Portugal foram apeando o insular da sua rigidez formalista e impertinente, ao ponto de lhe permittirem agora dar o braço aos lisboetas *bien nés* que o vão buscar aos Olivaes, de carruagem.

Este inglez é de resto um velho fetichismo de Eça de Queiroz, uma entidade que elle já poetisava no *Mysterio da Estrada de Cintra,* antes de fazer vida em Inglaterra, dando-lhe o nome de *captain Rythmel,* e ajaezando-o

com todas as seducções da belleza, da bravura e da paixão.

Elle pertence a uma casta escolhida e superior, a uma casta de luxo, feita de paixões serenas e d'instinctos commerciaes, deante da qual Eça de Queiroz quasi não ri, tão ardente e deslumbrada anglomania o traz suspenso, n'uma especie de fascinação physica de preto, pelos prestigios glaciaes da raça loira. Se o Craft nos *Maias* póde ainda assemelhar-se em prudencia e bondade a alguma das nossas figuras portuguezas, façamol-o primo do Sebastiarrão do *Primo Bazilio,* de que elle é a indole identica, um pouco vegetal, um pouco balbuciante, com a bondade dos colossos, e as poucas palavras dos timidos conscios da sua força muscular.

Outra coisa se nota nos *Maias,* expungido o romance das suas caricaturas episodicas, como a scena das corridas, o jantar no Central, e aquella magnifica, aquella inolvidavel pintura da redacção da *Tarde.* É um quasi completo alheamento da vida portugueza, n'aquillo em que ella devesse interessar, d'uma maneira typica, a eclosão do que no livro é drama, propriamente.

Sob este ponto de vista, os *Maias* revestem a physionomia d'um livro d'estrangeiro, que não conhecendo da vida portugueza senão exterioridades, scenas de hotel, artigos de jor-

naes, e *compte-rendus* de reporters palavrosos, desandasse a apreciar-nos atravez de tres ou quatro observações mal respigadas, e a inferir por intermedio da phantasia satyrica, tudo o mais.

De feito, os personagens d'este romance não fallam senão de Paris e Londres, alguns em francez até, repetindo umas opiniões feitas nos guias: e ninguem trabalhando, ninguem a tratar da vida, e todos parecendo anciosos por desertar do paiz, como d'um foco de peste e vicios lugubres. Esta sociedade mesclada, estrangeirada, sem patria quasi, lembra immenso a de certas comedias de Sardou, a *Odette*, a *Dora*, sendo ainda assim aquella que parece inspirar mais sympathia ao romancista. Porque é de saber que Eça de Queiroz divide as figuras dos *Maias* em dois grupos: um que tem viajado, outro que não tem viajado. O primeiro como que paira ainda n'uma certa região superior d'ideias e elegancias. Quanto ao outro, enxafurda todo n'um atascal de parvoice e d'ignorancia. Escuso frisar o que em tudo isto haja d'exagero.

O que se diz por exemplo, na redacção da *Tarde*, é extraordinario! E outros detalhes: as mulheres d'alta sociedade, os janotas do *Turf-Club*, os homens notaveis . . . como elle os pinta, como elle os achincalha! No jantar

da Gouvarinho, as senhoras só discutem criadas e cabelleireiras.

Na corrida de cavallos, a gente do corpo diplomatico arma uma batotinha de dez tostões por cabeça, que lembra immenso o loto da San Joaneira, e reproduz com todos os seus detalhes cupidos e olhadelas obliquas, o rancor das beatas do *Padre Amaro*, quando o João Eduardo quina com a Amelia.

Não fallarei do entrecho do romance, que abre com uma introducção difficil e romanesca, para attingir lá longe um desfecho á Rocambole. A successão de emendas e accrescentos, perturbando a limpidez da effabulação dramatica com episodios e gibosidades humoristicas, recuou para os planos obscuros do livro as principaes duas figuras, Carlos e Maria Eduarda, que por esta fórma ficam pallidas, desconnexas, inverosimeis — Carlos por descambar n'um pulha, tendo começado a revestir as mais galhardas *allures* de um gentilhomem: Maria porque depois de referir ao amante o seu passado, no pavilhão japonez da *Toca*, não é mais Maria Eduarda, senão uma heroina de Claretie, amalgamada com a *Fernanda* e com a *Odette* de Sardou. E para este livro em tudo ser extra-

vagante, até o romancista no final vem declarar que Alencar é o unico typo sympathico do seu mundo.

«...porque no meio d'esta Lisboa toda postiça, Alencar permanecia o unico portuguez genuino, e atravez da contagiosa intrujice, conservava a sua honestidade resistente.»

Ha porém nos *Maias* duas scenas soberbas, duas scenas cheias de vehemencia e grande folego, duas scenas reaes e inolvidaveis. Uma é a entrevista do Castro Gomes com Carlos da Maia, a participar-lhe que Maria Eduarda não é sua mulher, e que lh'a deixa. A outra é a grande scena d'amor, dilacerante e cheia de soluços, em que se faz a reconciliação de Carlos com a amante.

Estas duas passagens, que em si condensam tudo quanto Eça de Queiroz sacou de dramatico ao seu assumpto, constituem para assim dizer todo o romance. Oh! mas a par do romance, os episodios satyricos refulgem, e destacados da acção, e apenas lidos como outras tantas notas sobre os ridiculos da vida portugueza, constituem elles um dos mais surprehendentes trabalhos de *humour* de que possa orgulhar-se uma litteratura, e deixam vêr em Eça de Queiroz o phantasista

prodigioso, que pelo poder da observação e pelo poder da ironia, eguala Tackeray, attingindo, em flammiferos arrojos, os altos cimos do espirito, d'onde foram atiradas ao mundo as *Memorias de Barry-Lindon* e a *Feira das Vaidades*.

Os evocadores de phantasmas

28 de Julho.

Até ha poucos annos ainda, todas as questões concernentes á existencia do magnetismo animal, eram negadas pelas assembleias scientificas como uma aventura de bruxas, a que as doutas corporações, mau grado a evidencia de muitos dos estranhos phenomenos determinados pelas modalidades especiaes do fluido magnetico, recusavam sancção, encolhendo os hombros desdenhosamente, de cada vez que um Deslon, um Mesmer, um du Potet, um Aksakof ou um Hellenbach, rompiam da obscuridade, trazendo para as salas d'espectaculo alguma apparatosa experiencia de telepathia ou suggestão. Basto nu-

mero de vezes, as academias consultadas officialmente ácerca do fundo de verdade sobre que poderiam esvoaçar, como outros tantos fogos fatuos do maravilhoso e do insolito, aquellas extraordinarias scenas de hypnotismo, telepathia, dupla vista, etc., que de certos nevropathas radiavam, como a fazerem suspeitar que elles tivessem relações com o mundo demoniaco de que falla a superstição — basto numero de vezes as academias se viram forçadas a expungir do talude scientifico, rudemente, e com filaucias lôrpas, toda essa materia nova d'estudos, mau grado a evidencia das suas manifestações, e pela simples razão de ser impossivel explicar o mais insignificante dos seus phenomenos, dado o estado actual da sciencia nervosa.

Emfim, volvidos uns poucos de seculos d'experiencias, de negações, perseguições, sarcasmos e desdens, lá apparece o relatorio de Husson, em 1831, na Academia de medicina de Paris, a herdeira da *Société royale de médecine*, compendiando o resultado dos trabalhos de Double, Gueneau de Mussy, Lerou, Magendie e outros, e concluindo

«... que os effeitos do magnetismo eram insignificantes ou nullos na maior parte dos casos; que muitas vezes esses effeitos eram produzidos nos pacientes pelo aborrecimento, pela monotonia ou pela imaginação: havendo

emtanto alguns phenomenos de natureza physiologica e therapeutica, que pareciam devidos exclusivamente ao magnetismo, e que sem este não poderiam reproduzir-se.»

Ainda sobre este *arrêt* dos sabios, que pela primeira vez abriam a porta do templo—uma pequena porta lateral, de sacristia—á doutrina condemnada pelos seus antecessores, outros se foram pelo tempo fóra pronunciando, d'identica indole, e com reservas da mesma fórma prudentes, á medida que os fascinadores e os *mediums* appareciam, imprimindo aos phenomenos do magnetismo animal, feições mais insinuantes e cinzeluras experimentaes mais scenicas, que punham a opinião publica em sobresalto. Em termos que ao maguetismo animal não faltou nenhuma especie de consagração, desde o sarcasmo e as concessões dubias e receosas dos institutos scientificos, até á famosa, á indispensavel bulla papal, em 1856, condemnando as suas praticas *como hereticas e soberanamente funestas á religião e á sociedade civil*, e avisando os bispos a que obstassem, com pastoraes e sermões de curas, á propagação e á pratica d'aquellas artes demoniacas.

Vae que mesmo exorcisado pela curia, e expungido da bronchetasia dos sabios, nem por isso o magnetismo deixou d'ir sendo culti-

vado, refugiando-se, foragido, no mais vibrante das imaginações populares.

Batido dos amphiteatros em que recusavam tomal-o a serio como manifestação de força viva, susceptivel de produzir trabalho e de ser aproveitada pela sciencia, eil-o armando barraca nas feiras suburbanas, agora enfardelado em industria recreativa, entre palhaços e mulheres de cinco pernas, a um preço fixo d'entrada, e caixa de rufo chamando os gallegos á *funcion*.

Lentamente porém, o maravilhoso dos seus passes, e a teimosia e firmeza, una sempre, das respostas que elle dava á interrogação dos iniciados, o fizeram voltar á ara das vivisecções d'amphiteatro, e ir trocando a sua velha lenda de bruxaria medieva, pela democracia d'uma realidade scientifica, que se affirma e impõe sem perda de responsabilidades, cada vez mais prolongando para o coração do mysterio, a caprichosissima gruta dos seus segredos e pesadêlos.

Aqui o temos agora, finalmente, arvorado em tronco de sciencia nova, para a fundação da qual Richet, Charcot, William Crookes, R. Wallace, e uma infinidade d'outros grandes sabios d'este seculo, estão lançando alicerces — um tronco que já braceja com inextricaveis ramarias — estendendo-se como a serpente de Lacoonte, deredor da vida humana, que ellas

subjugam e escravisam, n'uma fatalidade dolorosa e irrefragavel.

Claro que eu não pretendo agora fallar da directriz para assim dizer therapheutica que Charcot tem vindo a imprimir ao magnetismo, nem alludir tão pouco aos trabalhos de Richet sobre a suggestão mental sem phenomeno exterior apreciavel aos sentidos. Tudo isto constitue materia ardua e complicada de mais para ser dita n'um artigo de jornal, além de que não offereceria á chronica o pittoresco que ella está acostumada a exigir aos seus arregladores. O intuito que eu tenho é mais restricto, e mira informar os leitores d'um especialissimo ramo magnetico, a telepathia, fonte de surprezas e pavores com que a sciencia d'ámanhã sem duvida que ha-de revolucionar a litteratura, fornecendo-lhe motivos novos, novas theorias, correntes novas, as quaes galvanisarão por certo a poesia e o romance, atrellando as allucinações de Pöe, d'Achin de Arnim, Nicolas Gogoll, Williers de l'Isle Adam, Chamisso, Alvaro do Carvalhal e Nathaniel Hawthorne, ao serviço de todos os psychologos, os mais bem equilibrados, os mais eruditos, e os menos ardidos pelo alcool.

Telepathia, materialisação, sciencia hermetica: assim se chama a certos phenomenos de

compostura mysteriosa, admittidos porém pela sciencia, posto não categoricamente explicados ainda, e resultantes d'uma relação de pensamento entre duas ou mais pessoas. Estes phenomenos, escuso dizer, teem manifestações apreciaveis pelo testemunho dos sentidos. Para esclarecimento, alguns exemplos.

O medico hollandez Vanhove refere que uma occasião, indo na rua, foi repentinamente obrigado a parar, opprimido por uma terrivel angustia de coração... angustia singular, que para assim dizer logo se complicou d'uma impressão analoga, mental, em virtude da qual o pensamento do medico foi fixar-se n'uma irmã que vivia a muitas leguas d'elle.

«É bem possivel, escreve Vanhove, que esta subita recordação d'um sêr amado, em mim derivasse do facto de me sentir doente, e do receio de deixar só no mundo, e sem recursos, aquella unica pessoa de familia, que demais a mais eu adorava.»

Vanhove correu para casa, assim que pôde, e apenas entra, o creado apresenta-lhe um despacho que acabavam de trazer. Abre o despacho: sua irmã vinha d'expirar, precisamente á hora em que Vanhove fôra atacado na rua pela brusca oppressão de coração.

Observação corriqueira, que qualquer pessoa comsigo mesma já deve ter feito, é esta d'irmos pensando n'um amigo ausente, ou

fallando a respeito d'elle, e subito surgir-nos o amigo, ao voltar da primeira esquina.

Evidentemente a coincidencia, todos os dias repetida, não é um simples facto occasional; está decidido que ella resulta d'uma mysteriosa corrente de *sympathia*, exercendo-se a distancia, entre os actores d'este pequenino drama magnetico.

Conhecem a historia do medico Marcile Ficin?

Discutia elle, uma occasião, com Mercati, seu discipulo, ácerca da immortalidade da alma. Mercati encolhia os hombros; e como a disputa não demovesse das suas theorias, cada qual dos interlocutores, resolveram brincando, os dois, que o primeiro que morresse viesse do outro mundo contar ao sobrevivente o que houvesse de verdadeiro ácerca da alma e sua pretendida immortalidade. Uma noite, estando Mercati a trabalhar, ouve na rua a galopada d'um cavallo, que foi crescendo, e de repente lhe parou á porta de casa.

Então, no silencio da hora, e antes que o medico tivesse tempo de correr á janella, uma voz gritou: «Miguel Mercati, nada ha de mais verdadeiro, do que aquillo que se conta da outra vida!»

Já Mercati abrira a janella, e ainda pôde vêr Ficin sobre um cavallo, ao fim da rua, afastando-se a todo o galope. Mercati inda lhe

gritou por duas vezes que parasse, mas já á segunda o velho tinha desapparecido. Surprezo por aquella vertiginosa carreira de seu mestre, um sedentario, em plena noite d'inverno, e recordando-se talvez da promessa feita, Mercati correu a chamar os creados, e a expedir mensageiro a casa de Ficin, na povoação proxima. Á volta do famulo teve por noticia que o seu professor tinha morrido ás tres da madrugada, a mesma hora em que o cavallo lhe parára á porta, e em que a voz tinha exclamado:

—Nada é mais verdadeiro do que aquillo que da outra vida se conta!

Desde a mais alta antiguidade que a telepathia occupa, com interesse egual, os grandes charlatães e os grandes eruditos. Ahi teem, por exemplo, a historia antiga cheia d'exemplos d'evocações materialisadas — Samuel apparecendo a Saul por intermedio d'uma feiticeira; Menippe, discipulo d'Apollonius de Tyane, decidido a desposar uma apparição de mulher, que a vara d'um magico fez desapparecer; um papa, não sei qual, assistindo á batalha de Lepanto, das janellas do Vaticano, e vindo elle mesmo annunciar a victoria aos cardeaes; Phocius, conversando com uma figura de homem, que era a sua propria

figura, desdobrada; e emfim todos os milhares de historias de que se reza nos kabbalistas, nos freires do Thibet e nos solitarios do Industão. Nos modernos tempos, a tradição não se perdeu, como dissemos, e eis os theosophos pretendendo chegar á materialisação dos objectos e dos individuos, inspirando-se da doutrina thibetiana, de que o *medium* inglez Eglinton pôde verificar os effeitos, se é que lhe não conseguiu talvez assimilar completamente os processos theurgicos.

Eis a grande e recente serie d'estudos sobre telepathia, dos medicos inglezes Gurnay, Myers e Podmoro, de novo trazendo para as bancas de trabalho do mundo, esta famosa questão que encheu os seculos de sobrenatural, e que ha tantos mil annos epileptisa de horror a miseravel carcassa do homem. Em termos que a historia do milagre, já tão positivada pelas dissecções dos nevrologistas e dos philosophos, vae agora soffrer, com os progressos da telepathia, o seu ultimo golpe de misericordia. Illuminismos e sonhos de prophetas, prognosticando deante dos poderosos e dos grandes, assolações e flagicios; mysteriosas vozes d'aviso pronunciadas sem bocca, e ouvidas a deshoras, na vespera d'um regicidio, ou seguidamente á derrocada d'um imperio, pelos imperadores devassos de Roma, e pelos barões feudaes de França e d'Allemanha, em

meio d'orgias e fugas precipitadas, todos esses estranhos phenomenos, cujo espavorido mysterio os politicos do velho mundo aproveitavam, ou fossem papas ou magistrados, tetrarchas ou inquisidores, para conter em respeito as multidões... eil-os vão ser differenciados, arrancados á caverna do sobrenatural, classificados, enfeixados em grupos de symptomas morbidos, em manifestações de força animica, pelos sabios, e prosaica e rudemente attribuidos a causas especificas, que não mais refrangerão da Essencia Celeste e Vingadora, e d'ora ávante virão residir na substancia nervosa — perversão ou exaspero d'ella — como outros tantos congeneres seus que a sciencia conseguiu já domesticar. E coisa singular! A medida que Deus perde terreno, e emigra dos ceus, simplificando o seu typo até ás dimensões d'um vulto d'epopeia, de creação anonyma, como tantas outras creações da phantasia humana, vae-se a organisação do homem complicando, obscurecendo, enaltecendo, n'um labyrintho das mais inquietadoras modalidades!

Para dar uma ideia, imperfeita sequer, das materialisações, cumpre distinguil-as em tres grupos. Materialisações ou evocações de pes-

soas mortas. Materialisações de pessoas vivas. E materialisações d'objectos.

Póde alguem rejeitar em bloco as tres especies: admittir uma é porém consentir na existencia das demais. Não teem já conta os sabios, os paizes e os institutos que teem estudado e affirmado a realidade objectiva dos phenomenos de materialisação. Entre outros, cita-se o grande Crookes, descobridor da materia radiante, que teve como precursor Elphias Levi.

Toda America está cheia d'investigadores e de *mediums,* que fazem as suas sessões regularmente, teem os seus jornaes e os seus clubs, com laboratorios funccionando constantemente, no empenho de fazerem luz sobre os mysterios do magnetismo, e com prelecções e conferencias publicas, em que os factos são catalogados scientificamente, criticados, e expostos em series regulares, conforme a orientação do capitulo scientifico de que se trata. Mas é em Londres onde actualmente reside o grande foco de materialisadores, William Eglinton á testa, a cujas *dark-séances* convergem romeiros chegados de todos os departamentos do mundo, á procura do caminho de Damasco da tenebrosa sciencia hermetica. Eis ahi como Eglinton procede para conseguir alguma das suas materialisações. Primeiro que tudo baixa-se a luz té se chegar a uma meia

obscuridade, á *blue light,* dentro da qual os objectos apenas se divisam em manchas indistinctas. Isto feito, o *medium* isola-se, para começar a entrar em *trance,* segundo a expressão ingleza.

Eil-o marchando pela casa, indo e vindo até conseguir a fadiga mansa, o enervamento dos derviches: e emquanto isto consegue, vae constantemente movendo os pés no mesmo sitio, como a calcar um objecto imaginario — movendo os pés, e esfregando e torcendo furiosamente as mãos. Pára em seguida, de repente; e cruzando os braços, fica immovel na casa. Começam então a apparecer-lhe sobre o fato, braços, mãos, umas placas vagamente luminosas, esbranquiçadas, phosphorentes, não semelhantes ao luaceiro que deixa n'uma parede, ás escuras, o phosphoro que por ella se esfregou — porém lembrando um pouco, diz Yveling Ram Baud, *«de la poussière de lune».*

Estas placas como que escorregam e se deslocam dos braços do *medium,* para lhe irem confluindo, reunindo, sobre o peito, d'aonde lentamente caem n'uma especie de transparente sudario, que segue a esculptura geral do corpo, e se espoja depois no chão, semelhante a um nevoeiro muito tenue. É uma evaporação quasi imperceptivel, semelhante ao fumo d'uma ponta de cigarro que deitamos fóra, inda inflammada, e que faz revolu-

tear o vaporzinho, torcer-se, mais opaco á proporção que elle se condensa em nuvens, e vae subindo. E de repente o *medium* solta um grande grito, e cae para traz, hirto, e n'um estado de catalepsia absoluta.

A fumarada porém, a poeira de lua que envolvia o *medium*, não o acompanha na quéda; fica direita, revoluteando, e pouco a pouco materialisa-se — venho a dizer, traveste a fórma d'um sêr qualquer, ausente ou morto ha mais ou menos tempo — fórma fiel, com todos os detalhes da physionomia e da estatura, sómente pallida e espectralmente esboçada, n'aquelle fundo de nevoa que se desaggregou do evocador. Esta materialisação é o que ha de mais completo: o individuo de que a fumarada reproduz a imagem, é o mesmo para todos os espectadores: elle póde agitar-se, marchar, ser palpavel a quem quer se lhe approxime. E muitas vezes, se acaso a experiencia se prolonga, outra apparição toma logar junto á primeira, por traz d'ella, ao lado d'ella, ou meio confundida com esta, como essas duas imagens cruzadas que se obtem premindo com o dedo, qualquer dos nossos globos oculares.

Estas materialisações duram minutos: depois o phantasma apaga-se, como uma figura de nuvem que o vento esmancha e faz rarear a seu capricho.

Os *mediums* materialisantes são raros na Europa, e W. Eglinton tem, por esse motivo, uma procura extraordinaria. Simples sociedades de espiritistas, magnetistas e amadores de sensações fortes, de Nova-York, Vienna, Berlim, Petersburgo, mandam contratal-o por preços archi-excepcionaes. Os institutos scientificos da Europa e da America teem exercido n'elle, por vezes, inqueritos do mais escrupuloso caracter scientifico. O pintor Tissot, um dos mais espirituosos poetas-pastellistas da vida parisiense, que assistiu a uma das *dark-séances* do inglez (sessão que deu azo talvez á sua recente viagem mystica á Palestina, d'onde trouxe, em cento e cincoenta aguas-fortes, *d'un naturalisme visionné,* phrase d'elle, reconstruida, toda a historia da vida do Jesus), o pintor Tissot conta ter visto surgir da fumarada branca, uma figura de rapariga, que elle amára, e lhe morrera havia annos. Surprezo da apparição, toma os pinceis, e esboça a imagem rapidamente. Esta foi-se desdobrando pouco a pouco, e por traz appareceu Eglinton, de que o artista tambem fez o retrato. Tissot pôz-se a interrogar depois a apparição, que ficou muda, e sómente alongou para elle as mãos diaphanas, luminosas nas palmas, uma das quaes elle beijou com grande commoção.

Um certo Bard, refere a memoria dos medicos inglezes que atraz citei — um certo Bard, guarda da egreja de Hinxton-Saffrow-Valden, conta que na noite de 8 de maio, de 85, entrando no cemiterio annexo ao templo, viu madame de Fréville vestida como habitualmente, de negro, e com a sua touca de viuva, da qual descia um espesso crepe.

Madame de Fréville encarou o guarda de frente; o seu aspecto era o dos mais dias, sómente mais pallida a face, e o aspecto mais rigido e mais frio. O guarda reconhecera-a perfeitamente, visto havel-a servido, como creado, alguns annos antes.

Suppôz que a pobre senhora tivesse vindo, conforme o costume, ao caír da noite, visitar o mausoléo de M. de Fréville.

«... Girei então deredor do tumulo, observando cuidadosamente se a grade estaria aberta. Porém, seguindo com os olhos madame de Fréville, comecei a reparar que ella marchava sempre a cinco ou seis metros de mim, olhando-me constantemente, e acompanhando, imitando, as evoluções que eu ia fazendo de roda do mausoléo. Approximei-me da grade do jazigo, vi-a fechada, e nenhuma chave na fechadura. Então comecei a sacudil-a fortemente, por certificar-me de que não estaria simplesmente unida; e a grade não cedeu! Evidentemente ninguem entrára no mausoléo. Eram nove horas e vinte minutos da noite. Voltei para casa, e referi a minha mulher o que acabava de se passar. No dia seguinte, vieram dizer-me que madame de Fréville tinha morrido na noite anterior.»

Os mesmos drs. Gurnay, Myres e Podmoro, citam uma observação colhida pelo romancista André Theuriet, do jornal intimo d'um amigo, que nos parece interessante.

Tinha elle então vinte e dois annos, e estivera muito apaixonado por uma senhora, de quem não tinha noticias, havia um anno, estando separado d'ella por duzentas leguas de mar.

«Hontem á noite, adormeci com certo esforço, e dormindo, tive um sonho estranho e inexplicavel. Vi-me a passear n'uma planicie desconhecida, á borda d'uma ribeira clara. Distrahidamente eu colhia flôres, as flôres de que Maria Eva mais gostava: myosotis, verbenas, margaritas... De repente acho-me transportado a Saint-Clementin. Abriu-se a porta, e achei-me em casa de Maria Eva. Reconheci perfeitamente a grande sala do rez-do-chão, as velhas paredes nuas, a janella sem cortinas, e tropegos moveis jazendo aqui e além... E Maria Eva n'um grande *fauteuil,* enfraquecida, magra, e mais pallida do que nunca, Maria Eva abandonava-se sem força, muda, com as mãos juntas, e tendo os olhos attentos sobre os dedos que agitava constantemente.

Murmurei:

—Tinhas-me então esquecido, Maria Eva?

Refloriu ella n'um sorriso triste, dizendo:

—Vejo bem que ainda gostas de mim!

—Tres vezes te escrevi, disse-lhe eu. Recebeste as cartas?

—Recebi.

E dizendo isto, tirou do seio um ramilhete de flôres sêccas, e deu-m'o. Tudo se desfez então como se fôra fumo. Mas sem saber como, sonhando ainda, encontrei-me a remexer nas flôres fanadas, que haviam mudado de fórma e de côr, semelhantes ás do ramilhete d'Ophelia, feito com plantas de toda a especie, geraneos, gramineas, iris d'agua... E aberto um livro de botanica, defronte, eu estudava cuidadosamente aquellas flôres, es-

tendendo-as entre grandes folhas de papel cinzento. E foi n'este instante mesmo, que acordei.»

Na mesma folha em que este sonho estava, o amigo de Theuriet escrevera, alguns dias mais tarde:

«19 de maio. Recebi hontem noticias de S. Clementin. Maria Eva morreu na noite de 7 para 8 de maio, a noite do meu sonho.»

N'um artigo de Yveling Ram Baud, para a *Revue Illustrée,* concernente a fevereiro ultimo, vem a seguinte observação, do proprio signatario:

. . . era eu alumno do lyceu de Versailles, em 47, quando no mez de julho meu pae falleceu na Argelia, n'uma propriedade perto do forte Génois.

Transportaram o cadaver a Argel, aonde foi embalsamado, rua Baba-Azoum — não longe do hospital militar — para onde a minha familia viera residir logo depois do desastre.

Eu tinha então apenas quatro annos e meio, era nervoso, doentio, e bastante mau estudante. Ora, meu pae testemunhára, antes d'expirar, um vivo desejo de ser depositado no jazigo da minha familia, em Versailles, terra de França; e respeitadores fieis das suas vontades, minha mãe e meus tios obtiveram do general Randon, auctorisação tem-

poraria para guardarem o corpo embalsamado, na nossa habitação da rua Baba-Azoum, té que liquidados os nossos interesses n'Argelia, podessemos emfim volver a França, para nunca mais voltar á colonia. O corpo de meu pae fôra deposto no rez-do-chão da casa arabe em que nós residiamos, ao fundo d'um pateo, d'onde nascia uma escada que dava ingresso nos quartos do andar superior.

Na vespera da partida, em setembro de 1847, os creados tiraram o cadaver do seu involucro de plantas aromaticas, afim de o metterem nos dois caixões, chumbo e carvalho, em que elle devia ser transportado para França, a bordo do vapor *Charlemagne*.

Minha mãe levou-me a assistir a esta triste ceremonia. Toda a nossa familia rodeára a banca sobre que estava deitado o cadaver. Descoseu-se a mortalha, e eu pude vêr então, como ainda agora vejo, a compostura derradeira de meu pae. Elle parecia repousar, o corpo vestido apenas d'uma camisa de dormir, de seda branca, tufada um pouco, e reentrando em ceroulas de tela: os pés com meias brancas, a cabeça descoberta — e um tal espectaculo, dizel-o devo, impressionoume violentamente!

No mez d'outubro d'esse anno, inhumaram meu pae, conforme os seus desejos, no craneiro da nossa familia em Versailles.

Nove annos depois morreu em Paris a senhora duqueza de Gaëta, irmã de minha avó: eu estava no collegio, d'onde me fizeram sahir para assistir ao enterro. Tinha eu então doze annos e meio, e insisto em dizer a edade, para que toda a idéa d'inexperiencia infantil seja afastada da minha narração.

Minha mãe entregára-me um *porte-monnaie*, contendo uma porção de dinheiro bastante grossa para a nossa situação de fortuna, visto como, era preciso, attenta a posição social da defunta, soccorrer os pobres de S. Filippe de Roule com esmolas não inferiores ás dos convidados ricos que deviam assistir ás exequias. Minha mãe tinha-me dado *rendez-vous* na estação de Saint-Lazare, ás quatro e meia, á volta do cemiterio, recommendando-me que não perdesse o *porte-monnaie*. Acaso necessito dizer-lhes que estava com o uniforme do collegio, e que não tinha senão seis algibeiras, duas nas calças, duas no collete, e uma de cada banda da fardeta? Uma vez as esmolas dadas, metti o *porte-monnaie* na algibeira direita das calças. Ás quatro e vinte desço á gare de Saint-Lazare, onde encontrei minha mãe, que me pediu para ir comprar os bilhetes. *Em vão procurei então o porte-monnaie por todas as algibeiras!* Evidentemente alguem m'o roubára, e não havia a menor duvida de que eu o tinha mettido na algibeira direita das cal-

ças. *Já disse que a somma de dinheiro era importante, e a nossa situação de fortuna, precaria.* Em vez de partir, puzemo-nos á procura do *porte-monnaie* desapparecido; e foi só muito tarde, depois d'esquadrinhações inuteis, que nós entrámos em Versailles, no trem das nove e meia da noite.

Habitavamos uma casa da rue de l'Orangerie, 56, uma velha casa com porteiro, mas sem cordão do trinco, para abrir a porta, de noite, aos locatarios. Cada inquilino do predio possuia pois, para seu uso, uma chave do trinco.

Ao chegarmos a casa, minha mãe tirou da algibeira a sua chave, a porta abriu-se, e começámos a andar no corredor ás escuras, emquanto não achavamos phosphoros. E n'essa obscuridade eu vi — distinctamente eu vi — meu pae passar rapidamente no seu vestuario de defunto, tal como nove annos antes eu o contemplára, sobre a mesa da casa arabe, rua Baba-Azoum. Acceso um phosphoro, subimos para casa, minha mãe e eu, e cada qual de nós foi descançar para o seu quarto, *minha mãe fazendo-me ainda leves reprehensões, ácerca do porte-monnaie que eu tinha perdido.*

Os aposentos d'ella abriam sobre o jardim; os meus tinham janellas para o lado da rua. Despi-me á pressa, preso d'uma angustia esmagadora, porquanto *a ceremonia funebre na*

egreja, o enterro, a perda do dinheiro, as reprehensões de minha mãe, tão justificadas, e finalmente, mais que tudo, a apparição de meu pae, me haviam perturbado por uma fórma indescriptivel. Deitei-me sem luz, e fatigado como estava, adormeci. A gente adormece tão facilmente aos doze annos d'edade! Havia uma hora talvez que eu repousava n'um somno de chumbo, pesado, isolador, absorvente, quando comecei a despertar gradualmente, sentindo ao meu ouvido como que a respiração regular d'alguem que se tivesse vindo deitar a par de mim. Depois, no estado de vigilia que succedera ao somno, eu ouvi distinctamente uma voz que me dizia:

—Meu filho, trouxe-te o *porte-monnaie,* está alli na banca do centro, por baixo do kepi.

Tremulo e espantado, ergo-me então do leito ás apalpadellas, accendi a luz, e indo á mesa, encontrei effectivamente debaixo do kepi, o *porte-monnaie* que em vão procurára uma tarde inteira, e uma noite, pelas seis algibeiras do meu uniforme.

Desnecessario seria reaffirmar que tudo quanto temos dito, é a estricta verdade, tracejada com a mais inteira boa fé, e afastando de si completamente a collaboração da phantasia litteraria. Por certo que ao referir d'es-

tas assombrosas coisas, os homens de sciencia não acreditam que os espiritos dos mortos, ao abandonarem os corpos, andem de noite por casa dos amigos — *p. p. c.*

Provocadas com ou sem o auxilio do *medium* adormecido, as materialisações são para um grupo d'investigadores, resultado d'uma allucinação veridica e real — isto é, em relação com a verdade das coisas — seja qual fôr a causa que a determine (é o caso de Vanhove, de Mercati, de Bard, Maria Eva, e Yveling Ram Baud); emquanto outros as explicam, os theosophos, como obra do fluido magnetico, de que nós dispômos todos, attenuado e obscurecido por causas que se ignoram, e sómente possuido por alguns, n'um estado de condensação, apto a produzir d'aquellas creações.

Os pornographicos

6 d'Agosto.

Um francez de passagem, deu á estampa em Lisboa uma especie de publicação sadica, onde, sob apparencias romanticas, os raros leitores dos dois fasciculos impressos julgaram vêr infamada uma senhora da nobreza. Esta exploração do escandalo, que nem tinha a desculpal-a sequer vislumbres d'arte, nem tão pouco brilhava por algum d'esses trucs de vingança pessoal, que uma ou outra vez chegam a attenuar, de sinceros, a responsabilidade da infamia commettida: esta publicação revestia na sua chateza d'intuito e de processo, a revoltante e estupida grosseria que a calumnia tem, distillando-se d'um cerebro sem talento, pela fenda d'uns labios

sem sorriso, e atravez d'um coração sem probidade.

O effeito d'ella sobre os curiosos olhares que a percorreram, foi de nojo — que a indignação não é já hoje sentimento capaz de ser despertado ahi pela má fé de qualquer sapo de *bas-fonds*, que sobre crapuloso, haja perdido a faculdade d'exgregar peçonha caustica, pelos canaes das glandulas litterarias. Entretanto, lá onde a intervenção critica da gente pura vacilla, principia felizmente a intervenção do commissario: e o Maiseroy belfurinheiro, que transportára a Lisboa, desnaturada d'encanto, a pornographia lesbica das *Deux Amies*, foi mandado tornar á obscuridade d'onde não sahira portador d'uma theoria litteraria, d'uma formula, d'um simples dito, mas trazendo nos dentes, babujentos de sania, o que a elle se afigurou deveria ser o frangalho d'uma reputação.

Considerado em si mesmo, este episodio não vale coisa alguma, figurando n'elle, como figuram, uma especie d'imbecil sem patria moral, meia duzia de *badauds* hydrophobos d'escandalo, e uma distinctissima mulher, que por nascimento e por caracter, impressividade d'alma e de talento, paira n'uma região superior d'espirito e de nobreza, inaccessivel aos uivos da canalha.

Mas vae que o episodio tem antecedentes, d'onde por hereditariedade procede a torpeza que o enxafurda, e quem sabe se elle vem demarcar, para as coisas da vida intima, a éra d'irrespeito, de suggestão malevola, e de *chantage,* que alguns jornalistas politicos crearam entre nós, para as coisas da vida publica! Já uma vez consegui traçar *d'après-nature,* a *silhouette* d'esse charlatão digitigrado que é o jornalista de pulso em Portugal, e de corrida pude historiar-lhe a influencia, alternativamente cobarde e audaciosa, nos subsolos intellectuaes do jornalismo, onde crocitam corvos de vôo menos potente, desde o critico de theatro, até ao noticiarista, e ao simples informador. N'estas cabeças de subalternos, quasi todos novos e furiosos por vir boiar, com o seu chefe, á flôr da voga, a noção da verdade é coisa secundaria, sempre que se trate de chegar á evidencia, por uma critica ou *interview* de sensação.

Nem os nomes de miseros, que por sua estampagem na parte de policia, entre as chalaças e doestos dos senhores noticiaristas, perdem ás vezes para sempre, o repouso e o pão de cada dia; nem os reconditos segredos de que depende o futuro d'uma familia; nem os arrancos de dôr d'um pae ferido na sua hon-

ra, pelos desvarios d'um filho prodigo; nem o desespero d'um marido a quem fugiu a mulher com um creado — nada, absolutamente nada aquellas creaturas respeitam, reticenciam, attenuam, comprazendo-se no escandalo como n'um repasto de Gargantua, e emfim, mentindo, pondo nomes, inventando detalhes, polluindo tudo, com a tranquilla impudencia de quem nada tem que recear.

Ora, approximando os fasciculos do francez, da reportagem de certos noticiaristas, e da litteratura de certos narradores, estudando as tendencias e as causas da obra d'uns e d'outros, a sua genealogia historica e a sua evolução, não seria justo affirmar-se o vago parentesco, o ar de familia fugidio, a analogia moral inda longinqua, que ha entre aquelle homemzinho que insulta uma senhora, e este reporter que insulta uma familia, e este litteratiço que insulta uma sociedade?

Á litteratura de jornal cumpre ajuntar a litteratura de livro, poemas ou romances, simples soneto ou simples conto...

Mesmo no livro de litteratura séria, ha um predominio de carne, revelado em detalhes de volupia, onde a nudez não vem como episodio necessario ao desenvolvimento pathologico da these, senão com uma preoccupação

de brejeirice, que a principio tentará, como novidade, mas que repetido, fatiga, e acaba emfim por enausear.

Dispensa-me o leitor d'escrever nomes. Esses livros a que alludo, salva-os ainda assim o talento calido ou sarcastico que os assigna: e não ha obra d'arte immoral quando a sobredoira o nome d'um grande artista limpido e profundo. Mas, á proporção que est'arte se mediocrisa, na escala da producção, e a factura da obra empallidece, é reparar na impressão reles produzida pela leitura d'um d'esses romances ou livros de historietas licenciosas. Actualmente, anda por hi o mercado a abarrotar d'essas infamias. São os almanachs onde se debitam, por baixo de gravuras pulhas, velhas anecdotas de frades, de estudantes e de soldados, rescendendo á torpeza grossa dos quarteis. São as reedições de velhos livros libidinosos, como os *Serões do Convento*, a *Martinhada*, e os sonetos obscenos de Bocage, que os editores annunciam pelos anteparos dos sumidouros, em pequenos cartazes, concitando os devassos a esthesiarem os nervos mortos (emquanto se não generalisam as injecções de Brown-Secquard) pela leitura d'aquellas folhas polluidas. São os romancistas, os contistas, os poetastros d'alfurja, sobrexcitando a nymphomania das hystericas, a impotencia vulcanica dos cacheticos, e dos

caixeiros olheirentos e enclausurados, por exhibições d'amores porcos, entre moços de cavallariça e cozinheiras, velhos condes de Corniche e estupidas Nitouches, sem espirito nem plastica appetecivel—o todo avivado d'estampas copiadas das illustrações da *Justina*, da *Art de peter*, e das historietas canalhas de Brantôme e Casa-Nova. E não se imagina a quantidade d'escriptores que ha no paiz, interessados na producção d'estas torpezas, e a familiaridade criminosa que estes volumes se crearam, subrepticiamente, na mór parte dos interiores pobres ou ricos—esses mesmos que os paes defendem da visita dos jornaes auctorisados, pelo terror de que alguma phrase picaresca, ironia, ou allusão ligeira ás coisas decotadas, venham perturbar a limpidez ideal das almas em botão.

Todo este contrabando litterario, crearam-no d'um lado a indifferença do publico perante os livros sincera e honradamente elaborados, a sua falta de gosto, a sua falta de cultura; e do outro, a necessidade de comer que teem uns vadios sem escrupulo nem honra, inhabeis para qualquer trabalho profisssional, e vivendo apenas d'uma satyriase mental, que pela bestificação em que resvalou, nunca poderia dar de si trabalhos de talento.

N'outro paiz mais fino, essa miserrima obra falliria logo ás primeiras tentativas de suborno moral, instilladas na populaça a que ella tivesse sido endereçada. Á leitura das primeiras paginas, os monomaniacos haveriam reconhecido n'ella, toda uma completa ausencia de predicados de seducção, inherentes á obra d'espirito... a imaginosa frescura dos detalhes, a pittoresca vivacidade dos episodios e dos typos, uma pureza colorida e lesta de linguagem... tudo quanto, n'uma palavra, serve a prender o leitor, mesmo o mais deliquescente, n'uma orchestração de coisas musicaes e vividas.

Entre nós, exigir da grande massa do publico este criterio, seria outorgar-lhe qualidades de que elle intellectual e organicamente é incapaz.

Não é por delicia d'arte, nem por suggestões d'esthetica e de gosto, que em Portugal se lê um romance ou um poema. Mas por mero passatempo, interesse d'effabulação, suspeita d'escandalo, ou por banal aphrodisia, simplesmente.

Mademoiselle Giraud, ma femme, traduzida em portuguez, deu tres contos de reis ao editor. Os romances d'um tal Arsenio de Chatenay, deram centenas de libras ao livreiro que os especulou. Do *Rocambole,* ainda hoje se estão a fazer reproducções...

Querem vocês saber o que é o publico?

Ha quatro dias, succedeu-me abordar um velho chefe de familia, dos meus amigos, homem prudente, sério, quadrado, verdadeiro typo de casta, representante, pelas predilecções e pelas tendencias, dos tres quartos da população de Portugal.

Fallámos de theatro, e então elle citou-me a *Francillon*, de Dumas filho, como uma das peças mais revoltantemente immoraes que tinha visto.

—No segundo acto, o desaforo foi tal, que tive de me ir embora, mais as pequenas.

A conversa mudou, e d'alli a nada, como se alludisse á *Revista do Anno*, o meu amigo confessou-me a rir que tinha ido, e gostára immenso.

—Eh! eh! As pequenas até aprenderam a cançoneta da introducção!

Praias e thermas

30 d'Agosto.

Ha quem ache Lisboa detestavel, insalubre como clima e insalubre como foco social: e quem, nascido em Caneças ou em S. Marcos da Abobada, a não tolere por fórma alguma, e d'ella diga cobras e lagartos.

—Que as fructas se vendem na praça já cozidas, sem frescura nem travo ao vergel aonde turgeceram.

—Que o licôr que escorre das bicas dos chafarizes, é feito do caldo velho de todas as casas de comida, e do pegajoso cuspinho das catarrheiras de todos os aguadeiros, posto nol-o venda por agua pura, a companhia.

—Que por esses cafés de nomeada, as bombas de cerveja, *marquées* Lowenbrau e Spaten-

brau, jorram pelas torneiras, sobre as *flûtes* de vidro allemão, fulva e espumante, a excreção urinaria arrematada nas cocheiras dos americanos, mau grado as fragrancias teutonicas do lupulo, que nol-a pretende impingir por cerveja de Baviera e Vienna d'Austria.

—Que as bonitas mulheres que apparecem ás noites em S. Carlos, semi-nuas e cravejadas de joias, ou nas victorias de luxo da Avenida, nas radiosas manhãs do nosso inverno, são manequins de molas, em cautchouc pintado, loiras ou morenas, diaphanas ou possantes, que se importam das officinas de Chicago, para *egayer* os paizes de mulheres feias, com abatimento por duzia, e um exemplar gratuito a quem arranjar marido para dez.

—E mau grado o asseio proverbial dos nossos *restaurants,* é frequente boiarem cabeças de ratos na canja dos *menus,* e verem-se surgir herborisações de suiças gallegaes, como cryptogamicas do luxo, nas aperitivas *márbrures* da galantine...

Será tudo isto verdade, eu não contesto. Como cidade, Lisboa será uma *mayonnaise* cozinhada com sobejos das outras capitaes. Mas em Portugal não ha senão Lisboa, e se toda a provincia, ao pretender civilisar-se, a macaqueia, por força deve exagerar-lhe os vicios e

os defeitos, debruando-os, para cumulo de grotesco, com as saburras locaes da região que intente copial-a.

Por consequencia fiz bem em ter ficado, cynico Diogenes, no meu tonel da rua das Canastras. De que me serviria ter partido para as aguas? Precisamente as aguas frias e limpidas da serra, ligeiras, puras, sem o menor resaibo d'ovos chocos, chloretos ou citratos, de que eu mais gosto, não são classificadas de medicinaes pelos doutores: e depois d'alguns decilitros de Vizella ou da Amieira, nas tabernas thermaes que a fama exalta, eu teria visto aggravar-se-me a dyspepsia, e essas tres coisas boas da provincia, a paizagem, as fructas, e o camponio... o forasteiro, quando eu lá chegasse, de ha muito m'as haveria estragado —na paizagem, estampando a nodoa do seu guarda-chuva e da sua quinzena de lustrina—destruindo nas fructas, pelo excesso da procura, a escolha solicita da vendedeira, que assim me daria peras bichosas e melões sorvados, como os que eu em Lisboa pechincho. por preço triplo—e finalmente lisboetisando-me o camponio, o que em sciencia social é uma monstruosidade tão abominavel, como em sciencia agricola seria, por exemplo, o enxertar em alface um castanheiro, dado o caso da coisa ser possivel.

As narrativas que eu pelos jornaes recompilo, das diversões gozadas por essas praias e estações de aguas, pelos lisboetas que saíram a espairecer os tedios da capital, ao seio das florestas e das aguas, deixam-me mediocremente pezaroso de não haver tambem partido, conforme o desejo de minha sogra, e não me despertam grandemente a inveja, quanto ás delicias que esses forasteiros terão experimentado, nos *cantos de paraiso* em que se refugiaram.

Nas praias e thermas aonde com mais effervescencia parece affluir a onda nomada dos aborrecidos e dos convalescentes, como as Caldas da Rainha, Cascaes, Luso, Gerez, Figueira da Foz, a vida procura imitar quanto possivel, nos seus episodios de *flirtation,* a existencia de Lisboa, comprimida porém á lufa-lufa, em casas d'occasião, quartos de hotel, com maus jantares de mesa redonda, e abracadabrantes *saraus* dramatico-musicaes, em salas de casino forradas a papel de ramagens, decoradas d'oleographias de sultanas, com obrigação de se aturar o poeta, o gracioso, e a contralto, inherentes a estas sortes de *Alcazares* de gente comedida.

Podem as aguas da enseada ser mui crystallinas, a areia da duna impalpavel, as fontes

medicinaes miraculosas, deslumbrador o panorama—que tudo isto é estragado, despoetisado, lambido, pela turba-multa dos forasteiros que alli vem dar fundo, com as suas malas de tapete, os seus monologos em verso, as suas sombrinhas do 92 da rua Nova do Almada, as attitudes de gravura sobre a areia, á hora do banho, os namoros começados, os projectos de casamento, e as burricadas aos sitios pittorescos, com *pic-nics* de salada japoneza e *croquettes,* cujo final ou descamba em apostrophes do sogro á natureza, ou em sorvedelas de bismuth da cunhada, para attenuar as tragedias gastricas do melão comido á sobremesa.

Para o lisboeta um pouco nevropatha, esvaído de trabalho, e lasso d'espirito pela assimilação monotona dos mesmos episodios, durante um anno inteiro, as digressões a algum d'aquelles apregoados oasis, em vez de lhe apaziguarem os nervos no banho pantheista das verduras e das ondas, bem ao contrario, exasperam-lh'os, pois que lhe desenrolam á vista, a titulo de surpreza, em vez do recanto bucolico com que elle sonhava... nas construcções, pedaços da rua dos Fanqueiros, com as mesmas lojas de chita, gazoza, e queijo flamengo... nas creaturas as mesmas *toilettes* claras, com puffs d'actrizes, guarda-pós de linho, e braceletes de quinze tostões do 103. As meni-

nas em publico, dando as mesmas olhadelas a um rapaz de *boa familia*, e debicando com os mesmos dedinhos exangues, as mesmas borbulhagens de nariz. Mas vae que a profanação não pára aqui. Os rochedos da costa portugueza, boquiabertos e hirsutos como hypogriphos defendendo a terra contra as traições do vagalhão: os rochedos rudes, os rochedos graves, os austeros rochedos, por cima de cujas ranhuras, piorno e aroeiras põem cabellugens selvaticas, vão sendo agora, desde Ribamar até ás embocaduras do Minho, ridiculisados com *chalets* de vidros de côres e rendas de zinco brunidas d'amarello, aonde ferrageiros retirados, em horas d'asthma, vão fumar cigarros de figueira do inferno — que canalha! que canalha! — com arrotos que violam a dignidade do oceano, e chinelos de moiro que são um escarneo á *falaise* augusta, só rastejada das aguias e das nuvens. Os massiços das nossas grandes mattas, não ha cão nem gato que as não deshonre, talhando n'elles clareiras a esquadria, no meio das quaes um *restaurant* de Lisboa estrella ovos falsificados, e vende vinho da tinturaria Cambournac; e ao forasteiro que por alli passa, uma ramilheteira pintada de carmim offerece *bouquets* de flôres de panno, perfumados com essencia de rosas dos boticarios do Rocio.

Ante a melancolia leonina e azul do gran-

de mar, junto d'Espinho, Granja, Estoril, Cascaes, Povoa de Varzim, não ha um só habitante, uma casa, um pinheiro, um copo de leite, que lhes não sejam remettidos de Lisboa, pelo caminho de ferro, todas as manhãs: e como se já não fosse infamia edificar á beira d'agua, *chateaux* de cantaria com ares de commodas antigas, *chalets* de tijolo que parecem reproducções de licoreiros, e jardinetes de buxo architectado á tesoura, macaqueando o arco da rua Augusta e a sala da Bolsa — a paspalhice indigena avança a mais — exorbita na petulancia de fazer esguichar a *meio do parque*, n'uma bacia de pés, com peixes e nenuphares, repuxosinhos d'agua tão magros, tão escanifrados, tão indecentes, tão parranas, que n'outro paiz constituiriam elles crime para se expiar com a navalha de barba de M. Deibler, distincto corta-cabeças de Paris.

E todavia nem sempre isto assim foi.

Antes dos caminhos de ferro e da espantosa barateza das viagens, quando o dinheiro não tinha ainda preponderancia sobre uma multidão de prazeres aristocraticos e eleitos, nem tão pouco descera a subsidiar as ambições dos energumenos, que a especulação fez ricos em meia duzia d'annos, e a quem o trabalho grosseiro não deixou tempo para o cul-

tivo da sensibilidade artistica e recolhida, estas villegiaturas de julho a novembro, nos recantos verdes d'entre Minho, Douro, e as duas Beiras — ou nas serenas praias ao norte do paiz, idyllicas e amoraveis, de que a onda lambe as alcatifas d'areia, palhetadas de mica e oiro, esplandecentes — estas villegiaturas eram uma d'estas finas coisas artisticas, solitarias, cheias de sonhos, prazeres puros, abstracções de poesia e d'elegancia, que repousando o corpo de todos os cansaços do trabalho, faziam o homem melhor, n'elle acordando uma longinqua lembrança do que, na adolescencia do mundo, devera ser a felicidade, longe das cascalhadas alvares dos *parvenus*.

Aos primeiros fogos do verão, esbrazeando nas ruas, e rarefazendo o ar, saíam de Lisboa á formiga, os verdadeiros *dilettanti* da natureza, os fetichistas das montanhas abruptas, e dos horisontes interminos, a que os acharoados do acaso dão perspectivas fulgurantes, e eil-os lá iam, com a sua bagagem de *touriste*, um guarda-sol de paizagista e um cavallete, peregrinando a pequeninas jornadas, á borda d'agua, té á residencia umbrosa das velhas quintas, dos mosteiros desertos, dos alcantis mysteriosos, e das grandes mattas solitarias.

O Bussaco era ainda cerrado no seu muro de pedra, como um santuario sinistro, de que o burguez ventrudo tinha medo.

Chorava o *ting-ling* das aguas nas cascatas rusticas dos penedos: e sob a verde cupula dos carvalhos, que os passaros evitam, nas capellinhas mutiladas, pelas thebaidas escusas, nos varandins dos calvarios, immobilisava-se uma d'estas beatificas penumbras, em que não era só a exhalação das resinas vegetaes a perfumal-a, senão a tristeza dos monges foragidos, que alli ficára, soluçando, e o espirito do Senhor, errante e diluido, que ao desaggregar-se das esculpturas dos nichos que a mão dos homens insultára, como se pendurava das arvores, sentindo-se morrer de saudade n'aquelle horto vasio, e gottejando em lagrimas de benção, manso e manso, sobre a cabeça dos que percorriam aquellas veneraveis alamedas.

Os facultativos, n'esse tempo, para se verem livres d'enfermidades obscuras, lançavam mão de therapeuticas violentas, que despachavam os doentes, mais em conta do que os banhos salgados, e do que os copinhos d'agua choca, intercalados de passeios hygienicos, e *beefs* em sangue. Como especialidades d'agua medicinal, havia as aguas ferreas, que serviam para tudo. Quem as não tinha proximo de casa, mettia um ferro d'arado na cisterna, e punha-se a beber-lhe o caldo com delicia. E era aquelle o tempo em que os homens viviam noventa annos, e em que cada qual, em vez

d'apropriar a si prazeres para que não tinha vocação, se ia contentando em viver simples e morrer remediado, entre filhos e netos, n'uma velha casa mobilada com tamboretes e contadores de pau-brazil. Actualmente a vida recrudesce d'exigencias, e cada vez mais está perdendo a sua antiga estabilidade. Os filhos bachareis, envergonham-se dos paes hortelões ou carpinteiros; toda a gente procura dar-se um ar de luxo e grande roda, embora compromettendo os alicerces da antiga e patriarchal felicidade. Centenares de familias de Lisboa, para passarem dois mezes n'um hotel de praia de luxo, sacrificam o bem-estar do resto do anno, enredando-se em barafundas com preguistas. Alguns, que não podem saír, fecham-se em casa, desapparecem das ruas, não vão ás repartições, por se darem o ar d'estarem villegiando: e eu conheço um *sportman*, excessivamente correcto e inflammatorio, que depois d'annunciar pelos jornaes a sua partida para a Escocia, se foi metter n'uma viella d'Alcantara, d'onde só saía a deshoras, embuçado n'um *pardessus*, e com uma cabelleira d'estopa, para melhor guardar o incognito.

E tudo isto, para que? Comprehende-se a villegiatura dos que transportam para longe,

com os penates, os confortos de vida que a fortuna lhes permitte, a *aisance* despreoccupada que deixa o corpo restaurar as antigas forças abatidas, e o espirito erguer-se nas azas d'uma exuberante e mascula alegria. Comprehender-se-ia ainda a villegiatura dos que vão ás praias curar da saude esphacelada, sujeitando-se muito embora aos incommodos do fóra-de-casa, e ás indigestões da mesa de hotel, pelo beneficio de buscarem na atmosphera marinha e no banho, a suppressão ou a attenuação d'um velho achaque.

Mas que os que villegiam por prazer puro — e estes constituem a mór parte da turbamulta dos forasteiros de praias e thermas — deixem a casa, prejudiquem os seus interesses, para ir rilhar os *beefs* corneos das hospedarias das Caldas, da Povoa, e da Felgueira, aborrecer-se, com uma expressão de patetas alegres, n'um meio estranho, a ouvir roncar o Borges no violoncello, e ganir a D. Catharina na sua eterna aria da *Somnambula*, eis o que se não póde explicar, fóra d'uma perversão do gosto, ou d'um assolapamento estupido da vaidade.

Oh, a vida das praias e das thermas! a tão apregoada, espirituosa, e esthesiante existencia da terra d'aguas, feita d'intimidades e surprezas, divagações e alegres patuscadas!

No hotel, os quartos persevejentos, com

janella para o saguão, cretones sujos, e a mesa redonda com moscas no vinho, e cabellos brancos no assado. A toda a hora incommodado pelos visinhos que rosnam, atiram as botifarras, fazem gritar os pequenos, e se alliviam com ruido, das fermentações gozoso-digestivas.

Antes do banho, pela manhã, os cumprimentos da praxe á colonia a quem fômos apresentados... as meninas R. em caça de marido, e com lucubrações litterarias pelos almanachs... as senhoras H. que fallam no primo visconde a todo o momento, um visconde da Natividade Fernandes qualquer, lá p'ra cascos de rolhas... o juiz K. e seus sobrinhos, que o bacharelato ergueu á condição d'administradores do concelho, ou procuradores... E ahi começam as *babiolages* inoffensivas do costume... está um dia lindo, o banho quente ou frio, o Fonseca não tem graça nenhuma, ou o Ariosa recita mal... De resto, aquelle Barros, que manda correspondencias ao *Correio da Manhã*, é um pedaço d'asno, D. Vicencia, póde crêr... Chega o comboio: um garoto apregôa os jornaes atrazados: ha um projecto de digressão em que se falla todos os dias, e que nunca chega a realisar-se. A um canto das barracas, o Magalhães Lima da praia perora, n'um grupo de republicanos-escaravelhos...—Gambetta... os

tumultos no enterro do general Eudes... aquella figura de pau de Sadi Carnot... Todos se voltam. As meninas R., que não eram feias antes do banho, irrompem das aguas hediondas como gallinhas desplumadas, sem carmim nas faces, sem sublinhas de khol por baixo das pestanas, os fatos collados ás pernas seccas de lagostas, e os calcanhares rugosos, em chinelos tortos de entretela.

Fungos de riso. O gracioso da praia deita uma piada. Os bachareis dão sorte: as primas do visconde rejubilam de prazer.

Depois do banho, o almoço... dyspepsia, somnolencia, bocejos, e tudo isto ao som da serenata de Schubert, no salão do Casino, pela esposa do Pirralho, boa mulher, que segundo é voz publica, tem o céo da bocca de platina.

Já a essa hora, pelas diversas salas se vão armando batotas pataqueiras, entre copos de cerveja, e pontas de cigarro, chupadas até á raiz. Banhistas de provincia tratam de vêr se encontram compradores para os seus azeites e vinagres. A um canto, o homem profundo da praia, passa as cartas ao parceiro, e resmunga o quer que seja, relativo aos governos constitucionaes. Mas o gracioso da praia vae tardando, e alguns lá foram vêr se o desencantam pelas salas. Entra o Villela, um rapaz escriptor, o Jules Janin da praia.

As duas meninas R. mandam-lhe um sorriso. As primas do visconde chamam-lhe Alfredinho. E o Villela de branco, com um chapeu de Pierrot pintado de girasoes, toma umas notas rapidas no *carnet*, a respeito da boa mulher que executa a serenata. Phrases perdidas... muito calor! excessivo calor!... A sua correspondencia de hontem estava muito *chic*... mas como foi achar *gágé* á D. Felismina?

As salas atulham-se pouco a pouco. Vae recitar a *Mosca* o Ariosa. Entram dois padres da Mealhada, azues de barba, sujos, hediondos, comboiando as quatro Simões — umas lambisgoias afidalgadas, que não cumprimentam ninguem, e trazem trabucos d'arame nos cabellos. E emquanto um grupo d'enojados se retira — não se póde ouvir recitar, aquelle idiota! — e duas ou tres senhoras cochicham por traz dos leques, dentro de dez minutos, as pessoas edosas dormitam, ao passo que as mais novas bocejam ou namoram.

— Os dias da semana aqui são fastidiosos, dizia-me antes de hontem uma senhora que eu fui visitar a Cascaes. Mas aos domingos, divertimo-nos immenso.

— Com que, divertem-se então aqui, v. ex.as? E de que modo?

— Oh, não imagina... Vamos a Lisboa.

No Bussaco

8 de Setembro.

Vim ao Bussaco reavivar as minhas impressões d'outros tempos, quando, sósinho e devorado por theorias romanescas, eu percorria estas alamedas, fincando o meu bordão de forasteiro na terra molle das ultimas chuvadas de novembro.

Foi n'um outono limpido, quando a paizagem da Beira reverbera a sua grandiosa selvageria, sob uma luz rembrandtesca, em cujos atomos vortilham todas as sortes d'irisações. N'aquelle tempo a floresta era como uma desconforme cathedral de columnas tisnadas, por cujos *vitraux* uma luz verde fazia valer as monstruosas estatuas dos cedros, e a poesia rustica dos santuarios sepultos na

melancolia da folhagem. Mesmo na estação de villegiatura, os forasteiros eram tão raros como os passaros: imagine-se o que seria por novembro, quando a tapeçaria dos fetos vinha descendo das encostas, aos corregos da matta, e todas as folhas das arvores, como outras tantas pupillas da Cartuxa, choravam silenciosamente as suas saudades pelos monges mortos ou desterrados.

Algum nostalgico poeta estudante, vindo de Coimbra, n'uma aberta das aulas, percorria a passinhos curtos as mysteriosas sinuosidades da floresta, envolto na sua capa negra, como um contemplador fugido ás luctas da vida moderna: ou parando em face das capellas, ou erguendo a estatura trovadoresca na amura dos pequenos mirantes do Calvario e da Cruz Alta, estendia o lapis á velha caliça humida das paredes, para n'ellas escrever uma data, ou deixar rimado, para deleite das bellas visitantes, algum madrigal galante do seu coração de poeta. Actualmente o Bussaco transfigura-se, para receber de gravata branca os *touristes* que vem retemperar nas suas arvores e nas suas fontes, as atonias da doença contrahida na estonteadora vida das cidades.

Não é bem ainda a Cintra impertigada e official dos grandes *parvenus* lisboetas, por cujas serpentinas aleas rolam as caleches de luxo, n'uma pompa dinheirosa que se impõe

á evidencia—porém um grande oasis, successivamente rustico e aristocratico, onde as torrelas dos *chalets* esfusam já os seus cocurutos d'ardosia, mas onde tambem ha recantos de sombra virgem, d'uma beatitude religiosa, perfumes de resina balsamica, arvores que esbracejam para todos os lados, sem receio da estupida geometria dos fazedores de jardinetes, e musgos e velludosidades de cryptogamicas emfim, filhas da humidade, que revestem de soberbissimos tapetes a frontaria das thebaidas esparsas na veneravel sombra da floresta.

A primeira prova que eu tive de ser findo o Bussaco d'outras éras, foi encontrar fechada a cella do antigo sacristão do conventiculo, nonagenario rude e vagaroso que assistira á batalha dos francezes, e que ainda por alguns annos pudera vêr de perto a santidade austera dos monges carmelitas. Toda a vida me ha-de lembrar da sua figura impassivel e tanada, dura d'olhar, e esculpida rigidamente n'um casacão de saragoça, cujo talhe e assertoado trahiam o antigo aspeito cenobitico. A expressão d'esse camponio amarrado á oração pelo habito, e á penitencia pela disciplina da Cartuxa, refrangia o quer que fosse da austera grandeza d'esses retratos de priores, que

ha pelo claustro ainda agora, emmoldurados em cortiça, e tão profundamente amortecidos na luz crepuscular que se tamisa das frestas, acinzentada já pela especie de lepra dos pequenos pateos interiores. Pobre e sympathico misanthropo que eu encontrei comendo caldo verde, na sua cella mobilada ao rigor da ordem carmelitana . . . uma cruz na parede, formada de pedrinhas unidas a cimento, a tarimba de cortiça, sem travesseiro nem enxerga, uma banca de pinho, e Nossa Senhora da Agonia pintada a oleo defronte d'uma lucarna oblonga e sem postigo!

Tinha sido uma vespera de Natal, no chuvoso inverno de 1885; toda a floresta parecia orar n'um murmurio de córos alternados, emquanto a nevoa, empardecendo o horisonte, mais concentrava, se é possivel, nas altas naves manuelinas da matta, o constrangimento terrifico que Deus infunde, em estando perto da nossa timorata consciencia.

Em provincia alguma, como na Beira-Alta, a mais portugueza e a mais bella de todas as nossas provincias, a vespera de Natal se santifica, como festa do lar, com mais tocante permutação d'affectos, e mais recolhida e hospitaleira cordealidade, de familia a familia e creatura a creatura. N'aquelle paiz de montanhas, sem communicações nem confortos, com casinholas de pedra tosca, rebanhos, pe-

nedias, pinhaes e castanheiros, por cujas ravinas trepam enfesadamente as oliveiras, e por cujas lombas as aldeiasinhas transidas, sob a nevoa, parecem estender a mão a quem vae no caminho de ferro, pedindo esmola para illudir a miseria; n'aquelle paiz de montanhas habita a mais bella, a mais laboriosa, e a mais typica raça portugueza, poetisada por todas as melancolias da pobreza, e opulenta entretanto das virtudes familiaes que foram apanagio dos antigos povos pastores. Inda que na circumscripção administrativa, o Bussaco seja Douro, pelos recortes especiaes da sua paizagem, e analogias originarias da sua população, o que elle verdadeiramente parece é Beira-Alta—o que de mais beirão possa haver para além das veigas de Mortagua, e ao redor da mais que todas pittoresca serra da Estrella!

N'aquelle Natal chuviscoso de 85, eu tinha vindo ao Bussaco, para a casa de Gayo (que assim ficou chamada, desde que o ternissimo romancista do *Mario* viveu lá), sequestrar do convivio ephemero dos amigos as grandes tristezas do meu coração ferido por inconfessaveis e reconditas amarguras. Para um camponez da minha indole, aquella vespera de Natal, desterrada do banquete de familia, depois da missa do gallo, na minha aldeia do Alemtejo, ainda mais reverdecia a melindrosa doença

moral que me desmantelava e confrangia; e eu via a noite caír das arvores, toucar de crepe os cocurutos do Calvario e Santo Antão, com o pavor d'um somnambulo que sente os gatos pingados pregarem-lhe por cima da cabeça a ultima aduela da tumba, e quer gritar e não consegue, e querendo mexer um braço, sente o braço paralysado!

Nenhum *afficionado* da matta, n'aquelle mez desabrigado, ousaria vir alli divagar pelas thebaidas derruidas, nem o proprio Silvestre Bernardo de Lima, que é na hierarchia dos fanaticos do Bussaco, o deão d'aquella cathedral soberba de verdura.

Padre Mauricio, octogenario calado, que é ha trinta annos prior no conventinho, mandou tocar á missa do gallo, apenas meia noite foi dada no lugubre sino da Cartuxa.

A floresta n'aquelle tempo quasi que não tinha policia.

Meia duzia de soldados guardavam as portas durante o dia. Tres ou quatro couteiros, passavam a vida nas alamedas, deitados ao sol pelas clareiras, sem a intendencia intelligente d'um chefe, no outono: trincando as avellãs que cahiam das arvores, no inverno fazendo magustos de castanhas dentro das tocas das grandes carvalheiras. E á meia

noite eu saí de casa sem lanterna, embrulhado n'um varino, e com o meu bordão de romeiro na mão direita, de cujo pulso pendia o saquitel do livro de Horas. No mirante torreado da portaria, defronte no *chalet* aonde agora fica o hotel, a vista descortina toda a Bairrada, n'um soberbissimo leque de montanhas e campinas, e as dunas brancas da Figueira e Costa Nova; e sobre o panno desdobrado d'esse leque, aguarelladas em pallido, n'um fundo anil mui caprichoso, trinta ou quarenta povoações esmaltam a monotonia da paizagem, fumando na emmurchecida luz das tardes hybernaes.

O Bussaco é para assim dizer o botão terminal para cujo eixo convergem as varetas todas d'essa maravilhosa ventarola a aguarella, e o fóco acustico de quantos rumores se esgarcem por qualquer ponto d'aquella enseada formosissima de vinhedos e couvaes.

Meia noite dada, os appellos de quarenta campanarios de parochias rusticas, chegaram, chamando á missa, ao mirantesinho quadrado da portaria, e por todas as quebradas do valle, luzes errantes, vagas como pyrilampos, começaram a mover-se, em diversissimos sentidos, deixando os casaes caminho dos presbyterios, sob a neve diaphana de dezembro, como uma emigração d'almas em busca da celeste bemaventurança.

Com o meu bordão eu apontava e conferia o repique festival d'aquelles sinos, desde os logarejos bisonhos de Botão e do Paço, até ás paredes brancas de Grade, Anadia, Villa-Nova e Vaccariça: e em espirito recompunha as scenas emotivas d'essa hora sagrada no catalogo das alegrias de familia, em cada um d'aquelles casalitos enterrados na fuligem da noite, por cujas janellas brilhava aos mendigos das estradas, o olho benefico do candieiro de tres bicos, acceso ao centro da mesa ornamentada para a ceia do Natal.

Padre Mauricio ia ter poucos freguezes á missa da meia noite. Os guardas novos, e os soldados, tinham ido consoar aos logarejos; apenas algum velho viria, arrastando os tamancos, encatarrhoado e triste, ajoelhar diante das tres divinas estatuetas de barro da capella-mór do convento, rolando os bugalhos do rosario, n'uma devoção fastidiosa, vasia de intuito.

Um velho guarda, o Macario, que costumava dizer-me historias ás tardes, em Santa Thereza, tinha por mim sollicitudes de avô, e as melancolias da minha alma tentavam-no, com as virgindades da sua mudez mimosa e esmaecida. Duzentas vezes no dia, os olhos d'elle buscavam a pallidez da minha face, e o quebranto violeta das minhas olheiras, a perscrutarem do influxo benefico da floresta,

sua amada, no cicatrizar das minhas ulceras interiores.

E insensivelmente a sua palavra curava-me, mansa, persuasiva, como a lithania d'um psalmo que o monge reza ao caír da tarde, no côro tenebroso d'um mosteiro. Elle se fizera meu guia na romagem penitencial aos sitios ermos, elle soubera apaziguar as revoltas do meu orgulho, com a humildosa serenidade das suas dedicações; e feliz de ser pobre e não encher logar, a sua personalidade deixava-se absorver pela floresta, apagar no religioso crepusculo dos macissos, dando o exemplo d'uma força subalterna, indifferente á evidencia, que se sacrifica corpo e alma, á locupletação d'uma grande obra. Macario bem sabia onde procurar-me. O céo clareava entretanto, esfumaçado nos longes com as tonalidades perola do luaceiro, que ascendia, indefinido, entre as flocosidades phantasticas da neblina.

E entrámos na egreja, já padre Mauricio dizia o *orate* com a sua voz preguiçosa d'invalido, cretinisada nos beatificos latins da profissão.

Desço ao cruzeiro antes do velho padre ter findado. Ha um candieiro de lata no vestibulo, e os dois monges do silencio rompem

as carbonosidades da pintura, e parece que vem andando atraz de mim, crispados nas suas mãos carcomidas de phantasmas, mas satisfeitos talvez de me vêrem assim abandonado, como se a solidão da minha vida fosse a irmã gemea da sua.—Natal! Natal! Oh, como ha-de ser bom ter uns pequenitos bem rosados, de roda da ceia festival da meia noite! E emquanto os fritos chiam na cosinha, sentir babiolar as impaciencias da pequenina tropa, que encarrapitada nos bancos, faminta, esperta, estende as mãosinhas gordas para os bocados bons da sobremesa! Cá fóra as reverbações do céo já são mais claras. A nevoa rasga-se, ha estrellas...

«... E minha mulher voltaria da missa, friorenta, vestida de escuro, tirando a capa de noite, n'um sobresalto brusco de colomba, e com a gola de pelles toda gotejada d'orvalho. Os seus olhos seriam vivos, rubra a sua bocca, o seu sorriso indescriptivel. E a creançada de roda, saltando, brincando, pedinchando. Mamã p'ra uma banda, mamã p'ra outra banda...»—Oiço o corujão latir como um cerbero, o maldito; deve ser no valle das pontes, por baixo logo da Fonte Fria. Com os seus latidos funestos, este sinistro passaro recorda-me a alma d'algum bispo, enchendo a sombra com a tragedia da sua expiação.

Natal! Natal! A filha do guarda póde bem chamar-me aos quatro ventos do terraço, para a consoada de familia. Não irei. A minha tristeza ennodoaria a festa. Porque perturbar a doçura limpida d'aquellas effusões?

O Turf-Club

15 de Setembro.

O *Turf* era uma associação de gentis-homens mais ou menos authenticos, e d'elegantes filhos-familias mais ou menos ricos, em quem as viagens e os habitos mundanos despertaram amor pelos confortaveis da vida co-operativa, da vida de club, n'uma casa luxuosa, entre objectos d'arte, com gabinetes fôfos, jogos bem excentricos, livros bem raros, um cosinheiro bem inedito, e um *maitre-d'hotel* bem magestoso.

Creado sob auspicios ostentosos, com um programma interno cheio d'exigentes soluções, o *Turf-Club* apenas viu entre os numerosos representantes da boa roda portugueza, uns cem cavalheiros, capazes de lhe honrarem

condignamente o livro d'ouro: e tantos consentiu á matricula, e se esforçou de reunir nos seus salões forrados de seda, e illuminados a lustres de cem velas.

Provisoriamente, emquanto um architecto de Paris lhe não mandava a planta do maravilhoso palacio em que installar-se, accedeu o *Turf-Club* a inaugurar o seu anno n'um modesto primeiro andar do Chiado, por cima d'um chapeleiro e por baixo d'um alfaiate, decorado, já se vê, com magnificencia attinente a dar ao mundo, vislumbre sequer do que ia ser, no palacio em fabrico, a sua maravilhosa e definitiva installação.

Do pouco que transpirou cá fóra, ácerca d'essa vivenda estonteadora, logo se viu quanto era justificado o escrupulo da escolha, no pessoal dos socios do *Turf-Club*, chegando o guarda-portão a affirmar aos reporters, que não havia refeição para que os membros do *Turf* não exigissem guardanapos lavados, nem mesa de jogo onde não houvesse um cinzeiro de porcelana — para as pontas.

Na sala de leitura, todos os *après-midi* viam chegar os melhores nomes do armorial portuguez, em correctos vestuarios feitos no John Mamb, alfaiate do sr. Ramalho Ortigão, residente em Londres, mas com filial n'uma escada de S. Paulo. E alli, emquanto os jornaes passavam de mão em mão, conversações

cheias d'espirito e gentilhomeria do *grand-sciècle,* espumavam o paradoxo em bolhas opalinas, irisando o caracter das nossas finas raças, té ao paroxysmo em que a veia adoravelmente caustica do conde de A., começava a dizer ao visconde de M., casuista insigne — que a Mendoza adicava ahi com um gajo, entendes tu?

Jantares e ceias, a mesma larga *enflure* da riqueza e da impetuosidade espiritual, regando opiparos menus, com historias d'aventuras, conceitos, e subtis pontos-de-vista. Nunca a vida elegante attingiu em Lisboa, como n'esses primeiros mezes d'installação do *Turf-Club,* mais imprevistos vôos, e um ideal de mundanismo mais superiormente concebido. Deve-se dizer tambem que as ucharias do *Turf* eram supremas, as cavas preciosas, a copa inegualavel. Todos os acepipes raros, todos os vinhos ineditos, todas as exquisitas gulodices, convergiam dos mais reconditos bêcos do mundo, para a mesa do *Turf,* a esthesiar o paladar dos socios, de sensações qual mais exotica e delicada. Para elles o chá mais aromatico das caravanas russas, onde o *Turf* havia camêlos, seus correspondentes. Para elles os mais bellos presuntos d'York, cortados no posterior de cevados que tinham sido em vida, lords inglezes, genros da imperatriz das Indias, ou almirantes da esquadra

do canal. Os *foies-gras* mais finos, preparados com figados de bebedos; os Champagnes mais cerebraes, distillados d'antiquissimas garrafas de gazosa; os vinhos de mesa mais puros, recolhidos da sublimagem d'antigas vinagreiras.

E os cem gastronomos, de roda ás mesas ataviadas de linhos russos, de crystaes bohemios, de porcelanas ideaes dos antigos emporios de louçaria, era de vêr como faziam brotar dos primeiros arrotos d'essa digestão superior d'estomagos eleitos, as grandes leis-bases do dandysmo, refundindo, por esses simples cavacos de homens de sport, d'alcova, e de finança, pela base, todo o codigo do tom, tão lamentavelmente achincalhado em Portugal, des'que o marquez de Niza empobrecera, e Souto-Maior se fôra p'ra Suecia!

Dia e noite, nas salas de jogo, era tambem um rolar de milhões e milhões no panno verde, coisa de sanha tanta, que uma noite, sobre todas memoravel, citada ainda hoje, o barão R. alli perdeu toda a sua fortuna — doze vintens e meio que herdára em patrimonio, dos seus antepassados das cruzadas. Vae, como o architecto francez se demorasse em dar o palacio prompto, forçoso ia sendo, contra vontade de todos, demorar residencia no primeiro andar da rua Garrett, onde o fogo uma noite foi surprehender os cem cormo-

rans, quando já as colgaduras vermelhas das janellas começavam a tomar, sob as cozeduras do sol, a côr do barrete phrygio do sr. José Elias Garcia, e a voragem do milhão, constante da jogatina ininterrupta das salas, derivára graciosamente a uma batotinha de consolação para *gentlemen-rider* callistos. Das preciosidades artisticas que esse voraz incendio incinerou—foi ainda mais voraz que o incendio de Gomorrha!—sabem-no todos pelas descripções circumstanciadas dos jornaes, e o publico ainda hoje chora, com o sr. Fernando Palha, a perda d'uns sapatos d'ourêlo innaraveis, presente do shah da Persia, a este turfoso cavalheiro.

Passando ha dias pela rua do Alecrim, depararam-se-me á direita, n'uma casa sarnenta, sobrepujante a uma loja de vinhos, sobre os rebordos das sacadas, restos das famosas colgaduras, tauxiadas d'ouro, que no Chiado haviam sido a taboleta espectaculosa do *Turf-Club*. Perplexo sobre se aquelles trapos seriam a exhibição de mais uma casa d'antiguidades, aberta n'aquelle sitio, e não querendo crêr que a *pschuttosa* sociedade dos cem mantenedores do alto sportismo em Portugal, escorregasse áquella penunia d'arma-

ções, fui-me a colher informações, pelos visinhos.

Oh! amargura! n'aquillo tinha caído effectivamente o *Turf-Club!*... Contratempos insolitos, da ordem dos que precipitaram a Grecia e Roma, dos cimos da opulencia, aos tremedaes da anarchia e da bancarota, haviam subido tambem a embirrar co'a vida interior do *Turf-Club*, cujos profundos cofres nem sequer tiveram, sentindo-se exhaurir, como os do Estado, a coragem do emprestimo, ou do encosto.

E começou então para a orgulhosa instituição, o tempo do resvalo, da economia, e do martyrio. Ao guarda-portão mandaram s. ex.[as] cortar as barbas, para com ellas encher de crina os ventres dos sofás esgatanhados. Arrancaram da escada o tapete de juta, que em epochas luxuosas alcunhavam da Persia, pantomimeiramente. Deixaram safar moveis e estofos, romperam-se, c'os tacões, as passadeiras das alcatifas, claudicaram os fauteuils, trazerem as camisas sujas os creados, e na sala do bilhar substituiram-se os tacos d'ebano, marchetados, por bengalorios velhos, que o marcador ia arrematar no espolio dos policias secretas.

O *restaurant* passou a ter um fornecimento eventual, a isca substituiu de perto o *foie-gras*, os vinhos da cava começaram a accumu-

lar as duplas funcções d'alimentos reparadores, e de tintura para o cabello. E se nas conversas ainda, o bom-humor d'outr'ora esfusia em paradoxos de gente acostumada á vida sem trabalho, *vá sem dizer* que ás mesas de jogo, quando a batotinha se anima, vozes de jogadores, viradas pr'os creados, articulam d'est'arte:

— Ó Ramon, empresta cá cinco tostões!

Tres aspectos

22 de Setembro.

I

Lisboa fraca.

A festa que o Real Gymnasio Club deu no Colyseu, a semana passada, a beneficio da subscripção nacional, ao lado da excellente impressão que produziu, fez valer desagradavelmente o muito que haverá que demolir, refundir, transfigurar, primeiro que entre n'um caminho pratico, hygienico, saudavel, a educação da mocidade portugueza.

Deixemo-nos d'illusões e d'optimismos. A educação physica dos nossos rapazes está hoje tão descurada, ou mais, do que ha vinte annos, e um tal desleixo ainda prepondera, como no tempo das *Farpas*, entre os dissol-

ventes da nossa maneira de ser intellectiva e moral. Portugal continúa, meus senhores, a ter o peito estreito, os musculos molles, o fim das costas adiposo, o suor azedo, e murraça nas canellas e nas orelhas. Quasi todos os nossos filhos-familias teem uma excreção fetida, uma doença dermica, e uma laryngite granulosa—e essa excreção é quasi sempre um caracteristico d'anemia, essa dermatose é o resultado d'uma falta d'aceio, e essa laryngite, a contraprova morbida d'um mau habito inveterado. Vae em vinte annos que estas coisas são conhecidas dos educadores da mocidade, e que paes e mestres assistem impassiveis a esse medonho desmanchar de feira, que é a entrada na vida social das successivas camadas de rapazes saídos das escólas.

Os publicistas a quem estas coisas são presentes, continuam a achar compatibilidade entre a alvinitencia da honra e a sujidão dos chispes. Os hygienicos continuam a ter por frouxas, as relações entre a perfeita lucidez d'um cerebro, e o livre funccionar das villosidades e póros d'uma pelle. E quanto ao travão que ás vezes põe na vida d'um orador, a laryngite granulosa d'um fumista, e quanto ás perdas d'energia que um corrimento chronico, uma diathese flegmonosa, ou um homerrhoidal assolapado, sejam capazes de trazer ao quantum d'actividade d'um agitador, d'um

pensador, d'um homem d'acção, ninguem vulgarisou ainda que o procreador acaba onde começou o blenorrheico — que o propagandista morre, no dia em que elle descobre em si o pustuloso — e que finalmente ninguem póde recolher-se a uma banca d'estudo, a meditar n'um problema economico, ou a escrever uma pagina penetrante, desde que seja forçado a torcer-se na cadeira, por causa d'uma almorrodia endolorida.

E todavia, estou em dizer que seria este o primeiro grande inimigo contra que os patrictas deveriam apontar os canhões da sua propaganda de reformas — fazer gente forte, para a empregar depois em fortes commettidas: fazer paes e mães sadios e feros, para formar batalhões depois, com os viris productos d'essas prenhezes sãs, que fazem os lares alegres, as obras eternas, o genio facil, e as nações victoriosas e opulentas.

Basta assistir a uma d'essas festas d'estudantes, para a gente se convencer de que não póde ser prospero nem heroico, o futuro d'uma nacionalidade onde todas as raparigas teem olheiras, e onde todos os rapazes teem tosse. A escrofula pesponteia de mais o pescoço dos lusos, p'ra que a Europa acredite na efficacia dos cruzamentos que elles se propõem fazer co'as molecas, nos sertões d'Angola e Moçambique. Parece incrivel, mas é

certo: Portugal é o paiz do mundo que come menos carne, e engole mais capsulas de copahiba! O amor que lunduna á guitarra, e tem por *Lusiadas*, o *Fado*, de duas uma: ou liquída em facadas na *Boa-Hora*, ou se apazigua com injecções, nos laboratorios dos boticarios. Pôr na arena do Colyseu os alumnos das escólas municipaes a manobrar de recrutas, os rapazes do Real Gymnasio a fazerem valer biceps e peitoraes dignos d'uma ceia de Platão, e os esgrimistas mostrando o quanto vale uma arma, na ponta d'um braço que mexel-a saiba —fazer isto, é crear um contraste violento á nossa velha cachexia nacional, e sublinhar grotescamente, pela destreza d'uns poucos, o derreamento e a lassidão da maior parte.

Assim, não se juntam duzentos portuguezes n'uma casa fechada, que logo o ambiente não trescale fartuns que nenhuma alimaria põe, por mais immunda, no recesso de suas grutas e aboizes. É um fedor impossivel d'estudar pela chimica, e d'encontrar em malta humana, estranha a Portugal — um fedor em que ha fezes e discursos, carta constitucional e urina — barril do lixo e... Academia Real das Sciencias.

As creanças são lamentaveis, asphyxicas, com os deditos roídos, as pernas em paren-

thesis, bocca babosa, e as orelhas de vitello escanhoado... Quasi todas teem a implantação dos dentes tumultuosa, o prognatismo inquietante, as curiosidades perversas e terriveis. A nubilidade ás mulheres vem muito cedo, e ainda n'ellas o espirito balbucia, já o sexo começa a lhes formular imposições — do que se aproveita o vicio, para ir servindo esses implumes sêres, aos viciosos.

Entre os rapazes, identico avanço de funcções adultas, a effectuar em carcassas que dia a dia, em vez de progredir, parecem retrogradar, d'estioladas. Nenhum paiz tem mais meninos gordos: e como se sabe, na adolescencia, a gordura é quasi sempre um degenerar de nutrição. O ascenso da creatura, desde a larvada infancia que atraz disse, até á adolescencia balofa que fiz vêr, em vez de pedir á gymnastica, ao caldo verde, ao *beef* em sangue, ao duche e ao passeio matinal, a seiva impulsional do seu progredimento, bem ao contrario, faz-se d'enclausura, d'immobilidade nas aulas, e d'oleo de figados de bacalhau ás sobremesas. Os meninos portuguezes tomam a carne de vacca em colheres d'extracto, e o pão das tostas, em farinha do conde de Restello. Aos dezoito annos estão cobertos de barba e d'eczemas suspeitos, teem romances de Chatenay entre os compendios, e relações com a democracia, pelos artigos do *Seculo* —

de cujos redactores alguns até copiam o penteado e as palavras timbalescas.

A educação da escóla, sobre confusa e atabalhoada, quanto ao ensino profissional, nada dá aos escolares que encha o caracter, e n'elles cultive, a par do homem d'especialidade, o cidadão de multiplices predicados, capaz de pegar n'uma arma, de ferrar quatro murros n'um typo, de subir á tribuna, e de se adaptar emfim aos diversos meios que os acasos da vida impôr-lhe possam.

Todos os annos sáem dos hospitaes medicos-cirurgiões cobertos de premios, é certo, mas cuja cultura geral é primitiva como a dos cavadores. Todos os annos a Bemposta nos confecciona laureados engenheiros, mas que explicam a agonia do paiz por uma exclusiva carencia de pontes e calçadas. De Coimbra, os legistas que emigram, vão prégar ás delegacias da provincia, que todas as forças do Estado são collorario do carneiro com batatas, e que o thesouro não passa d'um cofre a sete fechaduras—para abrir as quaes, cada ministro tem uma gazua.

E é d'estas gerações de saltarellos e de pandegos, d'imaginativos e de tuberculosos, com enthusiasmo para vinte e quatro horas, e convicções para dez minutos—com paixões de gozo, e nenhuma resistencia methodica ás privações e combates da vida insubmissa; é

d'estas gerações que o Portugal d'ámanhã conta tirar a raça indomita, puritana, heroica, independente, que ha-de equilibrar as finanças, lançar os fundamentos da sociologia nova, desforçar a terra, e refazer a nação, emfim, de *fond en comble!*...

Digam-me pois como póde ser efficaz, no futuro do mundo, o papel d'uma humanidade que tem a espinha torta, e que apenas recebida pela comadre, ao postigo materno, começa logo em dieta de xarope e farinhas restaurantes, enlocada no proprio licôr que esguicha da bexiga?

Uma mamã apresentava ha dias um filhito de tres mezes, a certo cavalheiro.

—Que lindo cãosinho! disse este.

E fallou justo! Pensava talvez no trabalho que vae custar a transformação d'um tal mostrengo em homem, e na inutilidade de todo e qualquer esforço, tendente a evitar que elle, depois d'adulto (já deputado talvez e grande funccionario) arreganhe a dentuça de cachorro contra os fracos, e fuja, com o rabo entre as pernas, todas as vezes que sentir silvar no ar um bengalorio.

II

Lisboa porca.

O terror do cholera tem levado a policia, por conselhos da junta de saude, a uma rigorosa e vigilante fiscalisação sobre a hygiene e sobre a alimentação da capital.

Todos os dias os medicos municipaes mandam remover, dos antros de miseria, por esses pobres bairros em que os operarios se agglomeram, immundicies accumuladas alli durante annos, ou fazem beneficiar moradas e destruir promiscuidades, que tendo-se feito do insalubre uma tradição, lá vivem com o microbio, como com uma pessoa de familia, permittindo-lhe todas as familiaridades e todas as extravagancias, e quasi achando graça a que elle, nas epochas de calor, refile de virulencia, e faça ao homem a partida de dar cabo d'elle, uma vez que o homem não quer dar cabo do microbio.

Apura-se das peregrinações da policia, ás moradias da população somenos de Lisboa, que ao pé da nossa, não ha cidade do littoral africano que não seja modelar quanto á hygiene, e que o tunesino, sobre ser trinta ve-

zes mais pittoresco que o alfacinha, tem ainda sobre elle a vantagem de ser trinta vezes mais aceado. Não é bem a miseria, muitas vezes, o impulsor principal da porcaria lisboeta—porque Lisboa, apesar do que em contrario queiram dizer os 40 contos que o governo esportulou indevidamente ao sr. Burnay, não tem propriamente miseria, ou coisa que o pareça—mas o desmazelo horrivel que as familias do povo põem na casa, e a nenhuma noção d'aconchego que a população operaria se faz sobre a vida de familia. Basta acompanhar a visita sanitaria d'um medico municipal, a dois ou tres predios operarios, para de logo se inferir da existencia espalhada e occasional do nosso povo, para quem a casa é simplesmente uma tóca de dormir, e para quem a vida é uma coisa sem dia d'ámanhã. Em raros d'esses interiores, de feito, as alfaias do lar revelam instinctos d'ordem e de prudente economia. A mobilia são dois ou tres tarecos derreados, que ninguem repara e ninguem limpa. Nos quartos de cama, refluidos para os desvãos escuros da morada, não ha uma mancha clara onde a vista repouse sem nausea. A cosinha estonteia, com os seus destroços de caçarolas sujas, a pia fetida, e os esfregões trescalando bafios insupportaveis. E tal a habitação, tal a familia. Em parte, a culpa não é só d'essa pobre gente de traba-

lho, que a labutar de sol a sol, de pouco tempo dispõe para curar de si, ou do casebre onde reside. A camara municipal, que podia offerecer-lhe banhos gratuitos; o governo, que devia dar-lhe agua a jorros, por uma quantia diminuta, e ensinar-lhe o amor da casa e da limpeza, auxiliando construcções de bairros modelos, deixam apodrecer na sua immundicie lendaria, aquella pobre populaça fetida e doente, a que só recorrem para pedir impostos, para lhe roubar os filhos p'ra soldados, e para lhe pôr ao peito as baionetas, quando ella alguma vez se lembra de gritar viva a republica.

Porque emfim, se o operario é immundo por tradição e por desmazelo, o dever da auctoridade, que até agora só tem curado de lhe impôr habitos d'onde tira proveito, é coagil-o tambem a outros, de cuja pratica o pobre diabo brote mais sadio, e menos porcalhão. A vida d'elle liquida dia a dia, sem cuidados pelo futuro, sem a comprehensão do conforto, sem a lembrança do mealheiro subsidiador da familia, por occasião d'uma doença... Porque se lhe não mette então á cara a possibilidade de o tornar proprietario d'uma pequena casa hygienica e barata, n'um bairo claro e com arvores nas ruas? Porque se lhe não abre os olhos ás vanta-

gens d'uma cooperativa, sob as vistas do municipio, que o alimente e vista por meio preço, e de caminho lhe ensine, pelo accessorio d'uma *caisse d'epargne*, a guardar methodicamente as sobras do salario? As mulheres não sabem fazer nada? Não arremendam a roupa dos maridos? Não talham nem cosem os vestidos dos filhos? Não vão ellas mesmas embarrelar a roupa aos lavadouros? E poucas sabem cosinhar e manter uma casa economica e limpamente?

—Bem. Em vez de se subsidiarem por ahi escólas com secções de bordados a ouro, e bugigangas, annexem-lhes officinas de lavor domestico; tirem-lhes as prendas, e ponham em seu logar estas prosaicas noções da vida pobre.

Se ainda assim, a porcaria insistir, a policia não durma, e em vez de vistoriar os bairros pobres só a quando nos ameaça a epidemia, estabeleça o seu serviço de fiscalisação permanente, quotidiano, implacavel, e fortaleça a camara municipal esse serviço, dando curso a um regulamento de hygiene obrigatorio para todos, do rico ao pobre, sem querer saber de lamurias ou d'estorvos.

O mesmo para a alimentação.

O exame dos delegados de saude, aos estabelecimentos de comestiveis, fez lançar ao

lixo, nos ultimos trinta dias, quintaes e quintaes de substancias, que nas epochas normaes Lisboa come, pagando-as ainda em cima por bom preço. Bacalhaus e chouriços pôdres, pernas de boi cheias de bichos, fructas verdes, vinhos azedos, caça corrupta, azeites gergelinados, manteigas inglezas, cuja margarina se extrae de banhas de cão, e d'animaes abatidos por doença, nos hospitaes de veterinaria, tudo isto a auctoridade consente se venda e se compre em Lisboa, durante os doze mezes d'aquelles annos em que a febre amarella ou o cholera nos não fazem negaças, do outro lado da fronteira.

O desaforo é tal, que sendo nós um paiz de vinho, e estando por toda a provincia o vinho dado, não ha ninguem na capital que o não beba com fuchsina e todas as mais porcarias adstrictas ás falsificações dos engarrafadores que ahi formilham. Nas vaccarias, o leite é mugido de vaccas tuberculosas. Os mercados de fructas expõem a consumo, todos os refugos que as arvores se lembram de deixar caír, corruptos ou verdes, no chão das hortas. As ovarinas vendem peixe pôdre. Os padeiros põem gesso nas farinhas.

E ninguem fiscalisa! Entende a camara que a sua missão terminou com o estabelecimento d'um laboratorio d'analyses, platonico, no Pelourinho. Os policias, tão bravos sempre para

com os cidadãos em que farejam inimigos politicos do sr. Lopo Vaz, tratam com verdadeira ternura os tres ou quatro mil miseraveis que envenenam a capital co'as suas berundangas, a ponto d'ás vezes parecer que sejam socios dos merceeiros e vendilhões das nossas ruas. Emfim, a comprehensão que a auctoridade tem, nas epochas normaes, da hygiene publica, resume-se d'est'arte: — Ha tres ou quatro mezes, uma mulher comprou n'uma mercearia, uma pouca de carne de conserva. Vae, depois de a ter pago, reconheceu que a carne estava pôdre. Reclamações ao merceeiro, que as não quiz attender, e appello final para a policia, que só muitissimo rogada, interferiu. Exposto o caso, e examinado o genero pelo agente, sentenciou este a favor do merceeiro. Obtemperando:

— Certo, os chouriços estão pôdres. Mas não o estavam, quando vieram para a loja. Eram até uns excellentes chouriços! Portanto... viesse a menina mais cedo.

III

Lisboa fruste.

O Reino das Mulheres, especie de peça phantastica que a Rua dos Condes pôz em

scena, é uma *pochade* de grosso sal comico, por entre cujas invenções respiga, bem procurado, um intuito satyrico que me parece digno de se fixar. Conhecem talvez a peça? Ha um paiz onde o sexo forte é feminino, e onde o homem desfructa, como entre nós a mulher, todas as condescendencias e attenções devidas a creaturas frageis e delicadas. Alli, todos os cargos e officios, de que é uso investir latagões, é a mulher que os desempenha. O ministerio, o parlamento, a magistratura, o exercito, tudo é feminino.

São as mulheres (que se apropriaram da liberdade inherente a sêres d'acção) quem fazem dos homens, os instrumentos passivos dos seus caprichos. O irmão trabalha á machina, emquanto a irmã, de chapeu alto, vae para a repartição. E para que esta satyra punja, por detraz da galhofa um pouco dubia em que resvala o *caneras* da peça, no REINO DAS MULHERES, conforme se collige de certas passagens do segundo acto, até quem páre os filhos, são os homens — o que não é verdade... na maior parte dos casos.

Ora, cortando á farça todos os seus abusos de clownesco, inda subsiste n'ella um facto verosimil, e este é que o nosso tempo effemina cada vez mais o homem, e vae sanccionando, em parallelo, a virilidade da mulher. Socialmente, nós somos apenas uns estanca-

dos. O trabalho e o cansaço, forçando em nós o limite de resistencia, quebraram para sempre o impeto galhardo que ajudára o homem na conquista do universo; e sem duvida a humanidade parará, se no ponto em que nós desfallecermos, o braço d'ella não contravier a lhe governar o barco, desde esse momento sem piloto.

Não contarei das especialidades scientificas em que a mulher já hoje faz ao homem, por todo o mundo, uma concorrencia séria e triumphante, ella engenheira, doutora em leis, formada em medicina, guarda-livros, pedagoga, revolucionaria e petroleira, occupada de pontes, occupada de virus, occupada d'escripturações, occupada de politica, e — ao contrario do que alguem podia esperar da sua natureza — trazendo para o cumprimento d'essa nova investidura, uma firmeza de decoro, uma lucidez de criterio, uma inflexibilidade de juizo e de trabalho, inegualaveis.

Mas não é só no dominio das ideias, intramuros das sciencias e das grandes profissões liberaes, que a competencia feminina dá batalha ao homem. Em todos os pequenos mesteres, em todos os actos da vida que demandem a alliança da intelligencia á iniciativa, Eva lá apparece a substituir-se ao com-

panheiro. Escrevente, telegraphista, caixeira, em tudo ella se transforma e medra, com uma destreza energica e proficua. Pequenas profissões operarias, d'antes exclusivas ao homem, agora pertencem-lhe, e prosperam, sob o influxo da sua actividade admiravel. Em França e na America, ha centenas d'officios e d'artes industriaes desempenhadas por mulheres. É á mulher que a marcenaria artistica moderna, está devendo a melhor parte da sua renascença robusta e elegantissima. É á mulher que a *toilette* e a arte de cortar, devem, no presente fim de seculo, a gracilidade superior que ora desfructam, a ponto da critica citar hoje chapeus que valem quadros, e vestidos que se equiparam em perfeição esthetica, aos mais admiraveis *bibelòts*. Ninguem como a mulher para explorar uma vaidade, e fazer d'ella, com uma pouca de tinta, um pouco de trapo, e um pouco de gosto, uma d'essas aladas industrias, cujos productos se pagam a peso d'ouro, sem outro empate de capital além d'alguns tostões. Por exemplo, a industria dos leques pintados, quasi exclusivamente feminina, e de que ha hoje em Paris e Londres, milhares d'*ateliers*, põe em circulação cerca de 10:000 contos annuaes, não gastando 500 em mão d'obra. Obras d'encadernação e de bijouteria, pintura em loiça, trabalhos de *vitrail*, decoração de casas, tece-

lagem artistica, etc., tudo ella aborda e transforma, graças á energia inedita do seu espirito, e á vivacidade hysterica da sua concepção. Descendo ainda nos mesteres grosseiros, vêmol-a trabalhar nas nossas povoações d'entre Beira e Douro, lavrar e semear a terra como no Minho, barquejar e pescar como no Douro. De sorte que não é uma simples *pochade* de vaudevillista o affirmar-se, embora por musica, que a missão social dos dois sexos vae pelo mundo, n'uma permuta celere e completa: que a mulher para em tudo ser homem, só lhe falta agora deixar barba crescida, apar do homem, que para em tudo ser mulher, urgente se faz, comece quanto antes a abordar o estado... interessante. A propria pathologia informa o observador, d'esta abdicação de força d'um sexo, a beneficio do outro. Ha quarenta annos, certas doenças, como a hysteria, d'uma localisação organica especial, só á mulher cumpriam, não é assim?

Pois bem, as estatisticas dão hoje a hysteria, tão frequente, ou *mais*, no homem, do que na mulher.

Ai, desenganemo-nos! O homem envelheceu de ha muito para a chefatura da familia, e para poder discricionario das sociedades. Resta-lhe agora deixar cuia, atar as meias por cima do joelho, e ter o incommodo.

A sua permanencia ao leme das nações,

faz-se nefasta. Digamos-lhe que se faça freira, e entre para um convento. Proponha-se que as Salesias passem a chamar-se *Real Gymnasio Club*, e este se arrogue o nome de recolhimento das Salesias. Comece-se a chamar Maria José da Silva Canuto, ao sr. Luciano Cordeiro, e Latino Coelho, á sr.ª D. Angelina Vidal. Entregue-se a pasta do fomento á actriz Jesuina, e solicite-se da actriz Pepa, a gentileza d'ir occupar o logar do sr. Arroio. Quem sabe se sob a gerencia de tão gentis secretarios d'estado, os emprestimos obteriam cotação melhor entre os bolsistas! E d'ahi, que efficacia fecunda, não ganharia o exercito, no manejo das armas, caso fosse feminina a soldadesca!

Imagine-se uma guarda municipal composta só de creadas de servir, vagueando pela Avenida, nos dias de *nada*, á caça dos seus antigos seductores! Em termos que d'aqui por annos, continuando as coisas par e passo, a ninguem fosse estranho o soletrar nos jornaes, noticias d'esta guiza:

«O sr. conselheiro Jayme Moniz teve um desmancho. É grave o seu estado.»

Os pregões

8 de Novembro.

Poucos paizes teem, como o nosso, menos musicos, possuindo uma tão impressiva intuição da melodia. De que cyclo historico nos vem ella, e de que filão de raça procede? Entraria em Portugal pelo Algarve, vinda dos aduares talvez da orla d'Africa; pelo Alemtejo, vinda do paiz andaluz, reminiscenciada talvez do tempo dos califas; e entraria tambem pelo Minho, quem sabe! com a gaita de folles do gallego.

—No Algarve, produzindo as *toadas* das populações pescadoras do littoral, d'uma tão admiravel riqueza de cambiantes lyricos. Dando no Alemtejo, as preguiçosas cantigas de trabalho do paiz desolado, do paiz cheio de

florestas, do paiz sem nevoas, do paiz sem mar, incommunicavel com o resto do mundo, e gretando sob um sol caustico, que em agosto faz amadurecer as uvas, seccar o milho, e verter fogo, a phantasia dos rapazes. E no norte por ultimo, gestando essas melopêas saracoteadas e lorpas, de que é typo a *Caninha verde,* e sobre que se teem escripto todas as especies d'encomios delambidos.

Ora, todos os rythmos e andantes d'estas tres especies de melodias populares, — a minhota, a algarvia, e a alemtejana — partidos successivamente dos pontos mais longinquos e oppostos do paiz, ao chegarem á capital, deliquesceram n'um todo: e saíu esta preghiera excentrica, esta bijouteria de som, que se chama o pregão das ruas de Lisboa.

O que n'elle ha de persuasiva eloquencia, de supplicante meiguice, de petulancia ou de satyra, faz todo um elucidario fallado, que por completo resume a vida do povo lisboeta; e é grato vêr n'esta cidade descórada e suja, com bacias de barba por tanques, e paliteiros de pedra por monumentos, sem typo fixo de habitante, nem typo fixo d'architectura, feissima apesar do porto, bisonha apesar do céo, insalubre apesar do clima... é grato vêr, dizia eu, quebrarem a monotonia de tudo, essas

melopêas d'um inexprimivel sentimento poetico, ao som das quaes a mulher vende azeitonas, o homem couves, e a raparigota queijos, carapaus, ou marmelos assados. Não quero assim dizer que esta toada vá deleitar grandemente os *dilettanti* que se aborrecem de casaca, pelas cadeiras de S. Carlos, nem que as ruas da Baixa valham um concerto de Colonne, á hora matinal em que as varinas sáem do mercado, com a canastra prenhe de besugo e sarda gorda. Porém vão vocês residir ahi para um arrabalde socegado, para uma encosta de monte onde não passem carruagens, para uma betesga humilde e sem passagem; e quando as chaminés fumam na luz, e a pequenada desce para a mestra, escutem, ás 8 da manhã, do fundo d'um quarto d'estudo, a mulher da hortaliça soltando ás *menagères* o cadenciado appello das maravilhas horticulas que ella ali traz na cesta, ou nos ceirões.

Que rythmo admiravel o d'algumas! que alada melancolia no *smorzar* certos finaes, e como a voz d'ellas colleia e vae, n'um inexplicavel poder de suggestão pathetica e campina! D'entre essa variedade de dez mil pregões, que quotidianamente estrugem nas ruas de Lisboa, tres typos saltam, onde o observador poderia agrupar sem violencia, todos elles.

A saber: o pregão dos que vendem provi-

sões d'origem marinha; o dos que vendem provisões d'origem terrestre; e finalmente o pregão dos belfurinheiros de rua e vendilhões de jornaes.

D'estes tres grupos, o ultimo tende a eliminar-se, já porque os pequenos fanqueiros de rua, os vendedores de sapatos, os capellistas de carrinho ambulante, etc., cada vez são mais raros, mesmo nos bairros pobres, mercê da transformação por que estão passando os habitos caseiros das nossas mulheres... já porque os jornaes, com a feição prática e antipathica que tomaram, deixaram de se poder apregoar pelos garotos na cantilena ondeante em que ainda hoje se apregôa, por exemplo, o *Diario de Noticias.*

No pregão das peixeiras tambem se notam, de ha uns annos para cá, tendencias rotineiras. As ovarinas são rebeldes á creação de novos typos musicaes para o pregão, e preferem estagnar em tres ou quatro formulas seculares, invariaveis, como aquella em que se menciona simplesmente o producto—*Postas de pescada!* por exemplo—n'um ligeiro cantado que não commenta nem exalta o genero, á freguezia—como ess'outra, em que junto ao nome do peixe, vae especificado o seu destino culinario: ex.: *Cadellinha p'ra arroz!* ou, *Irozes p'ra tigelada!* —ou ainda como aquella em que se elogia

o producto, sem lhe dizer o nome, como acontece em — *Fresca!*...

Já não acontece o mesmo ao pregão dos vendilhões de comestiveis horticulas, cuja musica tende quotidianamente a enriquecer-se de novos motivos melodicos, originalissimos estribilhos, e variedades metricas, d'uma imprevista fragrancia d'expressão. Raro é o dia em que um vendilhão recemchegado da sua provincia, não lance nas ruas da capital, uma esfusiada inedita de notas,

Broinhas de milho
Quentinhas de herva doce!...

uma d'estas volatas de travar mourisco, começando por um brado estridulo, caíndo depois n'uma especie de recitativo a dois ou tres haustos, para acabar afinal n'uma cadencia bucolica ou cascalhada.

Todos teem no ouvido a deliciosa melopêa da mulher das melancias...

Quem nas quer da varzea!
Melancias á faca!

e a mulher das azeitonas

A vinte e cinco o salamim,
Quem quer azeitonas novas!

e se recordam com infinitas saudades do pregão do homem do gergelim, tão imaginosamente detalhado; dos pregões insubversivos do *Furibundo,* que vendia jornaes republicanos, pondo em rima as insolencias que elles vomitavam; e d'esses pregões emfim que já morreram, e ao som dos quaes nós acordavamos todas as manhãs, nos nossos bairros d'estudantes e de caixeiros, quando a cidade inda mantinha, ha vinte annos, aquelle seu ar provinciano, e á nossa adolescencia bastava um echo, para evocar na phantasia uma scena idyllica, recantos de paizagem, estados d'alma contemplativos ou extasiados — chimeras emfim que se desfazem com os primeiros cabellos brancos, e sobre que já não é possivel escrever senão recordações, ou epitaphios.

O Infante D. Augusto

15 de Novembro.

Lisboa acorreu toda, na terça-feira ultima, a vêr passar o cortejo que conduzia a S. Vicente, a carcassa do que foi na vida o infante D. Augusto. N'esta *poussée* de curiosidade indigena, e como sempre bisonha, da cidade, viram uns jornaes apenas a reacção natural de gente ociosa, procurando matar o tempo que lhe não sobra para os exercicios saluberrimos do trabalho, emquanto outros sentimentalmente a explicaram pela dôr saudosa que alanceára o coração de todos, ante essa amputação d'um membro, mais apprehensor do que locomotor, á familia reinante dos Braganças. Cada qual fugindo á especificação da

verdade, travestiu o caso ao sabôr da sua taboleta partidaria, e da distancia maior ou menor que o separava do fóco das suas ambições de mando e poderio: sendo certo porém que um tal fluxo de gente apinhoada no transito do feretro, viesse não tanto da sympathia que inspirava a bondade modesta e lealissima do infante, nem tão pouco do prestigio das pompas desencadeadas á volta da cerimonia mortuaria, senão d'esse secreto deleite que os pobres teem sempre, perante as desgraças dos ricos, e d'esse ironico desforço que os vencidos tiram, sempre que vêem fazer ridicula figura aos vencedores.

Os jornaes tinham contado como os cangalheiros da casa real se viram gregos, ao querer adaptar o cadaver do principe, á urna de cedro que lhe havia sido preparada, magnifica de córte, com ferrarias de prata batida, e um crystal de Bohemia no bojo superior. Tinham dito, episodio a episodio, a maneira por que o corpo do extincto, já de si gigantesco, adquirira na morte umas proporções excepcionaes, a ponto de não caber em todas as urnas que vieram, e de tresvairar as mensurações dos marceneiros, por fórma que, diz o *Dia,* em vêz de tumba p'ra um, aquelles santos cachorros tinham acabado por conduzir até ás

portas do paço, uma especie d'arca de Noé, com beliches p'ra toda a dynastia.

Depois, a perspectiva d'uma cauda de seges com macaquitos vestidos d'encarnado e d'azul, bordados de bolotas, escarrados d'insignias, chuchados de doenças, deboches, e velhas lucubrações drolaticas nas antecamaras dos paços e nos gabinetes dos conselhos d'estado; a perspectiva d'essa fiada de bonzos, cynicos ou frustes, coifados de chapeus de dois bicos, gallinaceamente opiparos de plumas, sempre hilaría a tristeza monotona da terra, trazendo ao espirito popular a vaga esperança de, mesmo entre o luto, elle poder chacotear um pouco de toda essa fantochada grotesca, posta no encalço do morto, como a rebus de todas as vacuidades officiaes d'este paiz.

Porque é singular como as physionomias da maior parte dos nossos homens publicos, depõem desagradavelmente a seu favor!

Em poucas ha essa nobreza calma de linhas, essa serenidade profunda de olhar, essa luminosa architectura moral emfim, que conta as luctas da intelligencia d'um homem, ininterruptamente servido por uma consciencia inviolavel. A maior parte são pequenos monstros d'olhar strabico, ou vago, ou fugidio, ou injectado; caras balofas, olheirentas, desymetri-

cas, com um stygma, algumas, do quer que é d'inquietador, que a gente não sabe o que seja, mas lá está a servir de syndroma á manqueira occulta, e a prevenir a opinião contra a boa-fé dos esforços d'elles em prol da causa que juraram servir.

Outro detalhe: assombra o predominio que o typo estupido começa a ganhar na compostura (exterior pelo menos) dos nossos grandes funccionarios! Ha uma mistura de porco e cão de fila, de malandro e de titere, em muitas d'aquellas faces de primeiros officiaes de secretaria, de governadores civis, de tenentes coroneis, de generaes, de bispos, de deputados, de conselheiros d'estado e de ministros. Por sobre as golas das fardas, dos collarinhos altos de cerimonia, das voltas roxas, e dos grilhões symbolicos das sociedades sabias e das ordens militares, as papadas oleosas dizem nutrições prevaricadas, apoplexias de bilis odienta, intrigas rabidas, cubiças, e satyriases secretas d'amor e vinho a horas perigosas.

Em raros as feições mantiveram, pela vida fóra, a correcção de sêres superiores, immaculadamente votados ao martyrio das lides cerebraes, que vestem a alma dos homens, como a figura, n'uma adolescencia perpetua e espiritual. É vêr-lhes o riso, uma careta, estudada ao espelho para cada effeito scenico da vida; ouvir-lhes as vozes, de galans professos, ou

paes nobres, distillando palavras maravilhosas, mas sem repercutir jámais sinceridades; e surprehendel-os por fim quando a mascara lhes tomba, e por traz do cortezão surge o carnivoro, tigre ou hyena, que do seu antro segue o fio d'um plano tenebroso, syndicato ou emboscada politica, venda de penna ou venda de palavra...

A disparidade é tal, nos caracteres physionomicos externos pelo menos, entre as chamadas classes trabalhadoras e as chamadas classes dirigentes, que dir-se-ia pertencerem estas a uma raça degenerativa e simiesca, cujo predominio social é apenas uma questão de formula, e não poderá manter-se em pé por muito tempo. Em Portugal, a menos que um homem não tenha faculdades excepcionalissimas, que o sobrelevem d'um hausto, em quatro dias, ao nivel da massa anonyma e *gouailleuse,* o ascenso na vida publica é coisa difficil ou impossivel, mercê das récuas de sobrinhos e de filhos com que os funccionarios influentes atafulham os quadros. Ha intrigantes politicos, professores d'escólas scientificas, velhos magistrados, que ainda vinte annos depois de mortos estão a despachar parentes para consules, conservadores de comarcas, officiaes da alfandega, e professores, graças ao *nome* que

ficou na memoria do rei, como uma marca de fabrica acreditada, muito embora alguma vez os productos d'essa fabrica sejam monos de loja sem valor. Por exemplo, a quantidade de Fontes, mais ou menos monumentaes, que o estadista por ahi deixou sugando os chorumes da patria, chega a parecer uma ironia, em paiz que tem a sécca como estado normal e physiologico.

Os Hintzes e os Barros e Sá, pela sua abundancia no continente e ilhas, fazem-nos voltar o espirito saudoso para as edades ingenuas em que se chamava aos gafanhotos, uma calamidade.

E quanto a Jardins, o estado aduba tantos, que não sabendo já onde os pôr, até expediu um em balão, para Paris, com missão de travar relações com todas as flôres de luxo do *trotoir*.

A cada passo que se faça, a caminho d'uma pretenção legitima e sincera, lá está um sobrinho de grande homem com o decreto de S. M. no bolso, creditando-o no cargo, sob a imposição formal de o desempenhar nas casas de batota do Chiado, e nas alcovas ibericas da rua Larga de S. Roque. E pela côrte e pelos ministerios, nos corpos diplomaticos e no exercito, enxameiam d'estes Apollos de bigodes torcidos, cheirando aos fedores novos que o snr. Ramalho Ortigão põe nas suas queixas á im-

prensa, cascalhando os nomes de familia como se lhes tivessem custado alguma coisa a ganhar, e desforçando-se n'uma palavra, da exiguidade dos seus meritos, pela cupidez com que dão caça ás gratificações que o estado lhes dá, por serem tolos.

Foi um cortejo assim, que, áparte um ou outro grupo d'*élite*, comboiou á necropole de S. Vicente, aquelle affectuoso e pobre e gigantesco e vago infante D. Augusto, que todos chasquearam a quando vivo, e todos afinal encheram de sympathias, depois de morto.

E ninguem mereceu melhor taes sympathias, de que esse affectuoso e melancolico rapaz!

Por todos os motivos, viva Deus! Pela coragem com que supportou as ironias dos jornaes, a mór parte das vezes injustas e amargosas, que suppuzeram idiotia o que nunca passou d'estremada prudencia, e de lealissima e correcta discrição. Pela cavalheirosa bravura com que manteve, n'uma hora de ciume interesseiro, a falsa posição de sua madrasta, que elle ergueu a si, com respeitos de filho, quando toda a gente em voz alta a expulsava do palacio real onde vivera.

E emfim, por essa bonhomia perfeita de gentilhomem burguez, de principe egualdade, que

sempre teve, mesmo d'estoque na mão, aos pés do throno, indifferente ás attitudes da pragmatica, e perdoando á opinião as alternativas de sympathia e de rudeza em que a sua personalidade era cotada, sem motivo fixo, consoante as monções politicas dominantes.

Tendo fama d'avaro, sabe-se hoje como elle fez, durante a vida, pelo menos tanto bem, como seu pae ou seu irmão.

Tendo fama d'estupido, viu-se a meia tinta discreta em que se soube apagar, n'este quadro de monarchia pobre, onde todos teem fome, e o mais reles *marmiton* das cosinhas reaes empresta dinheiro a juro, ás magestades.

Porventura uma ou outra vez, n'Ajuda, foi elle o *cousin Pons* da orgulhosa madame Camusot que lá governa, havendo que devorar reconditas desfeitas, com a grandeza d'alma que escasseia em muitos detractores seus e historiographos. E caloteado pelos amigos, escarnecido pelos contemporaneos, sem papel de conselheiro ou galan na côrte dos seus, o infante D. Augusto quasi que teve afinal um só defeito — para os democratas, ter sido principe; para os cortezãos, ter sido democrata.

Por mim, presto-lhe venia. É o meu ideal d'irmão de rei, este homem risonho, cuja corpulencia não pesa, cuja palavra não choca, e cuja vida não foge ás normas simples do viver da outra gente. Vindo ás cerimonias officiaes

sempre com pressa, até cadaver mais cedo apodreceu, por eximir-se ao embalsamamento opiparo dos grandes, que ficam de mumias nas lacrimejantes cryptas dos templos, privados de fertilisar a terra com os chorumes da sua carcassa augusta e improductiva.

Seria talvez essa, quem sabe? a ultima saudade enternecida do infante... o não poder ir estrumar, depois de morto, os laranjaes da Amora e Cheira-Ventos de Baixo.

Fim d'anno

31 de Dezembro, á meia noite.

Na ratoeira do tempo ainda ignobilmente está a agonisar **89**, e já ao faro do queijo, o ratinho de **90** se prepara a esfusiar pela portinhola do carcere, a sua cabeça aguda e chata de roedor.

Não tenho esperança de que este valha mais e produza melhor do que o seu camarada assassinado: porquanto á corrosão do anno velho virá juntar-se a corrosão do anno novo, e pelos buracos que elle fizer nos andrajos dos nossos costumes, dos nossos desmazelos, e dos nossos vicios, não transparecerá mais do que um corpo social invalido e esqueletico, incapaz de reacção, d'esforço, ou d'actividade, e irremediavelmente votado á

morte moral, que é na escada da ignominia, o mais cruel de todos os castigos.

Elle ahi vem, **90!**... com o mesmo parlamento a esbarrondar d'intrigas e ambiciunculas corriqueiras, a mesma bobage torva nas cumieiras do Estado, a mesma inanidade nos typos, a mesma falta d'iniciativa nos caracteres, e esterilidade identica nos ventres das mulheres, no cerebro dos homens, e na cornucopia sofrega dos argentarios.

90 é mais um acto d'esta farçada da vida em que os homens se entrechocam, como Polichinellos, sem o respeito que salvou a geração de nossos avós, e sem o desprezo que foi longos annos a grande força civica de nossos paes.

—Rato d'esgoto, passa depressa, e livra-nos de ti!

Fialho d'Almeida

Pasquinadas

600 réis

LIVRARIA CIVILISAÇÃO

DE

COSTA SANTOS, SOBRINHO & DINIZ — Editores

4, RUA DE SANTO ILDEFONSO, 12 — PORTO

FIALHO d'ALMEIDA

Lisboa galante (aguarellas e carvões). 1 vol.	600

CAMILLO CASTELLO BRANCO

D. Luiz de Portugal. 1 vol.	600
Maria da Fonte. 1 vol.	1$000
O General Carlos Ribeiro. 1 vol.	400
O Vinho do Porto. 1 vol.	500
Volcoens de Lama. 1 vol.	700
Bohemia do Espirito. 1 vol.	1$200
Othello. 1 vol.	300
Seroens de S. Miguel de Seide. 1 vol.	1$200
Delictos da Mocidade. 1 vol.	600

ABEL ACACIO

Germano, drama em 5 actos, em verso. 1 vol. .	600
Lyra insubmissa. 1 vol.	500
O Barão de Lavos, romance realista. (No prelo).	

GUERRA JUNQUEIRO

Marcha do Odio (musica de Miguel Angelo, desenhos de Bordallo Pinheiro). 1 vol.	300

MANUEL DUARTE D'ALMEIDA

Væ Victoribus! (Anathema á Inglaterra)	200

Porto — Typographia Elzeviriana.

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00044 7975